



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE DOUTORADO

LUCY DA SILVA PINA NETA

**RESSIGNIFICAR PARA MANTER-SE FIEL: DOM HELDER
CAMARA E O EXERCÍCIO DO SEU MINISTÉRIO
SACERDOTAL (1955-1965)**

Recife, 2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE DOUTORADO

LUCY DA SILVA PINA NETA

**RESSIGNIFICAR PARA MANTER-SE FIEL: DOM HELDER
CAMARA E O EXERCÍCIO DO SEU MINISTÉRIO
SACERDOTAL (1955-1965)**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, dentro da linha "Tradição e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade", pela aluna Lucy da Silva Pina Neta, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e coorientação da Prof^a Dr^a Ir. Maria Aparecida Rodrigues Abrão.

Recife, 2019

P645r Pina Neta, Lucy da Silva
Ressignificar para manter-se fiel : Dom Helder Câmara e o
exercício do seu ministério sacerdotal (1955-1965) / Lucy da
Silva Pina Neta, 2019.

190 f.

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques

Coorientador: Maria Aparecida Rodrigues Abrão

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Doutorado.
em Ciências da Religião.

1. Hélder, Câmara, \$d 1909-1999. 2. Religião e política.
3. Sacerdotes - Brasil - Biografia. I. Título.

CDU- 92

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Josefa Vital de
Oliveira CRB-4/543

LUCY DA SILVA PINA NETA

**RESSIGNIFICAR PARA MANTER-SE FIEL: DOM HELDER
CAMARA E O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO SACERDOTAL
(1955-1965)**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, discutida e aprovada pela seguinte Banca Examinadora:

Recife, 06 de maio de 2019

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques
Orientador

Profª Drª Zuleica Dantas Pereira Campos
Avaliador interno

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral
Avaliador interno

Profª Drª Emanuela Sousa Ribeiro
Avaliadora externa


Prof. Dr. José Oscar Beozzo
Avaliador externo

Às mulheres da minha vida e ao Ricardo.

AGRADECIMENTOS

Não poderia ter chegado até aqui não fossem o amor, a dedicação e a incansável luta dos meus antepassados, por isso, começo agradecendo a Djalma (*In Memoriam*) e a Lucy, meus avós, pessoas simples que me criaram e educaram. Agradeço igualmente à minha mãe, Dilma e, a minha tia Diana, que me permitiram de forma generosa viver os quatro anos do processo de doutoramento acadêmico da melhor forma possível. Não posso deixar de agradecer às minhas primas-irmãs, Angélica e Luciana, que trouxeram meus presentes mais preciosos, Pierre e Valentina. A Ricardo por sua paciência e por me ensinar corajosamente a acreditar diariamente no milagre do amor. As minhas amigas: Maria, Vanuzia e Virginia, sem vocês a minha rotina seria uma tranquilidade muito chata, obrigada por movimentarem os meus dias e por todas as risadas. Naturalmente que não cheguei aqui sem meus professores, sempre lembrarei deles. Aqui faço memória de todas e todos nas pessoas de Luciana – quem soube despertar em mim o gosto pela história – e, Newton que está comigo desde a graduação e durante a pós, sempre com bondade e generosidade, compartilhando o seu conhecimento. Agradeço ao Instituto Dom Helder Camara pela autorização para a consulta aos manuscritos de Dom Helder e pelas oito horas semanais que me liberaram do trabalho para fazer do doutorado. Um agradecimento especial ao meu orientador e à minha coorientadora, Luiz e Ir. Maria, não teria chegado tão longe não fossem vocês os primeiros a acreditar em mim e a me incentivar mesmo quando eu pensava que não ia conseguir. À Universidade Católica e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior meus sinceros agradecimentos. Finalmente, agradeço a Deus, por todas as pessoas extraordinárias que pude conhecer durante este processo e tudo que aprendi e pude ensinar.

“Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se d’alma pelo contato com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos” (Rui Barbosa, Oração aos Moços).

RESUMO

Esta tese propôs-se analisar, através dos mecanismos teórico-metodológicos do paradigma indiciário, proposto por Carlo Ginzburg, como Helder Pessoa Camara, o falecido Arcebispo de Olinda e Recife, exerceu e ressignificou seu ministério sacerdotal, entre 1955 e 1965. A suposição principal da pesquisa foi que, nesse período, houve da parte de Dom Helder uma profunda transformação interior, que se traduziu no que posteriormente ficou conhecido, como “virada social” da sua prática sacerdotal e que tal movimento espiritual – que se traduziu em práticas cada vez mais avançadas no campo social – pode ser acompanhado através de seus escritos, tanto públicos, quanto privados. Usamos, como marco analítico inicial, o ano da realização do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, acontecido no Rio de Janeiro, em 1955, organizado por ele, em nome do Cardeal Jaime de Barros Camara, de quem era Arcebispo Auxiliar. Como marco final, o ano de seu retorno ao Recife, uma vez encerrado o Concílio Vaticano II, em dezembro de 1965. Foram considerados, para o desenvolvimento desta tese, os documentos recuperados e depositados nos arquivos do Instituto Dom Helder Camara, do Recife, especialmente, as coleções de correspondência ativa, os cadernos de anotações e os esquemas para retiros espirituais. Elas foram analisadas, nesta tese, sobretudo, como o instrumento mais comum através do qual Dom Helder escreveu a respeito de si e de sua atuação como operador social do sagrado. Analisamos as continuidades, descontinuidades e ressignificações dos conteúdos em que ele atribui ao exercício diuturno, levado muito a sério, da função social de sacerdote, também por meio de uma historicização crítica e de uma cronologia que não levou em conta apenas os fatos biográficos de Dom Helder, mas toda a conjuntura em que esteve envolvido.

Palavras-chave: Estado; Igreja; Poder; Sacerdócio; Operador Social do Sagrado

ABSTRACT

This thesis aimed to analyze, through the theoretical-methodological mechanisms of the indiciary paradigm proposed by Carlo Ginzburg, how did Helder Pessoa Camara, the late Archbishop of Olinda and Recife, exercise and re-signify his priestly ministry between 1955 and 1965. The main assumption of the research was that during this period there was a deep inner transformation of Dom Helder, which was translated into what later became known as the "social turn" of his priestly practice, and that such a spiritual movement - that lead to increasingly advanced practices in the social field - can be followed by his writings, both public and private. We used as an initial analytical framework the year of realization of the XXXVI International Eucharistic Congress, held in Rio de Janeiro in 1955, organized by him on behalf of Cardinal Jaime de Barros Camara, of whom he was Auxiliary Archbishop. As a final mark, the year of his return to Recife, after the closing of the Second Vatican Council, in December 1965. For the development of this thesis we considered the documents retrieved and deposited in the Archives of the Dom Helder Camara Institute in Recife, especially collections of active correspondence, notebooks, and spiritual retreat schemes. They were analyzed in this thesis, above all, as the most common instrument through which Dom Helder wrote about himself and his role as social operator of the sacred. We analyzed the continuities, discontinuities and resignifications of the contents in which he attributes to the diurnal exercise, taken very seriously, the social role of a priest, also through a critical historicization and a chronology that not only took into account biographical facts about Dom Helder, but all the juncture in which he was involved.

Keywords: State; Church; Power; Priesthood; Social Operator of the Sacred

SIGLAS E ABREVIACOES

AC – Ao Católica

ALEF – Aliança Eleitoral pela Família

AOR – Arquidiocese de Olinda e Recife

CAL – Comissão Pr América Latina

CeDoHC – Centro de Documentação Helder Camara

Cendhec – Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social

CEI – Congresso Eucarístico Internacional

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano

CEPE – Companhia Editora de Pernambuco

CM – *Congregatio Missionis* (Congregação da Missão)

CM – “Comunicado Mensal”, Boletim da CNBB, Rio de Janeiro.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

IDHeC – Instituto Dom Helder Camara

LEC – Liga Eleitoral Católica

MEC – Ministério da Cultura e Educação

OPA – Operação Pan-Americana

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEMORIALISTA HELDER CAMARA: OS CAMINHOS PARA UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA.....	23
2.1 Entre a ficção e o real recriado, onde pousa a caneta?.....	26
2.2 A memória: o lugar mais precível do pensamento humano	32
2.3 A escrita de si como uma narrativa de identidade	35
2.4 O paradigma indiciário e o epistolário de Dom Helder Camara	40
3 DOS SERVIÇOS DOS PALÁCIOS ÀS FAVELAS: A VIRADA SOCIAL.....	44
3.1 Do Congresso Eucarístico Internacional (1955) ao anúncio do Concílio Ecumênico Vaticano II (1959).....	45
3.2 A década de Sessenta: do Banco à ALEF, a progressiva deterioração das relações entre o Cardeal do Rio e seu incômodo auxiliar.....	59
3.3 A década de Sessenta: do Plano de Emergência ao Concílio Vaticano II – o desejo de uma igreja pobre e servidora.....	64
3.4 Além dos tempos: os encontros de Pe. Helder Camara com Alceu Amoroso Lima, Cecília Monteiro Goulart e Virgínia Côrtes de Lacerda.....	68
4 “MAS É UM PADRE ASSIM, COMO O SENHOR TÁ FALANDO, QUE EU QUERO SER”.....	76
4.1 A formação dada pelos padres da Congregação da Missão no Seminário da Prainha	78
4.2 “É preciso mudar muito, para ser sempre o mesmo”.....	90
5 HELDER PESSOA CAMARA: OPERADOR SOCIAL DO SAGRADO	105
5.1. Dom Helder nos bastidores do Concílio.....	109
5.2 A construção de identidade para a posteridade.....	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS	142

1 INTRODUÇÃO

“Em segundos, mudo o pão e o vinho no teu corpo e sangue... E levo anos me transubstanciando. Divino Sacerdote, toma-me em tuas mãos e muda-me de pecador em santo, de miséria em Cristo” (PADRE JOSÉ, 1948, p.22).

Assim se expressou Padre Helder Pessoa Camara (1909-1999), em uma das tantas sínteses do seu “projeto de vida”¹, quando já contabilizava quatorze anos e meio de exercício do sacerdócio. Palavras escritas por ele, católico apostólico romano convicto e praticante cuja trajetória humano-espiritual, uma década mais tarde, como arcebispo (1955), será figura central desta tese.

Nosso objetivo principal aqui foi buscar refazer sua trajetória, enquanto escritor de si, aprofundando as continuidades e descontinuidades dos conteúdos simbólicos por ele atribuídos às funções místicas e sociais do sacerdócio, tal como ele as pensou e exerceu, entre os anos de 1955 e 1965, buscando realizar, por fidelidade à sua profunda experiência do Deus Uno e Trino, o que chamamos, nessa tese, de *ressignificação* do exercício de seu ministério ordenado.

Por *ressignificação* entendemos os processos de atribuição de novos significados às experiências vividas, à luz de novas experiências. No caso de Dom Helder, quisemos aprofundar os processos através dos quais ele, durante sua vida, notadamente durante os anos de 1955 a 1965, atribuiu novos significados, sem negar os tradicionais, a conceitos e experiências-chave do sacerdócio da Nova Aliança e de seu exercício prático-social. Tais processos podem ser descritos através das análises de construção, desconstrução e reconstrução desses conceitos e experiências. Optamos por descrevê-los e estudá-los a partir de duas perspectivas: primeiro, apontando as continuidades, ou seja, a manutenção das instruções adquiridas durante sua formação no seminário, que ele absorveu à luz do conceito de sacerdote que lhe fora dado pelo pai, João Eduardo Torres Camara Filho, sobre como deveria ser um verdadeiro sacerdote e quais suas atribuições sociais. Segundo, acentuando aquilo

¹ Em nossa pesquisa encontramos e analisamos muitas versões do que identificamos como “projetos de vida”, ora sob a forma de “testamentos”, ora sob a forma de “regras” e “projetos” propriamente ditos.

que chamamos de descontinuidades ou, pode-se dizer, “transgressões”, que vêm à tona com o que Dom Helder conseguiu mudar, ressignificar, de sua formação.

A inquietação que nos moveu ao longo da pesquisa que deu origem à esta tese foi fruto daquilo que lemos, ouvimos e vivemos durante doze anos de trabalho no Instituto Dom Helder Camara, IDHeC. Chegamos ao Instituto no mesmo ano de nosso ingresso na Universidade Católica de Pernambuco, no curso de Licenciatura Plena em História, no primeiro semestre do ano letivo de 2007. Já era católica – embora não pudesse participar dos sacramentos da Igreja² – mas nossa experiência restringia-se ao “básico”: conhecimento de partes do catecismo, “frequência” semanal à missa, reza do terço e outras orações mais populares. Até aquele ano jamais tínhamos ouvido falar em Dom Helder Camara. Nas primeiras semanas do curso tivemos aulas com o Prof. Luiz Carlos, que nos falou sobre Grupos de Pesquisa, sobre a importância da pesquisa científica, e sobre as suas pesquisas sobre Dom Helder, que o trouxeram ao Recife... Interessamo-nos pelo assunto. Resultado, em abril daquele mesmo ano já éramos, simultaneamente, voluntária no IDHeC³ e pesquisadora⁴ no Grupo de Pesquisa do qual era vice-líder o professor Luiz Carlos⁵, do qual fazemos parte até hoje.

Com o passar do tempo começamos a perceber que existiam “dois Helders”. Um real, historicamente documentável, que viveu e atuou no mundo e que, sobre si e sobre sua trajetória, havia escrito muitas páginas, em diversos gêneros literários, quase como se não quisesse deixar dúvidas sobre quem ele fora, ou porque, em dado momento, havia tomado esse ou aquele caminho. E, um outro Helder, que existia – e ainda existe – na memória afetiva daquelas pessoas que conviveram com ele. Para esse Helder – na memória dos admiradores e admiradoras – não havia limites, tudo tinha sido possível. Sua vida era contada de forma linear, como uma “tábula rasa” onde os fatos, organizados em sequência, se sucediam um após o outro sem drásticas rupturas, sem conflitos. Ele era apresentado como o estandarte de uma

² Só consegui ser batizada na Páscoa de 2014, tendo como padrinho meu orientador, pois o padre que regia a paróquia da qual eu fazia parte não admitia o batismo de crianças filhas de mãe solteiras.

³ Ajudando na catalogação da biblioteca pessoal de Dom Helder.

⁴ Meu primeiro trabalho, como pesquisadora voluntária foi transcrever cartas dos anos 40, do século passado, escritas por Dom Helder e endereçadas à Profª Virgínia Côrtes de Lacerda.

⁵ Estudos Transdisciplinares em História Social, da UNICAP.

Igreja progressista e tudo aquilo que nele se mostrava diferente, era escondido ou ignorado.

Diante desses dois “personagens” decidimo-nos, como historiadora e cientista da religião⁶, dar voz ao Helder histórico, por acreditar que a vida dele nunca se desenrolou da forma linear como vinha sendo contada, pois, se é possível dizer que ele foi um homem à frente de seu tempo, não se pode negar que ele foi um homem profundamente “enraizado nos tempos” em que viveu e em suas tradições. Para tanto, num trabalho conjunto de pesquisa orientada, foram localizadas, catalogadas, lidas e analisadas, algumas das principais coleções de documentos depositadas no Centro de Documentação do Instituto Dom Helder Camara – CeDoHC, do IDHeC, às quais foram somadas a coleção pessoal de documentos sobre Dom Helder, reunida por seu capelão, Pe. João Pubben, CM, e a coleção de periódicos da Biblioteca Nacional, especialmente a documentação jornalística produzida entre os anos de 55 e 65, em que ele aparece como personagem central.

A nossa tese é que, especialmente nesse período houve, da parte dele, uma profunda transformação interior que se traduziu no que, posteriormente, ficou conhecido, como “virada social” da sua prática sacerdotal. Como um desdobramento da suposição principal, supomos que o movimento espiritual – traduzido em práticas cada vez mais avançadas no campo social – pode ser acompanhado através de seus escritos privados e públicos.

Das coleções depositadas no CeDoHC, duas mostraram-se mais ricas documentalmente, em relação ao período que escolhemos estudar: a primeira, a Coleção Cecilia Goulart Monteiro⁷, cujos documentos localizados eram tanto de natureza pessoal – cartas, anotações de retiros, cadernetas com regras de vida e alguns documentos burocráticos, seja dos trabalhos religiosos seja dos desenvolvidos no campo da educação – quanto de natureza pública – desde recortes de jornais e dos resultados de uma consulta pública aos professores das Faculdades Católicas,

⁶ Em 2011, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da UNICAP. Defendi minha dissertação em 15 de abril de 2013, sobre as bibliotecas pessoais de Dom Helder, intitulada, “Helder Pessoa Camara: elementos de seu perfil intelectual a partir de suas bibliotecas”. Em 2018, as Edições Paulinas compraram os direitos de publicação dessa obra, transformando-a no livro, “O Dom da leitura: Helder Camara e suas bibliotecas”, atualmente na segunda edição.

⁷ Décima primeira filha de Bernardino de Sousa Monteiro, advogado que na vida pública ocupou cargos no legislativo e no executivo, tendo sido governador do Estado do Espírito Santo, entre 1910 e 1920 e, Dona Ináh Goulart Monteiro. Cecília foi a primeira secretária de Dom Helder, em seu arquivo foram recuperados documentos dos anos 1940 a 1970.

do Rio de Janeiro, em 1943⁸, ao documento assinado por alguns Bispos do Nordeste, no segundo semestre de 1968, intitulado “Pressão Moral Libertadora”⁹.

A segunda, os originais manuscritos da coleção de Circulares Conciliares, aquelas cartas escritas por Dom Helder, durante o Concílio Vaticano II e enviadas aos seus colaboradores do Rio de Janeiro e, após a sua transferência para Olinda e Recife, também para os colaboradores nordestinos. Coleção que permaneceu no Rio de Janeiro, e foi trazida aos poucos para o Recife, até meados dos anos 2000. Documentos cujas transcrições e anotações críticas, referentes ao Concílio Vaticano II (1962-1965), foram publicadas nos primeiros três tomos do primeiro volume das *Obras Completas de Dom Helder* (UFPE, em 2004 e CEPE, em 2009)¹⁰.

A primeira leitura dos escritos mencionados acima sugeriu-nos que essa transformação interior tenha acontecido por uma combinação de experiências pessoais que lhe permitiram ressignificar os conteúdos tanto do sacerdócio ministerial católico quanto da sua função social.

Experiências que foram se somaram e o questionaram, desde os anos de seminário até 1946, em função de sua atuação, como jovem padre, ainda em Fortaleza, até 1936, anos em que misturou política partidária e cargo público. Depois, em função de sua mudança para o Rio, no qual, mesmo acolhido como padre, pelo Cardeal Leme, mas mantido em “quarentena”, precisou entrar no serviço burocrático

⁸ Em setembro daquele ano, Padre Helder Camara, atuando como secretário *ad hoc*, enviou aos professores das Faculdades Católicas e do Instituto Santa Úrsula uma circular consultando-os a respeito do tema central para um “futuro Centro de Estudos e Pesquisas” (CAMARA, Pe. Helder, Carta Circular aos Professores das Faculdades Católicas e do Instituto Santa Úrsula, setembro de 1943. fl.1).

⁹ Cinco cadernos produzidos pelo *Centro Coordenador da Pressão Moral Libertadora*, em Recife, PE, nascido das ideias que Dom Helder trouxe de Medellín e divulgados no 2º semestre de 1968, distribuídos entre os Bispos que haviam assinado o pacto para estimular a *Pressão Moral Libertadora* (CAMARA, 1968, p. 1).

¹⁰ Além desse primeiro volume, que trabalhamos nesta tese, encontram-se publicados mais três volumes das *Obras Completas de Dom Helder Camara* – Vol.II com *Cartas Interconciliares*, Vol. III e IV, com *Cartas Pós-Conciliares*. Essas publicações trazem à público as cartas circulares escritas desde a chegada de Dom Helder à Arquidiocese de Olinda e Recife até janeiro de 1970. Encontram-se em fase de publicação mais três volumes de cartas, chamadas por Dom Helder de Circulares da Ação Justiça e Paz, escritas entre os anos de 1970 e 1977.

civil para sobreviver¹¹. Desse, sucessiva e simultaneamente, migrou para o da educação formal, como professor universitário¹².

Nova etapa inaugurou-se partir de 1946, com o Cardeal Câmara, que lhe permitiu e incentivou a assumir funções na hierarquia eclesiástica, entre elas a de vice-assistente da Ação Católica e conselheiro da Nunciatura. Etapa que se prolongou, a partir de 1952, quando, como Bispo e Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, participou em primeira mão, na fundação da CNBB e do CELAM, e na organização do XXXIV Congresso Eucarístico Internacional, de 1955. Seu sucesso como organizador e a “virada social” levaram-no, no plano social, à fundação, em 1955, da Cruzada de São Sebastião e, em 1959, do Banco da Providência¹³.

Finalmente, nos anos 60, pela oportunidade de ter participado ativamente do Concílio Vaticano II, durante o qual teve ocasião de experimentar o impacto que sua figura pública passou a exercer sobre parcela significativa do episcopado mundial¹⁴.

Para entender o objeto de nossa análise, que detalhamos nas páginas seguintes, foi preciso interpretar a figura do sacerdote em Dom Helder, a partir de suas duas dimensões distintas e complementares, consideradas tanto por ele quanto por nossa análise, a de natureza místico-sacrificial e a outra, de natureza social. A

¹¹ Chefiou, mediante aprovação em concurso público, segundo o Diário Oficial de 14 de fevereiro de 1939, a Seção de Inquéritos e Pesquisas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, permanecendo no cargo até 1946, quando pediu exoneração.

¹² Dom Helder construiu uma longa carreira no campo da educação: primeiro, como professor no Liceu do Ceará, participou ativamente de debates no campo da educação tendo inclusive publicado artigos em revistas da área, nos anos de 1930 e 1940. Em 1942, voltou às salas de aula para ministrar classes de didática geral, nas recém-criadas Faculdades Católicas e na Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula. Como sugestão de aprofundamento bibliográfico indicamos a dissertação: “Dom Hélder Câmara e a Educação Popular no Brasil”, defendida por Walter Lúcio de Alencar Praxedes, em julho de 1997, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação de São Paulo.

¹³ A partir de setembro de 1947 foi Vice-assistente do Secretário Nacional da Ação Católica (CNBB), em 1948 tornou-se Conselheiro da Nunciatura, no final de 1949 começou a organizar os preparativos para o Ano Santo (1950), sob a supervisão do Arcebispo Auxiliar Dom Rosalvo Costa Rego. Em meados de 1950, nasciam os primeiros rascunhos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, somente concluídos em 14 de outubro de 1952. Um pouco antes da instalação da CNBB, instituição da qual foi secretário-geral até 1964, Dom Helder foi sagrado Bispo, em 20 de abril de 1952, na Igreja da Candelária. Foi promovido a Arcebispo, ainda como Auxiliar do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1955. Em 1954, foi nomeado Secretário-Geral do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que ocorreu no ano seguinte, no Rio de Janeiro. Por ocasião deste Congresso, surgiu o Conselho Episcopal Latino Americano, CELAM, órgão que contou com a participação de Dom Helder como Vice-presidente.

¹⁴ A respeito deste tema sugerimos a leitura de “As muitas facetas da ‘figura conciliar’ de Dom Helder Camara, escrito pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques. O texto integra livro organizado por Zildo Rocha, em 2000

primeira, centrada nas vigílias diárias vividas durante a madrugada e completadas na celebração da eucaristia, cujo ofertório ele desejava que se estendesse pelo dia inteiro. A outra, centrada na sua atuação social, também presente ao longo de sua vida, atravessando os campos religiosos católicos local, regional, nacional e mundial, além de campos afins, reverberando nos âmbitos, social, cultural e político.

No caso da primeira dimensão, a de natureza mística, é importante destacar, desde agora, como ele habituou-se, desde os tempos do seminário, a acordar de madrugada, para dedicar-se a refazer aquilo que acreditava ser o centro de sua vida, sua “unidade com Deus”. Costumava, nestas horas, ler o breviário, fazer suas orações, mergulhar em contemplação, escrever suas meditações, rascunhar a homilia do dia seguinte e responder às correspondências pessoais:

Deus sabe que minha experiência com a Santa Missa não é fruto da carne e do sangue, não é merecimento meu, virtude minha... Mas é tão grande a felicidade de ver a Missa cobrir o dia inteiro, estender-se o dia inteiro, ser vivida o dia inteiro, que me encho do desejo de ver todos participando da mesma ventura (CAMARA. “A missa que cobre o dia inteiro”¹⁵. f.1.).
As vozes mais estranhas repercutem nas vigílias sagradas. E nem seriam vigílias se não permitissem ouvir todos os ruídos da terra. Mas há o instante sublime em que as vozes se apagam e a própria lembrança das criaturas desaparece. Em silêncio contemplamos o Altíssimo como irmãos que de uma janela nem se animam a falar ante a magia de uma noite toda negra sem um ponto de luz! (PADRE JOSÉ, Rio, 08/9.02.1949) [Grifos da autora].

Em relação à outra dimensão, a social, Dom Helder fez “leituras” muito particulares dos conteúdos simbólicos da religião cristã em sua versão católico-romana, ao procurar viver os desafios socioculturais e responder a eles, seja como operador institucional da Igreja Católica, seja como educador, seja como político¹⁶.

Diferenciando-se dos trabalhos já publicados, esta tese apresenta-se como um caminho alternativo às análises já conhecidas. Há, no mercado editorial e nos meios acadêmicos, muitas obras dedicadas a contar, recontar e analisar a atuação de Dom Helder, no decurso de sua vida pública e até mesmo após sua passagem a Arcebispo emérito e morte. Poucas dentre elas, porém, preocuparam-se em dar “voz”

¹⁵ Esse documento achado sob a forma de manuscrito faz parte do acervo pessoal do Pe. João Pubben, o documento, porém está incompleto, sabe-se disso porque a única folha que se conservou dele começa no item nº 06, em razão disso, a doutorada numerou a folha como sendo nº 1.

¹⁶ Entenda-se por político não só o breve período em que militou entre os integralistas, no Ceará, no início dos anos de 1930, ou quando foi convidado para trabalhar na Liga Eleitoral Católica (LEC), durante a campanha que elegeu Francisco Menezes Pimentel (1887-1973) para o cargo de governador do Ceará (1935-37). Ao contrário, em todo o período mais abrangente de sua vida onde participou ativamente da vida política do Brasil, seja exercendo cargos públicos, seja prestando assessoria a políticos e órgãos da República.

ao protagonista dessa história¹⁷ – procuramos o mais que possível usar as citações diretas dos manuscritos de Dom Helder, já que nosso intuito principal foi analisar como ele mesmo registrou as mudanças e permanências do seu ser sacerdote e do seu exercício sacerdotal.

Em outras palavras, muito foi publicado sobre Dom Helder, mas, curiosamente, ele mesmo, nos parece, foi pouco ouvido neste processo de escrita. Por exemplo, convencionou-se escrever a história de sua atuação a partir do seu trabalho social na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, sem, todavia, analisar as mudanças que esse trabalho produziu: primeiro, no próprio Dom Helder e, segundo, nos trabalhos que ele desenvolveu durante os períodos conciliares do Vaticano II.

Nesse aspecto, as Ciências da Religião aparecem como um ambiente científico favorável a uma análise nova sobre uma figura tão conhecida. Elas não só unem em seus campos ciências diversas: teologia, história, sociologia, antropologia, para citar as mais comuns, mas, sobretudo, porque o objeto da análise é de como a forma comum do “ser religioso” relaciona-se com as dimensões místicas e sociais de uma tradição religiosa. Também por isso, apresentamos Dom Helder não só como um agente social da história, mas, sobretudo, como um sacerdote, cuja figura privada e pública foi socialmente determinada, em duas facetas que condensam o conceito de “operador social do sagrado”, que adotamos e aprofundamos nos capítulos II e IV.

No universo de análises científicas possíveis dentro das Ciências da Religião, o paradigma indiciário, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, apresentou-se, para nós, como instrumento eficiente para trabalhar temas ligados ao campo religioso¹⁸ e foi escolhido como a chave de leitura metodológica usada nesta tese. Sua escolha deveu-se, primeiro, ao fato de que, ao elegermos um período da

¹⁷ Sem a pretensão de indicar uma lista completa, apontamos aquelas obras que se originaram de pesquisas científicas e que posteriormente ganharam o mundo editorial, elas, segundo nossa análise, são boas para exemplificar esse tipo de produção: PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Helder Camara: o profeta da paz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. CONDINI, Martinho. Dom Helder Camara: um modelo de esperança. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009. ARAÚJO, Edvaldo Manoel de. Dom Helder Camara: Profeta-peregrino da justiça e da paz. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012. RAMPON, Ivanir A. O caminho espiritual de Dom Helder Camara. São Paulo: Paulinas, 2013.

¹⁸ Conforme outros trabalhos que publicamos aplicando o mesmo método, durante o doutorado: MARQUES, Luiz Carlos Luz; PINA NETA, Lucy. Mons. Helder Camara, nella Svizzera del CMC: Un sogno, un Papa e una riforma. *Colloquia Mediterranea*, v. 8, p. 89-108, 2018. MARQUES, Luiz Carlos Luz; PINA NETA, Lucy. **O Irmão dos Pobres esteve lá: O que o Pequeno Concílio de Medellín e Helder Câmara significaram, um para o outro?**. REVER: REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO, v. 18, p. 65-83, 2018.

vida de Dom Helder tão conhecido e já tão explorado em outras publicações e análises científicas, buscamos estudar mais profundamente não os “grandes traços” desse religioso – o fato de ter criado um banco, ter construído um conjunto de prédios ou ter participado da redação de um pacto de alguns Bispos entre si, durante o Concílio Vaticano II¹⁹ –, mas aqueles pequenos rabiscos da sua vida cotidiana, os traços que ele mesmo buscou deixar de si, para além da forma como a história pudesse consagrá-lo.

Dom Helder, conscientemente, escreveu-se/descreveu-se ora em cartas pessoais dirigidas particularmente a algumas mulheres, ora quando escreveu para um pequeno grupo de colaboradores, ora quando publicou cartas e concedeu entrevistas nos meios de comunicação; em cada um desses documentos ele buscou em determinados momentos iluminar e em outros apagar aspectos de si que desejou acentuar.

Seja como um diretor espiritual²⁰, ou como um sacerdote em conflito consigo e/ou com os membros da Igreja, ou mesmo como um sacerdote-jornalista que narrou cuidadosamente os bastidores do maior evento católico da era moderna, Dom Helder marcou não só pelo conteúdo esses documentos que produziu, mas, sobretudo, pelos pequenos detalhes, por exemplo, na forma como ele os assinou.

Quando trocou cartas pessoais e de direção espiritual, sempre as assinou como “Frei Francisco” – numa referência direta à figura histórica e teológica do santo de Assis –; assinou as suas circulares como “Dom” – essa também era a forma como

¹⁹Aqui fazemos referência ao Pacto das Catacumbas. Documento extraoficial escrito e assinado por Bispos de algumas partes do mundo, no último período conciliar, numa celebração eucarística nas Catacumbas de Santa Domitila, no dia 16 de novembro. Dom Helder não pôde comparecer à celebração e assinar ali o documento, por causa de reunião da Comissão de redação da *Gaudium et Spes* da qual era um dos titulares. Embora não o tenha assinado na celebração foi um dos principais redatores do documento elaborado pelo Grupo da Igreja dos Pobres e certamente um dos mais famosos e radicais dentre eles. Sugerimos a leitura de: BEOZZO, Pe. José Oscar. **Pacto das Catacumbas**: por uma igreja pobre e servidora. São Paulo: Paulinas, 2015.

²⁰ Teo. é aquele que cuida do desenvolvimento espiritual de leigos e religiosos. “São Francisco de Sales afirma que existem três qualidades fundamentais para o diretor espiritual: a caridade, a ciência e a prudência. A caridade que consiste em ter de dispensar tempo para atender àquela pessoa na direção espiritual. A ciência que consiste no conhecimento da espiritualidade, da vida dos santos, das realidades da alma, justamente para conseguir identificar as questões íntimas que a pessoa vive e discernir qual caminho ela deve seguir. E a prudência também é necessária para que a direção espiritual não se torne um ‘mero trato de dois amigos’ que partilham algo” (Direção Espiritual, disponível on-line via: <http://comunidade MarianasGate.com/o-que-e-a-direcao-espiritual-e-qual-a-importancia-de-se-ter-um-diretor-espiritual/>, acessado em 28 fev. 2019).

ele acabou sendo chamado enquanto viveu na arquidiocese²¹ – e, como “Dom Helder Camara”, quando precisou assinar documentos públicos e oficiais.

Esses não foram as únicas formas como Dom Helder se assinou em seus textos: n, das suas mais de sete mil meditações recuperadas, assinou a todas como Pe. José²². Nos anos 40, Dom Helder trocou correspondências com Virgínia Côrtes de Lacerda²³, assinando-se como Pe. *Albertus* – provável referência ao santo dominicano medieval, doutor da Igreja – e, chamando-a de *Caecilia* – numa provável referência à santa Cecília, mártir da Igreja que viveu durante o período do Império de Marco Aurélio (121-180).

Além dessa investigação a partir de detalhes, o método nos proporcionou um novo nível de análise a partir do questionamento dessa historicização plena e continuada a que se habituaram usar os que escreveram as biografias de Dom Helder, que consultamos. Usando o paradigma indiciário conseguimos perceber nos textos do Arcebispo, que analisamos, a maior parte deles nitidamente de caráter autobiográfico, elementos que demonstram a intencionalidade de Dom Helder de construir a respeito de si, por meio de estratégias discursivas, um manancial de memórias que, ao serem lidas e guardadas, permitiriam que ele mesmo contasse a sua história para além do tempo vivido.

Essa interpretação nos foi possível, em parte, porque a análise que fizemos envolveu conceitos de Umberto Eco (leitor-modelo e interpretação) e, sobretudo, porque foi possível identificar nesses textos de Dom Helder, aquilo que o semiólogo italiano chamou de estratégias discursivas. Em outras palavras, foi possível identificar que Dom Helder, primeiro, criou ao redor si uma pequena teia de leitores, mas não do tipo vulgar, senão um grupo de “leitores-modelo”, e que, ao fazê-lo ele assume que, em certa medida, compartilhava com eles muito do contexto de escrita de suas memórias.

Em nossa análise, isso o ajudou a regular – tanto quanto possível – as possibilidades de interpretações dos “ditos” e dos “não ditos” do texto, que são aqueles

²¹ Perguntado por que se deixava chamar assim, teria respondido: “eles acreditam que eu sou como um Dom de Deus”.

²² Esse teria sido o nome com o qual sua mãe gostaria de tê-lo batizado e é, também, o nome que Dom Helder atribui ao seu anjo da guarda. É o seu pseudônimo mais antigo, já registrado.

²³ Professora mineira que viveu e atuou no Rio de Janeiro. Nós retomaremos essa relação nos capítulos seguintes.

espaços, geralmente ocupados pelo leitor, no ato da interpretação do texto. Assim, se pode dizer, a este respeito, que Dom Helder buscou conduzir o leitor de suas memórias para que pudesse interpretar os processos vividos e narrados por ele, de modo que sua vida pudesse fazer sentido dentro dos contextos políticos e sociais e, sobretudo, que essas memórias pudessem ser entendidas como um profundo exame moral de consciência, por parte dele.

A segunda estratégia discursiva que exploramos, associando o método aos conceitos, foi possível porque Dom Helder, ao criar essas narrativas de si e oferecer esse exame de consciência, forneceu elementos para a criação de três identidades complementares: a pública, a privada e a privativa. Sendo a primeira delas definida como aquela que é criada a partir da análise externa de suas ações e de seus textos – ou seja, aquela que foi construída, sobretudo, pela imprensa através de reportagens sobre o Arcebispo de Olinda e Recife e sua atuação ou por meio de entrevistas –, formada tanto por posicionamentos contra e a favor dele e, sobre os quais ele não dispunha de qualquer controle. Para marcar essa figura pública, ele costumava assinar, quando se tratou de textos de sua autoria, como “Dom Helder Camara”, uma marca importante já que para cada uma dessas identidade ele vai assumir um “nome”.

Quando falamos de identidade privada, no texto, nos referimos, sobretudo, àquela imagem de si que ele procurou cunhar dentro do pequeno grupo de colaboradores da chamada “Família”, ou seja, aquele grupo de pessoas para quem ele remetia as suas circulares. Dom Helder procurou escrever-se nelas numa periodicidade quase diária, em missivas de três páginas, em média, a maior parte delas escritas à mão. Seja para contar seus projetos, seja para rascunhar sua agenda do dia seguinte, o fato é que ele produziu mais de duas mil dessas missivas [correspondências], entre os anos de 1962 e 1982, retomando-as nos anos de 1986 e 1987. Nelas, sobretudo nas que foram escritas nos primeiros anos da década de 1970, Dom Helder fez uma verdadeira autobiografia: escreveu sobre sua infância, sobre a entrada no seminário, sobre os anos em que viveu no Rio de Janeiro. Nesse tipo de escrito, ele se assinou, sempre, “Dom”.

Chamamos de identidade privativa ao conjunto de memórias que Dom Helder produziu, mas que, diferentemente daquela feita para a “Família”, ele destinou apenas para duas colaboradoras, individualmente: Cecília Goulart Monteiro e Virgínia Côrtes de Lacerda. Nesse caso, Dom Helder se assina como “Frei Francisco” e usa

como vocativo para as destinatárias, respectivamente, “Frei Leão” e “Frei Jacoba” – todos os três pseudônimos estão relacionados à história de São Francisco de Assis. Com elas Dom Helder trocou mais de 10 mil páginas de correspondências, entre os anos de 1940 e 1960 e a elas confiou a incumbência de guardar suas memórias escritas no papel. A Virginia coube guardar não só as cartas trocadas entre “Frei Francisco” e “Frei Jacoba”, mas também aquelas memórias que foram sendo escritas pelos dois nas margens das páginas dos livros que leram juntos e as meditações que Dom Helder assinou com o pseudônimo de Pe. José. A Cecilia, como secretária pessoal, coube o arquivamento das correspondências entre “Frei Francisco” e “Frei Leão”, as correspondências oficiais e outras cartas pessoais, além do material que foi sendo produzido pela imprensa.

Diante do que foi exposto, elaboramos esta tese, dividida em quatro capítulos. Eles representam os objetivos específicos e foram passos necessários em direção ao objetivo geral. No primeiro, intitulado “O memorialista Helder Camara: os caminhos para uma análise interpretativa”, ocupamo-nos da descrição pormenorizada das fontes, do método, seguida da discussão de conceitos relacionados ao universo da interpretação, da memória, da escrita de si e do operador social do sagrado. Ao final, esperamos que o leitor tenha clareza acerca dos instrumentos capazes e necessários para reconhecer os indícios das continuidades e descontinuidades dos conteúdos simbólicos do pensamento de Helder Pessoa Camara.

O segundo capítulo, “Dos serviços dos palácios às favelas: a virada social”, tivemos como fio condutor a sequência de acontecimentos por ele vividos entre 1955 e 1965, buscando uma periodização e uma cronologia, reconstruída com o uso do paradigma indiciário. Não a mera identificação dos eventos de natureza diversa, mas a identificação das principais figuras eclesiais e leigas que podem ter contribuído para esse processo de sua (re)construção identitária pública. Sustentamos em nossa tese que, ao escrever-se a diferentes públicos, Dom Helder foi moldando aspectos da sua identidade para a posteridade. Visto que ele, em nossa ótica, não só produziu farta documentação sobre si, mas “encontrou” pessoas que se dispuseram a guardá-la, para que, posteriormente, pudessem ser lidas, consultadas ou estudadas.

O terceiro, “Mas é um padre assim, como o senhor tá falando, que eu quero ser”, indicou-nos elementos pertinentes ao que Dom Helder identifica como características do sacerdócio para, a partir delas, fazermos uma análise de como o

conceito tradicional, canônico, de sacerdote foi, por Dom Helder, (re)proposto no dia-a-dia, a partir da sua constante (re)construção simbólica da figura ideal de padre, refletindo-se em uma opção preferencial pelos pobres, por parte de Dom Helder, já na década de 1950.

No último capítulo “Helder Pessoa Camara: operador social do sagrado”, ocupamo-nos da historicização de indícios que apontam para o processo de construção da figura pública de empreendedor religioso-social de Helder Pessoa Camara, e de como ela foi, por ele, projetada para que se tornasse o que chamamos de “operador social do sagrado”, conceito que, na sequência, explicitamos: agente eficiente, eficaz e respeitado, dentro e fora da Igreja Católica, na sociedade e na política, nos anos que vão de 1955 a 1965 e que, ainda hoje, o fazem conhecido em diferentes âmbitos²⁴.

²⁴ Na cidade do Rio de Janeiro as obras sociais criadas por Dom Helder ainda subsistem. No Recife, o Instituto Dom Helder Camara é a maior referência no trabalho de divulgação do legado de Dom Helder. Além dele, existe, no campo da salvaguarda dos direitos humanos, o Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social – Cendhec, fundado em 1989.

2 MEMORIALISTA HELDER CAMARA: OS CAMINHOS PARA UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA

Helder Pessoa Camara, na condição de sacerdote católico brasileiro viveu e atuou nos estados do Ceará, onde nasceu em 1909, no Rio de Janeiro, para onde mudou-se em 1936, incardinando-se em 1939²⁵, e em Pernambuco, a partir de 1964, quando foi designado como arcebispo de Olinda e Recife, onde permaneceu até a sua morte, em 1999. Foi, entre tantas características, um homem dedicado à escrita de suas memórias autobiográficas, termo que usamos para designar aquele conjunto de escritos em que o autor se torna o “personagem do seu texto”. Elas foram deixadas sob a forma de cartas, ou em pequenas cadernetas e páginas de livros; e, esses documentos possibilitaram uma análise nova de uma figura tão conhecida, cuja atuação desperta ora admiração, ora repúdio, de parte de sua própria igreja e de parcelas da sociedade, sobretudo brasileira.

Este capítulo foi escrito para apresentar uma descrição pormenorizada das fontes, do método, seguida da discussão de conceitos relacionados ao universo da interpretação, da memória e da escrita de si. Ao final, esperamos oferecer ao leitor os instrumentos capazes de reconhecer os indícios das continuidades e descontinuidades dos conteúdos simbólicos do pensamento de Helder Pessoa Camara, desenvolvidos durante o período que começou com o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro (1955) e foi até o final do Concílio Ecumênico Vaticano II (1965). Isto porque, os anos compreendidos neste arco temporal parecem ser decisivos para entender o processo de auto ressignificação do exercício sacerdotal.

Hoje, ao recontar esta fase da vida de Dom Helder, costuma-se recorrer a um resumo do conjunto de trabalhos voltados para o social, notadamente, a criação da Cruzada de São Sebastião (1955), do Banco da Providência (1959), da Feira da Providência (1961), sem, contudo, indicar uma análise acerca do quanto esses

²⁵ Segundo o anuário de 1938 da Igreja Católica, *Synopse da hierarchia ecclesiastica brasileira, inclusive Ordens e Congregações*, “Pe. Helder Camara. N. 1909. O. 1931 – **Reside no Rio**” (1939 [?], p.148).

trabalhos e, sobretudo, essa mudança de campo de atuação significaram e influenciaram nos conteúdos simbólicos atribuídos pelo próprio Dom Helder à sua figura de sacerdote e à sua função social.

Porém, ao fazermos uma leitura mais pormenorizada das fontes foi possível notar indícios de que este período pode ser interpretado sob outra ótica. Em carta escrita no dia 06 de setembro de 1970, ao fazer memória do Congresso Eucarístico Internacional, realizado em 1955, escreveu Dom Helder que, naquela ocasião, havia sido nomeado Secretário-Geral do Congresso e, ao final do evento, durante um momento em que esteve com o Cardeal de Lyon, Pierre-Marie Gerlier²⁶, recordava da pergunta feita pelo cardeal: “Pourquoi ne pensez-vous [pas] à mettre, au service des Pauvres, les qualités invulgaires [sic] d’organisateur que Dieu vous a donné²⁷”? (CAMARA, 1970, f.1) [Carta Circular nº113, Recife 06.09.1970]. Surpreso com as favelas do Rio de Janeiro, ainda segundo Dom Helder, o Cardeal Gerlier as chamou de “escândalo”, um contraste com a bela cidade carioca. Essa conversa foi lembrada como o ponto de partida para aquilo que apresentamos nesta tese, a virada social no exercício sacerdotal de Dom Helder, através de uma reinterpretação dos conteúdos simbólicos atribuídos por ele à sua figura ideal de sacerdote.

Os passos que foram desenvolvidos tratam de aproximar o leitor do conjunto de documentos que tornaram possível a construção deste trabalho. Foram analisadas duas coleções, não no todo, mas em parte: a primeira é a coleção Cecília Goulart Monteiro, cujos documentos começaram a ser arquivados, possivelmente, a partir de 1947, ano em que ela começou a trabalhar com Pe. Helder, no Rio de Janeiro e, até em 15 de novembro de 1977, data de seu falecimento. Seu arquivo, porém, ficou guardado na casa de Maria Luiza e Edgar Amarante, até sua remoção para o Recife, no início dos anos 2000, junto com outras coleções de documentos, todos reunidos por membros da Família do São Joaquim/Mecejaneense²⁸. A outra coleção foi a das

²⁶ Nascido a 14 de janeiro de 1880, em Versailles, Pierre-Marie desenvolveu a vocação tardia para o sacerdócio, tendo sido ordenado padre aos 41 anos e meio, em 29 de julho de 1921, em Paris. Quase oito anos depois, a 02 de julho de 1929, foi sagrado bispo de Tabes e Lourdes. Assumiu o arcebispado de Lyon, em 1937 e no final do mesmo ano, o Papa Pio XI elevou-o ao posto de cardeal. Faleceu aos 85 anos, em Lyon. Para maiores informações consultar: <http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bgerlier.html>

²⁷ Sugestão de tradução proposta pela doutoranda: “Porque você não pensa em colocar, à serviço dos pobres, as notáveis qualidades de organização que Deus lhe deu?”

²⁸ O uso do termo família pode ser interpretado como uma forma afetiva de tratar o grupo de amigos e colaboradores que trabalharam com ele durante os anos em que viveu no Rio de Janeiro, entre 1936 e 1964. Já a expressão “São Joaquim” é o nome do palácio episcopal, residência oficial da

cartas circulares escritas durante as sessões do Concílio, em Roma, entre 1962 e 1965, esses documentos já publicados no primeiro volume das Obras Completas de Dom Helder, em 2009²⁹.

Em seguida, apresentamos o paradigma indiciário, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, como método de análise, pormenorizando não só as razões pela escolha do instrumento metodológico, mas, sobretudo, indicando como ele foi aplicado em cada etapa do processo analítico. Em seguida, escrevemos de forma dialética a discussão dos conceitos “memória”, “esquecimento”, “representação”, “interpretação”, “autobiografia” e “escrita de si”, necessários para indicar, junto com os procedimentos metodológicos, os passos que guiaram esta interpretação, entre tantas possíveis.

Escrever sobre si é, em certa medida, escolher os traços da imagem que o autor deseja perpetuar de si, acima do que disseram ou escreveram sobre ele. Esse personagem de si mesmo vai inscrevendo suas atitudes e justifica seus atos para ir (re)criando uma história que faça sentido. Ainda que o contexto e os fatos sejam passíveis de verificação, a finalidade dessas memórias consiste justamente em explicar as razões que levam seu autor a tomar determinada iniciativa ou a permanecer inerte. Por consequência, esse processo foi interpretado considerando tanto a memória quanto o esquecimento a partir de um viés não só biológico-clínico, mas como uma ferramenta histórica, cultural e social indispensável à consolidação de uma identidade.

Nesse sentido, se compararmos o montante de documentos que já foi escrito sobre Dom Helder e sua atuação³⁰, ao número de vezes que o falecido arcebispo de Olinda e Recife usou os meios de comunicação de massa para falar ou escrever sobre si ou sobre sua atuação foi bem menor³¹. Preferindo a intimidade

Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, local onde eles trabalhavam. Ao ser transferido para a Arquidiocese de Olinda e Recife este vocativo mudou, variando entre: “Família de Mecejana”, “Família Mecejanense”, “Família Mecejanense e Olinda-Recifense”, “Família Joânica” e “Família Giovanina”. Credita-se essas mudanças a ampliações no grupo dos destinatários, que passaram a mesclar colaboradores do Rio de Janeiro com outros de Olinda e do Recife (PINA NETA, 2013, p.15).

²⁹ Conforme explicamos na nota 10

³⁰ O CeDoHC, principal referência sobre o acervo de dom Helder Camara, dispõe, para consulta, de um significativo número de obras que tratam da atuação do religioso. São mais de 340 escritas não só em língua portuguesa; também existem publicações em alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

³¹ Embora fosse muito requisitado para conceder entrevistas nos diversos meios de comunicação visual, falados ou escritos, são raras as de que se pode extrair impressões pessoais que dom Helder tinha de si; isso nos parece decorrente, pelo menos em parte, de que ele procurava dirigir o foco da

preservada da correspondência pessoal, Helder parece personificar as palavras do personagem de Machado de Assis, Comendador Aires, que prefere confessar-se ao papel: “não diria isto a ninguém cara a cara, mas a ti, papel, a ti que me recebes com a paciência, e alguma vez com satisfação, a ti, amigo velho, a ti digo e direi, ainda que me custe, e não custa nada” (ASSIS, 2013, p. 125). Ao contrário do personagem machadiano que escreveu um diário, Dom Helder utilizou como meio de escrita, sobretudo, as cartas. Entre todas já recuperadas, a coleção mais abrangente em relação ao conteúdo biográfico, é a das Cartas Circulares.

2.1 Entre a ficção e o real recriado, onde pousa a caneta?

No que diz respeito ao trato da construção linear das (auto)biografias, é preciso ter constante a consciência de que é falsa a ideia de um conjunto orientado que se desenvolve numa linha cronológica, ordenada e coerente. Assim como é uma marca da presunção interpretativa atribuir às memórias causalidades do presente, pois, nem sempre, as coisas são previsíveis ou quando são, é porque já aconteceram.

A lembrança não é a realidade, mas uma representação, uma simbologia dela. Funciona, segundo os parâmetros da psicologia, como meio de significar dentro da mente uma imagem, ideia ou conceito que, originalmente, encontra-se fora da consciência. Uma das formas possíveis de registro dessa representação é a produção de textos, uma forma eficiente de conhecer o panorama de uma época é através da leitura de romances, periódicos, atas, discursos, registros paroquiais, de imigração, prontuários médicos. Os homens parecem eternizar-se tanto mais papéis produzem. Nesse sentido esta tese prima pela análise interpretativa da produção das memórias individuais, escritas por Helder Camara, prioritariamente, entre os anos de 1955 e 1965, que possibilitam entender como ele se percebia, enquanto sacerdote, no meio das transformações sociais e eclesíásticas que viveu.

Compreender as operações intelectuais envolvidas na reconstrução narrativa do cotidiano, indicando as sucessivas construções e reconstruções, continuidades e descontinuidades, sugere assimilar a representação do mundo como uma matriz geradora de condutas sociais. Que por sua vez assume a história como

conversa para as suas ações. Assim, reservava o conjunto de documentos mais privados para este fim.

um discurso sobre o real, que, como narrativa, é constituída por regimes de verdades (PROCHASSON, 1998), na medida em que se busca atingir um efeito de real, afasta a ideia de que possa existir uma única história e de que sobre ela haja apenas uma interpretação possível.

Se “o ato de escrever vidas é muito antigo, a ideia de que a vida é uma história é bem recente” (LEVILLAIN *apud* GOMES, 2004, p. 12). Assim, compreender as manobras narrativas supõe, num primeiro momento, um esforço no sentido de reunir as fontes possíveis relacionadas ao objeto da pesquisa. De modo que ao reconstruir a narrativa do cotidiano que cerca os acontecimentos, os processos de continuidades e descontinuidades tornem-se cada vez mais aparentes. O trabalho de análise da documentação reunida para o exercício crítico de construção da tese nos possibilitou apontar diferentes e, em alguns casos, dissonantes discursos a respeito da atuação de Dom Helder Camara.

Fugindo à ideia de que um sacerdote devesse confessar-se apenas a outro sacerdote, que o ouviria sob o vínculo milenar do segredo ligado ao sacramento da penitência/reconciliação, Helder, na tradição de Santo Agostinho, segundo suas Confissões (2015), preferiu partilhar suas memórias com pessoas, consagradas ou leigas, que partilhavam do seu universo cultural católico. Não por acaso, buscou, em primeiro lugar, a complacência de mulheres. Um significativo grupo de intelectuais católicas, num primeiro momento, familiar, composto por sua mãe, a professora primária Adelaide Pessoa Camara e sua irmã, Maroquinha³², depois, pela amiga e professora Alba de Mesquita Frota³³. Quando se mudou para o Rio de Janeiro manteve um vasto epistolário com Cecília Monteiro Goulart e com Virgínia Cortes de Lacerda³⁴, até ampliar o grupo de receptores chamando-o de Família, juntando

³² Maria Pessoa Camara nasceu em 18 de maio de 1899, tornou-se religiosa, entrando para a Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas, em Fortaleza. Teve atuação mais permanente na Casa da Criança, no município de Niterói, onde faleceu em 15 de junho de 1966.

³³ Albinha, forma como Dom Helder se referia a ela, nasceu no dia 17 de setembro de 1906, em Fortaleza, foi professora e, posteriormente, diretora da Escola de referência “Cidade da Criança”, na capital cearense. Sobre ela, Dom Helder escreveu, “da última vez que apareci por aqui [29 de junho de 1966], recebeu-me, no Aeroporto, radiante, a Albinha [Alba Frota], cuja casa eu escolhera para passar as 12 horas de convívio cearense, destinadas a evitar que eu completasse 25 anos de ausência. Neste meio-tempo, houve o que houve: o desastre terrível e misterioso [faleceu no mesmo desastre aéreo em que pereceu o Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, no dia 18 de junho de 1967]. Vou visitar a Família dela e quero ver o recanto onde ela dorme, aguardando a ressurreição (CAMARA, 2011, p. 52).

³⁴ Virgínia nasceu no município de Leopoldina, estado de Minas Gerais, em 1903. Em 1921 diplomou-se professora, especializou-se em latim e literatura, lecionou no Curso Geral Superior do Instituto Lafayettete. Em 1941 tornou-se, por meio de concurso público, técnica de educação e, no mesmo ano

colaboradores do Rio de Janeiro e de Olinda e Recife. Dentro desse universo católico suas memórias foram escritas, segundo a sua percepção de que “circular não deve ser só para o lado heroico e positivo. É bom que elas me revelem como sou, de corpo e alma. Gente. Capaz de dúvidas, vacilações e crises. Capaz e como! De fraqueza. Cheio da imensa boa vontade de sempre” (CAMARA, 1970, f. 02) [Carta Circular nº 71, Recife 06/07.07.1970].

As cartas destinadas à Família foram assim nomeadas por Dom Helder, “Carta-Circular” e, depois somente “Circular”, justamente por entender que este era um tipo de correspondência de interesse comum. Ela foi reproduzida em vários exemplares, os manuscritos eram “batidos” à máquina, com folhas de papel sulfite entremeadas por folhas de papel carbono, pois a intenção era fazer o maior número possível de cópias legíveis para entregar às destinatárias.

Para fazer-se entender, em atos de bravuras ou de vacilações, Dom Helder optou por tornar o seu mundo de memórias conhecido, colocando-as sob o substrato contextualizado comum, a Igreja e a sociedade do Brasil e do mundo, contemporâneas ao ato da escrita. Quando precisava fazer digressões textuais, não se incomodava de dedicar tantas folhas fossem necessárias para que pudesse reconstruir o contexto de suas memórias; por exemplo, as circulares escritas em datas comemorativas natalícias ultrapassam o número médio de folhas, três ou quatro por circular, chegando a apresentar uma única carta com nove páginas³⁵. “Perdoem se me estendi tanto. Talvez o melhor seja não considerar este depoimento como Circular. [...] Consola-me pensar que jamais causei desgosto ao Paizinho. [...] E é verdade. A

formou-se em Letras Clássicas, no Instituto Santa Úrsula. Na década seguinte, participou da organização e redação da revista *Leitores e Livros*, órgão do Serviço de Informações Bibliográficas da Ação Católica, publicada pela Livraria Agir Editora. Publicou diversos artigos de crítica literária: sobre Guimarães Rosa (publicação póstuma – 1959), Machado de Assis, Érico Veríssimo, Monteiro Lobato, entre outros. Deixou inacabado um projeto de tese de doutorado, sob a orientação de Alceu Amoroso Lima, na Faculdade Nacional, no qual se propunha a pesquisar as influências sofridas por Machado de Assis, destacando-se o encontro desse escritor com Matias Aires. Para uma biografia completa de Virgínia Cortes de Lacerda sugere-se: *Anotações para uma biografia de Virgínia Côrtes de Lacerda*, disponível on-line via: www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/docs/anotacoes.doc (PINA NETA, 2013, p. 31-32).

³⁵ A 63ª Circular de Abertura da AJP para o plano mundial - 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas, escrita no Recife, na madrugada de 8/9.12.1972, e o manuscrito da 201ª Circular de Abertura da AJP para o plano mundial - 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas, escrita também no Recife, na madrugada de 2/3.1.1974, dedicadas ao centenário de nascimento de João Eduardo Torres Camara Filho e Adelaide Pessoa Camara, respectivamente, têm cada uma, nove folhas.

lembança dele é estímulo permanente em minha vida” (CAMARA, 1972, f.09) [Carta Circular nº 63, Recife 08/09.12.1972].

Contrariando a famosa frase de Giuseppe Tomasi, o Príncipe de Lampedusa, “para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude” (LAMPEDUSA, 1979, p. 40), Dom Helder reescreveu reformulando-se, redistribuindo o peso e a importância do passado vivo. Quando escreveu sobre o seu exercício sacerdotal – Dom Helder o fez ao longo de quase toda a sua vida – ele buscava estratégias não só do ponto de vista da gramática e da semântica, mas também, da escolha cuidadosa da contextualização de cada ação e mesmo da repercussão, desses atos, para a posteridade.

Esta tese usa como fontes primárias duas coleções de documentos que detalharemos adiante; além delas, foi possível recorrer, quando necessário, a outros papéis como os três manuscritos: “A escolha de Deus”, “Declarações testamentárias” e “Reminiscências do púlpito”, todos escritos em 1943, num caderno de memórias que deveria ser entregue à Alba Frota e, os cadernos com as “Regras do Apostolado Oculto”, escritas por Dom Helder, e, posteriormente, copiados por mais duas pessoas, provavelmente, por Cecília e por Virgínia, nos anos de 1946 e 1954. Apesar da data de escrita desses documentos ser anterior ao período que estudamos, eles são fundamentais para entender certas referências que aparecem nas cartas-objeto deste trabalho.

A parte da coleção Cecília Goulart Monteiro à qual tivemos acesso é constituída por duas caixas de arquivo contendo um conjunto de papéis que haviam sido juntados por ela, ou em seu nome. A primeira caixa continha recortes de jornais e revistas, que circulavam no Rio de Janeiro, à época, sobre as repercussões da vida pública do Pe. Helder durante os anos 50 e 60. A leitura e o fichamento desses documentos foi importante para a montagem da linha cronológica dos fatos que marcaram aquelas duas décadas; ademais, elas proporcionaram o acesso a um universo de detalhes e informações que, muitas vezes, haviam “escapado” das memórias autobiográficas do Pe. Helder.

A segunda caixa está organizada com nove envelopes, todos identificados. São eles: “Roteiros para uma vida cristã” contendo duas cadernetas com sessenta e quatro páginas de anotações manuscritas, escritas no Rio de Janeiro entre os dias 3 e 7 de fevereiro de 1951; “A Festa do Papa” foi encontrado como manuscrito avulso,

trata-se de um auto de três cenas e um fecho, em 13 páginas, escrito por Dom Helder, em 5 de julho de 1959, para ser encenado na abertura do Concílio Vaticano II. O terceiro envelope, “Documentos: Secretário de Educação, Professor universitário” o envelope possui cartas, bilhetes, documentos oficiais, escritos em setembro de 1943, planos de aula e de avaliações, sem datação e, os documentos oficiais de nomeação para os cargos que ocupou na educação brasileira, incluindo diários oficiais, diplomas e ofícios de nomeação, há também anotações feitas para retiros (do clero e pessoal) e cópias manuscritas de textos do teólogo jesuíta Teilhard de Chardin; ao todo, são 219 folhas de documentos.

O quarto envelope “Correspondência de 1962 e 1969”, são cartas endereçadas a Frei Leão, pseudônimo que Dom Helder atribuiu a Cecília e, assinadas por Frei Francisco, pseudônimo que adotou para si; são, no geral, manuscritos de duas páginas, que perfazem um total de 131 páginas de documentos. Embora a inscrição na frente do envelope identifique cartas de 1962 e 1969, todas as que nele localizamos foram escritas em 1969. O número cinco, “Documentos Reservados: Dom Helder, Dom Jaime, CELAM”, guarda um impressionante número de correspondências ativa e passiva entre Dom Helder e o Cardeal Jaime Câmara – fundamentais para entender a conturbada e pouco esclarecida relação entre os dois membros do clero -, manuscritos relacionados a reuniões, planos de ação e relatórios do CELAM e da CAL, cartas endereçadas a outras figuras religiosas entre elas Mons. Samoré, Dom Larraín, outras enviadas à Cecília, manuscritos escritos em razão da morte do Cardeal Domenico Tardini, além da Oração congratulatória pelo dia Nacional da Ação de Graças, escrita em Brasília, datada de 24.11.1960. Estavam guardadas, neste envelope, 285 páginas de documentos produzidos nos primeiros anos da década de 1960.

O sexto envelope, “Cartas de direção espiritual – 1954/1956”, contém quatro cartas endereçadas a Frei Leão (Cecília), escritas nos anos de 1955, 1957 e 1959, três manuscritos avulsos datados do ano de 1955. São manuscritos curtos, juntos eles têm 09 páginas, no total. O sétimo envelope guarda as “Correspondências do Concílio para Cecília”; são 19 cartas, redigidas no ano de 1962, todas escritas de Roma. O oitavo envelope “cartas especialmente belas”, é uma seleção de 20 cartas, escritas entre os anos de 1949 e 1970. Nele há correspondências ativas, endereçadas para Cecília e correspondências passivas, como a enviada ao Pe. Helder pelo

Secretário Geral da Organização Pan-americana; contém, ainda, uma carta escrita em dezembro de 1936 e endereçada a Severino Sombra. O envelope número nove tem duas cartas escritas pelo Pe. Helder ao pai, João Eduardo Torres Camara Filho, uma, no ano de 1950 e, outra, em 1955.

A outra coleção de cartas que foram usadas para as análises propostas nesta tese, são as Circulares Conciliares, escritas, como sugere seu título, durante os períodos conciliares, nos anos de 1962 a 1965. Esse material encontra-se já publicado e seu acesso ao público pode ser feito de forma física ou virtual. Foram escritas originalmente 298 cartas durante os quatro períodos conciliares e das reuniões das Comissões, em 1964. No primeiro ano foram 55 e, dessas, sete foram extraviadas; em 1963, foram escritas 59. Em março de 1964, foram chamados à Roma os membros das Comissões de trabalho e Dom Helder novamente viajou; na ocasião escreveu mais 16. Todo esse primeiro conjunto está publicado no primeiro tomo, do primeiro volume, das chamadas Obras Completas de Dom Helder Camara. As 79 cartas escritas por ocasião das sessões de 1964, estão publicadas no segundo tomo do mesmo volume; já as 89 circulares escritas no último período conciliar, podem ser lidas no terceiro tomo, todos publicados pela CEPE³⁶, em 2009.

Consideramos que esses manuscritos foram escritos para serem lidos e arquivados, por uma série de detalhes que apresentam. Ademais, o exercício de escrever sobre si mesmo é, em certa medida, escolher os traços da imagem que o autor deseja perpetuar de si, acima do que disseram ou escreveram sobre ele. Esse personagem de si mesmo inscreve suas atitudes e justifica seus atos para (re)criar uma história que faça sentido. Ainda que o contexto e os fatos sejam passíveis de verificação, a finalidade dessas memórias consiste justamente em explicar as razões que levam o seu autor a tomar determinada iniciativa ou a permanecer inerte. Por consequência, esse processo precisa ser interpretado considerando tanto a memória quanto o esquecimento a partir de um viés não só biológico-clínico, mas como uma ferramenta histórica, cultural e social indispensável à consolidação de uma identidade.

³⁶ Apenas o primeiro tomo deste volume possui uma primeira publicação: trata-se da que foi publicada pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco, em 2004. Em ambas as publicações foram mantidas as notas feitas ao texto pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e por Roberto de Araújo Faria.

2.2 A memória: o lugar mais perecível do pensamento humano

As memórias pertencem a vários domínios, se pensarmos a partir das ciências médicas a veríamos através das lentes da psicologia, da psicofisiologia, da neurofisiologia, da biologia, da psiquiatria; também é possível lê-las com as lentes da história, da cultura e da sociologia, por exemplo. Afim que oferecemos ao leitor duas “leituras diferentes” sobre o mesmo ponto, apresentaremos nesta sessão uma análise da memória, do ponto de vista da história e outro do ponto de vista da neurociência. Em seu estudo clássico sobre a história e a memória, Jacques Le Goff afirma:

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar ao conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2013, p. 387).

O conjunto de textos aos quais tivemos acesso para a construção desta tese, são memórias do tipo documental, aquelas que ficaram gravadas em papéis, outras que foram conservadas através de arquivos de imagem e/ou de som. Com elas conseguimos recompor uma parte importante da biografia de Dom Helder.

Ao reconstruir uma evocação, a consciência organiza a ressignificação das experiências. As memórias surgem como uma arte narrativa, na perspectiva de tentar apresentar uma totalização existencial, em que o passado, composto e recomposto, é recriado, permeado de luzes e sombras. Do ponto de vista da neurociência, esse processo é descrito como a “reativação das redes sinápticas” (IZQUIERDO, 2011, p. 79). Desse modo, cada memória será tanto mais rica de detalhes quanto mais redes ela puder ativar no momento da rememoração. Portanto, pode-se compreender a memória como o conjunto de “aquisição, formação, conservação e evocação de informações” (IZQUIERDO, 2011, p. 11).

É possível classificar, do ponto de vista clínico, esse acervo de informações de acordo com a função que ele desempenhe na vida do indivíduo. Há, por exemplo, a memória de trabalho, mais geral e de curta duração, cuja função é reconhecer um novo dado ou seu contexto e decidir se ele deve ou não ser armazenado de forma mais permanente no cérebro. Pode ser entendido de forma simples, como quando alguém diz o nome de um autor, por exemplo. Se há, por parte do ouvinte, interesse nesta informação, o nome do autor passará para o nível seguinte da memória; caso contrário, ele será entendido, porém não armazenado.

As chamadas memórias de longa duração³⁷ constituem-se da capacidade de reconstruir e atestar a existência de eventos ou experiências que tenham ou não sido vividas por quem as recorda. Há, também, entre as informações que se acomodam de maneira permanente, aquelas que uma, vez aprendidas, tornam-se automáticas e são evocadas sem a necessidade de um *esforço* de rememoração: são as procedimentais, como os hábitos e os comportamentos.

Nas memórias autobiográficas – objeto de estudo desta tese – são interpretadas como as informações biológicas associadas ao caráter histórico-cultural de aquisição, formação e conservação desse passado vivido. Reconhecemos, ainda, que a memória é um elemento individualizante, pois mesmo que duas pessoas vivam, simultaneamente, igual experiência, cada uma armazenará de forma diferente, segundo critérios próprios, aquilo que mais a tenha marcado.

As memórias são feitas por células nervosas (neurônios), se armazenam em redes de neurônios e são evocadas pelas mesmas redes neuronais ou por outras. [...] Os maiores reguladores da aquisição, da formação e da conservação das memórias são justamente as emoções e os estados de ânimo. Nas experiências que deixam memórias, aos olhos que veem se somam o cérebro – que compara – e o coração – que bate acelerado. No momento de evocar, muitas vezes é o coração quem pede ao cérebro que lembre e, muitas vezes a lembrança acelera o coração (IZQUIERDO, 2011, p. 14).

E, se lembrar é toda uma arte, esquecer-se é uma estratégia que, como tal, funciona mais do que como uma debilidade, pois permite que o indivíduo possa reconstruir uma história que faça sentido, que possa justificar e explicar as circunstâncias que possibilitaram a construção do seu mundo, relativamente estável e coerente. O produto final dessa rememoração individual apresenta-se como um personagem de si mesmo, cuja história pretende sobreviver ao tempo, graças à ideia de que está salva nas memórias de si, e, sobretudo, dos outros.

Para dar sentido aos acontecimentos de uma vida, o discurso de apresentação de si ordena e reorganiza o vivido. Ao inventariar o passado, aparece com mais ênfase a consciência de que raros são os casos em que é possível rememorar tudo, como imaginou o escritor argentino Jorge Luis Borges, ao escrever

³⁷ São assim conhecidas porque “envolvem uma série de processos metabólicos no hipocampo e outras estruturas cerebrais que compreendem diversas fases e que requerem entre três e oito horas”, segundo Izquierdo (2011, p. 45 *apud* IZQUIERDO e MEDINA, 1997; IZQUIERDO et al., 2006). Mesmo depois de “adquiridas”, as memórias não são armazenadas em sua “forma final”, nos primeiros minutos ou mesmo horas podem sofrer interferências, geradas pelo uso de drogas, por exemplo.

o conto *Funes, el memorioso*. Esse personagem da literatura argentina que “podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. [Que] Duas ou três vezes tinha reconstruído um dia inteiro; não tinha duvidado nunca, mas cada reconstrução tinha exigido um dia inteiro” (BORGES, 2007, p. 105). Acumular lembranças, sem critério, faz de Funes um homem incapaz de pensar, de refletir sobre o que ele guarda.

Desse modo, reconta-se o passado numa perspectiva significativamente totalizante. E ao rememorar-lo faz-se uma narrativa reconstrutiva tributária, posto que, a lembrança em si carrega traços emocionais ligados moralmente a uma consciência que age mais no presente, ou seja, no ato de recordar, do que no passado, quando a experiência foi vivida. A escolha deliberada dessa rememoração é um dos subterfúgios usados para não colocar em risco a imagem que o homem constrói de si mesmo.

Para afastar da evocação memórias dolorosas ou indesejáveis, os mecanismos mais comuns são os ajustes, as invenções, simplificações, censuras, recusas, resistências, os não ditos e o esquecimento, segundo o neurocientista Iván Izquierdo (2006; 2011). As chamadas falhas de memória ou o esquecimento de determinadas lembranças são, como escreveu o Machado de Assis, “uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso escrito” (ASSIS, 2011, p. 234). Pensando menos na mão do destino e mais na mão do homem, que se escreve no tempo, o esquecimento é um dos fios usados para produzir a teia das memórias, algumas vezes atando ações desarticuladas e fragmentadas, próprias da descontinuidade do real, outras, isolando as dolorosas recordações. “A solidão interior causa pasmo - fogem as lembranças todas, até mesmo as tristes. Não há uma sombra, um assento, um apoio” (Pe. JOSÉ, 1946, f. 1) [Meditação. **Angústia (II)**³⁸. Rio de Janeiro, 28.01.1946].

Do ponto de vista biológico, as formas de esquecimento podem ser três: a extinção, a repressão e o esquecimento real. A primeira, entendida como a dissociação entre estímulos condicionado e incondicionado que tenham se associado e gerado uma resposta apreendida. Traduzido para a linguagem cotidiana, é quando um comportamento está condicionado por um comando produzindo um resultado. No

³⁸ O manuscrito original que foi consultado não é paginado pelo autor. Durante a pesquisa, optamos por paginar à lápis essas folhas para facilitar a localização desses textos.

entanto, se o comando for alterado, a tendência natural da memória é extinguir o comportamento associado simplesmente pelo desuso.

A repressão, segunda e mais popular forma de esquecimento, pode ser voluntária, quando o indivíduo se propõe a cancelar uma lembrança que lhe cause desagrado, mal-estar, prejuízo, ou inconsciente, fortemente ligada à capacidade do cérebro de “desligar”, por conta própria, naquilo que pode ser entendido como uma tendência autoprotetora, segundo Izquierdo (2006). Essas duas primeiras formas de esquecer não devem ser equiparadas ao esquecimento real, pois tanto em uma, quanto na outra forma, a memória pode ressurgir, seja de modo espontâneo, seja por algum estímulo.

O esquecimento real caracteriza-se pela efetiva perda da memória, de modo inexorável, como um evento, um rosto ou um lugar que passa a não suscitar mais qualquer lembrança no indivíduo. Os déficits mnésicos funcionam como um sistema que assegura a continuidade da comunicação, pois sugerem uma estratégia narrativa inconsciente. Outro modulador importante é a noção de tempo, tal como sugere Machado de Assis:

O tempo é um rato roedor das coisas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto. Demais, a matéria era propícia ao alvoroço que facilmente traria confusão à memória. Há, nos mais graves acontecimentos, muitos pormenores que se perdem, outros que a imaginação inventa para suprir os perdidos, e nem por isso a história morre (ASSIS, 2012, p. 75).

A distinção entre o presente e o passado é indispensável, é ela quem dá a certeza de que a lembrança não é igual à realidade, mas, sim, uma reconstrução pessoal elaborada a partir de um conjunto de códigos que o cérebro interpreta. E esta operação de (re)ordenamento do passado não deve ser interpretada de forma puramente aritmética, ou seja, como a junção de todas as experiências sem perdas ou ressignificações, embora a ideia de um discurso memorial autobiográfico apresente acentuadamente essa conotação.

2.3 A escrita de si como uma narrativa de identidade

A escrita autobiográfica, que é objeto de análise desta tese, será interpretada como um lugar literário de registro da experiência humana de cunho religioso e, por essa razão, parece mais apropriada à escolha dos trabalhos do filósofo

e epistemólogo Georges Gusdorf³⁹. Esses estudos, voltados para a hermenêutica das *escritas do eu*, apontam este gênero literário como “una tarea de salvación personal. La confesión, el esfuerzo de rememoración, es, al mismo tiempo, búsqueda de un tesoro escondido, de una última palabra libertadora, que redime en última instancia un destino que dudaba de su propio valor”⁴⁰ (GUSDORF, 1991a, p. 10), pois ao converter sua vida em uma narração, o homem que a faz “cree ofrecer testimonio de que no ha vivido en balde; no elige la revuelta, sino la reconciliación, y la lleva a cabo en el acto mismo de reunir los elementos dispersos de un destino que le parece que ha valido la pena vivir”⁴¹ (GUSDORF, 1991a, p. 10).

Diante do vasto mar de possibilidades analíticas que os textos autobiográficos sugerem, esta tese discute, baseada no conjunto de documentos produzidos por Dom Helder Camara, como ele escreveu o processo auto ressignificação de seu exercício sacerdotal. Dito de outra forma, como ele descreveu, justificou e, em alguns momentos, atribuiu novos sentidos e significados a um aspecto específico de sua vida, a sua experiência religiosa como sacerdote e católico apostólico romano praticante e convicto.

Estranho, Senhor! Quando comparo minhas mãos com as de Francisco empalideço... No entanto, cem vezes eu nascesse cem vezes me ordenaria de olhos fechados para minha fraqueza de olhos abertos para Tua Bondade. Confiarei mais na Tua Misericórdia? Enxergarei menos minha triste miséria? Não sei. Não sei. Não sei. Sem o sacerdócio eu não seria eu. Era mais fácil ser planta ou ser pedra ser animal ou ser anjo. Impossível era ser homem, carregar o nome que tenho sem o título transfigurador. Bendito sejas por me teres feito padre como deste canto às aves, sombra às árvores, intuição aos anjos, bondade a Ti mesmo, ó Filho de Deus feito homem... (Pe. JOSÉ, 1945, f. 31). [Meditação. Vocação Eterna. Rio de Janeiro, 1945].

As sucessivas construções, reconstruções e, em momentos-chave, mudanças dos conteúdos da figura ideal de sacerdote que Helder Camara perseguia serão usadas como fio condutor para a análise de sua atuação social como membro do corpo hierárquico da Igreja. Mais do que a constatação de que houve uma

³⁹ Da sua produção literária destaca-se, principalmente, *Condiciones y limites de la autobiografía*, publicado originalmente em alemão, em 1948, cuja tradução usada será a feita para o espanhol, por Ángel G. Loureiro, em 1991; e os dois volumes de *Lignes de vie: Les Écritures du moi e Auto-biographie*, ambos publicados pelas *Éditions Odile Jacob*, em 1991, sem tradução.

⁴⁰ Sugestão de tradução proposta pela doutoranda: “uma tarefa de salvação pessoal. A confissão – um esforço de rememoração – é, ao mesmo tempo, a busca de um tesouro escondido, de uma última palavra libertadora, que redime [,] em última instância um destino que duvidava de seu próprio valor”.

⁴¹ Sugestão de tradução proposta pela doutoranda: “acredita ofertar testemunho de que ele não viveu em vão; não escolhe a revolta, mas a reconciliação, e realiza-se no próprio ato de reunir os elementos dispersos de um destino que parece ter valido a pena viver”.

reinterpretação de conteúdo simbólico e um redirecionamento das ações sociais, a análise dos escritos autobiográficos indica como, sucessivamente, o sacerdócio de Dom Helder foi sendo construído, partindo, no seu caso, de uma rígida formação tridentina⁴², que se conservou até o final da sua vida. Porém, ao longo de sua vida, ele soube agregar àquela formação experiências e aspectos sempre mais progressistas. Parece que, na essência, a função social do sacerdote apresentada a ele pelo pai, um maçom, ainda na infância, foi a base a partir da qual essas mudanças e permanências articularam-se e conviveram.

Desde quantos anos – 4? 3? – eu dizia que queria ser Padre. Quando atingi os 9 ou 10 anos, meu Pai me chamou e me disse: “Você está crescendo e continua a dizer que quer ser Padre. Você sabe o que significa ser padre? E aquele maçom, aquele homem afastado de práticas religiosas, faz um retrato de Padre, de comover...” “O Padre não tem direito de ser egoísta. Não pode pensar só em si. Tem de viver para os outros”. “O Padre acredita que toca no Cristo com as próprias mãos.” Quando ele acabou a descrição eu comentei: “É exatamente um Padre assim que eu desejo ser”. Ele me abraçou e, daí por diante, foi o primeiro a me ajudar em minha vocação” (CAMARA, 1972, f. 8). [Carta Circular nº 63, Recife, 8/9.12.1972].

No entanto, o ponto de partida analítico concentra-se no período de dez anos, do final do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, em 1955, ao final do Concílio Vaticano II, em 1965. Isto porque o movimento que pretendemos analisar teve início, ao que tudo indica, no encontro de Dom Helder com o Cardeal Pierre-Marie Gerlier, arcebispo de Lyon.

Gerlier é apontado por Dom Helder como uma das cinco pessoas que mais influenciaram sua trajetória na Igreja Católica. Em particular, o Cardeal foi o responsável, como Dom Helder recordou, em 1972, pelo desenvolvimento de uma “etapa importantíssima na evolução do meu pensamento social” (CAMARA, 1972, f. 6) [Carta Circular nº 344, Nova Iorque, 16/17.04.1972], viés pelo qual pretende-se analisar o processo de ressignificação do ministério sacerdotal. Foi a partir daquele evento que Dom Helder assumiu, não apenas do ponto de vista pessoal, mas como opção de vida e direção para o exercício do sacerdócio, o que posteriormente ficou conhecido como “opção preferencial pelos pobres”.

O sistema analítico das memórias autobiográficas proposto por Georges Gusdorf aponta quais aspectos dos textos indicam relevância para compreender a experiência religiosa. Basicamente, o semiólogo francês parte do suporte conceitual

⁴² Conforme detalhamos no capítulo seguinte.

bidimensional onde a ideia de autor é apresentada como um homem que desenha sua própria imagem e que crê que sua vida seja digna de um privilegiado interesse, em detrimento de outras. Subvertendo a ordem natural da atenção, ao tomar a si como objeto, “yo supongo que mi existencia importa al mundo y que mi muerte dejará el mundo incompleto. Al contar mi vida, yo me manifiesto más allá de la muerte, a fin de que se conserve ese capital precioso que no debe desaparecer”⁴³ (GUSDORF, 1991a, p. 3).

Este memorialista que numa primeira leitura pode parecer presunçoso e tomado por uma atitude puramente egoica é analisado por Gusdorf a partir dos textos de cunho espiritual, como as confissões. Essas características que ele aponta como sendo necessárias ao autor de um texto memorial são as mesmas necessárias ao cristão que se põe diante de Deus a confessar seus pecados. “La regla de la confesión de los pecados viene a dar al examen de conciencia un carácter a la vez sistemático y obligatorio”⁴⁴ (GUSDORF, 1991a, p. 5.). Assim, escrever-se é, de alguma forma, apresentar-se ante Deus, dando-Lhe um humilde balanço das contas, não obstante com todos os recursos retóricos que sejam utilizados.

“Apenas uma amostra de como não conhecemos os Mundos além do nosso: para nós, cristãos confessar fraquezas próprias é testemunho positivo. No Leste, é autocrítica, inteiramente desmoralizada...” (CAMARA, 2009b, p. 78). Ao iluminar as partes mais escuras e escondidas de sua existência o homem supõe escrever ensinamentos úteis à espiritualidade moderna.

O outro conceito desenvolvido por Georges Gusdorf é *les écritures du moi*, um aporte fundamental à discussão do gênero autobiográfico, uma vez que ele supõe uma visão multidirecional sob o texto, contemplando aspectos históricos, psicológicos, fenomenológicos, ontológicos, existencialistas, estético-linguísticos e éticos. Com a ressalva de que essas visões ou aspectos são maneiras de conceber a autobiografia, são todos pontos de vista que permitem analisar e interpretar este fenômeno complexo e constituem um esforço epistemológico que visa a proporcionar um conhecimento antropológico sobre a história de uma personalidade.

⁴³ Sugestão de tradução proposta pela autora: “Eu suponho que minha existência importa ao mundo e que minha morte deixará o mundo incompleto. Ao contar minha vida, eu me manifesto para além da morte, a fim de que esse capital precioso não desapareça”.

⁴⁴ Sugestão de tradução proposta pela autora: “A regra da confissão dos pecados vem para dar ao exame de consciência um caráter, ao mesmo tempo, sistemático e obrigatório”.

Este esforço de reunir os elementos dispersos de uma vida e de agrupá-los em um esquema coerente e coeso, diferente do que possa ser percebido num retrato ou num quadro, é feito numa perspectiva de longa duração, será tanto mais longo quando o destino do autor.

El cuadro representa el presente, mientras que la autobiografía pretende retrazar una duración, un desarrollo en el tiempo, no yuxtaponiendo imágenes instantáneas, sino componiendo una especie de filma siguiendo un guion preconcebido. El autor de un diario íntimo, anotando día a día sus impresiones y sus estados de ánimo, fija el cuadro de su realidad cotidiana sin preocupación alguna por la continuidad. La autobiografía, al contrario, exige que el hombre se sitúe a cierta distancia de sí mismo, a fin de reconstituirse en su unidad y en su identidad a través del tiempo⁴⁵. (GUSDORF, 1991a, p. 4).

Ainda que se escreva uma biografia, o autor dela é limitado por não captar as intenções do biografado, guiando-se pelos significados que atribui aos signos, sua história tende a uma construção novelesca. Por outro lado, se o personagem decide empunhar a caneta, pode significar que queria fazer justiça a si mesmo, uma vez que só ele é capaz de vencer a barreira erguida pela vida privada, nesse sentido Dom Helder escreveu uma pequena meditação: “É preciso confessar que a visão que a Imprensa costuma deixar-nos dos acontecimentos e das próprias Pessoas está longe de ser limpa... Não é por acaso que em geral, as mãos se sujam lidando com jornais...” (Pe. JOSÉ, 1976, f. 7476) [Meditação. **É preciso confessar**. Recife, 13/14.2.1976].

A rememoração da existência obriga o autor a situar-se na perspectiva do que foi. O passado é posto numa balança em que o fiel é a unidade pessoal, num dos pratos equilibra-se o momento vivido, nublado pelo dinamismo da situação, e no outro, essa segunda leitura do passado, refinada pela perspectiva de ver o todo. Pensando nisso, o homem que rende contas de sua vida, segundo Gusdorf (1991) é alguém dedicado a um trabalho de justificação pessoal cujo pecado é, justamente, buscar uma coerência lógica e racionalizada do ponto de vista narrativo que parece decorrer do real vivido.

Esse Helder que pode parecer coerente e coeso, que se escreveu em cartas e anotações pessoais, ao longo de mais de uma década ressignificou

⁴⁵ “O quadro representa o presente, enquanto a autobiografia procura redesenhar um desenvolvimento duradouro no tempo, justapondo não os instantâneos, mas compondo uma espécie de filme seguindo um roteiro pré-concebido. O autor de um diário, escrevendo impressões diárias e seus estados de ânimo, define a imagem de sua realidade quotidiana, sem qualquer preocupação de continuidade. Autobiografia, ela exige que o homem seja colocado a uma distância de si mesmo, para ser reconstituída na sua unidade e sua identidade ao longo do tempo” [Tradução livre da autora].

profundamente a faceta mais popular de sua existência, o sacerdócio. Ele reescreveu as palavras do príncipe de Lampedusa, ao dizer que é preciso mudar muito para ser sempre o mesmo.

2.4 O paradigma indiciário e o epistolário de Dom Helder Camara

O paradigma indiciário surgiu, segundo Ginzburg (2002), nos últimos anos do século XIX, e seu primeiro postulador foi o italiano Giovanni Morelli que o aplicou na análise de objetos de arte, notadamente, telas e esculturas, “um novo método para atribuição [de autoria] dos quadros antigos” (GINZBURG, 2002, p. 144). Descreveremos sucintamente o que foi proposto por Morelli e publicado entre os anos de 1874 e 1879, na revista de arte alemã *Zeitschrift für bildende Kunst*. Embora os textos sejam de sua autoria Morelli os assinou com o pseudônimo de Ivan Lermolieff.

O essencial consiste na identificação das peças, distinguindo os originais das cópias; para fazê-lo, “é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros. [...] pelo contrário é preciso examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia” (GINZBURG, 2002, p. 144). Aplicado em vários museus da Europa, o método mostrou-se eficiente, mas seus críticos o consideravam mecânico e severamente positivista, o que o colocou em desuso.

Os estudos de Morelli foram retomados por Edgar Wind, que via nos trabalhos do italiano os traços necessários para uma leitura moderna em relação à obra de arte, embora houvesse claramente um equívoco de interpretação, já que a finalidade do trabalho de Morelli “não colocava problemas de ordem estética [...], mas sim problemas preliminares, de ordem filológica” (GINZBURG, 2002, p. 145). Foi, porém, Wind quem atribuiu a Morelli um aspecto criminal ao seu trabalho de análise: “os livros de Morelli [...] estão salpicados de ilustrações de dedos e orelhas, cuidadosos registros de minúcias características que traem a presença de determinado artista, como um criminoso é traído por suas impressões digitais” (WIND *apud* GINZBURG, 2002, p. 145).

Posteriormente, este método foi comparado ao modo perspicaz como um detetive – o personagem da literatura inglesa, de Sherlock Holmes – idealizado por Arthur Conan Doyle. Assim como Morelli, Sherlock procura identificar, a partir das narrativas, os indícios imperceptíveis à maioria das pessoas. De todos os seus casos⁴⁶ destaca-se, em especial, “A caixa de papelão”, publicado originalmente em 1892, pois nele, mais do que nos outros, o objeto de investigação são orelhas e Sherlock soluciona o caso graças ao seu impressionante conhecimento sobre biologia humana.

Ginzburg sustenta em seu texto⁴⁷ que Doyle pudesse ter conhecido os trabalhos de Giovanni Morelli, isto porque, entre outras coisas, o tio do escritor americano teve contato direto com o escritor italiano; a parte disso, a tradução dos textos de Morelli para o inglês ocorreram quatro anos antes da publicação da primeira aventura de Sherlock. Em todo caso, o fato é que se pode atribuir ao personagem uma popularização do método de investigação.

Outro aspecto ressaltado pela releitura feita por Edgar Wind é o fato de que “a personalidade deve ser procurada onde o esforço pessoal é menos intenso” (WIND *apud* GINZBURG, 2002, p. 146). Nesse sentido, a análise crítica sobre os gestos inconscientes pode revelar muito a respeito do caráter, mais até do que os gestos cuidadosamente preparados. Aqui surge a figura do terceiro expoente teórico, Sigmund Freud, notadamente no seu ensaio “O Moisés de Michelangelo”. À diferença de Conan Doyle, sabe-se que Freud leu os trabalhos de Morelli, pois o cita,

muito antes que eu pudesse ter ouvido falar em Psicanálise, fiquei sabendo que um conhecedor de arte, o russo Ivan Lermolieff, cujos primeiros artigos foram publicados em alemão entre 1874 e 1876, provocou uma revolução nas galerias de arte da Europa, reviu a atribuição de muitos quadros a um único pintor, ensinou a diferenciar entre cópias e originais e, a partir de obras libertas de suas caracterizações anteriores, construiu novas individualidades artísticas. Ele realizou isso, na medida em que abstraiu a impressão geral e os grandes traços de um quadro e destacou o significado característico de detalhes subestimados [...]. Mas considerei muito interessante quando soube que por trás do pseudônimo russo se escondia um médico italiano de nome Morelli (FREUD, 2017, p. 197).

⁴⁶ Para esta tese optamos por usar a coleção de nove volumes publicada, a partir de 2005, pela Editora Zahar. Os cinco primeiros volumes são de contos (1. As aventuras de Sherlock Holmes; 2. As memórias de Sherlock Holmes 3. A volta de Sherlock Holmes; 4. O último adeus de Sherlock Holmes; 5. Histórias de Sherlock Holmes) e os quatro últimos são os romances (6. Um estudo em vermelho; 7. O signo dos quatro; 8. O cão dos Baskerville; 9. O vale do medo). A escolha deve-se ao fato da coleção apresentar-se como definitiva, comentada e ilustrada, com edição e notas feitas por Leslei S. Klinger.

⁴⁷ Nota nº 10, do capítulo “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, página 262.

As contribuições de Freud ao método indiciário podem ser interpretadas melhor com a leitura da obra “Psicopatologia da vida cotidiana” (1996), na qual descreve uma série de pequenos casos, dando ênfase à descrição dos sintomas, dedicando-se a leitura de dados marginais, considerando-os como potenciais reveladores do espírito humano. Freud reafirma que o médico jamais alcançará a doença, pois dela pode apenas estudar os sintomas, as ocorrências; também por isso, deve estar atento a toda as informações que possam lhe dar os pacientes, ainda que elas cheguem até os médicos de forma não intencional. Não por acaso os três autores que Ginzburg reúne como teóricos do método indiciário têm formação em medicina.

Apresentadas as origens e os teóricos, voltemos ao objeto central desta tese e de como o método indiciário poderá ser útil como ferramenta metodológica. Efetivamente este método tem como base a decifração, uma vez que ele se refere a entender e explicar o passado, em oposição a uma ideia de adivinhação, a respeito do futuro. A técnica é simples, os manuscritos submetidos a esta análise, neste caso cartas, anotações para retiros e cadernos de anotações, foram primeiro ser lidos, em ordem preferencialmente cronológica, já que o objetivo era entender o conteúdo das narrativas e não a razão pela qual foram arquivados deste ou daquele modo. “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimental diretamente” (GINZBURG, 2002, p. 152).

No caso dos manuscritos produzidos por Dom Helder, foram lidos todos os textos que conseguimos localizar, tanto nas caixas dos arquivos de Cecília, quanto nas Cartas já publicadas. O primeiro critério de seleção aplicado aos textos foi a datação, sendo excluídos todos aqueles produzidos depois do ano de 1964; mantivemos os textos anteriores a 1955, somente quando havia uma referência direta a eles, nos documentos que restaram. Depois, respeitando a ordem de guarda de cada coleção, identificamos os textos que, embora tivessem grafados com a letra de Dom Helder, não eram de sua autoria e, por fim, retiramos os manuscritos cujos conteúdos não estivessem diretamente relacionados à pesquisa ou ao seu contexto.

Outro aspecto importante salientado por Ginzburg (2002) é de que o conhecimento do historiador acerca do fato é se assemelha ao de um médico sobre uma doença e é, portanto, indireto, indiciário e conjectural. Para, então, interpretar os conteúdos dos textos, recorreremos ao conceito de interpretação de Umberto Eco

(2005; 2015). Reconhecemos, desde o princípio, que se trata de manuscritos de natureza diversa, escritos em períodos diferentes e com destinatários variados, ainda que em menor grau. A análise considera, neste caso, que há uma aceitabilidade da mensagem e uma atribuição de relevância dentro de um arcabouço cultural partilhado tanto pelo transmissor quanto pelo receptor. Isto é importante porque em virtude do valor atribuído a elas é que essas memórias foram guardadas: supomos que Cecília tenha entendido ou atribuído aos textos um valor histórico, seja de cunho pessoal (do próprio Helder), ou seja de uma história maior, como a da Igreja do Brasil daquele momento.

Outro ponto que Umberto Eco aponta em seus estudos é a necessidade de compartilhar universos de sentido: as memórias de Helder fazem sentido a Cecília porque ela se vê neste contar historiográfico, supomos. Um último aspecto do semiólogo italiano nos é especialmente importante; neste caso, é aquilo que ele classifica como “estratégias discursivas”, que dizem respeito à tentativa de lidar com as dimensões virtualmente contidas no enunciado, ou seja, querendo prever um “leitor modelo”, o autor constrói o texto e tenta movê-lo de modo que, ao lê-lo, esse leitor exista. Mas retomaremos melhor essa ideia no capítulo quatro. “Diários íntimos e autobiografias são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Frequentemente, aliás, esses três aspectos se combinam” (CALLIGARIS, 1998, p. 43).

O trabalho de Ginzburg sugere que se recorra, quando necessário, a um estudo da grafia do autor, não para atestar a veracidade da autoria, mas para verificar aspectos da sua personalidade que ficam evidentes no seu ato de escrita, para isso sugere a leitura de Camilo Baldi, *Come da una lettera missiva si conoscano la natura e qualità dello scrittore* (1992).

3 DOS SERVIÇOS DOS PALÁCIOS ÀS FAVELAS: A VIRADA SOCIAL

As décadas de 1940 a 1960 podem ser descritas como um período de grandes mudanças no campo de atuação de Dom Helder. Em um primeiro momento, no campo civil, enquanto intelectual, ele passou do serviço burocrático público, no Ministério da Cultura e Educação, ao trabalho na educação formal, como professor nas recém-criadas Faculdades Católicas⁴⁸. Sucessivamente, no campo eclesiástico, foi nomeado Monsenhor (1948), depois Bispo (1952) e Arcebispo Auxiliar do Cardeal Jaime de Barros Câmara (1955). Nesse mesmo campo, assumiu as funções burocráticas de vice-assistente nacional da Ação Católica (1946) e de consultor da Nunciatura Apostólica (1948). Articulou a Criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1952), da qual foi escolhido secretário-geral e foi o organizador do Congresso Eucarístico Internacional de 1955. No início dos anos 60 destacou-se por sua participação ativa durante todo o Concílio Vaticano II e pelo seu empenho para colocar em prática as decisões no pós-concílio.

Não bastassem todas essas atividades, no plano social, fundou a Cruzada de São Sebastião e o Banco da Providência. Supomos, nesta tese, que essas vivências, associadas a acontecimentos de “menor importância” ou, de âmbito pessoal, tenham sido alguns dos aspectos que proporcionaram a assim chamada virada social do exercício sacerdotal de Dom Helder.

Outro fator que nos pareceu relevante ao fazer o levantamento das fontes foi o encontro e/ou convívio de Dom Helder com algumas figuras leigas e eclesiásticas, especialmente: Alceu Amoroso Lima, Cecília Goulart Monteiro, Virgínia Côrtes de Lacerda, os Papas João XXIII e Paulo VI, os Cardeais Pierre-Marie Gerlier e Jaime de Barros Câmara e o Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

Cruzando esses eixos das mudanças, no campo de atuação, com os eventos ditos de “menor importância”, entremeados pelas relações pessoais que

⁴⁸ Em 1939, o Primeiro Concílio Plenário Brasileiro se declarou favorável à criação da Universidade Católica. No início dos anos 40, começaram os trabalhos da Comissão para a Criação das Faculdades Católicas e, em julho daquele ano, numa sessão solene no Palácio de São Joaquim, foi apresentado o estatuto da “Sociedade Civil Faculdades Católicas”. Ainda em outubro de 1940 o Presidente Getúlio Vargas assinou o decreto nº 6.049, no qual autorizava as Faculdades Católicas a instalar os cursos de bacharelado em direito e sete cursos na Faculdade de Filosofia. Em 1941, ocorreu a solenidade de instalação desses cursos com as presenças de Dom Sebastião Leme, do Núncio Apostólico e do Ministro da Educação Gustavo Capanema, segundo o Núcleo de Memória da PUC/RJ ().

listamos acima⁴⁹, nos propomos refazer a sequência de acontecimentos vividos, de modo que, ao final, tenha-se, segundo o método indiciário, uma periodização e uma cronologia que nos ponha em perspectiva histórica o processo de (re)construção da identidade pública de Dom Helder – aquela que foi sendo forjada em parte pelos textos públicos de autoria do próprio Dom Helder como as entrevistas e, em parte pela análise feita por terceiros das ações e dos textos dele. O domínio dessa construção indenitária não pertenceu a Dom Helder e, muitas vezes, esse tipo de produção era feito justamente para procurar enaltecer aspectos da personalidade do sacerdote cearense que pareciam caluniosos aos olhos seus defensores mais fervorosos.

3.1 Do Congresso Eucarístico Internacional (1955) ao anúncio do Concílio Ecumênico Vaticano II (1959)

Em 1953, quando o Papa Pio XII anunciou, depois de longas negociações, como sede do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, o Cardeal arcebispo Dom Jaime Câmara, por sua vez, nomeou seu, à época, bispo auxiliar, Dom Helder, como presidente da comissão organizatória⁵⁰. O trabalho demandou, entre tantas coisas, preparar a cidade com a construção de um amplo espaço para as celebrações eucarísticas, providenciar alojamento e dispor de provisões de alimentos para autoridades e peregrinos e, para tudo isso, conseguir recursos financeiros.

Com incentivos fiscais de diversos órgãos públicos, as obras começaram a andar. Em poucos meses a “Praça da Fé”, como ficou conhecida a Praça do Congresso foi concluída. Uma obra de “330 mil metros quadrados, espaço tirado [d]o mar da Guanabara, com um aterro de 2 milhões de metros cúbicos de terra, transportados do Morro de Santo Antônio, por 200 caminhões, em tempo normal, e 300, em situação anormal de trabalho”, segundo a reportagem da revista *O Cruzeiro*,

⁴⁹ Dom Helder teve, ao redor de si, grandes homens e grandes mulheres. Todos, a seu tempo e a seu modo, ofereceram alguma contribuição para sua vida, inclusive muitos foram responsáveis por profundas transformações no seu modo de agir e de pensar. Nossa seleção não pretendeu ignorar, ou deixar esquecidas, pessoas como: Mons. Larraín, Bispo de Talca, no Chile, Dom José Vicente Távora, o “Eu”, e muito outros, tais como as demais mulheres que trabalharam com Dom Helder, seja no Rio de Janeiro, Aglaia Peixoto, Marina Bandeira, Marina Araújo, Maria Luiza Amarante, Hilda Azevedo, seja no Recife, Maria José Duperron Cavalcanti, Maria Lucia Moreira da Costa, para citar algumas. Todas e cada uma dessas pessoas merecem um trabalho à parte e esperamos que outros pesquisadores também se interessem pelo tema.

⁵⁰ Dom Helder seria, em 1955, promovido arcebispo, sempre como auxiliar do cardeal Câmara

de 1955⁵¹. Outras obras de infraestrutura como expansão do aeroporto Santos Dumont, alargamentos de rodovias e, obras de embelezamento da cidade como o Parque do Aterro do Flamengo, também datam deste período

Outra frente para obtenção de recursos eram as campanhas nacionais de doações, promovidas em meios de comunicação de massa, como revistas de circulação nacional e programas de rádio e televisão⁵². Motivadas, muitas famílias brasileiras doaram joias – tantas que as duas custódias do Congresso puderam ser confeccionadas nas seguintes composições, segundo a revista O Cruzeiro, supracitada: a custódia maior tinha “pedras incrustadas: 56 brilhantes e diamantes; 1.029 pedras semipreciosas e 1 berilo azulado com 790 gramas”, de modo que seu peso total era “140,198kg de prata dourada” e media dois metros e meio. Já a custódia central pequena (removível) pesava 7,856 kg de ouro, media 75 cm e possuía 5.696 brilhantes e diamantes e 184 pérolas e pedras semipreciosas. Muitas famílias brasileiras também cederam suas casas para abrigar os peregrinos ou trabalharam voluntariamente em mutirões cozinhando, ajudando no deslocamento ou, simplesmente, informando os visitantes. Transcrevemos aqui integralmente o editorial que abriu a revista O Cruzeiro que citamos nesta seção do capítulo:

Era uma cidade inteira a se agitar e a se angustiar a trabalhar e a indagar. Mas olhastes nossos corações, Senhor. E vosso olhar foi de amizade. Vossa amizade multiplicou as energias, devastou a indecisão, dissipou o medo. Porque, Senhor, tínhamos medo. Deveis ter sorrído com benevolência vendo nossa aflição. Jamais tínhamos promovido tal homenagem. Vosso olhar de amizade veio em nosso socorro. Lembro-me daquela manhã em que um de vossos servos, D. Helder, erguendo os braços para o céu, pediu socorro aos anjos. 'Que os anjos da Eucaristia nos ajudem!' E sua Voz foi ouvida. Os anjos acudiram. Quando braços operários punham a terra no chão da Praça, os anjos estavam junto. Quando foi preciso multiplicar o pão para os peregrinos, os anjos abriram caminho. Quando alguém parecia sucumbir, os anjos o reanimavam. e estando pronta a Praça e tendo vindo os peregrinos, os anjos labutavam ainda, lado a lado, conosco. As almas começaram a se engalanar para vos receber. E então, Senhor, tivemos uma experiência nova. Começamos a nos sentir um pouco anjos também. Quando se acenderam as primeiras luzes da Praça do Congresso, luzes interiores jorravam dentro de nós. Apreensões e tristezas desapareceram de nossas almas. Olhávamos uns para os outros em júbilo. E quando nos chamávamos uns aos outros de irmãos, já havíeis desembarcado em nosso porto. Aceitando nossa pobre hospitalidade, visitastes vosso povo e vos fizestes nosso irmão. Vinha de vós a boa-vontade fraterna com que todos se ajudavam. Vinha de vós a nossa alegria. E era vossa, a voz irresistível que chamou tantas e tantas almas para vosso seio. Aquele alheamento total a todas as ocupações que não fosse a

⁵¹ Nos referimos ao número 43/ano XXVII da revista O Cruzeiro, publicada com data de 06 de agosto de 1955, à época, dirigida por Antônio Accioly Netto.

⁵² Os anos de 1950 assistiram à rápida expansão da televisão – como uma rede imagens – nas principais cidades do Brasil;a, até 1961 já havia, no território nacional, mais de vinte emissoras instaladas.

de vos agradar, também vinha de vossa presença. Os habitantes do Rio experimentaram a vossa amizade, sentiram a vossa doçura. Não poderão passar sem a vossa presença. Lembrai-vos, Senhor, de que, por muitos dias, experimentamos a maravilhosa sensação de sermos um pouco anjos, também. Jamais poderemos voltar a ser de novo aqueles secos indivíduos, aqueles amargos e tristes seres que fomos ontem. Lembrai-vos, hóspede querido, de que, com nossos lenços brancos, adejando em vossa honra, como se fossem toscas asas, ensaiávamos um movimento seguro em vossa direção. Agora, a beleza daquele instante ficará dentro de nós para sempre. A visão incomparável da Praça do Congresso inundada de luzes repleta de almas que louvavam o Senhor, será um patrimônio nosso. Já ontem, chorávamos de saudade. E vós, Senhor, não sentireis saudade de nós? Agora que sabeis que somos uma parte do vosso coração, já não podereis vos ausentar. Como podereis passar, Jesus, sem aqueles rostos que vos rodearam, sem aqueles corações que bateram de alegria por vós, sem aquelas lágrimas tão doces que foram derramadas aos vossos pés? Como podereis ficar longe daqueles homens genuflexos, daquelas crianças, daquelas mulheres que vos estreitaram junto ao coração? O Rio de Janeiro inteiro se transformou em casa vossa. Oh, Senhor, não vos afasteis jamais. Ficai conosco, Senhor! (Lúcia Benedetti⁵³. Ficai conosco, Senhor!. O Cruzeiro, editorial, 06 ago. 1955, s.p.).

Passado o Congresso, era tempo de refletir criticamente a respeito do que o evento trouxe para a cidade, para a igreja do Brasil e, para Dom Helder, pessoalmente. Neste exercício é impossível não trazer à memória a figura de Gerlier, o Cardeal de Lyon, que conforme apontamos anteriormente, perguntou a Dom Helder porque ele não usava os dons que Deus lhe deu para acabar com as favelas do Rio de Janeiro. A resposta não demorou muito e, nem veio sob a forma de palavras vazias... A revista Manchete – edição de 12 de novembro de 1955 – anuncia: “Dom Helder: vamos humanizar as favelas” e afirma, em reportagem de quatro páginas:

Esse milagre, tantas vezes anunciado, nunca se deu, os favelados já não acreditam mais nele. Mas D. Helder acredita – e para que o Milagre se realize, põe novamente em pé de guerra a sua coragem de cruzado e a sua fé de apóstolo. E arma na praia do Pinto como as tábuas da Praça do Congresso, onde venceu a última batalha, a sua nova trincheira (SILVEIRA, 1955, p. 7).

Na verdade, continua a reportagem, ele nunca pretendeu extinguir as favelas, mas “humanizá-las”, na medida em que pensava nas questões relacionadas ao deslocamento, ao acesso aos serviços públicos básicos e, sobretudo, no fato de que os moradores aquelas áreas mereciam, como todos, dignidade. Seu ambicioso projeto ainda segundo a mesma entrevista, tinha “um plano a longo prazo – de 12

⁵³ Lúcia Benedetti (1914-1998) foi uma renomada autora brasileira, nascida em São Paulo e radicada no Rio de Janeiro, é considerada precursora do teatro infantil no Brasil, escreveu também romances adultos e contos; enquanto morou em Nova Iorque, escreveu para o New York Times.

anos, até o IV Centenário da fundação do Rio de Janeiro, a 20 de janeiro de 1967⁵⁴, e um plano de emergência – em 4 meses, para provar com a urbanização de uma favela (no caso, a da Praia do Pinto) que a campanha é viável” (SILVEIRA, 1955. p. 8). E se o trabalho foi digno de um cruzado, como escreveu Joel Silveira, ele não agiu sozinho, aqui apareceu uma figura cuja experiência na Fundação Leão XIII⁵⁵, foi fundamental para dar o ritmo dos trabalhos que seria capaz de mudar a condição infra-humana das inúmeras favelas cariocas, graças aos seus postos de auscultação e assistência: Dom José Vicente Távora foi fundamental.

Explicou mais D. Helder que o seu movimento não era uma ação católica em benefício exclusivo dos católicos. Não importava à Cruzada o credo religioso de quem quer que fosse ou sua situação pessoal. Católicos, casados, espíritas, amasiados, protestantes, todos ali viviam na miséria, na lama, todos vegetavam no mesmo desamparo na mesma ruína. E a miséria não era católica ou protestante. A miséria era a miséria. Eram palavras francas as daquele padre franzino – e vinha toda a sua pessoa, que a princípio lhes parecia tão significativa, a segurança de quem não estava mentindo (SILVEIRA, 1955, p. 9).

A Cruzada de São Sebastião foi a primeira grande obra social dirigida por Dom Helder. Oficialmente, ela nasceu em 29 de outubro de 1955 e, foi também a primeira resposta concreta ao chamado do Cardeal Gerlier. As obras da Cruzada exigiram um grande esforço da equipe de trabalho, e proporcionaram um novo olhar sobre a situação econômica das famílias daquelas áreas do Rio de Janeiro. O problema não era novo; recorrente nas campanhas de prefeitos, governadores e presidentes, as favelas eram um problema de ordem nacional.

Como o ambicioso projeto de Dom Helder, para sair do papel, precisava de vultosos recursos, ele recorreu às instâncias mais altas da sociedade civil, a empréstimos nos bancos e ao governo federal, este último, na pessoa do presidente

⁵⁴ A data de fundação da cidade do Rio de Janeiro gera, entre os pesquisadores, muitas controvérsias. Há, pelo menos, duas datas possíveis; a primeira, relacionada ao desembarque dos portugueses, em 1º de março de 1565 e, a outra, faz referência à reconquista do território, com a expulsão dos franceses da França Antártica, em 20 de janeiro de 1567. Durante a década de 60 a celebração oficial da data de fundação da cidade passou do dia 20 de janeiro, também o dia de São Sebastião, para a data do desembarque dos portugueses, porque Carlos Lacerda, queria celebrá-la ainda durante seu governo. No entanto, quando o texto foi escrito, em 1955, esperava-se comemorar o IV centenário no ano de 1967.

⁵⁵ Segundo Igor: “A Fundação Leão XIII foi criada na cidade do Rio de Janeiro, no dia 22 de Janeiro de 1947 (...) Suas ações assistenciais, no período de 1947 até 1962, foram marcadas pela atuação concomitante em 33 favelas na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo essas ações variando em níveis de intervenção, garantiram algumas necessidades sociais jamais proporcionadas anteriormente pelo Estado nesses espaços, como as questões de educação, alimentação, saúde, lazer, apoio jurídico e urbanidades (ROBAINA, 2003, p. 176).

Café Filho, que prometeu recursos do Tesouro Nacional. Entre a promessa e a concretização da chegada dos recursos tardaram dezenove meses, por razões políticas: foi um período conturbado da política nacional⁵⁶. O grande facilitador da obra habitacional do “bispo das favelas” foi o visionário presidente, recém-eleito, Juscelino Kubistchek, uma parceria que rendeu, entre outras coisas o rompimento da relação de Dom Helder com o jornalista, e futuro governador, Carlos Lacerda, a quem era ligado por profunda afeição e a quem orientava espiritualmente, estampada na capa do jornal *Tribuna da Imprensa*, de 26 de março de 1956, e na página 4 da mesma edição do jornal, onde se pode ler a carta de Lacerda a Dom Helder,

Não há solução para as favelas enquanto não for feita a reforma agrária que o PSD impede e o PTB não faz [...] Tratar das favelas é uma altíssima missão que V. Exa. se impôs e, portanto, à Igreja como sociedade civil. Mas a missão fundamental da Igreja, melhor que eu V. Exa. sabe e sente, não pode nem deve, de modo nenhum, ser mitigada e ainda menos comprometida por essa momentânea ação social, por mais importante que seja. Na medida em que a ação social nas favelas possa criar condição de vida condigna, compatíveis com o próprio exercício de direitos e deveres que a Democracia impõe, perfeito. Mas à medida que os compromissos de ordem financeira e outros, que a Igreja, sociedade civil, se obriga para cumprir a missão temporal que se impõe, servir para dar palco à exibição demagógica dos Oligarcas e, em geral, dos que denominam e exploram, sufocam e degradam a consciência do povo, então estaria tudo errado e a Igreja se identificaria, aos olhos do povo, com a Oligarquia: exatamente o que mais convém aos inimigos. [...]. Quando V. Exa. se entrega, com a dedicação e o admirável ardor apostólico que lhe são próprios, à obra de recuperação das favelas, presta ao povo e à Igreja um serviço excepcional. Mas se, para isto, tiver V. Exa. de pagar o preço de exhibir o Sr. Kubistchek, ou quem quer seja no comando da Oligarquia, como autênticos dirigentes democráticos, em troca do auxílio que esse ou aquele demagogo prometera dar à sua obra, então por amor à árvore V. Exa. estaria destruindo as sementes de onde nascerá a floresta (LACERDA, 1956, p.4).

A resposta de Dom Helder não tardou em aparecer, no mesmo jornal, na edição de 2 de abril, uma página inteira é dedicada à resposta do arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro ao jornalista Carlos Lacerda,

Meu prezado Amigo,
A sua carta, que tive conhecimento pela TRIBUNA DA IMPRESA de 26 do mês passado, me dá a ocasião provincial de prestar, a você e a amigos seus e meus, importantes esclarecimentos sobre a minha posição em face do Governo, do Congresso Eucarístico para cá. Confesso que, embora sem a pretensão de modificar seus pontos de vista e os de muitos amigos que, inclusive, ficarão magoados com minha resposta, me sinto, uma vez

⁵⁶ João Fernandes Campos Café Filho foi o vice-presidente de Getúlio Vargas, assumiu a presidência de República após o suicídio de Getúlio e, permanecendo no cargo até novembro de 1955, tendo sido afastado por problemas de ordem médica. Sucedeu a Café Filho, o presidente da Câmara Carlos Luz (PSD) que entrou para a história nacional como o mandato presidencial mais curto da história – durou de 08 a 11 de novembro. A façanha deve-se ao movimento orquestrado pelo general Henrique Lott que pretendia garantir a posse do presidente eleito Juscelino Kubistchek.

interpelado, na obrigação moral de falar, para não pecar por omissão.[...] Para você, o Governo que aí está é ilegítimo: foi restaurada a 11 de novembro a Oligarquia. Aparecer de público com o presidente da República, recebê-lo como dirigente democrático, receber subvenções do atual Poder Público é retardar o processo de restauração da democracia que espera das Forças Armadas, e abrir caminho para a guerra civil. [...] Nossas relações com o Governo se passam no plano das relações entre Poder Espiritual e o Poder Temporal com vistas exclusivas ao bem comum. Jamais entramos nos Palácios da República para levar indicações políticas, veicular lisonjas ou solicitar favores pessoais. Nossas visitas e nossas conversas bem poderiam ser públicas. Não há acordos secretos não há combinações suspeitas nem mesmo compromissos implícitos. Quando pleiteamos dos Representantes do Povo dinheiro do povo para aplicar para o bem do povo não nos julgamos, de modo algum, direta ou indiretamente, comprometidos com o Governo que não nos faz favor nenhum, mas apenas leva o Estado a cumprir sua missão supletiva no tocante à assistência social.[...] Realize-se em plenitude, querido amigo. Deus lhe deu, Carlos, dons invulgares que você não tem o direito de usar, quase exclusivamente, a serviço da destruição. É verdade que você destrói pensando em construir. Mas se especializa cada vez em derrubar, em combater... (CAMARA, 1956, p.4).

No mês seguinte houve, entre os dias 21 e 26 de maio, em Campina Grande (PB), o I Encontro de Bispos do Nordeste, reunião convocada pela CNBB, com total apoio da Nunciatura Apostólica. Entre os temas debatidos estavam: planejamento e investimento; agricultura, crédito rural e colonização; serviços sociais e educativos; o problema da eletrificação do Nordeste e a contribuição da CHESF para sua solução; problema de execução imediata; a Igreja em face dos problemas do Nordeste. Os bispos que subscreveram⁵⁷ o documento, ao final do Encontro, iniciaram o relatório afirmando que

A ninguém cause estranheza ver-nos envolvidos com problemas de ordem material. Para o homem, unidade substancial de corpo e alma, a inter-relação entre questões materiais e questões espirituais é constante. Não cause também espécie ver-nos aparentemente muito ligados a Órgãos de Poderes Públicos. No lugar oportuno ficará bem clara a absoluta independência com que agimos, de Poder Espiritual e Poder Temporal, com a maior isenção de ânimo e com o mais elevado propósito de servir.

Moveram-nos a fé, a esperança e a caridade. Fé na Providência Divina que, em seus desígnios eternos, nos confiou os nordestinos como filhos. Esperança na graça divina que nos suprirá as deficiências no ver, no julgar e no agir. Caridade para com Deus e para com o próximo, inclusive e sobretudo

⁵⁷ D. ANTONIO, Arcebispo de Fortaleza, rep. D. Expedido Eduardo, auxiliar; D. MOISES, Arcebispo da Paraíba, rep. D. Manoel Pereira, auxiliar; D. RANULFO, Arcebispo de Maceió, rep. D. Adeldo Machado, Arceb. coadj.; D. JOSÉ, Arcebispo de S. Luiz, rep. D. José Távora, aux. Rio de Janeiro; D. ANTONIO, Arcebispo de Olinda e Recife; D. MARCOLINO, Arcebispo de Natal, rep. D. Eugenio Sales, auxiliar; D. AVELAR, Arcebispo de Teresina; D. JOSÉ, Bispo de Sobral, rep. D. Expedito Eduardo, auxiliar de Fortaleza; D. JOÃO, Bispo de Barra; D. FERNANDO, Bispo de Aracajú, D. JOÃO, Bispo de Nazaré; D. FRANCISCO EXPEDITO, Bispo de Garanhuns; D. PAULO, Bispo de Caruarú; D. FELÍCIO, Bispo de Penedo; D. ELISEU, Bispo de Mossoró, por si e por D. Francisco Pires, Bispo de Crato; D. ADELINO, Bispo de Caicó; D. OTÁVIO, Bispo de Campina Grande; D. HELDER, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Secretário Geral da C.N.B.B.; D. AURELIANO, Bispo de Limoeiro, rep. Por D. Expedito Eduardo, auxiliar de Fortaleza; Mons. SAMPAIO, Vigário Capitular de Pesqueira. Segundo o PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO 1966-1070.

para com aqueles que nos foram entregues e pelos quais responderemos no último dia (ROCHA, 2016, p. 85-86).

Esse encontro serviu de base para que, anos mais tarde, conforme retomaremos neste texto, ao dar início à Operação Nordeste, o presidente do Brasil e seus assessores para a causa do Nordeste convocassem a Igreja para caminhar junto no processo de desenvolvimento desta região.

Em meados do ano de 56, a grande preocupação de Dom Helder era achar uma forma definitiva de resolver o problema de dinheiro da Cruzada. A saída foi pedir ajuda financeira ao presidente Juscelino, a partir de uma ideia de autofinanciamento: que, com autorização do Governo Federal, da Marinha e da Prefeitura do Rio de Janeiro, áreas da Baía de Guanabara fossem aterradas, loteadas e vendidas, a exemplo do que ocorrera três anos antes, para a construção da Praça da Fé, do Congresso Eucarístico. Na proposta do arcebispo auxiliar, o dinheiro proveniente dessas vendas seria destinado a financiar as obras da Cruzada.

Juscelino entusiasmou-se com a ideia e convenceu o prefeito da cidade, Francisco Negrão de Lima, o ministro da Marinha, almirante Alves Câmara, e o diretor do Serviço do Patrimônio da União, Romero Estelita, a preparar a doação dos terrenos para a Cruzada ainda em julho de 56. Os terrenos ainda estavam alagados quando as primeiras vendas foram feitas, no início do ano seguinte, graças a credibilidade de Dom Helder, do projeto da Cruzada e da Arquidiocese junto aos empresários. Com isso melhorou a situação financeira do empreendimento (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 239).

No mesmo mês de julho, o pai de Dom Helder faleceu. Alegrias e tristezas caminham juntas, como é próprio de todo ser social.

Morávamos em [na] Voluntários da Pátria, em apartamento térreo e um andar, quando ele teve o 1º enfarte. Vi-o descer as escadas, pálido, dizendo: “Seja feita a vontade de Deus. seja feita a vontade de Deus. Seja feita... a frase foi partida ao meio. Ele caiu sem sentidos. Veio o Pronto-socorro, [f. 9] fez sangria. Eu dei extrema-unção. Ele ficou em coma a noite toda. Acordou às 8 horas da manhã do dia seguinte. Chamou-me e lembrando que, como Padre, eu não poderia enganar, quis saber, exatamente, o que tivera. Conteí tudo. Poucos minutos depois, tornou a chamar-me e comentou amável: “Quer dizer que esta vidinha, agora, Deus me deu de quebra”. Eu estava de Retiro, na Gávea, quando o 2º enfarte o levou. Mas tenho certeza absoluta de que ele se entendeu com o Pai (CAMARA, 1972, f. 08 - 09) [Carta Circular nº 63, Recife 08/09.12.1972].

O ano de 1957 marca a inauguração dos prédios da Cruzada, o sucesso da obra social despertou atenção, interesse e ciúme, conforme descrevem os biógrafos de Dom Helder:

É provável que esse sucesso de sua iniciativa incomodasse alguns membros da Igreja. Ainda mais porque Dom Hélder receberia a visita de várias autoridades eclesiais interessadas em conhecer seu projeto de urbanização das favelas cariocas; com isso, despertava uma pontinha de ciúmes no próprio Cardeal Dom Jaime (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 247).

Em 1958, grandes mudanças ocorrem na Igreja católica, o então Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, com 77 anos, foi eleito Papa, e escolheu o nome de João XXIII. Alceu Amoroso Lima assim o descreve, com um juízo crítico, simpático, mas pouco entusiasta (do qual se arrependerá anos mais tarde), numa carta de 29 de outubro de 1958,

O novo Papa é essencialmente paternal. E até os comunistas o classificam de “um conservador paternalístico”. Não é um sucessor de Pio XII que juntava paternalidade com santidade e genialidade política e intelectual. Este é puramente paternal. [...] E não podendo vir logo o verdadeiro sucessor de Pio XII – o Pio XIII que será uma réplica de Leão XIII, daqui a alguns anos, se os Cardeais que o nosso pai e xará⁵⁸ João vai nomear ouvirem o Espírito Santo (como estes de hoje ouviram) – não podendo vir um Pio XIII, que venha um Joãozinho vinte e três, Papa pro tem, como dizem aqui. Essa última expressão, latina abreviada de pro tempore, é usada aqui para significar interinidade. O meu diretor aqui, por exemplo, o Dean Pollock de que já tenho falado, é diretor pro-tem do Brazilian Institute, isto é, enquanto não é nomeado o diretor efetivo. Assim fizeram os Cardeais do Conclave. Como não era possível eleger logo o verdadeiro sucessor de Pio XII, e a maioria tinha cabeça no lugar e não aceitaria o candidato extremista, a solução tinha que ser conciliatória: um homem bonachão, gordo, paternal, hábil, moderado, bem pastoral e que não terá a menor pretensão de suceder a Pio XII, mas de marcar o lugar para seu verdadeiro sucessor. Enquanto isso, poderá fazer um grande bem a todos nós e à Igreja, com sua bondade pastoral, sua simplicidade, seu jeito de vigário de aldeia, seu moto tão simpático Obedientia et Pax. Basta que tenha Paz no seu escudo de armas ou na sua divisa, para que eu o tenha no coração. De que precisa o mundo de hoje, mais do que tudo, senão de espírito pastoral, paterno e pacífico? Os três pés de João XXIII estão bem mostrando o dedo do Espírito Santo (LIMA, 1966, p. 11-12)⁵⁹

Considerado entre os seus pares como um *Papa de transição*, a figura humana de João XIII não passou despercebida a Dom Helder. Imbuído de coragem e

⁵⁸ Segundo a mesma publicação de onde copiamos a citação, o nome de oblato beneditino do Dr. Alceu Amoroso Lima, era João Batista.

⁵⁹ O candidato “extremista” ao qual o texto faz referência era o Cardeal Giuseppe Siri, de Gênova, criado cardeal quando tinha 47 anos, em 1953. No Conclave que elegeu João XXIII, tinha ainda 53 anos. Correntes conservadoras da Igreja acreditavam que ele seria eleito Papa. No entanto, os que temiam eleger “um padre eterno” preferiram Roncalli, enquanto o futuro sucessor, que todos imaginavam, como realmente foi, seria o então arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini, que Pio XII não quis fazer cardeal, em 53, mas que o novo Papa criou imediatamente. Em seu texto, o eminente leigo brasileiro reconhece em Roncalli ao menos duas características: “hábil” e “moderado”, que fazem referência direta à sua longa carreira diplomática, entre 1925 e 1953. O futuro papa atuou com Visitador Apostólico na Bulgária, de 1925 a 35 e como Delegado Apostólico na Grécia e Turquia, de 35 a 44, quando foi promovido Núncio Apostólico na França. Essas atuações, marcadas pela sua capacidade conciliatória, destacaram sua maneira simples e sincera de diálogo.

audácia, o arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro escreveu uma carta para ser entregue, por meio de seu superior – Cardeal Câmara, ao Papa recém-eleito. O manuscrito original tem 07 páginas, é datado de 04 de novembro de 1958⁶⁰. A carta é o instrumento usado por Dom Helder para transmitir aquilo que chamou de “ainda em caráter informal, um Apelo”. Reproduzimos a transcrição do documento, para que possamos analisá-la, segundo o método indiciário, em seguida.

[f.01] Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1958

Santíssimo Padre

Permita-me, que aproveitando os bons ofícios do Exmo. Cardeal D. Jaime Camara, transmita a V[ossa] Santidade ainda em caráter informal, um Apelo que, muito de propósito, desejei levasse a data auspiciosa e felicíssima de Sua Coroação.

Vossa Santidade ao enviar ao Brasil a Sua primeira Benção informou ao Exmo. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro que um grande desejo de conhecer nosso país. [f.-2] Não teríamos a veleidade de propor a concretização deste desejo de V[ossa] Santidade que tanto nos desvanece se não existissem razões ponderabilíssimas capazes de tomar, talvez, nosso sonho menos irreal e menos absurdo.

A Providência me inspirou a chamar de Operação Pan-Americana: revisão do panamericanismo em bases mais sólidas, partindo da indispensável premissa da necessidade e da urgência da comunhão da esperança para o subdesenvolvimento, de consequências tão desastrosas, seja banido de nosso Continente. [f.3] A operação se acha em pleno desenvolvimento: conta com o apoio irrestrito de todos os países latino-americanos e com a compreensão e apoio dos USA e, pessoalmente, do Presidente Eisenhower. Acontece, Santidade, que a Igreja com o CELAM, se antecipou à OPA e assegurou-lhe o indispensável complemento na linha do espírito. Se Vossa Santidade pudesse, de fato, prever uma vinda ao Brasil, entrevejo, entre outros, os seguintes excepcionais benefícios:

[f.4]– em nosso Continente (ao menos no tocante à América Latina) damos ao mundo o exemplo do respeito mútuo e da colaboração fecunda entre Poder Temporal e Poder Espiritual;

– nossos Ministérios das Relações Exteriores estudariam com o CELAM medidas de grande alcance no sentido de apoio concreto do Poder Público à ação pioneira e evangelizadora da Igreja – medidas para cuja assinatura nosso Governo convidaria para uma reunião com o Exmo. Episcopado Pan-Americano, no Rio de Janeiro, todos os Presidentes das Américas;

[f.5]– a vinda de vossa Santidade ao Novo Mundo importaria, para todos os nossos países, num impacto espiritual e místico da mais profunda e duradoura na repercussão;

– Vossa Santidade, com Sua presença, daria impulso definitivo à luta contra o Subdesenvolvimento que é, entre nós, o único aliado efetivo do comunismo. A data ideal para nós seria 21 de abril de 1960 quando, com as bênçãos de Deus,

Um [f.6] acontecimento simbólico se estará realizando: a inauguração da nova Capital do Brasil. É fácil imaginar, Santidade, o que será preciso remover de dificuldades para tornar possível o arranjo desta Viagem que, no entanto, ainda terá o mérito de pôr a Santa Igreja no ritmo do século. Não é em vão, Santidade, que Malaquias anunciou o Pastor e Navegante.

⁶⁰ Integralmente analisada pelos Professores doutores Luiz Carlos Luz Marques e Pe. José Oscar Beozzo, publicada em dezembro de 2011, na Revista Horizonte, da Pontifícia Universidade de Minas Gerais – PUC-MG (Ver referências).

Creia, Santo Padre, que mais [f.7] do que nunca tenho consciência de falar em nome de todo o Brasil e tenho certeza de poder falar em nome das Américas.

Digne-se V. Santidade abençoar meu País, meu Povo, meu Governo e minha Família (CAMARA apud MARQUES e BEOZZO, 2011, p. 995-997).

Os autores da análise ressaltam: a audácia – afinal a carta traz em suas páginas uma série de conselhos ao novo pontífice, especialmente em relação ao CELAM, e a confiança na relação entre os poderes religioso e temporal – centrado, principalmente, na figura do presidente Juscelino Kubitschek. Contrariando as expectativas sobre o Papa, feita por Dr. Alceu, Dom Helder ressalta na figura do novo pontífice as inúmeras possibilidades de seu pontificado.

Retornando à carta enviada por Dom Helder ao Papa João XXIII, nós gostaríamos de suscitar a análise de alguns elementos desta correspondência: primeiro, o contexto de sua escrita, politicamente Dom Helder faz referência à Operação Pan-Americana. Essa foi, em linha gerais, a política diplomática do Governo JK (1956-1961), sobretudo, a partir de 1958. A questão central da proposta era reunir os países das Américas para superar, por meio de um projeto de desenvolvimento econômico-social, a face mais aparente do subdesenvolvimento, a pobreza, carência comum na América como um todo.

Dom Helder escreve que “A operação se acha em pleno desenvolvimento: conta com o apoio irrestrito de todos os países latino-americanos e com a compreensão e apoio dos USA e, pessoalmente, do Presidente Eisenhower”. É provável que Dom Helder já conhecesse a troca de correspondências entre os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos, iniciada em maio, por iniciativa brasileira. Já o apoio irrestrito, pode ser lido a partir do evento de “20 de junho de 1958, quando, em discurso perante os embaixadores das Repúblicas Americanas no Rio de Janeiro, transmitido para todo o país por cadeia de rádio e TV, Juscelino Kubitschek lançou oficialmente aquela que passou então a chamar de ‘Operação Pan-Americana’” (SILVA, 1992, p. 16-17).

A capacidade de leitura dos contextos históricos, político, social e, sobretudo, eclesiástico, é uma das mais marcantes características atribuídas a Dom Helder. A força de suas ações é um reflexo disso e se, por um lado, ele era um homem de realizações, de outro era, conforme tentamos demonstrar, um visionário, também no momento registrar suas ideias. Não sabemos se uma cópia deste manuscrito

chegou às mãos de João XXIII, mas sabemos que as ações sociais de Dom Helder não foram indiferentes ao pontífice,

[João XXIII:] Estou sabendo que você se dedica aos pobres, das ... como se chamam?... das favelas.

Foi o bastante para que Dom Helder, “muito orgulhoso”, como reconheceu mais tarde, explicasse ao Papa em que consistia a Cruzada de São Sebastião. João XXIII ouviu com atenção até que decidiu interrompê-lo:

[João XXIII:] Logo se percebe que o senhor não conhece o Oriente Médio! Se o senhor conhecesse o Oriente Médio, jamais utilizaria o termo “cruzada” para seu trabalho de libertação dos pobres! Porque, apesar do que dizem muitas vozes de historiadores, essas malditas cruzadas abriram um fosso entre nós católicos e os muçumanos muito difícil de ser superado... (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 249-250).

Se a eleição do novo pontífice não lhe passou indiferente pode-se imaginar o que fomentaram em suas ideias as palavras de João XXIII quando, em 25 de janeiro de 1959, anunciou seu desejo de convocar um concílio para a Igreja: “pronuncio perante vós, por certo tremendo um pouco de emoção, mas ao mesmo tempo com humilde resolução de propósito, o nome e a proposta de duas celebrações: um Sínodo diocesano para a Urbe e um Concílio geral para a Igreja universal” (JOÃO XXIII *apud* BEOZZO, 2005, p. 69)⁶¹.

Recuperamos o manuscrito de um auto⁶², primeiro do gênero literário teatral atribuído a Dom Helder, intitulado “A festa do Papa”⁶³, escrito em 05 de julho de 1959. Ao analisá-lo pretendemos explorar as expectativas de Dom Helder em relação à abertura do Concílio recém-anunciado.

Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro [,] 5 de julho de 1959

Festa do Papa

Em 3 Cenas e um Fecho, a intenção é honrar o Santo Padre o Papa João XXIII, a Quem Deus inspirou a ideia felicíssima de trabalhar para unir a Cristandade, através de um Concílio Ecumênico (CAMARA, 1959, Capa).

O texto completo escrito e nunca encenado ou publicado, é importante objeto de análise desta tese, na medida em que nele Dom Helder apresenta elementos teológicos do universo católico de forma muito atualizada, por exemplo, para honrar o

⁶¹ Note-se que, no anúncio aos cardeais, feito há 60 anos, em janeiro de 1959, na sacristia da Basílica de São Paulo Fora dos Muros, João XXIII, como historiador que era, usa corretamente a expressão “Concílio geral”, e não “Ecumênico”, portanto, um Concílio da Igreja ocidental, ou latina. Somente na sequência, dado o impacto da proposta, também entre os cristãos não católicos, a palavra “Ecumênico” passou a ser usada.

⁶² Composição teatral de linguagem simples e extensão curta.

⁶³ Em razão do manuscrito original ter 13 folhas optamos por citar no corpo do texto trechos que serão objeto direto de nossa análise e, no apêndice deste trabalho encontra-se o texto integral com notas explicativas e informações complementares.

Santo Padre, redesenha seu personagem cênico associado à figura bíblica do Bom Pastor (Jo 10,1-21), de tal modo que a primeira cena é a apresentação desse personagem, o Papa não é só o Bom Pastor, ele é o Pastor de um só rebanho.

Na segunda cena Dom Helder faz uma releitura da passagem do Evangelho de São João (Jo19, 23-24), também representada na décima estação da *Via Crucis* “Os soldados repartem entre si as vestes de Jesus”, e chama esta cena, no seu auto de “A Túnica inconsútil”. Os soldados, segundo nossa interpretação do texto de Dom Helder, representam as muitas divisões do cristianismo no mundo inteiro, eles não tendo entendido a unidade de Jesus, são as ovelhas que precisam ser reconduzidas pelo Bom Pastor à unidade salvadora.

Este é o gancho para a terceira cena, “Que todos sejam um, como Tu, Pai, em mim e eu em Ti” [Jo 17:21]. Dom Helder escreve que em seu cenário teatral, como forma de representação das delegações não-católicas ao Concílio, não sejam usados personagens, mas sim que os livros sagrados que melhor representem essas delegações sejam trazidos solenemente ao palco junto com os livros de outros sete concílios ecumênicos já celebrados pela Igreja. Assim, neste cenário, reaparece, para o fecho, a figura do Bom Pastor, aclamada como “Deus enviou/ ao mundo dividido/ o Anjo da Unidade,/ ao mundo em guerra/ o Papa da Paz/ ao Mundo dilacerado/ o Papa do Concílio Ecumênico” (CAMARA, 1959, f.11).

O João XXIII visto por Dom Helder não se parece em nada com o Papa *pro tempore* descrito por Alceu Amoroso Lima. Esta nos parece ser outra capacidade de Dom Helder um tanto esquecida na habitual análise do decurso de sua vida: enxergar além das aparências, vendo em cada pessoa o máximo e melhor que poderia extrair delas, sem explorá-las, mas encorajando-as a superar seus limites, nesse sentido, também o fazendo a si mesmo.

Se, no plano eclesiástico mundial, é a convocação de um concílio que toma conta das discussões, na igreja do Brasil, são a fome e a seca que assolam tantos brasileiros, que inquietam grande parte do clero.

No dia 17 de fevereiro de 1959, no salão do Palácio do Catete, parlamentares, ministros, governadores do Nordeste e Dom Helder Câmara, sentaram-se em torno de uma grande mesa tendo, um em cada cabeceira, o presidente Juscelino Kubitschek e Celso Furtado. Era o lançamento da Operação Nordeste, a nova política que o governo implantaria na “região problema” onde a seca, no ano anterior, deixara meio milhão de flagelados. Para JK, a Meta 31, como então foi chamada a Operação, chegava tarde, mas

demonstrava que ele tinha enfim um plano para o Nordeste, tratado até então, se comparado com a acelerada construção de Brasília e o boom industrial do Centro-Sul, como o filho enjeitado (FURTADO, 2009, p. 7).

Depois dessa reunião com o governo federal houve, em Natal, no Rio Grande do Norte, o II Encontro de Bispos do Nordeste, que contou com “a ajuda de técnicos dos vários Órgãos Federais e Estaduais que atuam no Nordeste” (ROCHA, 2016, p. 311). O documento final apresentou um balanço dos trabalhos feitos pela Igreja com o apoio do governo federal, deixando claro que havia trabalhos em adiantado estágio de desenvolvimento e outros que ainda careciam de contínua atenção por parte das duas instituições, reconhecendo que, no âmbito do desenvolvimento do Nordeste, as políticas públicas pareciam caminhar a passos largos: “Afirmamos nosso júbilo ao ver surgir a Operação Nordeste, aplicação, dentro de nossas fronteiras, dos princípios que animam a Operação Pan-Americana cuja bandeira o Brasil, em hora feliz, desfraldou” (ROCHA, 2016, p. 331).

No entanto, no início dos anos 60, inicia-se um processo que acabará afastando Dom Helder das elites políticas e sociais da República e elas, dele. Na reconstrução do Prof. Marques, em sua tese doutoral, o que afastou Dom Helder rapidamente, da maior parte dos velhos amigos da elite civil e militar, fazendo-o tornar-se o perigoso “arcebispo vermelho” do fim dos anos 60, foi a radicalização da ação pastoral da Igreja e de seus líderes mais jovens, paradoxalmente, em sua luta ao comunismo. Para esses prelados, a luta contra o comunismo ateu passava pela luta contra as estruturas de exploração e opressão que faziam da revolução comunista, no fim dos anos 50 e início dos 60, uma real alternativa para as massas latino-americanas⁶⁴.

Como parte dessa estratégia, Dom Eugênio Sales, então jovem auxiliar do arcebispo de Natal, no Rio Grande do Norte, organizou o *Movimento de Natal* e promoveu a “Rádio de Educação Rural”, tendo como inspiração a escola radiofônica criada na Colômbia, pelo Pe. Salcedo⁶⁵, iniciativa que se transformou rapidamente no

⁶⁴ A revolução de Fidel Castro, em Cuba, iniciada em 1º de janeiro de 1959, parecia ser apenas a primeira de muitas revoluções de libertação que se preanunciavam no Continente.

⁶⁵ Em 1947, na Colômbia, o recém ordenado Pe. José Joaquín Salcedo Guarín (1921-1994), assumiu a paróquia de Sutatenza e, pouco tempo depois, nela fundou uma estação de rádio comunitária, a primeira do gênero. A emissora tinha como principal função alfabetizar e elevar o nível educacional dos camponeses pobres, através de programas culturais e da apresentação da doutrina cristã. Assim nasceram as Escolas Radiofônicas. A emissora funcionou até o final dos anos 80 (ver <http://www.fundacionacpo.org/quienessomos/historia/>).

*Movimento de Educação de Base*⁶⁶. No Brasil, a CNBB, com o apoio financeiro do governo Goulart⁶⁷, assumiu o projeto, que, dirigido por Dom José Távora, novo arcebispo de Aracaju, passou a chamar-se MEB, Movimento de Educação de Base, cujo objetivo era não apenas o da alfabetização dos trabalhadores rurais, mas a sua educação integral, política, social e religiosa.

Nascem dessa prática pedagógica conceitos como “educação libertadora” e “conscientização”, desenvolvidos pelo pedagogo Paulo Freire⁶⁸. Paralelamente, no Estado do Rio, em Barra do Piraí, Dom Agnelo Rossi⁶⁹, inicia uma nova experiência de organização pastoral, o *Movimento de Barra do Piraí*, que será uma das fontes das futuras *Comunidades Eclesiais de Base* (BORGES, 1993, p. 111.).

Às transformações de consciência e de posição pastoral e política provocadas por essas e outras iniciativas similares somou-se o apelo/desafio lançado pelo recém-eleito João XXIII, em novembro de 1958, durante a terceira reunião do CELAM, em Roma, quando solicitou dos bispos e, mais tarde, em 1960, dos superiores gerais das ordens, congregações religiosas e institutos seculares, “um plano de trabalho, acurado e imediato, a fim de ir ao encontro das crescentes dificuldades pastorais da América Latina” (“L’Osservatore Romano”, de 26 de março de 1960).

Além da influência de João XXIII⁷⁰, é importante acenar aqui, para a compreensão das raízes do dinamismo dessa importante ala do clero brasileiro, da qual Dom Helder foi símbolo e rebocador: as influências, no catolicismo brasileiro, da vertente progressista do catolicismo de língua francesa. Naqueles anos brilhavam o pensamento do Pe. Lebret⁷¹ e os estudos sociológicos do sacerdote e intelectual belga

⁶⁶ L. de Carvalho BORGES, *Comunidades de Base (CEBS) en el Brasil*, in «Recollectio» 16 (1993), p. 111-112.

⁶⁷ O sucesso da iniciativa foi imenso. Já em 1963 funcionavam 1.410 escolas radiofônicas, apenas na Arquidiocese de Natal. A partir dela, o MEB espalhou-se por todo o Nordeste, Centro Oeste e Amazônia. *Idem*, p. 112.

⁶⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, 1971.

⁶⁹ Agnelo Rossi (n. 1913, b. 1956, m. 1995). Bispo de Barra do Piraí de 1956 a 1962, Arcebispo de Ribeirão Preto desde 1962, foi transferido a São Paulo em 1964, logo após sua eleição à presidência da CNBB. Em 1965, foi criado cardeal por Paulo VI.

⁷⁰ Além do incentivo dado ao CELAM, aos episcopados nacionais e às famílias religiosas, não é possível esquecer a eficácia de sua grande Encíclica *Mater et Magistra* (de maio de 1961) e, sucessivamente, da *Pacem in Terris* (abril de 1963).

⁷¹ LÖWY, Michael; GARCÍA-RUIZ, Jesus, *Les sources françaises du christianisme de la libération au Brésil*. In: **Archives de Sciences Sociales des Religions**, 1997, 97 (janvier-mars), p. 9-32 (https://www.persee.fr/doc/assr_0335-5985_1997_num_97_1_1120). Especialmente o trecho: Amoroso Lima: de Jacques Maritain au Père Lebret (p. 16-18).

Pe. François Houtart⁷². Não se pode esquecer ainda do sucesso, no Brasil, do “Movimento per un Mondo Migliore”, do jesuíta italiano Riccardo Lombardi, nos anos 50 conhecido como o “porta-voz de Pio XII”⁷³.

3.2 A década de Sessenta: do Banco à ALEF, a progressiva deterioração das relações entre o Cardeal do Rio e seu incômodo auxiliar

No entanto, é preciso, para compreender bem os últimos parágrafos, voltar atrás alguns anos. Em decorrência de sua imersão na realidade das favelas, Dom Helder passou a receber ainda mais pedidos de ajuda e a dar-se conta que a situação daquela realidade era muito mais complexa. O recenseamento das famílias, feito pela sua equipe de colaboradores, começou a mostrar os resultados: muitas famílias não conseguiam pagar uma moradia em local melhor porque isso comprometia parte de sua renda já dedicada ao pagamento de dívidas com agiotas, além disso existia um grande potencial de mão de obra ali entre aquelas pessoas que, no entanto, não possuíam qualquer tipo de qualificação profissional.

Foi preciso pensar, então, em uma forma ordenada e eficiente para ajudar essas pessoas. Surgiu a ideia de uma instituição guarda-chuva, que pudesse captar, receber e distribuir os recursos e donativos vindos das diversas fontes. A figura de Dom Helder foi a responsável pela adesão de várias figuras socialmente importantes como, “Heráclito Sobral Pinto [...], o embaixador Oswaldo Aranha, os ministros Cândido Mota e Lafaiete Andrade, o ex-ministro e banqueiro Clemente Mariani, o desembargador Murta. Com o slogan “Ninguém é tão pobre que não tenha o que oferecer. Ninguém é tão rico que não precise de ajuda”, o Banco da Providência, como foi chamada a instituição criada em 1959, era para todos, não só os ricos eram chamados a doar. Escrevendo a Dom Jaime, no dia 29 de agosto de 1959, o seu arcebispo auxiliar explicava, assim, com um exemplo, o funcionamento das chamadas “carteiras” do banco,

Carteira de Roupas e Calçados.

⁷² HOUTART, François. **L’Eglise latino-americaine a l’heure du concilie**. Fribourg: F.E.R.E.S., 1963.

⁷³ Em relação ao papel do jesuíta Pe. Lombardi durante o pontificado de Papa Pio XII, ‘consultamos, por sugestão do orientador, MOROZZO DELLA ROCCA, Riccardo. *Le chiese parallele: i religiosi*. In RICCARDI, Andrea. **Le Chiese di Pio XII**. Bari: Editori Laterza, 1986, p. 123. Para as difíceis relações entre Papa João XXII e Pe. Lombardi consultamos ZIZOLA, Giovanni. Roncalli e p. Lombardi, in **Cristianesimo nella Storia**, 8 (1987), p. 79-93.

O Diretor é o José Luis Moreira (Diretor da Ducal). Tem como alter-ego o Osvaldo Tavares (da Casa Tavares). Imaginaram, com o exemplo das próprias Firms, o oferecimento de todo o material chamado de 2ª linha (tecidos que saem com pequenos defeitos e nos quais a Firma que se preze não põe etiquetas). Só com isso, V. Eminência não imagina como poderemos, com a graça de Deus, ter possibilidades de atendimento às nossas Obras já existentes e em dificuldades sérias nos tempos difíceis de hoje. Mas eles têm m[ui]tas outras ideias, perfeitam[en]te concretizáveis, mesmo porque trabalham com uma equipe dos próprios chefes de Empresas de Roupas e Calçados. Está acontecendo o mesmo com todas as demais carteiras (CAMARA, 29 agost. de 1959, f.1-2).

Pensando que o “Banco de Deus” precisava angariar ainda mais recursos, em março de 1960, Dom Helder encampou uma campanha na Tv Rio e na Rádio Nacional, “de vinte e sete horas ininterruptas de propaganda”, conforme estampou o Jornal do Brasil, convocando aos que desejassem a “proposta para que os juros das contas bancárias vão para o Banco da Providência” (JORNAL DO BRASIL, 15 de março de 1960, p. 10). Como ficou conhecida, na Operação Coleta, a propaganda só deixava de ser veiculada quando o objetivo era alcançado.

Logo o Banco virou assunto nacional⁷⁴, segundo a edição de 30 de março de 1960, do Jornal do Brasil, a Câmara dos Deputados naquela data, por meio do deputado Osvaldo Zanello (PRP – Espírito Santo) autorizava um crédito de 10 milhões de cruzeiros para auxiliar o Banco, por meio de projeto de lei. O registro do crédito seria feito, ainda segundo o projeto de lei, automaticamente pelo Tribunal de Contas da União. A vinda do recurso justificava-se, em parte, pela causa da habitação e, em parte, pelo garoto propaganda da obra,

Já nos habituamos a ver D. Helder Câmara, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, um dos mais notáveis realizadores brasileiros. Educado e formado em Escola diferente, absorvendo mais do que ninguém o sentido humano da doutrina cristã, D. Helder Câmara desce de sua dignidade pontifícia para embrear-se, na planície, com as populações mais pobres de nossa Capital, assistindo a pobreza, socorrendo os necessitados. Após sua obra gigantesca em favor dos favelados, propõe-se a uma iniciativa de maiores proporções: O Banco da Providência que levará aos desamparados pela fortuna, socorro imediato e realização de grandioso plano de assistência social (JORNAL DO BRASIL, 30 de março de 1960, p. 5).

⁷⁴ O Banco da Providência fez campanhas de arrecadação de fundos para obras fora do Rio de Janeiro, como, por exemplo, foi o caso, em 1959, da campanha “Orós precisa de nós”. Iniciada por ocasião do rompimento do açude da cidade de Orós, CE. A campanha visava a reconstrução da cidade que ficou debaixo d’água após o acidente. Dom Helder ficou mais de 24h no ar, graças as parcerias com o sistema de comunicação da TV Rio, para conseguir os recursos. Para quem desejar se aprofundar na história da construção do açude e o alagamento da região, nós recomendamos a leitura de **O despertar da Memória**, livro de autoria da pesquisadora Erotilde Honório, publicado em 2006.

Em novembro de 1960, a convite do presidente Juscelino, Dom Helder faz a *Oração Gratulatória do Dia Nacional de Ação de Graças*, celebrada em Brasília. O manuscrito de 33 folhas, foi redigido em três sessões: I. olhando o País (p. 3-13), II. olhando o Continente (p. 13-20); III. olhando o Mundo (p. 20-28), e é datado de 24 de novembro de 1960. Três dias depois dessa celebração o Presidente Juscelino escreveu a Dom Helder a seguinte carta, cujo trecho transcrevemos:

Com o maior prazer, venho felicitar Vossa Excelência Reverendíssima pelo magnífico sermão em que, no Te-deum oficiado no Palácio do Planalto traçou, com sábias palavras, um vivo quadro da realidade brasileira, ao mesmo tempo em que patrioticamente reafirmou sua profunda convicção na capacidade criadora de nossa gente. Uno-me, com reverência, ao ilustre Prelado, em seus agradecimentos a Deus por haver permitido o cumprimento das metas que elaborei em prol do desenvolvimento nacional e que imprimiram um sentido novo à nossa expansão civilizadora, com a construção de Brasília, marco avançado da conquista de vastas regiões do centro do País, e das rodovias que sulcam as misteriosas solidões da Amazônia, mencionadas pelo nobre Príncipe da Igreja, em seu admirável sermão (KUBITSCHKE, Juscelino. 1960, f. 1) [Carta Pessoal, Brasília, 27.11.1960].

Diante de tanto sucesso associado à figura de Dom Helder, era quase inevitável pensar que sua projeção nacional pudesse ofuscar a figura do Cardeal do Rio de Janeiro, ou que o arcebispo auxiliar pudesse dedicar-se pouco às atividades ditas próprias dos auxiliares, como o caso das escolas paroquiais, por exemplo. Segundo carta pessoal escrita por Dom Jaime a Dom Helder:

Na realidade, fiquei decepcionado com o resultado da campanha pelas escolas paroquiais. Para ser leal digo que não me dei por satisfeito com a comparação entre as escolas paroquiais do Rio e as da América do Norte, pois muitas vezes o ótimo é inimigo do bom. Se não podemos ter perfeitas, autênticas como V. Excia. escreve, ao menos tenhamos à medida de nossas possibilidades. Enfim, quem estava encarregado da campanha não eram aquelas boas senhoras, de cuja reta intenção não duvido, mas era meu Arcebispo auxiliar. [...] Entretanto, não me aflige o fracasso, porque já me estou acostumando a ele. E isto é uma graça de Deus. Nem me tenho admirado de que seja habitualmente esquecido na imprensa. Deo gratias! Até foi bom que ela não se houvesse ocupado com as escolas paroquiais projetadas. [...] Agora permita-me a franqueza de lembrar que não é a primeira vez que meus desejos são frustrados. Quando, após o Congresso Eucarístico, tanto pedi que se comesse pela Rio a campanha de alfabetização pela Rádio, nada consegui. Talvez porque a iniciativa partiu de mim, O material da Rádio Sutatenza⁷⁵ ficou apenas exposto inutilmente no Palácio do São Joaquim. Ultimamente D. Távora me declarou, sponte sua, que se poderia ter aproveitado o material e realizado meu desejo. [...] Bem sei que não é para o público que trabalhamos. Mas não me parece razoável uma omissão habitual, ou frequente pelo menos, do que a arquidiocese realiza. Não sofro com isso, graças a Deus, pois sou naturalmente avesso à publicidade. Os que privam comigo bem o sabem. Mas não se trata de minha pessoa, se não de uma arquidiocese que já foi importante sob a orientação

⁷⁵ Ver acima, nota 54.

de meus antecessores (CÂMARA, Cardeal Jaime. 1961, f. 1-2) [Carta Pessoal, Rio de Janeiro, 11.04.1961].

Costuma-se reconstruir a relação entre esses homens de forma pacífica e harmônica, ignorando ou desconhecendo os detalhes das grandes batalhas travadas entre as paredes do São Joaquim e do Sumaré. Recuperamos um significativo conjunto de cartas trocadas entre Dom Jaime e Dom Helder nos primeiros anos de 1960, que nos serviram de base para a afirmação que fizemos. A exposição em excesso da figura de Dom Helder pareceu irritar o Cardeal Jaime e, não é ingênuo pensar, neste sentido, que a transferência de Dom Helder para fora do Rio de Janeiro já estivesse sendo organizada há muito mais tempo do que se costuma afirmar nos livros de história.

Um exemplo: em meados de 1962, no Rio de Janeiro, surgiu no cenário nacional político uma associação civil, nos mesmos moldes da LEC dos anos 30, com a missão de conduzir o eleitorado católico nacional a votar nos candidatos que se haviam comprometido e se alinhado aos princípios sociais da Igreja. Embora se pretendesse um movimento nacional, a Aliança Eleitoral pela Família – ALEF, como ficou conhecida, teve atuação restrita aos estados da Bahia, Goiás, São Paulo e Guanabara e apenas para as eleições legislativas federais e estaduais e para o governo desses estados. Transformou-se, também, em fonte de discórdia entre o Cardeal Câmara e Dom Helder:

Esta carta é escrita na confluência entre o final do Seu retiro e o início do meu, e na ante-vigília do Concílio Ecumênico. De modo algum tem a intenção de tentar deter aquilo que a Providência já faz caminhar, no sentido de minha saída do Rio. Seu intento é mais nobre e mais cristão; o de tentar desfazer equívocos que estão comprometendo a atitude de filho que desejo manter até o último instante de minha permanência como Seu Auxiliar.

Permita que eu tente esclarecer minha posição diante da ALEF. Tem sido insinuado por alguns e soprado pelo diabo, que não me interessa por ela por não ser iniciativa minha. Mais grave ainda: que a sabote e a torno odiosa [...]. Peço vênica para frisar, Eminência, que esta colaboração vem sendo dada. Não é minha a proposta de inclusão da ALEF no aludido Plano de Emergência; não só tenho falado sobre ela nas Reuniões dos Secretariados Regionais; no Encontro Nacional da JEC; nos Recolhimentos mensais que prego, no Cenáculo, para os que trabalham no São Joaquim.

Se evitei falar através da imprensa, do rádio e da TV – pense quem quiser o contrário – foi pela razão exclusiva de não querer reabrir a porta para insistência de pedidos de pronunciamentos que não me cabem. [...].

V. Eminência certo dia me deu o nome de um Sacerdote que lançara intriga entre nós dois. (E nasceu daí uma tarde de humilhação abençoada no Sumaré). Pelo amor de Deus, Eminência, tenha cuidado com intrigantes. Ou me engano muito, ou a Sra. que me anda difamando (e a quem só prestei finezas) está enferma e dará ainda contrariedades grandes a V. Eminência e à ALEF (CAMARA, 1962, p. 1-2) [Carta Pessoal, Rio de Janeiro, 25.08.1962].

Em resposta à carta escrita por Dom Helder, de 25 de agosto de 1962, escreveu Dom Jaime:

Em resposta à sua prezada carta de 25 do corrente, começo por dizer-lhe que absolutamente não estou magoado com V. Excia., como certamente terá notado, anteontem, no início do seu retiro.

Nem desejo seu afastamento desta arquidiocese, o que me traria sérias complicações.

Se ao exmo. Sr. Nuncio dei conhecimento de que nem sempre combinamos, é porque me habituei a dar-lhe conta do andamento da arquidiocese, pedido a Sua excia. que me indique o que julgar oportuno.

Quanto a Aliança Eleitoral pela Família, as notícias me vieram não de uma só fonte. Pároco, em cujo território residem pessoas que trabalham com Vossa Excia. disse-me que se manifestaram contra a ALEF, como antipática e fracassada. Essas pessoas nada têm com D. Maria Elisa Lynch (CÂMARA, 1962, p. 1) [Carta Pessoal, Rio de Janeiro, 29.08.1962].

O centro da questão entre Dom Helder e Dom Jaime, naquele momento, era a participação do auxiliar na ALEF. A troca de correspondência parece indicar que Dom Helder parecia um pouco traumatizado com a função de “cabo eleitoral”, desde a eleição federal de 1935, quando ele havia trabalhado para eleger Menezes Pimentel, no Ceará. Em entrevista concedida ao jornal *Correio da Manhã*, Dom Jaime afirmava que, “a Aliança Eleitoral pela Família (ALEF) foi criada visando a esclarecer o povo sobre a maneira melhor de votar. Declarou, ainda, que a ALEF apontará, quinze dias antes das eleições, os candidatos merecedores do apoio da Igreja” (CORREIO DA MANHÃ, 19 de agosto de 1962, p. 7). Venceu, naquela eleição, Negrão de Lima para o Governo do Estado da Guanabara.

A última carta que recuperamos entre Dom Helder e Dom Jaime sobre esse problema da ALEF é um documento que traz em seu conteúdo muitas reclamações e inquietações por parte do arcebispo auxiliar. A começa pela refutação daquilo que chamou de “acusação tão frágil e tão vaga”, escreveu Dom Helder,

Vossa Eminência me acusou de tornar odiosa a ALEF (isto no dia 2 deste mês). Apressei-me em responder, ansioso pelas provas que ao Sr. Nuncio V. Eminência declarou ter. Já no fim do mês, depois que insistir no direito de defesa, [...] Trabalhamos no S. Joaquim dezenas de pessoas. Infelizmente não posso responder por todas elas, como não podemos responder por todos os padres.

Se a mim que sou Seu Arcebispo Auxiliar V. Eminência julga e acusa perante o Nuncio na base de informações tão imprecisas será que algumas vezes, informações desse gênero não prejudicaram alguns pobres sacerdotes, sem voz e sem defesa? Não acuso, Eminência. Pergunto apenas, cumprindo um dever de filho, de quem, por vezes, Deus se pode servir para alertar o próprio Pai (CAMARA, 1962, p.1) [Carta Pessoal. Rio de Janeiro, 31.08.1962].

A carta aborda ainda problemas com relação a Dom Jaime e a CNBB, a delicada situação de conflito entre o Cardeal do Rio de Janeiro e o Cardeal de São Paulo, Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, e termina reavivando a possibilidade de saída de Dom Helder:

Quanto à minha saída do Rio – que V. Eminência afirma lhe trará “sérias complicações” – três vezes o Sr. Núncio teve a bondade de me avisar que devo estar preparado a partir a qualquer instante. A primeira vez, foi quando V. Eminência, com aviso prévio a ele, me chamou ao Sumaré quando das intrigas tecidas a propósito da reunião dos Párocos, em cujas paróquias funcionavam Agências do Banco da Providência. A última vez quando comentou Seu cartão, do Aeroporto, a respeito da ALEF disse-me S. Excia. que não era possível a saída antes das eleições, mas que, de volta do Concílio, eu já deveria ter outro destino. Graças a Deus, estou, de coração, preparado para sair ou para ficar (CAMARA, 1962, p. 3) [Carta Pessoal. Rio de Janeiro, 31.08.1962].

3.3 A década de Sessenta: do Plano de Emergência ao Concílio Vaticano II – o desejo de uma igreja pobre e servidora

Uma vez convocado oficialmente o Concílio, que se tornaria o Vaticano II, com o anúncio de sua fase preparatória ainda em 1959, Dom Helder começou a preparar-se com afinco. Além do *votum* que enviou⁷⁶, escrevem seus biógrafos que, para poder estudar mais e preparar-se, muitas manhãs ele se recolhia em uma sala cedida a ele, no Colégio Santa Úrsula. Em junho de 1960, o Cardeal Jaime Câmara foi nomeado membro da Comissão Central Preparatória e Dom Helder, consultor da Comissão dos Bispos e Governo das Dioceses (BEOZZO, 2005, p. 128).

Convencido da importância e urgência do apelo/desafio de João XXIII, de 1959, indicado acima, Dom Helder coordena a preparação do *Plano de Emergência PE*, assumido oficialmente pelo episcopado brasileiro, em assembleia, em abril de 1962, poucos meses antes do início do Concílio⁷⁷, plano que será, sucessivamente, transformado e aperfeiçoado no *Plano Pastoral de Conjunto*, PPC, com o qual os bispos brasileiros sairão do Concílio, em dezembro de 1965, como um dos poucos

⁷⁶ Publicado nas Atas e Documentos da Fase Preparatória (AD I/II, Pars VII, p. 325-327). Muito denso, na opinião de Baraúna, mesmo se composto de “escassas duas páginas e meia, contrastando com as quinze de Dom Sigaud e as oito de Dom Castro Mayer” (BARAÚNA, p. 156). Bate-se por uma Igreja que caminhe decidida em direção ao futuro, deixando para trás o latim, promovendo o desenvolvimento, a descolonização, promoção dos trabalhadores, as artes, as ciências e abrindo-se à sociedade civil.

⁷⁷ BEOZZO, José Oscar. Igreja no Brasil: o Planejamento Pastoral em questão. In: **REB** 42 (1982) 465-505.

episcopados já organizados para colocá-lo em prática⁷⁸, o que, de fato, a CNBB, com financiamento da Conferência Episcopal da Alemanha Ocidental, fez a partir de 1º de janeiro de 1966.

No *Plano de Emergência* os bispos declaravam-se “solícitos no combate ao comunismo”, mas reconheciam que “nem sempre [assumiam] a mesma atitude diante do capitalismo liberal”⁷⁹.

O ano de 1959 já estava por terminar quando, assim preparada, grande parte da delegação de bispos do Brasil embarcou no vôo organizado pela secretaria geral da CNBB, em avião fretado pelo governo brasileiro, com autorização do presidente João Goulart, junto a PANAIR do Brasil, para o que terminou sendo apenas o primeiro período conciliar, que durou de outubro a dezembro daquele ano. Uma pequena parte da delegação, como o Cardeal Câmara, por exemplo, preferiu dirigir-se à Roma por via marítima. Dom Quirino Adolfo Muniz, OFM, escreveu sobre a viagem:

Quando íamos para o Concílio Vaticano II, éramos 120 [sic] Bispos no mesmo avião da Panair do Brasil. O quadrimotor fretado pelo presidente João Goulart nos levava com passaportes diplomáticos. Houve missa a bordo, com licença de Roma, celebrada por um só Bispo. Os outros comungaram sob a espécie do pão, já que ainda não havia concelebração. Alguém do grupo chamou essa comunhão de “Páscoa dos Bispos”. Outro brincou: “Páscoa de Bispo só mesmo no ar!”.

O primeiro atraso foi em Recife. Depois, pousamos em Dakar, no Senegal, devido a uma pane numa das turbinas. Mais três horas de espera no aeroporto. [...] A seguir, mais quatro horas de espera em Lisboa para reparos no motor. Em vez de chegarmos às 15horas, na véspera da abertura do

⁷⁸ Segundo Beozzo, “a Igreja do Brasil viveu uma singular trajetória em relação ao Concílio, pois este encontra-se em contraponto com o seu esforço de planejar sua ação pastoral para o conjunto do país. O Concílio encaixa-se, no tempo, exatamente entre dois planos de pastoral da Igreja do Brasil, o *Plano de Emergência* (PE), em 1962 e o *Plano de Pastoral de Conjunto* (PPC), em 1965. Inspirado em boa parte na experiência da arquidiocese de Natal, RN, sob a responsabilidade de D. Eugênio de Araújo Sales, como administrador apostólico, o Plano comportava duas partes, uma *pastoral* e outra *econômico-social*. O PE, para sua execução, apoiou-se fortemente no “Movimento por um Mundo Melhor”, que ganhara a confiança dos bispos, após retiro pregado pelo Pe. Ricardo Lombardi ao Episcopado brasileiro, por ocasião do Congresso Eucarística de Curitiba, PR, em maio de 1960... Ao findar o Concílio, os bispos voltaram para casa, não apenas com os 16 documentos conciliares aprovados e promulgados, mas também com um ambicioso *Plano de Pastoral de Conjunto*, PPC, destinado a colocar em prática em cada diocese e em cada aspecto da vida da igreja, as grandes intuições e decisões do Concílio” (BEOZZO, 2005, p. 535). Para o testemunho de quem viveu, por dentro, como protagonista, essa etapa crucial da Igreja do Brasil, veja-se SERVUS MARIAE. **Para entender a Igreja do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1994. Sobre a questão do planejamento pastoral: BARROS, Raimundo Caramurú de. **Brasil, uma Igreja em renovação**. A experiência brasileira de planejamento pastoral. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁷⁹ Texto oficial em “CM” 116 (1962), p. 7 ss.

Concílio, somente às 2 da manhã eu entrava em meu alojamento, em Tomba di Nerone⁸⁰ (SCHMITZ, 2005, p. 105-106).

A partir desse momento Dom Helder passou a escrever, conforme apresentamos no capítulo um desta tese, as suas cartas circulares. De cada período conciliar ele foi registrando não só o que aconteceu nas aulas conciliares, mas, principalmente, os intervalos das reuniões, o grande e intenso movimento de articulação de bastidores. Quem pretende conhecer a figura pública de Dom Helder não pode se furtar a ler o conjunto completo dessas correspondências. Nesta tese, nós optamos por tratar delas – das Circulares Conciliares – no capítulo quatro, para dar ênfase a determinados aspectos que, segundo nossa análise, ajudaram a moldar a sua figura pública eficiente, eficaz e respeitada, dentro e fora da Igreja católica.

O ano de 1963 reservou à Igreja oportunidade de eleger um novo pontífice. Com a morte de João XXIII, iniciou-se, em junho daquele ano, o conclave que elegeu o Cardeal Giovanni Battista Montini para o trono de Pedro, sob o nome de Paulo VI. O novo pontífice resolveu dar prosseguimento ao concílio, mantendo o segundo período conciliar para os meses de setembro a dezembro daquele ano. Desde o final do primeiro ano conciliar a figura de Dom Helder já apontava no horizonte como a de um líder, uma espécie de guia articulador do episcopado brasileiro. Em julho, a revista *Manchete* publicou uma entrevista de três páginas, dada por ele ao editor chefe, Pedro Bloch, que assim o apresentou:

Já disse e já escrevi d. Hélder, para mim, é assim uma espécie de São Francisco de Assis “bossa nova”. Para se constatar a presença de um santo muitas vezes se fica à espera de um milagre. D. Helder é o próprio milagre ambulante. Quem nunca viu o sorriso de D. Helder, quem nunca foi por ele abraçado, nesse abraço todo alma em que ele parece auscultar o coração do mundo, através do nosso, não compreenderá toda a extensão do que aí vai. Estou convencido de que D. Helder fala com passarinho e que passarinho entende D. Helder. Mas não fala só com passarinho, fala e sente com todos os humildes, como vejo, naquele instante, no pátio do Palácio São Joaquim. Um marginal que amanhã será levado a “Emaús” e que grita: “é um grande homem! Isto é um grande homem!” Ou como eu observo logo a seguir quando um pobre lhe vem propor o problema de roupa que deverá trajar para o seu

⁸⁰ Segundo a autora, era “propriedade da Ação Católica Feminina italiana, *Domus Mariae* está localizada na Via Aurelia, nº 481, próximo ao Colégio Pio Brasileiro, em Roma. Durante o Concílio Vaticano II era dirigida pelo Instituto Secular. A casa foi cedida ao episcopado brasileiro durante os períodos conciliares. *Domus Mariae* abrigou também religiosos indonésios, húngaros, africanos e italianos (PINA NETA, 2013, p. 36). Aqueles padres que pertenciam a Ordens Religiosas, muitas vezes, preferiam ficar em suas casas fossem elas as casas gerais ou colégio, conventos, no caso de Dom Frei Quirino Adolfo Schmitz, que sendo um membro da Ordem dos Frades Menores (OFM), ele hospedou-se no Colégio das Irmãs Franciscanas (*Suore Francescane*), na Via Cássia, 645, no bairro Tomba di Nerone.

emprego novo. Seu sorriso tudo compreende, tudo minora, tudo tenta resolver (BLOCH, 1963, p. 101).

Em março de 1964, Dom Helder vai à Roma para a Reunião das Comissões Conciliares; n, no último dia, escreve em carta circular que escutou anunciar a sua transferência do Rio de Janeiro: “A Rádio Vaticano acaba de anunciar minha transferência para a Arquidiocese de Olinda e Recife (são 14:30h do sábado, 14 de março)” (CAMARA, 2009, p. 430) [Reunião das Comissões – 16ª Circular. Roma, março de 1964]. Cumpria-se, com algum atraso, o desejo de Dom Jaime Câmara. Sobre a transferência de Dom Helder a história mostrou que se o objetivo era apagá-lo, a ida para a arquidiocese de Olinda e Recife fez o contrário, ele se agigantou, ganhou o mundo. Desde a sua chegada foi aclamado pelo povo e até mesmo pelas autoridades militares, que já haviam tomado o governo do Brasil. “Seu conhecimento da índole, do coração e do temperamento dos nordestinos, assim como das particularidades da vida regional, quanto, sobretudo, a suas implicações no panorama político, dão às autoridades a tranquilidade de haver conquistado uma valiosa colaboração” (JOSÉ, 1964, p. 37), assim registrou o repórter Hélcio José as palavras do General Justino Alves Basto, comandante do IV Exército, ao receber o novo arcebispo.

No final de março de 1964 houve, no Brasil, a imposição do governo militar que acabou configurando-se, posteriormente, numa ditadura civil-militar; p, portanto quando Dom Helder tomou posse da arquidiocese da capital pernambucana, em 12 de abril de 1964, o governador Miguel Arraes de Alencar já havia sido preso – em 1º de abril – e o líder das ligas camponesas Gregório Bezerra já havia sido preso, torturado e arrastado pelas ruas do bairro de Casa Forte, no Recife.

A posse de Dom Helder marcou o início de um período de confronto velado entre os que usavam fardas e os que usavam batinas. Já no discurso de posse Dom Helder apresenta-se como um nordestino falando aos seus conterrâneos que, à imagem de Cristo, não vinha para ser servido, mas para servir e, por isso, pedia a todos que não se escandalizassem primeiro porque o arcebispo era de todos e sendo assim ele não se pretendia de nenhum grupo ou preferência e, termina dizendo que não poderia abandonar as bandeiras certas apenas porque elas pudessem estar em “mãos erradas”.

Naquele novo cenário político-social do Brasil, no final do ano de 1964 Dom Helder viajou a Roma para o terceiro período conciliar. Estava em marcha o seu plano de, junto com um grupo de outros bispos, não só do Brasil, de fazer a Igreja refletir a sua posição, no mundo, em face à pobreza. A este tempo Dom Helder já não era mais a sombra que assombrava Dom Jaime; era um arcebispo bem relacionado com o episcopado do mundo, muito graças ao seu trabalho de formação feito na residência onde ficava parte da delegação eclesiástica brasileira, a *Domus Mariae*.

O ano de 1965 trouxe a Dom Helder uma nova situação: o problema da cheia que inundou o Recife naquele ano, o agito de uma nova frente de trabalho através da Operação Esperança⁸¹ e a grande preocupação com o encerramento e, sobretudo, com o pós-concílio, isto é, sua aplicação na vida cotidiana das Igrejas.

Conforme dissemos na abertura deste capítulo, pretendemos apresentar ao leitor uma sucessão de fatos que ocorreram na vida de Dom Helder, alguns já bastante conhecidos, outros nem tanto. Não pretendemos abarcar as minúcias da vida cotidiana, como o personagem do escritor argentino Borges, *Funes*, cuja história rapidamente contamos no primeiro capítulo um desta tese. Mas fazer um esforço reflexivo de olhar para o passado na tentativa de enxergá-lo não como uma massa homogênea de coisas, mas como o que foi, um emaranhado de relações e fios que, de uma forma ou de outra, tecem a vida e conduzem a decisões e ressignificações.

3.4 Além dos tempos: os encontros de Pe. Helder Camara com Alceu Amoroso Lima, Cecília Monteiro Goulart e Virgínia Côrtes de Lacerda

Para reconstruir a história pessoal de Dom Helder Camara entre os anos de 1950 e 1960 é imprescindível falar em três figuras que não surgiram em sua vida necessariamente naquelas décadas e cujo raio de atuação supera esses anos. Em razão dessa observação reservamos este espaço, na tentativa de dar a conhecer ao público o valor inestimável que figuras como as de Alceu Amoroso Lima, Cecília Monteiro Goulart e Virgínia Côrtes de Lacerda tiveram na trajetória de Dom Helder.

⁸¹ Movimento social cujas origens estiveram relacionadas às ações promovidas pela Arquidiocese de Olinda e Recife para amenizar os problemas causados pela enchente ocorrida em 1965, no estado de Pernambuco.

O Dr. Alceu Amoroso Lima é, por excelência, a figura do intelectual que permeou boa parte da vida de Dom Helder: trocaram correspondências desde os tempos em que Dom Helder estava no seminário, conforme registram os biógrafos de Dom Helder⁸². Foi inspirado na figura de Dr. Alceu que o, à época, Pe. Helder, escreveu para o jornal com o pseudônimo de Alceu da Silveira, a corruptela de Alceu Amoroso Lima e de Tasso da Silveira, outra figura por quem nutria grande admiração. Ainda enquanto foi integralista, Pe. Helder compartilhou com Dr. Alceu muitas concepções, chegando mesmo a ter no amigo um apoio para as suas decisões. Foi também do período o embate entre o “Manifesto Pioneiro pela Educação Nova” e a Confederação Católica de Educação – desde esse tempo já se discutia propostas como gratuidade, laicidade e obrigatoriedade do ensino no Brasil – lá estava a figura do intelectual a traduzir em palavras os anseios e inquietações da Igreja e, por conseguinte, do jovem padre cearense.

Quando de sua mudança para o Rio de Janeiro, não se pode mensurar o que representou a figura de Dr. Alceu, sempre como esteio, amigo presente, em certa medida um formador e, porque não dizer, um líder.

Alceu Amoroso Lima, que, embora cauteloso, fora um entusiasta simpatizante do integralismo, vivia também seu momento de transição rumo a um pensamento cristão-católico mais arejado e democrático e, novamente, foi quem mais influenciou a mudança de pensamento de Hélder. Já em 1936 Alceu indicou-lhe a leitura do *Humanismo integral*, ainda no original francês, pois o livro do intelectual católico francês Jacques Maritain só seria lançado no Brasil em 1941, pela Editora Nacional (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 139).

Estiveram juntos, após o retorno do Dr. Alceu dos Estados Unidos – em 1952⁸³, em empreitadas como o Banco da Providência, a celebração a “Tarde Sagrada” e quando a nova Lei de Diretrizes de Base da Educação, de 1962, entrou em vigor, juntos defendiam os interesses católicos. Quando Dom Helder foi transferido para a arquidiocese de Olinda e Recife, escreveu Dr. Alceu à sua filha Maria Tereza:

À tarde, de volta ao Rio e do embarque de Dom Hélder. Foi uma apoteose, do povo, acima de tudo, da classe média, dos intelectuais, mas com raríssima (se alguma houve) grã-fina! Não posso afirmar, pois não fiquei até o fim, nem procurei realmente investigar. *Mas não vi nenhuma*. Vi os pequenos e os médios. Não vi os grandes... Ia de braço em braço, de modo impressionante. E muita gente chorando. E dizendo “até a volta”. E crianças cantando. E fotógrafos tirando *flashes*. E ele, com aquele sorriso de sempre, e aquela absoluta serenidade de santo! Deus o leve e o traga de volta, preparado...

⁸² Ver: Piletti e Praxedes, especialmente as páginas 69 e 70, edição de 1997 da editora Ática.

⁸³ Infelizmente não chegou a tempo de assistir à sagração de Dom Helder, naquele ano.

Bom, agora, à grande tarefa destes dois dias *para a Igreja!* Reze! (LIMA, 2003, p. 385) [grifos originais].

Nos anos que se seguiram, a amizade entre os dois pode ser lida tanto através dos arquivos de correspondências guardados, em parte, no Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, CAALL⁸⁴, em Petrópolis, quando pelos inúmeros artigos publicados em periódicos nacionais onde, geralmente, se leem manifestos de defesa à figura pública de Dom Helder, constantemente atacada por Gilberto Freyre, Gustavo Corção e Nelson Rodrigues, para citar os mais conhecidos⁸⁵. Também ajudou na divulgação positiva das campanhas ao Nobel dos anos de 1970 a 1973, quando o amigo estava entre os indicados.

Cada vez mais, a vida e a obra de um homem como Hélder Câmara se apresentam como qualquer coisa que já agora transcende o plano puramente histórico. Por isso mesmo prefiro que Paulo VI nunca faça com ele o que fez com o Cônego Cardijn, por mais que mereça, por todos os motivos, passar de arcebispo a Cardeal. E ainda por isso é que, embora digno e mais do que digno ao Prêmio Nobel da Paz, prefiro que nunca o obtenha. Hélder Câmara não é homem de prêmios e dignidades. Na campanha insidiosa de que é vítima entre nós, vejo mesmo um sinal muito maior de sua grandeza pessoal e de seu destino do que no renome internacional que já hoje adquiriu e dele fez, como a orelha do magnífico livro de José de Broucker, a que ontem nos referimos “uma das personalidades mais fascinantes da Igreja contemporânea, audaciosa e comedida, simples e sutil, direta e refletida.” Não apenas do Brasil ou da América Latina, mas da Igreja universal. Esses qualitativos, aparentemente contraditórios, bem mostram como o redator-chefe das *Informations Catholiques Internationales* soube, nos poucos dias que conviveu com Dom Helder no Recife, compreender e traduzir, num livro, de leitura apaixonante, a complexa personalidade dessa figura mofina da Legenda Dourada⁸⁶ e da memorização histórica em que se converteu o jovem cearense, que até hoje acorda às duas da manhã; come como um passarinho; trocou seu palácio episcopal por um quatinho de pobre aberto a todas as horas e a todos os visitantes; escreve quase diariamente pequeno epigramas espirituais, que ele próprio chama “meditações” e que um dia o consagrarão, não tenho a menor dúvida em afirmá-lo, como um dos nossos grandes poetas modernos, o maior dos nossos poetas católicos vivos, a par de um Armindo Trevisan ou de um Murilo Mendes; e é hoje, não apenas o “advogado do Terceiro Mundo”, como diz De Broucker, mas a voz profética de uma revolução pela não violência no mundo inteiro, como legítimo herdeiro de Gandhi e de Martin Luther King (TRISTÃO DE ATHAYDE, 1970, p. 1).

⁸⁴ Parte da correspondência inclusive está disponível para leitura e download grátis no endereço <http://e-chat.netwatts.com.br/alceuamorosolima/OpenViewer.atx>, acessado em 12 dez. 2018 .

⁸⁵ Ainda está por ser escrito um trabalho que conjugue e analise a figura de Dom Helder sob a ótica de seus opositores.

⁸⁶ Também conhecida como "Legenda Áurea" trata-se de uma coletânea de narrativas hagiográficas reunidas pelo dominicano Tiago de Voragine que depois veio a ser o bispo de Gênova.

Quatro anos depois desse artigo, Dom Helder estava lendo o livro *Memórias improvisadas*, no qual Dr. Alceu conta suas histórias, ele retribui a análise feita pelo amigo histórias... E ele retribui:

A vida do Alceu está tão identificada com a vida da Igreja e, em boa parte, com a nossa própria vida, que, acompanhá-lo, será dar o balanço de que todos precisamos. O Alceu é uma das maiores criaturas humanas que o Pai me deu a graça de encontrar. Na linha de encontros como os do Papa João ou de Roger, o prior de Taizé. Sob vários títulos é nosso mestre, inclusive, agora, de envelhecer por fora, guardando, por dentro, uma juventude cada vez mais aberta, mais corajosa, mais bela, mais evangélica (CAMARA, 1974, f. 1) [Carta Circular nº 219, Recife, 4/5.3.1974].

Se por um lado pode causar espanto que Dom Helder tenha reconhecido que um dos seus mestres foi um leigo, o que dizer de confessar-se às mulheres?⁸⁷ Para ilustrar esse pequeno e significativo grupo escolhemos duas peças fundamentais: uma, a jovem Cecília Monteiro Goulart, que foi a primeira secretária de Pe. Helder e a outra, a sua aluna e companheira de trabalho no Ministério da Educação, Virgínia Côrtes de Lacerda. Da primeira conforme apresentamos nos capítulos anteriores, recuperamos muitos documentos de seu arquivo pessoal, o que nos possibilitou, em larga escala, conhecer e completar uma visão nova a respeito da figura pública de Dom Helder. Cecília – ou Cecilinha, como ele costumava escrever – começou trabalhando no Instituto do Sal, mas logo abandonou para aventurar-se no Secretariado Nacional da Ação Católica Brasileira.

Antes de irmos à S. Clemente, passamos pelo Instituto do Sal. Da parte de Cecilinha encontramos compreensão e apoio totais. Mas ela mesma precisava de aprovação materna, pois a Família do grande Governador Bernardino Monteiro conservava todo o prestígio e fidalguia, mas perdera muito da situação financeira. D. Ináh não vacilou um segundo. Também ela, cheia de espírito de fé, fechou os olhos e pulou no escuro. [...] Ali vivemos na oração, no silêncio, aceitação total da vontade do Pai o mistério que cercou, durante anos, minha nomeação como Bispo-Auxiliar do Cardeal D. Jaime Camara.

Ali vivemos minhas relações inesperadas (o Núncio D. Carlos Chiarlo me chamou um dia, pedindo-me que o ajudasse, como conselheiro privado da Nunciatura) e sempre mais firmes (o Núncio D. Armando Lombardi foi um amigo fraterno) com a Nunciatura (a princípio, na Praia de Botafogo; depois, em Santa Teresa). Aos poucos, foi-se alargando, e tornando mais objetiva, e, sobretudo, cheia de fé. Ali, na S. Clemente, sonhamos o Ano Santo de 1950. D. Jaime, por sopro do querido Eu⁸⁸, me nomeara Secretário Geral da Comissão Nacional do Ano Santo. (CAMARA, 1972, f. 4 - 6) [Carta Circular nº 344, Nova York, 16/17.1. 1972].

⁸⁷ Veja-se, acima, nas páginas 12 a 14, o que Dom Helder entendia por isso, dentro da mais clássica tradição cristã.

⁸⁸ Dom Helder costumava referir-se a Dom José Vicente Távora como “querido Eu”.

Cecilia é também uma figura importantíssima não só para entender a operacionalização das ideias de Dom Helder, ela foi por muitos anos o seu “Frei Leão”, tal como na história de São Francisco. Nos primeiros anos da década de 1940 Dom Helder leu “São Francisco de Assis e a revolução social”, uma obra de Ernesto Pinto, traduzida pelo Frei Elzeário Schmitt, OFM, embora não saibamos precisar a partir de quando, exatamente, o fato é que a partir da leitura passou a assinar seus manuscritos pessoais como “F. Francisco” – são anotações para retiro, cartas e manuscritos avulsos. Mas Dom Helder não só chama a si de Francisco, renomeia também Cecilia, chamando-a de “Frei Leão”, conforme dissemos.

Meu querido Frei Leão

Já tinha lido sua carta em s/ olhar, em s/ atitude, assim que acabou de fazer meu comentário... Amizade, Frei Leão, é, sobretudo, ajuda para a mútua santificação. Encorajemo-nos, mutuamente, com a graça de Deus na luta contra o egoísmo, as estreitas visões humanas os sentimentos mesquinhos, as atitudes pagãs, o instintivismo, o naturalismo.... Quando o abatido for eu, seja Frei Leão! Quando o abatido for você, o Bom Deus me fará Frei Francisco! (FREI FRANCISCO, 1946, f. 1) [Carta de Direção Espiritual. Belo Horizonte, 26.08.1946].

Se houve um Frei Leão também existiu, na história de Dom Helder, uma Frei Jacoba, ela foi Virgínia Côrtes de Lacerda. Sua importância também como confessora do Padrezinho esteve sempre mais relacionada à dimensão do intelecto. Lia os clássicos gregos diretamente do seu texto original, tinha um vasto repertório literário e, juntos, eles leram e anotaram muitas obras⁸⁹. À parte delas trocaram inúmeras correspondências, estima-se que haja mais de sete mil páginas deste tipo de documento, que está em processo de digitalização e poderá ser estudado tão logo seja dado ao público o seu conhecimento.

Conforme dissemos no primeiro capítulo, quando da apresentação das diversas fontes às quais recorreremos para a feitura deste trabalho, mencionamos dois documentos, identificados um como uma regra de vida, a “Regra do Apostolado Oculto” e outro, como o “Roteiro de vida cristã”⁹⁰, sobre o qual falaremos abaixo.

Dom Helder escreve que a “Regra” nasceu a partir da leitura de *O apostolado das elites ocultas*, que ele estava lendo com Virgínia. Nós localizamos, no decorrer da pesquisa, três versões deste manuscrito. Segundo essas cadernetas,

⁸⁹ Tema que foi objeto de dissertação de mestrado defendida pela autora e, transformado em livro, publicado pelas Paulinas, em 2018 (Ver nas referências).

⁹⁰ O texto transcrito com algumas notas encontra-se nos Anexos desta tese.

todas com mesmo conteúdo⁹¹, “nunca pensamos, por princípio, em fundar uma congregação, nem sequer um instituto leigo. Mas formou-se todo um grupo” (CAMARA *apud* KATHEN, 1991, p. 42). De fato, trata-se de um documento riquíssimo, pois, todo o seu conteúdo gira em torno de uma experiência de vivência cristã em sociedade; desse modo, o texto dá-se a conhecer apresentando, primeiro, sua finalidade, seguida dos princípios básicos, depois do significado de ser apostolado oculto, da fidelidade à ação missionária da Igreja Católica e da Ação Católica, segue-se um longo tratado sobre a santificação das virtudes cristãs como tarefa para todos.

É inovador pensar que um padre, nos anos quarenta do século passado, pudesse compartilhar a escrita e a reflexão de uma regra de vida com mulheres. Mas essa hipótese é possível porque, em duas versões que localizamos o texto apresenta as grafias tanto de Dom Helder quando de Virginia, dando a entender que ela pode ter escrito junto com ele, ou simplesmente ter apenas transcrito o texto original. Pode-se pensar que este foi um caso único, e foi.

Ainda na fase de levantamento de fontes localizamos duas pequenas cadernetas, escritas no Rio de Janeiro, entre os dias 3 e 7 de fevereiro de 1951, trata-se do “Roteiro de vida cristã”, do qual texto não localizamos outras versões. Esses textos são um chamado para cumprirmos o que nos pede São Pedro, “antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento, porque está escrito: **sede santos, porque eu sou santo** (1Pe 1:15,16); (Lv11,44). Pode parecer ao leitor que esse tipo de projeto não tenha ocupado muito o centro da vida de Dom Helder, mas, conforme pretendemos desenvolver nos capítulos adiante, eles são fundamentais para, em momentos-chave, consolidar determinados aspectos da vida de Dom Helder e, em outros, ressignificá-los com a mesma força e intensidade.

Virgínia e Cecília deixaram a vida de Dom Helder de forma muito abrupta: a primeira, no final dos anos cinquenta, vítima de ataques cardíacos. A segunda, Cecília, no final dos anos setenta, vítima de um atropelamento na cabeceira da ponte que liga o Rio de Janeiro à cidade de Niterói. Duas perdas profundamente sentidas, na dor da ausência física, na diminuição e, em alguns casos, escassez, de

⁹¹ Este manuscrito, cuja autoria não se sabe se é de Dom Helder sozinho ou se em coautoria com Virginia tem as seguintes datas: “confirmada e abençoada em Roma no Natal do Ano Santo de 1950. Pe. José”, “Roma 21.10.1951”, “Rio (Gávea) 12 a 17.11.1951”, “Rio (Sumaré), retiro de preparação para a Sagração Episcopal 13 a 19.4.1952”.

determinadas coleções de documentos. No caso de Virgínia, ela tinha sido responsável pela guarda das Meditações de Pe. José e, após sua morte, as meditações diminuíram, mas não deixaram de ser escritas e graças a ela que as recolheu e incentivou, hoje já foram recuperados mais de sete mil textos dessa natureza.

Las meditaciones del Padre José se mezclaban con los libros que intercambiaba con Virginia. Las Meditaciones del Padre José eran los pequeños textos que yo escribo en mis veladas, aquello que mi rector del seminario, el Padre Dequidt, llamaba mis poesías...
 Un día, al despedir a mi director espiritual, el Padre Franca, me hizo esta pregunta: «¿No tienes nada que añadir?». Yo sonreía: «Entiendo que usted tiene algo que preguntar-me...» - «Padre José ¿quién eres?». Yo sonreí. Adivinaba que alguien le había hablado, y yo sabía que Virginia era una de las pocas personas que tenían noticia del Padre José. «Hazme el favor de traerme esas meditaciones». Expliqué al Padre Franca que la mayoría de las veces les rompía. Para mí aquellas meditaciones eran como flores que nacen, que se ofrecen y que deben desaparecer. Entonces me pidió: «Hazme el favor de no romper nunca ninguna meditación. Si alguna de ellas te parece que ha de guardar el secreto del rey, ponle una señal, pero no las rompas. Dáselas, por ejemplo, a Virginia...» (CAMARA, 1980, p. 105)⁹²

Já o que sucedeu após a morte de Cecília em 1977, nos faz crer que Dom Helder, embora escrevesse suas circulares à Família Mecejanense, as endereçava mentalmente para Cecília. Com sua morte, perdeu a motivação de escrevê-las! Esta hipótese, cuja fundamentação assenta-se mais na aplicação do método indiciário às fontes, do que apenas na constatação por via de documentos (era a destinatária do envelope de uma das cartas, por exemplo). Conforme nosso levantamento, verificamos que após a morte de Cecília o número médio de cartas anuais cai vertiginosamente e, poucos anos depois do episódio do acidente, elas deixam de ser escritas⁹³.

⁹² As meditações de Pe. José se misturam com os livros que trocamos com Virgínia. As Meditações de Pe. José eram os pequenos textos que eu escrevo em minhas vigílias, aqueles que o reitor do seminário, o Padre Dequidt chamava de minhas poesias... Um dia, ao me despedir do meu diretor espiritual Pe. [Leonel] Franca, ele me fez uma pergunta: “não tem nada a acrescentar?” Eu sorri: “Entendo que o senhor tem algo a me perguntar...” – “Padre José, quem é?...” Eu sorri. Adivinhava que alguém tinha falado, e eu sabia que Virginia era uma das poucas pessoas que tinham notícia do Pe. José. “Faça-me o favor de trazer essas meditações”. Expliquei ao Pe. Franca que a maioria das vezes as rasgava. Para mim, aquelas meditações eram como flores que nascem, que se oferecem e que devem desaparecer. Então me pediu: “Faça-me o favor de não rasgar nunca nenhuma meditação. Se alguma delas te parecer que deve ser guardada como segredo de um rei, coloca-lhes uma senha, mas não as rasgues. As dê, por exemplo, a Virgínia” [Tradução livre da autora].

⁹³ A fim de ilustrar nosso raciocínio colocamos na sessão de apêndice desta tese uma pequena tabela ilustrativa dessa hipótese.

Enfim, traçado o contexto de nossa documentação e das personagens que nele tiveram um papel preponderante, podemos passar ao núcleo de nossa tese, mergulhando em busca do sacerdote Helder Pessoa Camara.

4 “MAS É UM PADRE ASSIM, COMO O SENHOR TÁ FALANDO, QUE EU QUERO SER”

Pouco foi conhecido da figura de Helder Pessoa Camara para que se possa dizer, a respeito de sua atuação, que ele tenha sido conservador ou progressista, usando uma divisão comum para o estudo do clero, na história da Igreja recente⁹⁴. Pode-se apresentá-lo ora como um conservador: aquele padre que nunca abandonou a batina, que foi um devoto admirador do Papa⁹⁵ e um sacerdote que viveu intensamente imerso na teologia da Igreja. Ora como um progressista, aquele que mesmo não tendo abandonado a veste, despojou-se de todos os outros adornos próprios a sua condição de (arce)bispo e foi capaz de viver de forma modesta nos fundos de uma sacristia ou, simplesmente, do homem capaz de dialogar com as mais diversas instituições pelo bem comum.

Nós acreditamos que, ao contrário dos estudos que apresentam essas duas categorias como antagônicas, no caso de Dom Helder, mas não exclusivamente nele, as duas posições subsistem. Uma pode ser mais aparente em determinados aspectos da vida do que a outra, mas sem a necessidade de excluir, no todo, uma delas. Em resumo: quem, por exemplo, apresentou Dom Helder como um sacerdote da ala progressista da Igreja Católica, enfatizou, geralmente, sua luta em defesa dos mais necessitados ou sua luta por mudanças profundas no seio da própria Igreja, esqueceu-se, também, de marcar que este mesmo homem, quando foi censurado pela Igreja Católica, em 1969⁹⁶, procurou atender a todas as exigências impostas pela instituição. Da mesma de forma, ele jamais pronunciou-se publicamente – em

⁹⁴ Para citar exemplos de obras que ajudam a entender o assunto, sugerimos a leitura de: CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os baluartes da tradição**: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011. LÖWY, Michel. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne: Vozes, 2000. MANOZZI, D. **A igreja Católica e a Secularização**. São Paulo: Paulinas, 1999. ROCHA, Zildo Barbosa (Org). **Helder, o dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁹⁵ Nenhum em especial, mas todos os que ocuparam o trono de Pedro.

⁹⁶ Segundo informações escritas por Dom Helder, na Circular nº 517/1969 (publicada no III volume, do 4º tomo das suas Obras Completas), o Cardeal Secretário de Estado, Giovanni Benelli, havia lhe enviado duas cartas, uma dela foi possível recuperar. Ela aparece nesta publicação transcrita e traduzida, como anexo da circular supracitada. No conteúdo das cartas, conforme escreveu o arcebispo existia, por parte de Roma, uma preocupação com o alcance que suas palavras poderiam ter fora dos domínios de sua Arquidiocese, como “sugestão apostólica”, o Cardeal recomenda que as próximas conferências devam ser examinadas e autorizadas pela “autoridade eclesiástica local”.

entrevistas ou em discursos, por exemplo – negativamente contra qualquer ordem dos Papas.

Era a convicção de atuar no espírito da Igreja que o fazia sempre condicionar o atendimento àqueles convites ao conhecimento e à concordância dos bispos ou arcebispos locais. Daí, poder-se imaginar o quanto lhe custou acatar em espírito reverencial a carta que lhe chegou do Vaticano, assinada pelo amigo Cardeal Benelli, impondo-lhe condições (que já cumpria) para atender a convites para tais conferências ou declarações, e chamando-lhe a atenção para a extensa pauta de atividades pastorais que o seu múnus [encargo] episcopal à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife, dele estava a exigir (ROCHA, 2011, p. XXVI) [Introdução ao Volume IV].

Assim, nosso trabalho busca mostrar que rotular Dom Helder entre os conservadores é injusto com aquilo que ele buscou ser diante de seu Deus. Pois, se o colocarmos atado a esta posição, estaríamos negando todo o esforço que ele fez para superá-la em muitos aspectos de sua vida prática como sacerdote e, se o classificarmos apenas como um progressista, estaríamos negando aspectos fundamentais da sua formação, que lhe permitiram viver e exercer o sacerdócio como ele o fez.

Conforme escrevemos na introdução desta tese, o sacerdócio de Dom Helder deve ser entendido como uma experiência que ele viveu, simultaneamente, em duas dimensões complementares, uma da oração, da unidade, da pertença a Deus e, outra, a da vida prática, do cotidiano. Foi, por assim dizer, um místico no sentido clássico⁹⁷, mas que viveu essa unidade e dela fez uma experiência profunda na prática social junto aos seus semelhantes, em comunidade.

Para tornar mais claras as nossas ideias dividimos este capítulo em três seções: a primeira apresenta da forma mais detalhada quanto foi possível como Dom Helder foi formado e, a partir daí, viveu a dimensão mais espiritual do sacerdócio, nosso objetivo principal com esta seção foi, não só fazer conhecer esse místico – posto que tantos que conviveram com ele o classificam dessa forma⁹⁸ – mas,

⁹⁷ Místico é aquele que viveu uma experiência da presença de Deus no sentido íntimo. Pode-se dizer, também, daquele que tomou consciência particular do mistério de Cristo, sendo, portanto, levado à um conhecimento oculto de Deus, para além das Escrituras e dos sinais da liturgia (Dicionário Crítico de Teologia, 2004). Para H. Bernard, também autor desse dicionário, no entanto, “os místicos não são super-homens. A maioria deles não tem êxtase, nem visões [...] aliás, pode ocorrer (e quanto a mim estou quase persuadido disso) que, na mais débil oração, mais ainda, na menor emoção estética, se esboce uma experiência da mesma ordem e já mística, mas imperceptível e evanescente. (BERNARD *apud* DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA, 2004, p. 1162) [o vocábulo “mística” encontra-se entre as páginas 1161 e 1169]

⁹⁸ Como se pode observar nas seguintes publicações: CASTRO, Marcos de. **Dom Helder Camara: misticismo e santidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. PINHEIRO, Pe. José Ermanne. **Dom**

sobretudo, mostrar que essa dimensão de sua experiência religiosa foi a base, o alicerce que permitiu as profundas mudanças que defendemos nesta tese.

O segundo aspecto que apresentamos são as experiências práticas, aquilo que acreditamos ter sido fruto de uma profunda vivência espiritual e que, segundo nossas pesquisas, foi a dimensão em que as mudanças e permanências no exercício sacerdotal podem ser observadas e analisadas.

4.1 A formação dada pelos padres da Congregação da Missão no Seminário da Prainha

Segundo as normas adotadas após o Concílio de Trento (1545–1963), cada seminário deveria possuir um regulamento, e este deveria ser aprovado pelo Bispo a fim de que se ensinasse o que deveriam os seminaristas observar e fazer para o serviço da Igreja. O Seminário da Prainha, à época da entrada de Dom Helder como aluno do curso do seminário menor⁹⁹, em 1923, estava sob a direção dos padres da Congregação da Missão¹⁰⁰. A fundação Seminário Episcopal do Ceará¹⁰¹ deveu-se ao empenho de Dom Luís Antônio dos Santos – 1º Bispo do Ceará.

Nesse tempo [em 1814] construía-se ativamente perto da Igreja da Prainha, no Outeiro¹⁰², um prédio, destinado a um Recolhimento de órfãs. Estando as obras quase terminadas, o Sr. Bispo prevendo que dificilmente alcançaria do Governo Imperial o edifício, que este se comprometera a dar para o Seminário, pelo contrato da fundação da Diocese, tratou de entrar em acordo com o Presidente da Província, no sentido de aplicar a casa das Órfãs a um Estabelecimento Clerical. Queria o Sr. Dom Luiz o seu Seminário dirigido por Religiosos como eram os de Mariana e de S. Paulo – aluno e particular amigo da Congregação da Missão, foi para os Filhos de São Vicente de Paulo, que dirigiu suas vistas, suas preferências e sua confiança (ALBUM HISTÓRICO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CEARÁ, 1914, p. 19-20).

Helder Câmara e seu legado profético, disponível online <<http://www.cefep.org.br/dom-helder-camara-e-seu-legado-profetico/>>, acessado em 21 de fev. 2019. COMBLIN, Pe. José. **A espiritualidade de Dom Helder**, disponível online <<https://teologianordeste.net/index.php/publicacoes/artigos/114-a-espiritualidade-de-dom-helder>>, acessado em 21 de fev. 2019.

⁹⁹ Antiga designação usada para o Seminário que acolhia jovens ainda em idade escolar para iniciar a formação.

¹⁰⁰ Congregação da Missão “é uma sociedade de vida apostólica [que] foi fundada no dia 17 de abril de 1625, por São Vicente de Paulo. Seus membros são conhecidos como padres e irmãos vicentinos ou lazaristas (porque a primeira casa da Congregação, em Paris, se chamava “Casa de São Lázaro”), segundo a página da *web* da Congregação (<http://www.pbcm.com.br/o-que-e-congregacao-da-missao/>, acessada em 21 de fev. 2019).

¹⁰¹ Depois de algum tempo o Seminário passou a ser conhecido como Seminário Provincial da Prainha.

¹⁰² Pequena elevação de terreno.

O regulamento apresentado aos seminaristas era, em certa medida, um instrumento de origem quase divina, o modelo de sacerdócio obediente era Jesus, cuja história do nascer ao morrer mostrava a perfeita obediência a Deus, daí que todos deveriam seguir esse exemplo.

Que estima e respeito lhe não teremos, se considerarmos que provém de um santo; que é, em substância, o fruto da sabedoria de nossos pais da experiência dos séculos; que, concebido após maduras deliberações, só com discrição e tato foi modificado, de acordo com as necessidades prudentemente reconhecidas; que tudo quanto encerra impele à perfeição; que, finalmente, formou muitas gerações de bons e santos sacerdotes, notáveis pela dignidade de vida, zelo apostólico e toda casta de virtudes? (O LIVRO DO SEMINARISTA¹⁰³, 1959, p. 6).

Deus era apresentado aos seminaristas como, essencialmente, ordem; assim, tudo que se opusesse a isso, às Suas obras ordenadas, era o inferno e estava em pecado. O regulamento não deveria ser discutido, mas praticado, posto que ele era “uma questão de retidão e lealdade” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 7). Em outras palavras, era um contrato tácito, no qual uma das partes oferecia os meios necessários à formação e, a outra comprometia-se a seguir o regulamento. Garantiam as disposições gerais do instrumento regulador que de sua prática “fiel” resultavam:

paz interior, perfeita tranquilidade de consciência, a graça de conhecer a vocação e a ela corresponder, a graça de fazer dignos frutos de penitência, pela contínua mortificação de si próprio e aquisição do espírito sacerdotal; por último, a de viver santamente, de modo a poder, no fim da vida, apresentar a Deus dias cheios e obras dignas de recompensa, segundo a palavra de um santo: *qui regulae vivit, Deo vivit* (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 7-8).

Em cada um dos quartos do seminário deveria haver um exemplar do regulamento. Ele servia ao mesmo tempo para lembrar que aquele conjunto de normas expressava “a vontade de Deus e, [nesse sentido, deveriam] esforçar-se incessantemente por lhe ser fiel, com o intuito de agradar àquele que deve ser a regra de nossos pensamentos, desejos, palavras e ações” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 8). Era importante ressaltar que esse conjunto de obrigações e sanções era de ordem moral e sua transgressão não constituía, necessariamente, um erro

¹⁰³ Recuperamos a terceira edição impressa em 1959, pela Editora Ave Maria, de São Paulo. Esta cópia nos foi cedida pela Biblioteca da Província Brasileira da Congregação da Missão. Informaram que a edição em questão mantinha a forma e o conteúdo daquela utilizada na época em que Dom Helder foi aluno do Seminário (anos 20).

teológico. Previa como medidas punitivas duas “penas”: o adiamento das ordenações¹⁰⁴ e a expulsão do seminário¹⁰⁵.

Como se pode imaginar havia regras para abrir a porta, sentar, comer, vestir-se, ordenar o banho, organizar e limpar o quarto, portar-se na capela, no refeitório e no recreio. Havia ainda indicações dos interditos que poderiam ser: lugares, como a despensa, a cozinha e a enfermaria, ou pessoas, tanto as internas quanto as externas ao seminário, não se podia falar com elas sem prévia permissão do Diretor. O regulamento determinava o horário das aulas e dos exercícios, impunha as confissões semanais, determinava os dias de bênçãos solenes, o retiro mensal, a direção espiritual e atividades de avaliação – três ao longo do ano, um na entrada, outro no meio e o último no final do ano.

A escola de formação à qual este regimento fazia referência tinha duas características próprias: “[1.] A separação do mundo com uma feliz mescla de solidão e vida comum. [2.] Um espírito todo particular, resultante da direção prática e exclusiva para o sacerdócio e o ministério pastoral” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 23). A primeira, dizia respeito ao “recolhimento” dos seminaristas ao âmbito do seminário, para que “sob o olhar de Deus”, pudessem se preparar para receber as transformações que havia de “operar neles o Divino Espírito” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 24). Assim, separados e à medida em que avançavam nos estudos, candidatos ao sacerdócio, por meio das ordenações, iam sendo subtraídos da influência do mundo. A Igreja os ia “transportando para uma atmosfera de luz e vida sobrenaturais, onde se possam desenvolver, eficazmente, os germes admiráveis das virtudes e as misteriosas faculdades, comunicadas pela graça com a vocação” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 24).

Ainda sobre esta característica do seminário duas considerações: uma sobre a solidão necessária para o encontro fecundo com Deus, daí a valorização do

¹⁰⁴ Na Igreja Católica são chamadas de Ordens Sagradas – ou Ordens Maiores – do sacerdote, diácono e subdiácono e as quatro Ordens Menores: acólito, exorcista, leitor e porteiro.

¹⁰⁵ São previstos nove casos punidos com a expulsão, em resumo: 1. Escarnecer dos exercícios de piedade e do ensinamento praticados no Seminário; 2. Bater ou injuriar grosseira e escandalosamente alguém; 3. Manter conversas, contrárias à fé, introduzir ou guardar maus livros, manter correspondência com pessoas externas; 4. Embriagar-se ou manter outros excessos; 5. Entrar em “cafés”, bares e lugares públicos para beber ou comer; 6. Sair do seminário sem licença; 7. Fechar-se no quarto com algum discípulo; 8. Faltar ao regulamento e, 9. Gastar, na aquisição de objetos supérfluos, o dinheiro recebido para as despesas necessárias (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959).

espaço que chama de cela, “cantinho bendito e estimado [...] verdadeiro eremitério¹⁰⁶ onde, de boa mente, viverá a sós com Deus; santuário, onde, no recesso do seu coração, conforme o conselho do Evangelho, se deliciará em orar ao Pai das luzes” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 24-25). Como companheiro de cela, recomendava-se ao seminarista ter: um crucifixo, uma imagem de Maria e algumas belas gravuras de santos(as).

Não se devia pensar que a vida do seminarista fosse só solidão, por isso a importância da vida em comum, da qual sugere a segunda consideração: todos os aspirantes ao sacerdócio viviam sob o mesmo teto, praticavam os mesmos exercícios, o princípio da vida em comum era, por sua natureza, uma parte importante da formação, posto que auxiliava a criar hábitos de regularidade e disciplina.

A segunda característica do seminário diz respeito ao fato de que este espaço “destina-se, exclusivamente, aos que querem ser padres ou pelo menos estudar a sua vocação e cultivá-la” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 27). Aos que não tivessem esta inclinação a mera descrição das atividades poderia parecer insuportável; no entanto, afirmava o regimento ser, para aqueles cujo propósito era o serviço dos altares, motivo de júbilo poder “alargar as fronteiras do reino de Jesus Cristo, catequizar os meninos, converter os pecadores, instruir os fiéis” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 27). Assim eram descritos os sonhos dos seminaristas.

Sendo uma casa de formação, o seminário tinha um cunho prático, sugeria o regulamento que fosse deixado à margem o “estudo aprofundado de teses especulativas” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 28), para centrar-se numa direção mais “realista”. Desse modo deveria zelar pela “exatidão, clareza e perfeição” das coisas relacionadas às ciências eclesiais, primar pela “utilização da doutrina em proveito das almas, nos catecismos e nas pregações, no confessionário e na administração dos sacramentos, e em todo o conjunto do ministério pastoral” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 28). O seminário deveria suscitar: o espírito de piedade com relação a Deus e o espírito da docilidade em relação aos superiores; o espírito da caridade fraterna com relação aos discípulos e o espírito da regularidade, que dizia respeito à fidelidade ao trabalho, aos deveres. Escreveu

¹⁰⁶ Entendido como o lugar próprio dos eremitas ou o lugar onde vivem.

Bernardo Guimarães, de forma mais poética em seu romance *O seminarista* (1872), sobre o trabalho de recrutamento dos padres lazaristas

Naqueles tempos os dignos e veneráveis sacerdotes da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, aos quais tantos benefícios deve a província de Minas, não se descuidavam em empregar meios para atrair neófitos ao seio daquela respeitável corporação. Como os jesuítas, porém com mais escrúpulo e menos violência, procuravam dirigir a educação moral e intelectual dos meninos, de modo a inspirar-lhes o gosto pela vida ascética dos claustros e a resolvê-los a tomar a loba e o barrete¹⁰⁷ de congregados (GUIMARÃES, 2014, p. 34).

Durante o processo de formação dos seminaristas era imprescindível que eles recorressem a um Diretor Espiritual que, à diferença do confessor, dirigia o seu trabalho para guiar o sacerdote no sentido da salvação, da virtude e da santidade, por meio de conselhos e avisos. Era dever do Diretor Espiritual conter o ímpeto intempestivo que poderia alimentar a vaidade e a presunção, além de promover exercícios que auxiliassem nas debilidades de vontade e de caráter dos dirigidos e, sempre, deveria ensinar a todos o valor da oração. Diante do Diretor,

o dirigido começa por desvendar o estado do seu *interior*. Manifestando o seu proceder e o modo porque cumpre seus deveres, deve, sobretudo, remontar ao princípio, isto é, ao conjunto das ideias, sentimentos, disposições, que compõem seu ser moral e espiritual. Dirá seus gostos e tendências, seus desejos e inclinações boas ou más, seus pendores para o mal como para o bem, para o vício como para a virtude. Revelará seus estados de alma: alegrias ou tristezas, temores, angústias ou misérias morais. Falará de suas esperanças ou ambições, de seus impulsos para o fervor e para o zelo. Tudo quanto sofre e sente será claramente exposto e descoberto; tentações e vitórias, ocasiões de quedas e de fragilidade, quantas vezes triunfou de seu próprio caráter e de seus defeitos. Não é a alma humana um mundo perfeito, um *microcosmos*, no dizer dos antigos? Um oceano em contínuas agitações, mais ou menos profundas? Ora dúvidas que torturam e reclamam solução, ora ignorâncias ou incertezas que exigem pronto esclarecimento; hesitações, timidez, desânimos que estimular: preocupações que dissipar, esforços que secundar, penas que consolar; não raro presunções que reprimir, orgulho que esmagar, ilusões que destruir (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 36-37).

Descrito como alguém de confiança absoluta, instruído, prudente e piedoso, o Diretor Espiritual deveria ainda encorajar, naqueles cuja vocação era o sacerdócio, a “aquisição do espírito do sacerdócio de Jesus Cristo” (O LIVRO DO

¹⁰⁷ As expressões “loba” e “barrete” referem-se às vestes usadas pelos sacerdotes. Loba significa batina eclesiástica e barrete é um tipo de cobertura flexível para a cabeça, no geral feita de tecido, em forma quadrangular, usada pelos clérigos. A cor do barrete designa a posição na hierarquia clerical: os sacerdotes e seminaristas usam preto, os monsenhores usam preto com a borla violeta – adorno pendente feito com fios de lã, que fica na parte superior do barrete – os bispos e arcebispos usam o adorno na cor violeta e os cardeais, todo vermelho e sem a borla (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2004).

SEMINARISTA, 1959, p. 40). A preparação para o sacerdócio não deveria pretender formar um “padre qualquer, um medíocre, mas um padre modelo, um santo” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 40). O caminho mais eficiente para atingir o exercício pleno da vocação sacerdotal, segundo o manual, era bem viver e bem observar cada etapa do processo de formação através das ordenações¹⁰⁸. Isso porque, durante os longos anos de estudo era “aceitável” que alguns seminaristas apresentassem “horas de perturbação e melancolia, ao anuviar-se de incertezas e o horizonte de sua alma” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 44). Apontava como causas mais frequentes dessas perturbações: “a imaginação desordenada, a consciência indecisa ou o demônio a instigar desânimos” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 44).

Por fim, cabia ao Diretor Espiritual saber a história da vocação de cada um dos seus dirigidos, comunicando-lhes as graças particulares recebidas – iluminações, aspirações, vitórias, mortificações e progressos nas virtudes – a fim de que alcançasse o candidato aquilo que se descrevia como o “estado de seminarista”. Recomendava-se que, ao final de cada encontro com o Diretor, o dirigido deveria anotar todos os conselhos e os reler sempre que fosse necessário renovar a resolução tomada de progredir na virtude; deveria ainda, ao sair da sala, voltar à capela para agradecer tais conselhos e pedir a graça de os seguir fielmente.

Tendo sido o seminarista, “verdadeiramente”, chamado ao sacerdócio era preciso que ele soubesse o que significava a vocação, se ela era de foro íntimo e, portanto um chamado de Deus, “remonta[va] a sua origem às profundezas de Seu amor, ao próprio seio da eternidade” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 56), ou se era de foro externo, sendo assim um chamado da Igreja considerado, neste caso, um ato de jurisdição, a instituição admitia um candidato às ordenações, mediante três elementos: apresentação da solicitação do sacramento da Ordem, por parte do ordinando, o julgamento da Igreja da idoneidade do candidato e, o ato de admissão.

A Igreja considerava um conjunto de qualidades que requeria de seus ministros, julgadas convenientes para o desempenho de suas funções. Elas eram de origens canônicas e, duas mereciam maior destaque: a “devida ciência” – comprovada por meio de exames e exercícios intelectuais – nas quais se evidenciava o desenvolvimento da inteligência e, “as virtudes próprias da ordem” que seriam

¹⁰⁸ Conforme mencionadas na nota nº 107.

promovidas. Estavam excluídos da ordenação aqueles que apresentassem, em grau excessivo:

Na ordem intelectual: os espíritos curtos (falta de compreensão), os espíritos irrefletidos (falta de atenção), os espíritos falsos (falta de discernimento). Na ordem moral: os espíritos originais, singulares, fantasistas. Os levianos, precipitados, inconsistentes, volúveis. Os espíritos moles, sem energia, sem coragem, os pequeninos, minuciosos, escrupulosos. Os espíritos, débeis, tímidos, incapazes de assumir um compromisso. Os inconsistentes, os baixos, rasteiros. Os dissimulados, melancólicos e sombrios. Os espíritos irascíveis e sombrios, os melindrosos e amuados. Os impertinentes, teimosos, altercadores e os críticos. Cumpre, ainda, vigiar as tendências: para o orgulho, a avareza, a intemperança, a impureza e, também, as nevroses e psicoses (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 63).

Cabia ao seminarista dedicar-se aos estudos; não meramente ler, ou escutar as preleções dos professores, ou, tomar notas das aulas. Estudar significava assimilar “a verdade”, dela obter e extrair reflexões, “não se opera este trabalho sem esforço nem fadiga” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 76). O estudo deveria ser dirigido para a aquisição de ideias claras, visto que o padre estava destinado a ensinar, era preciso saber usar as palavras precisamente, “porque os lábios do sacerdote guardam o conhecimento, e de sua boca procura-se ensinamento: pois ele é o mensageiro de *lahweh* dos exércitos” (Mal 7,2). Os estudos ofereciam os subsídios para: doutrinar os fiéis, esclarecer-lhes a consciência, ajudá-los em casos embaraçosos e dissipar-lhes as dúvidas. A respeito das normas diretivas das leituras para o seminarista:

Não será fora de propósito (...) [recordar as] normas e princípios, emanados da Santa Sé e ditados pela experiência, relativos à orientação e prudência que guiarão o seminarista na escolha de suas leituras. De fato, aumentam diariamente as publicações de todo gênero, revistas periódicas, brochuras e livros, literários e científicos, que atingem mesmo as regiões mais remotas e os ambientes mais reservados e se colocam ao alcance de todos, com tentadores reclames de obras seletas, cujo conhecimento não se pode ignorar. E muitos, sob pretexto de se tratar de conhecimentos integrantes do patrimônio comum intelectual perdem considerável e precioso tempo nestas leituras, quando não se expõem ao perigo de deformarem a própria inteligência ou de degradarem o próprio coração, fracassando nos bons costumes e naufragando na fé, por terem servido, ingênua e candidamente, ao veneno de uma curiosa e pretensa erudição. (...) Guarde-se em seguida da leitura efeminada e doentia dos romances atentatórios ou abertamente opostos à moral cristã, e dos qualificados pelo *Directorium Seminariorum* de “*fabulas amatorias minus honestas*”¹⁰⁹. Para formar em si mesmo esta

¹⁰⁹ Não localizamos em nossas fontes esse documento, mas verificamos que, segundo o Código de Direito Canônico, vigente a partir do Concílio de Trento e, portanto, contemporâneo a essas instruções, no seu Livro Terceiro (Relativo As Coisas), na quarta parte (Do magistério Eclesiástico), o seu 23º Título é relativo à “Prévia censura dos livros e de sua proibição”, os cânones 1.395 a 1.405 são claros no que diz respeito à proibição de obras de diferentes gêneros literários (Código de Derecho Canónico y Legislación complementaria, 1976).

convicção inabalável, capaz de resistir a qualquer insinuação, medite, de frequente, estas palavras de São Pio X: “Em nossos dias, quantos membros do clero se deixam, a pouco e pouco, invadir pelas trevas da dúvida e seguem os caminhos perversos do século! A causa é, sobretudo, esta: preferem aos livros piedosos e divinos toda sorte de outros livros, e uma multidão de jornais que espalham em profusão o erro sutil e a corrupção. Vigiai, pois, filhos caríssimos. Não vos fieis na vossa idade adulta ou avançada. Não abuseis, com a esperança ilusória de que pretendeis servir melhor ao bem comum” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 95-97).

Feitas as considerações a respeito do estudo, deveria o seminarista desenvolver ascética com vistas ao êxito dos exercícios de piedade. Apresentada ora como sinônimo de misericórdia, uma afetuosa e compassiva simpatia entre homens de bom coração e os mais necessitados, ora como um precioso dom, cuja origem remontava ao Espírito Santo, necessário para servir a Deus. Piedade podia ser lida, genericamente, como um conjunto de exercícios que ligavam o seminarista à Deus.

Segundo o regulamento, este “precioso dom” deveria assentar-se em um tripé, a piedade deveria ser sólida – posto que era feita da convicção verdadeira –, substancial – nutrida das verdades da razão e da fé – e prática não estando sujeita às fraquezas do respeito humano. Apresentada aos seminaristas por um conjunto de adjetivos: sincera, simples, inteira, que excluía formalismos externos de gestos vazios de fé e somente rituais, pois a piedade verdadeira era uma questão de coração, “da alma que se consagra a Deus” e, dessa forma, deveria se manifestar por atos de virtude.

O caminho para alcançá-la eram os exercícios espirituais, os sacramentos da confissão e comunhão, a oração mental, as visitas ao Santíssimo Sacramento, a recitação do terço, os exames de consciência, a leitura espiritual e os retiros. “Tudo neles foi previsto: número, qualidades, duração. Nenhum é inútil ou supérfluo; nenhum é impraticável ou inoportuno (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 117). Juntos eles esclareciam a inteligência, inflamavam o coração e faziam o seminarista entrar, por meio de exame, em sua própria consciência.

Segundo o Código de Direito Canônico¹¹⁰, no cânon 1.367, artigos 1º ao 5º, recomendava-se que os Bispos com os seminaristas a eles confiados: rezassem juntos as orações da manhã e da tarde, que se confessassem ao menos uma vez por semana, que fizessem exercícios espirituais anuais, que recorressem à direção

¹¹⁰ O mesmo a que nos referimos na nota anterior.

espiritual, semanalmente e que assistissem à missa todos os dias. Especial atenção era dada para a última recomendação, porque a missa era apresentada como “a última vontade de Jesus Cristo”, segundo está escrito em Lc 22. Ela é a permanente renovação do sacrifício cruento do calvário¹¹¹.

Estruturada em três partes: a missa dos catecúmenos consistia no culto da oração e da instrução (o introito, o *Kyrie*, o glória e as orações), a missa dos fiéis, com a preparação para o ofertório, a ação sacrificial e a ceia sacrificial, e a despedida, com a recomendação de que era preciso viver a missa, “a missa acabou cada um deverá levar para a sua vida cotidiana a força recebida no Sacrifício Eucarístico” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 175). Portanto, não se podia supor uma assistência passiva, negligente e distraída; mas fervorosa e ativa. Participar do sacrifício eucarístico requeria, como pré-requisito, um exame de consciência, por meio da confissão, da “graça do sacramento da penitência” e da contrição, já que a proposta da Santa Comunhão era cumprir um dever de justiça, por meio da preparação e da gratidão, derivada da intenção reta.

Deveria o seminarista durante a sua formação guardar e praticar as instruções referentes às refeições, aos recreios, aos retiros, às férias e às obras. Quanto às primeiras, era preciso ter em mente que as refeições eram um caminho para os excessos e degenerações; para evitar isso, deveriam santificá-las por meio de práticas de religião, modéstia e mortificação, conduzindo à satisfação de uma necessidade corporal. O seminarista deveria se dirigir ao refeitório modesta e comedidamente, fazer com atenção e piedade as orações que precediam as refeições, jamais tomar com avidez os alimentos, mas com modéstia cristã. Deveria ser circunspecto, silencioso e modesto, comeria o que lhes pusessem sobre a mesa e deveria, “evitar tomar aquilo que há de melhor e nunca deixar a mesa sem haver [se] imposto alguma leve privação” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 266). Ainda no refeitório era recomendado ouvir atentamente a leitura feita na ocasião das refeições para que se pudesse tirar delas algum assunto para o recreio.

Atividade necessária ao espírito que precisava de distração e ao corpo que reclamava movimento, os recreios deveriam ocorrer em vários momentos do dia; os passeios, porém, apenas uma vez por semana. Eram descritos como oportunidades

¹¹¹ Conforme procuramos descrever teologicamente na introdução desta tese.

para o exercício da virtude, apresentavam-no como “melhor campo de batalha de desprendimento e da luta contra si próprio” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 268). Os recreios também provocavam situações nas quais podiam ser trabalhadas a tolerância, a humildade, a mortificação dos próprios gosto e juízos.

Não se entregará a ele só por prazer, mas por espírito de obediência e submissão à divina vontade, chamando-o, agora, a divertir-se, como, em outros momentos, a estudar e orar. Assim, sobrenaturalizado, pode o recreio tornar-se para o seminarista fervoroso exercício tão meritório quanto a oração (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 269).

Devia-se, a todo custo, evitar a maledicência, as discussões e as leviandades; buscava-se, por outro lado, desenvolver as virtudes da alegria – desde que custodiada pelos limites devidos –, a modéstia, a caridade, o respeito mútuo e a decência – com vistas a evitar pilhérias equivocadas, historietas e anedotas. Se, por um lado, os recreios eram uma oportunidade para o exercício da virtude, os retiros – fossem os anuais, os de ordenação ou os mensais – eram uma oportunidade de eliminar as relações com o mundo exterior, por meio do silêncio profundo e de estudos com vistas à perfeição e à santidade.

Os retiros anuais deveriam ocorrer sempre na volta das férias para o seminário: “é mister que se recolha cada um, se examine diante de Deus, cure seus achaques” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 276). Esse período poderia variar entre 3 e 5 dias, mas deveria se realizar impreterivelmente. Os retiros que precediam as ordenações tinham dupla finalidade em relação à vocação: primeira, a de fazer o seminarista refletir sobre ela como “bela e honrosa” e, a segunda, de analisá-la sob as óticas das responsabilidades e das virtudes. À diferença do retiro anual, em que quem se colocava diante de Deus era o cristão pecador, nos retiros de ordenação, era o clérigo que se afastava do mundo para unir-se aos apóstolos no cenáculo¹¹².

Os retiros mensais consistiam nos exames de renovação das resoluções tomadas em direção à perfeição e à ordenação, além de oferecerem subsídios para a preparação dos seminaristas para a morte. Pensando a respeito do projeto de salvação e do negócio da santificação, era necessário ter sempre presente que, ao

¹¹² Então, do monte chamado das Oliveiras, voltaram a Jerusalém. A distância é pequena: a de uma caminhada de sábado. Tendo entrado na cidade, subiram à sala de cima onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Felipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago. Todos estes, unânimes, perseveraram na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos (AT 1, 12-14).

morrer, tudo seria deixado, sem exceção, dos pais aos amigos, a casa, as obras. Morreria o cristão e sua alma deixaria o corpo, para que ela pudesse comparecer diante de Deus para o julgamento no tribunal divino.

Este termo retiro ou exercícios espirituais significa, diz S. Vicente de Paulo, o desprendimento de todos os negócios e ocupações temporais, para seriamente nos aplicarmos em conhecer nosso interior, bem examinar o estado de nossa consciência, meditar, contemplar, orar e preparar deste modo nossa alma para se purificar de todos os pecados, afetos e hábitos maus; para se encher do desejo das virtudes: investigar e conhecer a vontade de Deus, e, depois de conhecer, a ela aderir, pela obediência, conformidade e união, assim à própria perfeição prossegui-la e, enfim, alcança-la (ABELLY *apud* O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 274-275).

A vida dos seminaristas não era só estudo; havia os períodos de férias, concedidas a título de descanso. Mas, como todos os pontos anteriores da formação, também para ela existia uma série de normas que deveriam ser observadas. Pensado como teste à vocação, no período de férias até os encontros de Direção Espiritual poderiam ser suspensos ou, em casos menos comuns, eram feitos por correspondência. Os seminaristas precisavam provar sua vocação, uma vez que eram chamados a viver no mundo, assim estariam terminados os anos de formação, entregues a si mesmos e deveriam continuar observando as regras da vida eclesial, sem o amparo da vida em comum proporcionada no seminário. Exigia de cada um o equilíbrio entre a liberdade e a regularidade.

Tendo em mente essas premissas, durante as férias os seminaristas deveriam manter os exercícios de piedade, levantar-se cedo e, tão logo, pôr-se em oração, vestir-se rápida e silenciosamente e “a ninguém aparecer senão totalmente vestido” (O LIVRO DO SEMINARISTA, 1959, p. 297), assistir à santa missa, manter as recitações das horas canônicas¹¹³, as confissões e comunhões como no seminário. O descanso não poderia ser um campo para a ociosidade, por isso deveria o seminarista dedicar-se a algum trabalho útil ou alguma honesta diversão.

¹¹³ São as antigas divisões do tempo, desenvolvidas pelo Cristianismo, que serviam como diretrizes para as orações a serem feitas durante o dia. Dividia-se o tempo em: "Matinas" ou ofício da leitura, "Laudes" a oração da manhã, as "Vésperas", a oração da tarde, elas constituíam os dois polos do Ofício cotidiano. A "Terça" (Hora intermédia): recordava a vinda do Espírito Santo sobre os discípulos reunidos com Maria no cenáculo (Atos 2:15). A "Sexta" (Hora intermédia): lembrava a hora em que Pedro saiu no terraço para rezar e teve uma visão. "Noa" (Hora intermédia): lembrava a oração de Pedro e João no Templo, onde Pedro curou o paralítico, conforme Atos 3:1. E as "Completras" deveriam ser rezadas antes do repouso da noite. Nesse momento, fazia-se um ato penitencial pelas faltas cometidas naquele dia e a salmodia exprime a confiança no Senhor: o sono da noite, que lembra o sono da morte, leva o cristão a se entregar e abandonar-se ao Senhor antes do repouso noturno (DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA, 2004).

O último aspecto da formação oferecida pelo seminário dizia respeito ao fomento das ideias relacionadas às obras. Conscientes de que não dispunham de recursos financeiros para empreendê-las durante a formação era necessário cultivar ideias para que eles as pudessem desenvolver quando assumissem seus postos no mundo. As obras eram um complemento das funções relativas ao ministério pastoral; então, deveriam estar vivas no sacerdote as atividades relacionadas ao catecismo, às pregações, ao cuidado dos enfermos, à administração dos sacramentos, aos patronatos e aos apostolados. Não somente essas, mas também aquelas associações de orações e penitências, ordens terceiras, escolas, círculos de estudos, sindicatos e organizações profissionais.

Procuramos apresentar um resumo do que significava a formação sacerdotal, daquilo que foi o fiel da balança na vida de Dom Helder. Somente mergulhando no universo da formação é que se pode medir ou tentar mensurar o esforço que significou qualquer mudança que pusesse em xeque convicções tão assentadas. Como o texto reiteradamente afirmava, nunca se tratou de uma formação mundana; mas algo de fundo divino, que deveria conduzir à perfeição.

A educação dada no Seminário da Prainha era muito semelhante àquela dada em outros seminários do Brasil, posto que elas seguiam as diretrizes previstas no Código de Direito Canônico. O que os diferenciava de outros seminários diocesanos era o fato de que estava confiado aos religiosos da Congregação da Missão, os sacerdotes religiosos têm uma dinâmica um pouco diferente dos padres diocesanos.

Quando começamos a listar aquilo que chamamos, nesta tese, de ressignificações do exercício sacerdotal, não tínhamos ainda claro o que realmente elas queriam dizer. Sabíamos que Dom Helder não conservava a sua formação sem transformá-la. Não pela mera passagem do tempo, do acúmulo de novas funções ou mesmo das pequenas modernizações que se puderam operar durante o período mais profundamente estudado de sua atuação, mas por uma transmutação que se passava no espírito e reverberava em suas ações práticas.

4.2 “É preciso mudar muito, para ser sempre o mesmo”

Da sincera e apaixonada vocação de Dom Helder ninguém duvidou; expressou-se muitas vezes, desde pequeno, segundo seus biógrafos dizendo: “Quero ser padre! Quero ser padre! Outras vezes dizia que queria ser lazarista” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 42). Sua primeira participação ativa como membro da igreja foi, ainda na infância antes de ingressar no seminário, quando, Helder Camara, foi aspirante da Conferência de São Vicente de Paulo e, isso significou que ele, como católico, foi alguém que frequentou uma conferência vicentina¹¹⁴ com o intuito de ser um vicentino. Embora não saibamos a qual Conferência pertenceu, o fato dele ter expressado o desejo de ser lazarista se deveu, provavelmente, à presença de numerosos padres daquela ordem em Fortaleza naquele momento.

Outro episódio envolvendo os padres da Congregação da Missão e sua vida, antes de ingressar no seminário, foi quando sua irmã, Maria Pessoa Camara, por ter tentado cometer suicídio, teve o ingresso barrado entre as Filhas da Caridade¹¹⁵, ainda assim ela frequentou o Colégio da Imaculada Conceição que era administrado pelas Irmãs. Maria acabou conseguindo entrar como postulante, em outubro de 1924, na Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas de São Francisco de Assis, tendo sido consagrada a 18 de maio de 1926, em São Luiz do Maranhão. Aqui pela primeira vez a figura de São Francisco de Assis aparece, ainda que indiretamente, associada a aspectos da biografia de Dom Helder.

Aqueles que já escreveram sobre sua vocação, dizem que Dom Helder, quando pequeno costumava celebrar missas de brincadeira, enfatizando que ele “ajoelhava-se”, “abria os braços” e “fazia o sinal da Santa Cruz” diante de um pequeno altar improvisado. Quase como na descrição feita pelo romancista Bernardo Guimarães que, para acentuar no protagonista, Eugênio, aquilo que se atribuía como sendo as qualidades de um seminarista cuja vocação era verdadeira:

¹¹⁴ É formada por vicentinos (leigos e leigas católicos, geralmente dedicados à oração e ao serviço dos necessitados e, que já passaram pela cerimônia de proclamação dos aspirantes) que se reúnem semanalmente afim de desenvolver todas as atividades necessárias à promoção humana. Sugerimos como aprofundamento do tema: <http://www.ssvpcmg.org.br/docs/Subsidio.pdf>, acessado em 07 de mar. 2019.

¹¹⁵ Segundo o site oficial da Congregação, “a Companhia das Filhas da Caridade é uma Sociedade de Vida Apostólica em comunidade, que assume os Conselhos Evangélicos de castidade, pobreza e obediência, conforme suas constituições e estatutos, para servir corporal e espiritualmente os Pobres, vendo neles a pessoa de Jesus Cristo Crucificado” (<http://www.filhasdacaridade.com.br/institucional/historia/8>, acessado em 07 de mar. 2019).

Eugênio era dotado de índole calma e pacata, e revelava ainda na infância juízo e sisudez superior à sua idade; tinha inteligência fácil e boa memória. Além disso mostrava grande pendor para as coisas religiosas. Seu principal entretenimento, depois de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante deste oratório, o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente cômica. Seus assistentes eram os crioulinhos da casa, e às vezes ele tinha por sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava. Em vista de tudo isto os pais entenderam que o menino tinha nascido para padre, e que não deviam desprezar tão bela vocação. Assentaram, pois, de mandá-lo estudar e destiná-lo ao estado clerical (GUIMARÃES, 2014 p. 25).

Conforme buscamos apresentar, o seminarista Helder foi, como era o costume, submetido a uma rígida formação. Associada a ela existia toda uma cultura daquilo que “deveria” ser e fazer um sacerdote. Divulgada ora pela literatura relacionada – conforme apresentamos com citações de trechos do romance *O Seminarista* (primeira edição publicada em 1872) – ora pelo senso comum; para ilustrá-la, retomamos a apresentação do conceito de sacerdote apresentado a Dom Helder, por seu pai, João Eduardo Torres Câmara Filho, pois nela constam não só aquilo que deveria “compor” o ser sacerdote, mas, sobretudo, a sua função no mundo. Os termos associados ao sacerdócio por João Eduardo foram “não pode ser egoísta, não pode pensar em si mesmo” e, como funções desse exercício os “padres” deveriam, primeiro, acreditar que “tocavam a Cristo durante a celebração da eucaristia” e que ela, ainda nas palavras dele, “eram o próprio Cristo”. Segundo, acreditar que o “padre” existia para “glória de Deus” na medida em que se punha a serviço do próximo.

Procurando relacionar esses conceitos passemos à análise propriamente dita das mudanças e permanências a que fizemos referência do início da tese até aqui, retomando ponto a ponto os itens da formação, a saber: a obediência e preferência pela ordem, a vocação, o quarto, os horários, a vestimenta, a solidão, as ordenações, a direção espiritual, os estudos, a piedade, a missa, os retiros e as obras.

Não pairam dúvidas de que Dom Helder foi sacerdote obediente; notamos, porém, no decorrer da pesquisa, que não se pode afirmar que isso foi uma constante em sua trajetória. Em muitos momentos, a desobediência acabou por “mudar” o rumo de sua vida. Listamos alguns: o primeiro, nos remeteu ao período em que o Padre Helder ainda vivia no Ceará, atuando como secretário de educação do seu Estado natal, e atravessou o que seus biógrafos descreveram como

verdadeiro inferno astral no segundo semestre de 1935. Ele tinha consciência de passar por um mau momento na Diretoria de Instrução Pública, a tal ponto que, poucos dias antes de estourar a última crise que o levaria a apresentar seu pedido de demissão, escrevera ao educador Manuel Lourenço Filho comunicando-lhe que não suportava mais as ingerências políticas do governador e de vários secretários de estado em sua pasta, ora pedindo para transferir um professor que os apoiava para um posto melhor localizado na capital, ora pretendendo afastar compulsoriamente outro que não se submetia a seu comando (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 115).

Esse ato de rebeldia custou ao Padre Helder não só o cargo que de próprio abandonou, mas ele resultou ser o verdadeiro motivo de sua mudança para o Rio de Janeiro. Costumava-se apontar como a causa da transferência para a capital federal o fato de ele ter militado no integralismo; entretanto, a análise de manuscritos dos anos 40, mostrou que a chamada “fase integralista” foi rememorada por Dom Helder de outra forma:

Parece estranho que eu tenha sido político e me tenha filiado a um partido de tipo fascista: o integralismo brasileiro. Tudo foi mais simples do que hoje pode parecer. Ordenei-me com 22 anos e meio (com licença especial da Santa Sé). Antes mesmo do meu sacerdócio interessei-me pelos movimentos sociais e colaborei na organização de um lindo movimento proletário, de espírito perfeitamente cristão: A Legião Cearense do Trabalho. De acordo com os dirigentes da Legião, organizei a Juventude Operária Católica (o jocismo) e a Sindicalização Operária Católica Feminina. Para agir junto aos dirigentes da massa, ajudei a organizar a Liga dos Professores Católicos, do Ceará. Achava-me em plena liça¹¹⁶ quando surgiu a Ação Integralista Brasileira. Friso este fato porque há uma diferença enorme entre se achar no meio da massa ou entre as quatro paredes de um gabinete. [...] Estivesse no gabinete e teria olhado dessa maneira a reação nacional-corporativa em face dos excessos a que tinha chegado a ideia, um dia generosa e pura, do liberalismo. Estivesse longe da necessidade de pronunciar-me e teria visto a que exagero, em breve, os estados intervencionistas haveriam de chegar. [...] **Alias, não agi sozinho. Abri-me com meu Arcebispo. Expus o caso a ele e a ele confiei a decisão. Achou bom meu ingresso no integralismo.** (CAMARA, 1943, p. 1 – 2) [Transcrição do manuscrito Declarações Testamentárias. Grifos da doutoranda].

No mesmo sentido, outro ato que pudemos apontar foi o que expusemos no capítulo anterior, quando Dom Helder decidiu não acatar a “sugestão” para desenvolver as chamadas escolas radiofônicas, em 1961. Ali claramente Dom Helder se opôs à ideia do desenvolvimento, naquele momento, daquela “obra”, seja porque, como ele mesmo apontou, não existiam condições mínimas necessárias, seja porque, como sugeriu o Cardeal Câmara, aquela não era uma obra nascida das ideias de Dom Helder.

¹¹⁶ Em sentido figurado significa, “Lugar onde se debatem questões importantes”. “liça”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [on-line], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/li%C3%A7a> [consultado em 04 abr.2019].

No final da década de 1960 outro episódio marcou profundamente a vida de Dom Helder: o Cardeal Benelli lhe enviou duas correspondências sugerindo que ele se ocupasse estritamente de sua arquidiocese, restringindo as suas viagens ao seu período de férias. Acreditou-se, por muitos anos, que Dom Helder não havia expressado, em nenhum momento, nada contra aquela situação. Mas houve. Dom Helder anotou nas margens do livro que lia quando recebeu as correspondências – *Diálogos com Paulo VI*, do jornalista francês Jean Guitton – muitos comentários relacionados à figura de Paulo VI, quando ainda era o Monsenhor Montini e, muitas “meditações-protesto”:

Se és sincero / e buscas a verdade / e tentas encontrá-la como podes, / ganharei / tendo a honestidade / e a modéstia / de completar com o teu / meu pensamento, / de corrigir enganos, / de aprofundar a visão... (Pe. JOSÉ, 1969, p. 40) [Transcrição de **Se discordas de mim, tu me enriqueces**. S. Paulo, 17/18.7.1969. Vol. 40 das Meditações de Pe. José].

Por outro lado, a obediência foi, sem sombra de dúvidas, uma das características que mais marcaram seu sacerdócio, pela fidelidade à Igreja, à figura do Papa e aos designios vindos de Roma; ela nos faz crer que, para ele, o ditado era verdadeiro: “Roma locuta, Causa finita”¹¹⁷. Não foram localizados, por exemplo, no decorrer de nossas pesquisas textos de sua autoria ou mesmo entrevistas que ele tenha concedido, contendo quaisquer traços de novas e pequenas transgressões à obediência¹¹⁸. Com o início da década de 1970, quando - à censura à sua figura pública nos meios de comunicação, Dom Helder, nos pareceu, passou a olhar muito mais para si, do que para seu entorno, passando a adotar, inclusive em suas circulares, um tom excessivamente autobiográfico,

Obrigado, Senhor, por 1969! Sem dúvida, foi um ano sofrido. **E não penso apenas nos sofrimentos pessoais ou nos sofrimentos da Família queridíssima. Nem mesmo paro nos sofrimentos do Nordeste e do Brasil.** Ano sofrido, difícil para o Mundo. Mas quem disse que o sofrimento é maldição?... Quem não sabe que ele amadurece e faz crescer!?... Pessoalmente, agradeço a fidelidade às linhas essenciais de minha vida. Ainda um ano de Santa Missa preparada na Vigília, vivida, por tua graça, em plenitude; estendendo-se, depois, ao dia inteiro. Ainda um ano de entrega absoluta e irrestrita em tuas mãos (e como testaste esta entrega, das maneiras mais variadas, mais imprevistas e mais difíceis! Também, como tua

¹¹⁷ “Roma dita, a causa finita”, em tradução livre da autora.

¹¹⁸ Apuramos que existiam mecanismos de transgressão usados por Dom Helder como o envio tardio das cópias dos discursos pronunciados no exterior ou quando o envio era feito a tempo e ele falava de improviso. Optamos por não nos aprofundarmos nessa seara porque não tínhamos acesso aos registros de correspondências daqueles discursos para corroborar a apuração dessas informações; além disso, sobreviveram apenas as versões oficiais dos discursos que foram ditos de improviso, não encontramos nenhuma cópia.

Graça me ajudou!) (CAMARA, 2014b, p. 337) [636ª Circular Após-Concílio. Recife, 31/12.1969/1º.01.1970. Grifos da doutoranda].

Dom Helder, no trecho que destacamos, fez referência a si, naquilo que acreditamos remeter à proibição das viagens e das conferências fora dos domínios da Arquidiocese ou, possivelmente, em referência ao assassinato do Pe. Henrique Pereira Neto. Fez, ainda, referência aos sofrimentos da Família, ao trabalho de cada uma de seus membros, com especial atenção, para as coisas relacionadas ao Banco da Providência e à Feira na Providência. No que tange à história do Brasil, é possível relacionar suas memórias aos seguintes fatos: Decreto-Lei nº 477/1969, que proibiu aos professores, alunos e funcionários das escolas quaisquer manifestações de caráter político; a trombose que afastou o presidente Costa e Silva do governo, sendo substituído por uma Junta Militar, ou mesmo o sequestro do embaixador norte-americano, Charles Elbrick, ocorrido em setembro daquele ano. Finalmente, cabe a lembrança a Lei de Segurança Nacional e a Emenda Constitucional Nº 1, por alguns considerada uma nova Constituição.

Retomando os aspectos de nossa análise, aparece associado à obediência o “gosto pela ordem”. Tanto aquela interpretada como oriunda da observância dos conjuntos de leis e normas internas e externas – as mais relacionadas ao conjunto de códigos que regem a Igreja Católica e sobre as quais não encontramos qualquer traço, nos manuscritos de Dom Helder, que tenham posicionamentos a este respeito. Ele cumpriu fielmente aquilo que estava prescrito nos códigos –. Quando nos referimos às ordens internas, tratamos, especificamente, daquelas relacionadas às coisas práticas da vida cotidiana, o que inclui a ordenação do quarto, a vestimenta, os horários. Notamos, no transcorrer da pesquisa, que os hábitos oriundos desse conjunto de normas e regras mantiveram-se praticamente inalterados. Por exemplo, a respeito do quarto que, segundo a norma, deveria ser um ambiente de meditação, conservando apenas poucos objetos que deveriam servir-lhes de inspiração para as orações. Quando recuperamos as fotografias do quarto que pertenceu a Dom Helder, no Rio de Janeiro, ou quando visitamos o seu quarto nos fundos da sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Assunção – a Igreja das Fronteiras, no Recife – podemos ver o mesmo conjunto de objetos: uma cama de solteiro, uma pequeno guarda-roupas e uma cômoda e, como objetos de decoração, um crucifixo de madeira, duas imagens emolduradas, uma de Nossa Senhora e outra de São Vicente de Paulo; nesta última,

completa a representação a frase: “”¹¹⁹. Ainda no quarto da Igreja das Fronteiras se vê, sobre a cômoda, uma pequena amostra da coleção de imagens de São Francisco de Assis, que pertenceram a Dom Helder.

Quando tratamos de analisar o uso das vestimentas, constatamos que desde seu ingresso como aluno no seminário, não há um único registro fotográfico por nós recuperado de Dom Helder em que ele estivesse sem a batina que, por um longo período foi negra, depois ganhou tons mais claros, passando pelo azul até o bege – tão frequentemente lembrado por aqueles que conviveram com ele,

Adotei para sempre (e penso em ti¹²⁰!) a velha e querida batina, com a cruz de madeira. Sei que o *Clergyman* e até vestes mais modernas se coadunariam melhor com a audácia das ideias, e facilitaria o contato com os jovens... Agrada-me ser velho por fora e jovem por dentro. Alegria-me não ter peias, nem barreiras, nem preconceitos, nem medo, na linha do pensamento, e envolver este modernismo na veste de Peregrino do Absoluto... Gostaria de largar meias e sapatos, adotando sandálias como o Cristo, sandálias do meu Nordeste. Vários dos meus padres as adotaram. Tenho aguardado hora mais propícia, para não abrir mais um front para ataques e incompreensões... Quando as forças faltarem (se a vida terrena prosseguir) não vacilarei em adotar o bastão de peregrino! (CAMARA, 1973, f. 1) [100ª Circular da 3ª Fase: Articulação das Minorias Abraâmicas. Recife, 29/30.1.1973].

Seguindo nossa linha de pesquisa e procurando, com a ajuda do método, fazer perguntas “incômodas” que nos levassem a novas discussões sobre velhos temas, a discussão sobre o uso das vestimentas aparece como um ponto de interseção entre a ordem/obediência e o questionamento sobre se elas eram, de fato necessárias. Curiosamente, quando olhamos para Dom Helder, dentro da perspectiva histórica, notamos, através dos arquivos de imagem, que ele foi, pouco a pouco, desfazendo-se ou trocando os objetos e vestimentas que, por direito¹²¹, teve licença para usar. Como resultado de nossa análise, nesta disposição inserimos o fato de

¹¹⁹ Em tradução livre da doutoranda: “Eu sinto sua dor”.

¹²⁰ Dom Helder referia-se a Mahatma Gandhi, quando a circular em questão foi escrita, segundo ele mesmo na “Vigília de Ação de Graças pelo Jubileu de Holocausto de Gandhi (30.1.1948-30.1.1973)”. E tinha como objetivo, nas suas seis folhas, aproveitar o Jubileu para oferecer aquilo que ele chamou de “um balanço em minha própria vida. Pretensão e audácia de comparar-me com o Mahatma? Convicção de que o ideal, o modelo deve brilhar diante de nós, incitando-nos a imitá-lo” (CAMARA, 1973, fl. 1) [100ª Circular da 3ª Fase: Articulação das Minorias Abraâmicas. Recife, 29/30.1.1973].

¹²¹ Segundo a liturgia da Igreja Católica, a vestimenta dos membros do clero é um sinal, entre eles, de distinção. Assim, à medida que vão ocupando novos cargos ou sendo investidos de novas ordens podem usar objetos e cores específicas, por exemplo, aos sacerdotes cabia o uso da batina preta ou bege e do solidéu, mas era ao bispo que cabia, por exemplo o uso da cruz peitoral e do anel de sagração episcopal, além do uso da batina que poderia ser preta ou violácea, com filetes vermelhos e uma faixa violácea, pouco acima da cintura e, na cabeça, a mitra. Os cardeais deveriam vestir-se com batina preta ou vermelha, com filetes e sua faixa seria vermelho, além do anel, da cruz peitoral e da mitra.

Dom Helder ter-se despojado de alguns objetos, como a cruz peitoral de metal precioso que foi trocada, ainda durante o Concílio, pela cruz em lenho e, ainda, o caso do báculo – símbolo do autoridade e jurisdição que representava o pastor que zelava e liderava o seu rebanho – que ele não possuía, quando necessário usava, nas solenidades, o báculo do Bispo Auxiliar, Dom José Lamartine Soares. Isso nos fez questionar qual era a verdadeira opinião de Dom Helder sobre o uso e a necessidade dessa indumentária, se apenas para marcar a separação dos agentes institucionais do sagrado ou se elas deveriam carregar consigo um valor de memória da responsabilidade de cada um ante o projeto de salvação das almas.

O Sínodo se abriu, de modo soleníssimo, a 27.9.74, na Capela Sistina. Sofri vendo a Hierarquia tão alienada: enquanto, lá fora, Roma estava de vida, nós surgíamos de batinas vermelhas, solidéus, faixas, murças, como animais pré-históricos, saídos dos Museus... Sofri vendo o Santo Padre perder a oportunidade de concelebrar com representantes do Episcopado do Mundo inteiro. Apenas quatro concelebraram com ele... (CAMARA, 1974, f. 1) [255ª Circular de Abertura da AJP para o plano mundial. 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas. Roma, 3/4.10.1974. Grifos originais].

Nossa conclusão a este respeito é de que existia a necessidade de separação, por meio da vestimenta, como ele mesmo afirmou, anos mais tarde: “Ao participar do 1º pequeno almoço, enquanto estava em uma mesa com o querido Manoelito [D. Larrain], ele e eu, sem batina, nos sentíamos com 10 dedos em cada mão” (CAMARA, 1978, f. 3 [29ª Circular de Abertura da AJP para o Plano Mundial. 4ª fase: Após a partida do querido Frei Leão. Recife, 13/14.8.1978]. Em razão da batina evidenciar uma escolha consciente de consagração de uma vida ao sacerdócio, como marca externa de uma escolha interna, o uso excessivo das vestes litúrgicas terminava por ser, muitas vezes, motivo de soberba entre o próprio clero.

Quanto à manutenção dos horários, os que biografaram Dom Helder costumam descrevê-lo como um homem muito regrado para cumprir compromissos, entre os quais, o mais famoso eram as vigílias. “Geralmente ia dormir por volta das onze da noite e, pontualmente, seu despertador soava às duas da madrugada. Este primeiro sono livrava-o do cansaço do dia anterior e, então ele se levantava e permanecia acordado até as cinco da manhã” (PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 145). As vigílias permaneceram por quase toda a sua vida, minutos mais minutos menos, ele era despertado nas madrugadas para fazê-las e quando o cansaço vencias suas

forças, ele pedia que São Pedro fosse o vigilante¹²² daquela noite. Não identificamos que esse aspecto de sua formação – a obediência aos horários – tenha sofrido ressignificações.

Dando seguimento à análise dos aspectos da formação, chamamos atenção para aquele relacionado à solidão, apontada como necessário ao seminarista. Notamos que, no caso de Dom Helder, ela foi necessária não só durante sua permanência no seminário. Tendo vivido numa casa com muita gente, tanto quando morou na pensão de Dona Cecy Cruz, logo que chegou ao Rio de Janeiro, quanto na casa que compartilhou com seu pai e sua irmã, buscou manter seus momentos de solidão. Acreditamos que a manutenção desse hábito, favoreceu as vigílias, conforme se pode ler numa das circulares:

Hora propícia para escutar o silêncio, os ecos noturnos, os passos dos insones. Hora para refazer a unidade, reencontrar o senso das medidas, afastar qualquer sombra de amargura, vencer o desânimo, sair de si mesmo e ir ao encontro dos homens. A Vigília pode ter mil formas e utilizar horários variadíssimos: mas é indispensável. Indispensável no sentido de que é preciso abrir espaço para encontro com Deus (Se não crês em Deus, poderás ler: para o encontro contigo e com o silêncio). Claro que Deus está em toda parte e vivemos mergulhados n'Ele. Mas só vive esta verdade maravilhosa, quem é fiel a encontros marcados com Ele (CAMARA, 1970, f. 1) [155ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 14/15.12. 1970].

Em meio às pequenas ou grandes mudanças que operou na sua forma de ser sacerdote, e de agir como tal, acreditamos que Dom Helder sentia necessidade de se manter em conexão com Deus. Isso nos levou a crer, também, que os processos de acomodação de novos conceitos não se operaram, nele, sem sofrimento. Porque, quando analisamos a construção de sua identidade pública – aquela à qual ele não tinha o domínio da construção – verificamos que as críticas à sua pessoa ou aos seus projetos lhe deixavam receoso de uma “má interpretação de sua figura”. Por isso, também, a necessidade das vigílias, pois elas ofereciam uma recomposição que o sono não era capaz de dar, elas ofereciam um momento de prestar contas a Deus.

Cometemos uma injustiça milenar para com o espírito. Cada noite, estendemos o corpo no leito e nem pensamos se isto vale, também, como descanso para o espírito. A verdade é que há repousos específicos para o espírito: o contato com a natureza, com as artes, uma boa prosa com amigos queridos e, para quem tem fé, sobretudo, uma conversa com o Pai. E o descanso do espírito reflete-se sobre o corpo. Quantas vezes o corpo vai

¹²² Segundo está escrito nos Evangelhos de São Lucas e São Mateus (Lc 22, 39-46; Mt 26, 36-46), quando Jesus retirou-se para orar no Monte das Oliveiras sugeriu aos seus discípulos que também eles orassem, eles, porém, dormiram. Jesus os repreendeu dizendo que a oração os mantinha afastados dos pecados.

arrastado para a Vigília e, no fim da mesma, se sente disposto e firme!?... Gosto de fazer a Vigília de janela aberta, contemplando o céu, e isto não só em claras noites de lua ou de céu coberto de estrelas, mas também em noites escuras, chuvosas e até de tempestades. Cada noite tem sua mensagem (CAMARA, 1970, f. 2) [155º Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 14/15.12.1970].

A vigília, conforme descrita pelo próprio Dom Helder, era um momento no qual costumava “repassar os acontecimentos da véspera: encontros havidos, correspondência recebida, notícias da cidade, da região, do país, do continente e do mundo” (CAMARA, 1970, f. 2) [155ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 14/15.12. 1970]. Estando Dom Helder em comunhão com Deus, sentia-se livre para prestar-lhe contas de sua vida, daqueles problemas que ele havia escutado durante o dia, das inquietações que moviam suas ações

Não se pense, porém, que a Vigília se passe toda e sempre em reclamações. Pedir, reclamar, emprestar a voz aos irmãos homens de todos os lugares e de todos os tempos (e, diante de Deus, todos somos frágeis, pobres, necessitados) – é apenas uma parte da Vigília. Partes pelo menos igualmente importantes e belas são os hinos de adoração, de ação de graças e de contrição. Como é bom, madrugada adentro, sentir em si as sementes das sete faltas capitais – ira, inveja, gula, preguiça, avareza, luxúria e soberba – e, como digno embaixador da fraqueza humana, pedir perdão ao Pai por todos os pecados de todos os homens, de todos os tempos e de todos os lugares!?(...) Como é bom, madrugada adentro adorar o Pai! Pensar n’Ele em nome da Humanidade inteira, sem nada pedir: simplesmente alegrar-nos porque Ele existe e é Pai. É fácilimo adorar partindo do que o Pai criou diretamente (e cada criatura, bem meditada, enche uma Vigília: a luz, a água, a terra, o ar...) ou criou através do homem, a quem quis como co-Criador... Pessoalmente, o que mais agradeço à Vigília é que ele funciona como a melhor das preparações para a Santa Missa (CAMARA, 1970, f. 3-4) [155ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 14/15.12.1970].

Apontada por Dom Helder como a forma mais eficiente e eficaz de preparar-se para a missa, a vigília foi por nós analisada como um momento no qual ele prestava contas, duplamente; a Deus, por meio da oração, e aos seus semelhantes, na medida em que também usava daquele espaço de tempo para escrever suas circulares. Vista como uma forma peculiar de fazer um exame de consciência moral, o acervo de memórias autobiográficas de Dom Helder é fruto desses momentos de silêncio. Sentado à sua mesa de trabalho ele foi capaz de realizar aquela tarefa à qual George Gusdorf faz referências em seus estudos sobre autobiografia, ele rememorou e, com isso, buscou dar valor à sua existência para que ela pudesse sobreviver, para além daquelas páginas de papel, para que elas sobrevivessem a ele mesmo.

Se houve, por parte dele, todo esse esforço por contar-se, ele não pode ser interpretado isoladamente. Dom Helder escreveu-se para ser lido, de outro modo não teria confiado suas memórias às mãos humanas, mas, sim, ao fogo, que as pudesse consumir com eficiência. Por isso, as vigílias não aconteciam só para ele, elas eram partilhadas, no caso das circulares, como parte do cabeçalho de todas as cartas dessa natureza, “155ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 14/15.12.1970. À querida Família Mecejaneense. Vigília Ferial” (CAMARA, 1970, f. 1) [155ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 14/15.12.1970]. Estando ali com ele, as destinatárias daquelas memórias, ou suas guardiãs, poderiam entender a mística que envolvia aquele exercício de confissão.

Dom Helder viveu intensamente as vigílias, como premissas daquilo que foi o centro de sua vida religiosa: a celebração da missa. Esse era, por excelência, o trabalho do sacerdote, aquele homem separado dos demais que se dedicou a manipular as coisas do sagrado e, nesse exercício, todo o seu trabalho deveria buscar conduzir as almas à salvação. Esse era o modelo de sacerdote que Helder Pessoa Camara tinha em mente quando ingressou no Seminário da Prainha, em 1923. Toda a sua formação, como vimos, buscava confirmar isso.

A MISSA é, por excelência o encontro entre Deus e os homens. Quando ela principia, o Celebrante, ao pé do Altar, preparando-se para o Santo Sacrifício, é um autêntico Embaixador das fraquezas humanas. Ao inclinar-se instantes depois de rezar o *Eu peccador* está pedindo perdão a Deus em nome dos homens de todos os lugares e de todos os tempos. (CAMARA, 195?, p. 60) [Caderno Especial da Revista *O Cruzeiro*].

A celebração da missa estava longe de ser a mera repetição de gestos vazios... Cada uma era celebrada como se fosse a primeira! É comum Dom Helder ser lembrado, por muitos que testemunharam o gesto, quando, durante a celebração, no momento da elevação, ele chorava. Sua crença na veracidade do ato de transubstanciação pelo qual passam o pão ázimo e o vinho de uva, durante a missa, lhe davam a convicção, expressa também sob a forma de interrogações que

a Santa Missa é o ponto alto de cada dia? Por que estou seguro de que haja o que houver ao longo do dia – encontros da maior significação, palestras da maior responsabilidade – a Missa fica sempre a uma distância incomparável de tudo? Se é verdade que, dia e noite, Cristo já é um conosco; se é verdade que nós O encontramos no próximo – sobretudo, no Pobre, no Enfermo, no Estrangeiro, no Humilde, no Oprimido – o encontro na Missa, o encontro eucarístico tem, entre outras, duas características especiais: [1.] continua o Calvário, com todo o sentido imenso, infinito que ele representa para a humanidade; [2.] reacende, reaviva, reforça a unidade com o Cristo

(CAMARA, 1970, f. 1) [158ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. Recife, 17/18.12.1970. Grifo original].

Acreditamos que esse tenha sido o aspecto mais permanente de tudo aquilo que pudemos analisar; ele não passou por processos de ressignificação, ao contrário, seu valor sacrificial para Dom Helder permaneceu. No entanto, foi possível acompanhar, através das circulares, sobretudo daquelas escritas durante o Concílio, como as mudanças no rito de celebração da missa foram sendo apresentadas e absorvidas por ele, por exemplo, a concelebração: “pretendo bater-me para a ampliação ainda maior: não só quando não for possível, mas quando for conveniente. Por exemplo para unir os padres em si e os padres a seu Bispo (CAMARA, 2009, p. 15) [Volume I, tomo I das Obras completas de Dom Helder Camara]. Tornar a celebração inteligível a todo o povo era um desejo constantemente expresso por Dom Helder. Não só pela simplificação dos gestos e utilização do vernáculo como língua oficial, mas que todo o povo entendesse o que se passava no altar, compreendesse o valor sacrificial daquele ato e pudesse vivê-lo de forma plena.

O sacerdote deveria dedicar-se, ainda, com afinco, ao estudo, à direção espiritual e às suas obras. Esses três aspectos da formação, no caso de Dom Helder, revelaram-se surpreendentes. No que tange ao estudo, só se pode compreender o valor que teve a relação intelectual dele com Virgínia Côrtes de Lacerda quando, ao olhar para a formação recebida por aquele seminarista, se compreende o que se deveria ou não estudar. Quando nos anos 40 do século passado as estantes da biblioteca pessoal do Pe. Helder começaram a ganhar livros, não se poderia prever a pequena e silenciosa revolução que eles significaram. Livros de literatura: *Ilíada* e *Odisseia*, ambos de Homero, adquiridos em 1943 e 44, respectivamente, ambos em espanhol; de filosofia: o quarto tomo da obra, *Assim falou Zaratustra*, do alemão Friedrich Nietzsche, lida em 1941, na tradução espanhola, a obra apresenta muitos grifos e anotações; de psicologia: *Ambicion y Angustia de los Adolescentes* e *Diario intimo de una Adolescente*, ambos do escritor argentino Anibal Ponce, lidos e anotados em janeiro de 1944 e, de Kurt Koffka psicólogo alemão, *Bases de la evolución psíquica. Una introduccion a la psicologia infantil*, lido, anotado e entregue

pelo Pe. Helder à Virgínia para que aquele exemplar fosse o primeiro da biblioteca comum do grupo Confiança¹²³.

Dedicar-se à continua formação de si e do pequeno grupo de colaboradores mais próximos a ele, nos faz deduzir que, primeiro, Dom Helder manteve viva a ideia da formação, segundo a qual o sacerdote deve falar expressando ideias e opiniões de forma clara e precisa; segundo, a ideia de compartilhar livros anotados com essas colaboradoras nos levou a pensar que poderia ser uma estratégia de leitura adotada por ele, que funcionou assim: para explicar como um padre poderia ocupar seu tempo lendo e anotando obras que não eram do domínio da “filosofia” e da “teologia”, Dom Helder permitiu-se guiar por obras de outras áreas do conhecimento, através de uma intelectual, trocando com ela livros completamente anotados por ambos. Ao formar-se foi modificando e ampliando sua forma de ver o mundo e nele agir, ao tempo que precisava que fosse tudo aquilo compartilhado e conhecido entre as pessoas do pequeno grupo de trabalho; assim, ele resolveu eleger os livros anotados que colocaria à disposição daquele grupo e passou a fazer com eles reuniões semanais nas quais se pudesse discuti-los.

A estratégia consistia em tornar habitual, explicável e natural, aquilo que aos olhos de outros poderia parecer estranho, injustificável e incomum. Ela foi útil para a maior parte dos livros que Dom Helder conseguiu ler e anotar enquanto viveu na cidade do Rio de Janeiro. Quando se mudou para o Recife, ela foi aprimorada, pois os livros continuavam sendo lidos e anotados, mas somente por ele, e as reuniões semanais foram substituídas por longos esquemas de leitura escritos nas circulares. Todavia, os livros nunca chegaram ao conhecimento das destinatárias, pois ao contrário das cartas circulares que seguiam para a capital carioca por portadores, os livros seguiam pelo serviço de Correios e eram destinados à casa da irmã de Dom Helder, Nair Camara, em Botafogo, de modo que anotações repousaram por longos anos nas estantes daquela casa sem serem descobertas¹²⁴.

¹²³ Confiança foi o nome escolhido por Dom Helder para o primeiro grupo de trabalho. Ele era composto majoritariamente por mulheres leigas e católicas, muitas delas depois, com o fim do grupo, migraram para a “Família” do São Joaquim/Mecejaneense. Dentre aquelas que fizeram parte da fundação do grupo estavam Virgínia Côrtes de Lacerda e Cecília Goulart Monteiro.

¹²⁴ Isso não ocorreu por negligência de Nair, mas porque tinha uma verdadeira devoção pelas coisas enviadas pelo irmão sacerdote. Logo os livros repousavam nas estantes quase como relíquias de um santo.

O sacerdote Helder Camara não descuidou de seu estudo e o mesmo se pode dizer do seu trabalho como Diretor Espiritual. Recuperamos uma série de vinte e nove cartas, escritas entre 1946 e 1959, destinadas a Cecília Goulart Monteiro, escritas com esse fim. Nos utilizamos delas para fazer as seguintes observações: na primeira carta, escrita em 27 de junho de 1946, temos o primeiro indício do pseudônimo que foi escolhido para Cecília: “que nome feliz Deus lhe inspirou para seu anjo! Na Santa Missa, o nome será imposto solenemente. Mons S. Francisco sorriu, felicíssimo, ante tanta delicadeza de sua parte” (CAMARA, 1947, f. 01) [Carta de Direção espiritual. Rio, 27.7.1946. Grifos originais]. A carta apresenta, ainda, as primeiras instruções que deve a dirigida procurar executar nos domínios da caridade, do desapego, da oração e da humildade.

Em carta escrita aos 16 de agosto de 1946 – um dia depois do aniversário de dez anos de ordenação sacerdotal de Dom Helder – ele escreveu à Cecília, chamando-a de Frei Leão¹²⁵: “quero agradecer-lhe a aceitação do pacto sagrado¹²⁶ e assegurar-lhe que, em nome de Deus, velarei para que jamais se banalize, tombando na mediocridade” (CAMARA, 1947, f. 1) [Carta de Direção Espiritual. Rio, 16.8.1947. Grifos originais]. Inicialmente acreditávamos que não havia sido escrita nenhuma Regra nos anos 40. A análise das cartas de Direção Espiritual revelou que estávamos enganada a esse respeito pois a primeira caderneta, escrita somente por Dom Helder e, curiosamente sem indicação de local e data, resultou ser a versão mais antiga desse documento; além do mais, essa era a única versão do texto que apresentava sinais de rasura. Ao compararmos as versões com a data posterior ao Natal de 1950, vemos que trechos inteiros foram reescritos e outros absolutamente desprezados. Toda a atividade dirigida tinha uma finalidade clara, conforme se pode ler na carta de 28 de agosto de 1946:

Amizade, Frei Leão, é, sobretudo, ajuda mútua para a santificação. Encorajemo-nos, mutuamente, com a graça de Deus na luta contra o egoísmo, as estreitas visões humanas, os sentimentos mesquinhos, as atitudes pagãs, o instintivismo, o naturalismo... Quando o abatido for eu, seja Frei Leão! Quando o abatido for você, o Bom Deus me fará Frei Francisco!

¹²⁵ Na primeira carta do dia 27, usa o vocativo “Minha Filha”.

¹²⁶ Somente lendo um manuscrito escrito no Natal de 1946, que estava no mesmo envelope das Cartas de Direção Espiritual, foi que se pôde entender a qual pacto o texto se referia: “Em louvor da SS. Trindade, da Bemaventurada [sic] Virgem Mãe de Deus, dos anjos e dos santos do céu, e em favor do purgatório e da terra, prometo solenemente, com a graça divina, por um ano, a partir do Natal de Hoje, esforçar-me por praticar os votos de pobreza essencial, pureza e obediência e os pactos de silêncio, alegria, catolicidade e aceitação de censuras e ironias, dentro do Espírito da Regra do A[postolado] O[culto]. (CAMARA, 1976, fl. 1) [Manuscrito de Direção Espiritual. Rio, Natal de 1946].

(CAMARA, 1946, f. 1) [Carta de Direção Espiritual. Belo Horizonte, 26.8.1946].

O processo de santificação ao qual “Frei Francisco” faz referência em sua carta é detalhado nas missivas seguintes. Usando como referência teológica o santo de Assis, ele detalha aspectos relativos ao silêncio e ao seu valor para “afugentar o tumulto e defender a solidão e o silêncio” (CAMARA, 1946, f. 1) [Carta de Direção Espiritual. Rio, 16.9.1946]. Nota-se que, ao fazer a direção, Dom Helder buscou conduzir sua dirigida aos mesmos pontos vividos por ele durante os anos de sua formação, o silêncio e a solidão. Diz, ainda, na mesma carta, que não se deve descuidar das vigílias e como portar-se diante de elogios. Em 1946, apareceu como referência literária nesses documentos a obra, *O franciscanismo*, de Frei Agostino Gemelli, publicado em português poucos anos antes pela editora Vozes.

Os documentos escritos e trocados entre “Frei Francisco” e “Frei Leão” no ano seguinte (1947), buscam confirmar o propósito da santificação, também por meio de uma pequena diversificação de conteúdo em que aparecem as primeiras instruções de retiro e Dom Helder apresenta os primeiros avanços espirituais alcançados por Cecília:

Dizer-lhe, com graça de estado, que o Bom Deus está contentíssimo com você. O ano que termina no dia 30 foi e será para sempre diante de Deus um ano decisivo em que Frei Leão, sem saber e sem notar – ou até tendo a impressão contrária – santificou-se e ajudou Frei Francisco a santificar-se. Não se espante com a expressão: ela traduz vitória em nós de quem deve crescer à nossa custa e os traços de N. Senhor, para quem teus olhos de ver, são cada vez mais nítidos em você. Daí o diabo a assediá-lo com a tentação do desânimo, a mais dura e perigosa que existe. (CAMARA, 1947, f. 1) [Carta de Direção Espiritual. Rio, 22/23.11.1947].

Confirmava-se, assim mais um aspecto da direção espiritual que recebeu no Seminário da Prainha. Nos anos seguintes, surgem ainda mais detalhados os programas de oração e penitência: os retiros anuais passam a ser mensais. É também do ano de 1949, que recuperamos o primeiro “Testamento Espiritual de Frei Francisco feito a todos os seus irmãos em Nosso Senhor por intermédio de Frei Jacoba e de Frei Leão” (CAMARA, 1949, f. 1) [Carta de Direção Espiritual. Rio, 28/29.4.1949]. Do ano de 1950, não recuperamos nenhuma correspondência dessa coleção e, pode-se pensar como justificativa que naquele ano Dom Helder estivesse envolvido com a viagem a Roma, por ocasião do Ano Santo. A partir de 1951 e 1959, ano da última carta que recuperamos, percebemos que elas se tornaram, temporalmente, cada vez

mais espaçadas. Todas conservam, no entanto, o caráter primário de sua função: oferecer conselhos claros para que Cecília/Frei Leão pudesse alcançar desenvolvimento espiritual.

No último aspecto que gostaríamos de analisar, aquele relacionado às obras às quais deveriam se dedicar os sacerdotes, se pode dizer que Dom Helder soube abandonar parte dos serviços dos palácios, uma vez que nunca lhe foi confiada uma paróquia, para dedicar-se aos serviços das favelas. Dito de outro modo, quando olhamos para os fatos que marcaram a vida de Dom Helder, entre os anos de 1955 e 1965, o que se pode observar foi que ele, paulatinamente, foi deixando de exercer trabalhos que o prendiam à burocracia eclesiástica e social, para ir exercer trabalhos sociais do ponto de vista prático. Assim, nasceram, conforme apresentamos no capítulo segundo desta tese, o Banco da Providência, a Cruzada de São Sebastião e a Feira de Providência. Trabalhos que, sob a ótica de seus críticos, pareciam, como disse Carlos Lacerda, que o padre estava metendo-se onde não lhe cabia. Por outro lado, acreditamos, conforme pretendemos demonstrar no capítulo seguinte, que justamente esses trabalhos deram a Dom Helder uma dimensão simbólica capaz de mobilizar o episcopado do mundo inteiro para ouvi-lo falar sobre pobreza.

5 HELDER PESSOA CAMARA: OPERADOR SOCIAL DO SAGRADO

Este capítulo foi desenhado a partir de dois eixos centrais: o primeiro, busca uma historicização dos indícios do que chamamos processo de construção de uma identidade pública de empreendedor religioso-social que, em nossa leitura, Dom Helder foi consolidando a partir da sua atuação durante o Concílio Vaticano II. O segundo, busca apresentar como essa identidade pública foi repensada e afinada, a partir da sua posse como Arcebispo Metropolitano de Recife e Olinda, em abril de 1964, para que ele se tornasse, definitivamente, aquele “operador social do sagrado”, eficiente, eficaz e respeitado na Igreja, na sociedade e na política, que se delineava desde os anos 50.

Para esta seção da tese recorreremos a dois tipos de fontes primárias basicamente: as cartas escritas de Dom Helder Camara – a chamada coleção de Circulares – e, alguns recortes de jornais e revistas que conseguimos recuperar, em que se pode observar aspectos da identidade pública dele, especialmente, artigos e entrevistas. Neste capítulo, retomamos a discussão de alguns conceitos que já havíamos apresentado no decorrer da tese: o de “operador social do sagrado” e os de “identidade”, “memória de si” e “interpretação”.

Desde o anúncio do Concílio, em 1959, até a abertura solene, em Roma, em 1962, conforme procuramos descrever no terceiro capítulo desta tese, Dom Helder procurou preparar-se como pôde para estar à altura do evento com o qual Papa João XXII pretendeu colocar a Igreja Católica em sintonia com a modernidade. Durante os períodos conciliares, ele começou a escrever, metodicamente, o seu último conjunto de memórias autobiográficas, suas cartas Circulares. Ali, em Roma, longe da maior parte do seu seletto grupo de colaboradores Dom Helder, pôde registrar não só essa marcha institucional, como também pôde usá-la como pano de fundo para escrever e justificar suas próprias mudanças. Depois, como se sabe, esse mesmo método, baseado na correspondência diuturna, também foi usado por ele para registrar boa parte de sua atuação à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Em nossa avaliação, as cartas foram escritas para serem guardadas, arquivadas e, posteriormente, tornadas públicas. Vários indícios corroboraram essa assertiva. Destacamos três: o primeiro indício está no fato de que, ao escrevê-las,

Dom Helder, criou para elas um pequeno índice¹²⁷, anotou, nesse pequeno pedaço de papel, na margem esquerda, a data (14.10.62), abaixo dela uma lista com os seguintes nomes: Alfredina, Cecílinha, M^a Luiza, Aglaia, Hildete, Marina Araújo, Carlina. Ao lado deles indicou, “1^a Circular”. Na data de 15.10.62, escreveu: “Alfredina (resp.), Clô Pedrosa (resp.)”, na data de 16.10.62, aparecem mais duas indicações de respostas e a informação de que aquela era a data da 2^a Circular. Ele só voltou a incluir o nome de novas destinatárias, na data da 5^a Circular, 18.10.62, “Nair C. de Oliveira, Carmem Pessoa e Rance¹²⁸ [?]”. Dom Helder foi anotando a data em que escreveu cada uma das suas circulares, bem como o número que atribuiu a cada uma delas.

Um segundo indício que apontamos na análise dessas missivas é que Dom Helder, além de numerá-las e paginá-las, ao escrevê-las procurou utilizar uma estética que se mostrou bastante regular: seja pelo número médio de páginas de cada carta, seja pela forma como dispôs o conteúdo no papel, fazendo a opção de começar todas com o mesmo cabeçalho comum: local, seguido de data, mês e ano. Logo abaixo ele acrescentou o número e “sub coleção” à qual aquela carta pertencia. Para só, então, usar o vocativo e determinar a “vigília”¹²⁹ na qual a carta foi feita. No que tange ao conteúdo das cartas, propriamente, eles foram escritos em pequenas seções, sempre com uso de frases curtas e diretas. Dom Helder desejava se fazer entender de forma clara. A escrita se desenvolve de forma linear, de modo que um assunto tratado num tópico ou numa sessão deveria se encerrar ali ou, se oportuno, seria retomado em outra carta.

Hoje, a coleção de Cartas Circulares de Dom Helder compreende às missivas escritas em dois períodos: o primeiro entre anos de 1962 e 1982; o segundo, entre 1986 e 1987. O conteúdo das cartas é diverso e rico, na medida em que oferece aos leitores várias lentes com as quais se pode analisar o período em que foram escritas¹³⁰. Do ponto de vista de nossa análise, elas apresentaram dois importantes conjuntos de memórias autobiográficas ou de “escritas de si”: a primeira, relativa ao

¹²⁷ Dos anos que de consultamos para esta tese, só não localizamos o índice referente ao ano de 1963.

¹²⁸ A transcrição do último nome não oferece, segundo a transcrição da doutoranda, precisão.

¹²⁹ As “vigílias” não são um detalhe de somenos importância, no tecido da vida de Dom Helder, como afirmado acima na página 16 e demonstrado pela frequência da palavra em nosso texto (27x).

¹³⁰ Recentemente organizamos junto com o Prof. Newton Cabral um livro sobre Dom Helder e as artes, no qual a quase totalidade dos artigos que o compõem usam, como fonte, as cartas circulares (CABRAL; PINA NETA, 2018).

momento da escrita, no qual Dom Helder ao eleger de sua atuação o que deveria ser registrado, fez uma seleção daquelas memórias da sua rotina e, só então as descreveu e as justificou. A segunda, surge no texto a partir das digressões temporais, quando ele procurava descrever e justificar ações do passado mais distante. Essas cartas costumam ser, inclusive, mais extensas que o normal. Assim, somente com a leitura dessas cartas, os eventos da vida de Dom Helder parecem justificados por ele mesmo, ora como escolhas naturais, ora como etapas de um processo que terminou por conduzi-lo a posição em que se encontrava. Esse último recurso, sabemos, é bastante comum em textos de natureza biográfica e, mais ainda, naqueles textos autorais que buscam criar do autor uma identidade pública¹³¹.

O terceiro indício que percebemos em nossa análise diz respeito à natureza própria dessas cartas: os primeiros historiadores e teólogos que as analisaram, quando vieram à público, as classificaram como um misto de jornal e diário. Isso porque naquelas folhas de papel aéreo cabiam, sem conflito, descrições dos eventos vividos e análises sobre eles, como a sintética afirmação sobre o início do Concílio, em que ele afirma “é fácil mandar impressões sobre as solenidades do Concílio. É difícil, especialmente nos primeiros dias, fixar impressões sobre o espírito do Concílio: suas tendências, suas perspectivas, seus rumos” (CAMARA, 2004, p. 3) [1ª Carta. Roma, 13/14 de outubro de 1962]. A regularidade da escrita dessas missivas permitiu assim, aos que as leram, conhecer o desenrolar das discussões pormenorizadas daqueles temas mais caros a Dom Helder: as comissões conciliares, os projetos de reforma, as reuniões de trabalho que organizou na *Domus Mariae*, os livros que leu e anotou, os encontros pessoais, os grupos de trabalho que ele foi formando, além de informes de viagens, de pronunciamentos e entrevistas que concedeu.

Nos seus escritos, ele revela o seu modo de ser bispo. Não esperamos deles nenhuma dissertação teológica. A mensagem do Dom, porém, está no seu modo de entrar na vida do povo. Tanto pelas cartas como pelos discursos, pelas orações e poesias, o Dom revela a sua personalidade. Ninguém se identificou mais do que ele com a sua missão. Ele não tinha nenhuma vida pessoal fora da sua missão apostólica. Por isso o que escreve, vale como revelação da sua maneira de ser padre, primeiro, e bispo, depois. Essa atuação episcopal é a grande mensagem que transmite às gerações futuras e servirá como diretório para a missão episcopal e a atuação de todos os ministros da Igreja no futuro (COMBLIN, 2004, p. XXVII) [Prefácio do 1º tomo, do Vol. I das Obras Completas de Dom Helder Camara].

¹³¹ Ver, acima, no capítulo 2, especialmente o item 2.3 “A escrita de si como uma narrativa de identidade”.

Ainda segundo as observações do teólogo belga, Pe. José Comblin, conforme já citado, não era possível esperar dissertações teológicas em textos de Dom Helder, especialmente nas cartas. De fato, ele não se dedicou a fazê-las, mas ao anunciar, descrever e, por vezes, analisar o desenrolar das atividades durante e após o Concílio, por exemplo, foi imprimindo naqueles leitores o seu modo de ver e analisar como foram sendo processadas, ou não, as mudanças na Igreja, esse era o efeito jornalístico que se pode perceber das cartas.

Por outro lado, quando as percebemos como diários, passamos a analisar, dentro do contexto de escrita, os mecanismos que Dom Helder usou para ir entalhando a sua imagem privada, ou seja, aquela que foi por ele controlada e confiada a um pequeno grupo. Esse mesmo grupo que deveria, após a sua morte, trazer à luz esses entalhes, para com eles preservar a figura de Dom Helder. Segundo nossa interpretação, essas cartas serviriam como um anteparo ao “ataque” que sofria a imagem pública de Dom Helder, sobretudo quando ele foi impedido de se pronunciar nos meios de comunicação.

Os detalhes que nos propusemos a analisar aqui não dizem respeito ao conteúdo todo das cartas, mas, especialmente, a dois aspectos: o primeiro, aquele que trata dos rastros literários que Dom Helder foi deixando de si e de sua atuação. O segundo, como ele organizou e articulou o grupo de trabalho não-oficial conhecido como Grupo da Pobreza¹³². Justificamos nossa escolha com base no eixo central de nossa tese, a ressignificação do exercício sacerdotal que, segundo nossa interpretação, encontra no Concílio o espaço ideal para ser apresentado aos demais bispos do mundo, como prática possível no âmbito das dioceses. Acreditamos que as palavras de Dom Helder possam ter sido tão contundentes, para conseguir arrastá-los para o Grupo da Pobreza, justamente pelo que intuiu o Pe. Comblin: o fato de nunca ter-se tratado de uma teoria, pois Dom Helder tem seu lugar de fala a partir da manutenção de seus pés fincados nas lamas das favelas do Rio de Janeiro e do Recife.

¹³² Nome dado ao grupo de bispos comprometidos com a causa da pobreza.

5.1. Dom Helder nos bastidores do Concílio

Uma das mais vivas imagens associadas à figura pública de Dom Helder é a de que ele foi um articulador de bastidores, sobretudo durante os períodos conciliares. Isso se deve, em parte, ao fato de Dom Helder nunca se ter pronunciado oficialmente em nenhuma aula conciliar. Suas ideias, porém, chegavam aos ouvidos de todos e, muitas vezes, eram discutidas e votadas sem que se soubesse a origem delas. E, de outra parte pelo fato de Dom Helder conseguir trazer para junto de si personalidades que são descritas como “muito diferentes” da sua, como foi o caso do Cardeal Suenens.

Depois de pouco tempo, descobriu que os cardeais tinham muitos privilégios: podiam tomar a palavra mais vezes do que os simples bispos. Ele entendeu que precisava de um cardeal para comunicar as suas intuições. Escolheu o cardeal Suenens cuja posição como moderador do Concílio, era primordial. Era um dos 4 escolhidos como moderadores para serem os verdadeiros presidentes e era dos 4 o mais ativo, o mais capacitado para dirigir uma assembleia. Entre Helder e Suenens nasceu uma amizade profunda, ainda que, à primeira vista, estranha. Era difícil imaginar duas pessoas mais diferentes. Mas cada um sabia que precisava do outro. Eram honestos e sinceros, Helder era certamente o mais inteligente e o mais astuto, que conseguiu mais do seu amigo do que este dele (COMBLIN, 2009a, p. XXVIII-XXIX) [Prefácio do 1º tomo, do Vol. I das Obras Completas de Dom Helder Camara].

A imagem de articulador de Dom Helder Camara não surgiu durante o Concílio, mas podemos afirmar que ela ganhou um impulso internacional com o evento. A origem dessa capacidade poderia estar ligada aos trabalhos de criação e organização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ou ao Conselho Episcopal Latino Americano, pois, como se sabe, esses dois organismos exigiram um intenso trabalho de acordos e ajustes entre as realidades da Igreja Católica, no só em âmbito nacional. Foi, porém, durante o Concílio que olhos de cardeais e bispos do mundo enxergaram a figura do franzino padre de batina preta. Dom Helder Camara se fez conhecer entre o episcopado do mundo inteiro, e seus trabalhos, principalmente em grupos informais, tiveram grande repercussão. Exemplo disso, o “Ecumênico”. Segundo o curador do primeiro volume das Obras completas de Dom Helder Camara, tratava-se de um grupo não-oficial composto pelos secretários de diversas Conferências episcopais. Ainda segundo a mesma fonte, esse mesmo “Grupo”, pode aparecer citado em outros documentos como “Conferência dos 22”, “Grupo da Domus Mariae” ou “Grupo da terça-feira” (CAMARA, 2004). O grupo que Dom Helder chamou de *Opus Angeli* era formado por peritos em teologia que prestavam assessoria aos

episcopados carentes, geralmente, do Terceiro Mundo (CAMARA, 2004). Finalmente, o grupo chamado da “Igreja dos Pobres”, que também aparece nas cartas como “Grupo da Pobreza” ou da “Igreja servidora e pobre”, encarregado de discutir o problema da pobreza no mundo, nasceu dos estudos no Colégio Belga, em torno do Cardeal Gerlier e a partir do livro *Les pauvres, Jésus et l'Église* (1962), do padre francês Paul Gauthier.

O trabalho de análise que realizamos em torno da documentação produzida por Dom Helder a respeito de sua atuação neste último grupo nos deu uma medida daquela ideia inicial de nossa tese: no último lustro dos anos 50 Dom Helder passou por um processo pessoal de ressignificação do seu exercício sacerdotal, deixando de ser um burocrata da educação para se tornar o “bispo das favelas”, como ficou conhecido posteriormente. Essa fase de transição pessoal, ainda segundo nossa tese, atingiu seu ponto mais alto durante o Concílio, justamente, quando Dom Helder abraçou a causa da Igreja servidora e pobre, fruto das discussões nascidas naquele grupo. Dela decorreram a celebração e a assinatura do documento conhecido como *Pacto das Catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre*, aos 16 de novembro de 1965.

Segundo a 23ª Circular, de 4 de novembro de 1962, “amanhã, no Colégio Belga, temos reunião da equipe que estuda o problema da ‘pobreza’, na linha de ‘Jésus Christ, l'Église et les pauvres’, que eu envie a vocês” (CAMARA, 2009a, p. 70). Essas primeiras referências que surgem nas Circulares têm uma importância fundamental para se entender o alcance dos sonhos de Dom Helder: seu desejo não era discutir a pobreza no “mundo subdesenvolvido”, mas discutir “a pobreza”, aquela que assola todos os países de mundo e contra a qual a Igreja não poderia fechar institucionalmente suas portas. Naquele momento, em que já se anunciava o fim do primeiro período conciliar, Dom Helder tinha claro a seguinte ideia: “temos, então, que arranjar um meio de deixar programado para o início da 2ª fase (dizem que logo depois de Páscoa) os esquemas do 3º Mundo e da Pobreza. Explicaremos, inclusive, que isto será chamariz para que o 3º Mundo compareça” (CAMARA, 2009a, p. 70). Esse trabalho, ele afirmou, na circular seguinte, era uma das missões que Deus havia confiado a ele, junto com os trabalhos no *Opus Angeli* e na Prece pela unidade¹³³.

¹³³ Dom Helder imaginou que no final do Concílio o Papa faria uma oração solene em união com líderes religiosos das Famílias cristãs. O projeto pode ser lido em detalhes na Circular nº 20/1962, publicada

Embora não tenha participado da primeira reunião de trabalho, Dom Helder informa que para a segunda reunião que já estava prevista, o número de Bispos interessados havia triplicado, sendo, então, sessenta no total, vindos de cinco continentes. Diante desse grande interesse Dom Helder sugere, na mesma Circular, que se elabore um documento assinado “por uns 2 mil Bispos” (CAMARA, 2009a, p. 74), no qual se solicitasse ao Papa a instituição de nova Comissão conciliar para estudar os assuntos relacionados à pobreza e ao mundo subdesenvolvido. Sua sugestão foi acatada e essa comissão interna foi criada dentro do Grupo da Pobreza, Dom Helder fez parte dela. A partir dessa referência e durante todo o primeiro período conciliar Dom Helder ocupou-se de registrar seu trabalho na comissão encarregada de escrever a petição. Na 50ª Circular, escrita aos 03 de dezembro de 1962, registra a última reunião do grupo naquele período e descreve as ações posteriores: “amanhã, chegará às mãos do Santo Padre, a carta de Mons. Mercier assinada pelo Grupo da Pobreza. Se apesar deste esforço, a ideia não marchar agora, esperaremos, paciente e humildemente pela 2ª sessão” (CAMARA, 2009, p. 148). Dom Helder registra, ainda, o que pensava para a segunda fase do movimento:

Aqui, pude expor o plano Mercier-Abbé Pierre, de conquista de toda a Santa Igreja para o ideal da Pobreza. Não nos contentamos com um Grupo (por mais numeroso que ele seja). Queremos a Igreja toda, de modo a ajudarmos o Papa a livrar-se das riquezas do Vaticano que tanto escandalizam e dificultam os caminhos da união. Foi comovente a despedida. Senti que somos irmãos (CAMARA, 2009a, p. 149).

Entre o primeiro e o segundo período conciliar houve o falecimento do Papa João XXIII, em seu lugar assumiu Paulo VI. Grandes esperanças foram lançadas com a sua eleição, sobretudo no que diz respeito ao andamento daquele grupo de trabalho articulado por Dom Helder, porque o Cardeal Montini sabia de sua existência desde o começo. Os trabalhos foram relatados logo na primeira carta de volta ao Concílio,

estive aqui o Grupo da Pobreza: Mons. Mercier, o Pe. Paul Gauthier e Marie Thérèse. O Santo Padre aprovou os nossos estudos: Mons. Mercier e o Ivan vão acompanhar os 12 teólogos que aprofundam a Teologia da Pobreza: Mons. Ancel coordenará estudos sobre pastoral da pobreza; eu deverei pensar na espiritualidade do desenvolvimento (CAMARA, 2009a, p. 180).

Ainda sobre o fato da ascensão ao papado de Paulo VI, isso pode ser lido, quando voltamos o nosso olhar para o epistolário de Dom Helder e focarmos no seu

no primeiro tomo, do primeiro volume das Obras Completas de Dom Helder Camara, entre as páginas 70 e 73.

trabalho de articulador, como um sinal, por parte do sacerdote brasileiro de que as coisas poderiam caminhar mais eficazmente no sentido da promoção do Grupo e da criação de uma comissão conciliar. Conforme escreve na 8ª Circular de 1963, a proposta a ser apresentada primeiro aos membros do Grupo e depois de aprovada ao Santo Padre

As grandes cerimônias na Basílica de São Pedro têm sempre, como convidados de honra, membros do Patriciado Romano e o Corpo Diplomático. 2) Por uma vez, no encerramento da 2ª Sessão do Concílio, temos a confiança filial de propor como convidados de honra os Operários e os Pobres de Roma, representando os Operários e os Pobres do mundo inteiro. Esta petição não precisa de justificativa junto ao Vigário de Cristo e Antigo Arcebispo de Milão. Compreendeis como ninguém o alcance deste gesto como símbolo da decisão por parte da Santa Igreja de ser, cada vez mais, a Igreja servidora e pobre. (CAMARA, 2009a, p. 201).

Duas circulares depois, Dom Helder relata que o Bispo do Saara, Mercier, havia se encontrado com o Papa Paulo VI e ele havia confirmado o recebimento da carta enviada a ele e que dava sua “benção” ao Grupo da Pobreza. Esse “pequeno” gesto papal foi entendido como o mais importante impulso para a articulação do Grupo nos corredores de Roma. A ideia, apresentada na carta, conforme mostramos, não é mencionada pelo Papa naquele momento.

Tentando dar uma visão panorâmica do que foi o trabalho no Grupo da Pobreza podemos dizer que durante a primeira sessão do Concílio, os esforços de seus idealizadores concentraram-se em trazer e reunir novos membros para o grupo em torno do tema. Era preciso deixar claro do que se tratava o aquele Grupo e sobre qual “pobreza” buscava lançar seus esforços. A referência teológica eram os “pobres de Jesus”, mas, do ponto de vista prático o acolhimento deveria ser entre os pobres reais e concretos que vivem no mundo e que, para alguns a Igreja havia esquecido deles.

Nos primeiros meses de trabalho em torno do tema, Dom Helder dedicou-se ao estudo da “espiritualidade do desenvolvimento”, nesse sentido seu plano era amplo, primeiro porque, pretendia “para além da mera existência e da própria justiça social” (CAMARA, 2009a, p. 212), agregar à luta os “evangélicos ricos” mundo, representado por instituições como Associação de Patrões Cristãos. Segundo, pretendia estender a conscientização das massas em condições consideradas “infra-humanas”, esse era o plano a ser executado extramuro.

No âmbito interno da igreja a mudança precisava ser mais efetiva. Para conseguir convencer e atingir o maior número de católicos, era necessário superar a chamada “Era do Imperador Constantino” – sem a pretensão de indicar um determinado período histórico como uma dinastia ou monarquia. Esse tempo, ao qual a expressão entre aspas faz referência, originalmente referente aos atos do Imperador *Flavius Valerius Aurelius Constantinus* (272-337), porque sob sua influência se desenvolveu, e depois, se fixou, durante séculos, um complexo mental e institucional nas estruturas, nos comportamentos e até na espiritualidade da Igreja, e isso não apenas de fato, mas também no plano ideal (CHENU, 2013).

Por isso Dom Helder perseguiu, junto com um conjunto de Bispos do mundo inteiro, o ideal de uma Igreja que, conservando a sua unidade, se pusesse a serviço dos mais pobres. É comum, para quem pega o conjunto de cartas Circulares, hoje, abri-las a procura daquele conjunto específico de cartas onde Dom Helder comenta um a um os pontos do documento Chamado “Pactos das Catacumbas”. Isso é praticamente impossível. Somente lendo o conjunto estreitando a relação da escrita com o contexto é que se pode perceber como a proposta desses itens foi surgindo e ganhando força entre os membros do grupo.

Desde o início do Concílio, a Providência ligou-me ao Grupo da Pobreza. Em consequência do que sustento, a propósito de Pobreza, em *Echange d'idées entre des Frères dans l'Épiscopat*, passou em julgado que é minha a ideia de os Bispos se desfazerem de títulos de nobreza e de adotarem vida simples, de estilo evangélico... O Santo Padre, em sua 1ª Encíclica, convidou o Episcopado a ajudá-Lo a descobrir os caminhos da perdida Pobreza... O Grupo da Pobreza está se dirigindo ao Papa anunciando-Lhe, como começo de resposta, duas decisões (cf. Circular nº 22). A Providência me levou pela mão para Recife, capital do Nordeste em desenvolvimento... Reparem que acúmulo de circunstâncias exige que eu passe da teoria à prática... Bem sei que ao querer chegar a vias de fato rebentam dificuldades sérias: há elefantes brancos dos quais não é fácil um cristão livrar-se; há tradições cujo desrespeito parece singularidade e orgulho; há praxes cujo abandono suscitam comentários e mal estar... Quando isto se dá com o Santo Padre, somos inclementes e censuramos o Sumo Pontífice. Lembram-se de que, antes da Encíclica, ele me dissera pessoalmente que eu não imagino o alcance enorme que têm sobre o Papa os exemplos dos Bispos?... Paulo VI me declarou que só acredita que o Papa se possa livrar de excessos não-evangélicos de sua apresentação externa se os Bispos do mundo inteiro derem o primeiro passo... Daí, nesta Vigília Sagrada, pedir a vocês, e, de modo particular ao meu querido Mons. Barreto que me ajudem: a) a livrar-me, quanto antes, da maneira mais eficaz e mais simples, do título de Excelência e do brasão de nobre. Guardo apenas a divisa: In manus tuas! [f. 2] Prêmio a quem sugerir o caminho mais seguro e mais simples; e o título mais fácil de pegar: Pai? Nosso Pai? Senhor Bispo? (Claro que, infelizmente, não é fácil propor os de brincadeira que são os mais belos: Bispinho e Dom... Vejam como, em geral, nada mais sério e mais profundo do que brincar!) b) a livrar-me, quanto antes, do Aero-Willis. Gostaria, ao chegar a Recife, de encontrar um carrinho à altura do Bispinho. Por que não um da marca de Dom

José e de Mons. Barreto? Vejam que concedo em ter carro. Mas desejo carro que não escandalize minha pobre e querida Gente... Pode-se aproveitar a troca para evitar a famosa placa... c) livrar nosso querido Palácio de São José de Manguinho: da denominação de Palácio (prêmio a quem encontrar o nome -mais simples e mais fácil de pegar). do ar de Palácio (gostaria de encontrar totalmente transformada - a arrumação da Casa). Como desfazer-nos dos dois Tronos?... Para que Museu encaminhá-los? Coitados: não têm culpa, mas são símbolos de um passado que desejamos morto e sepultado... Como desfazer-nos das cadeiras nobres?... Reconheço que são belas. Dom José lembra duas dificuldades graves: para onde mandá-las e como substituí-las. Pondera que o desejo de simplicidade talvez acabe importando em despesa maior. Como desfazer-nos dos tapetes?... Pondera Dom José que eles escondem um soalho esburacado e feio... Por que não reler o episódio admirável de Terra dos homens, de Saint-Exupéry, a propósito do casarão do Paraguai?... Como aproveitar melhor tanta sala vazia? Dom José acha que levar para lá o Secretariado Regional do Nordeste será separá-lo do Secretariado Arquidiocesano... E por que não levar os dois?... Dom José lembra que eu preciso das salas para receber Comissões... Desta maneira, o Santo Padre jamais se livrará do Vaticano! [f. 3] Será que Lourdes Moraes não dá um jeito, não tem uma sugestão? Se Manguinho for ocupado, na parte debaixo e da frente pelos dois Secretariados ou por um dos dois, o juvenato não desafoga e não abre espaço para Organizações que estão sem sede? Receber?... Por que não receber na Salinha ligada à sala de jantar? Incômodo quando se tratar de hora de refeições? Mas a Casa é ou não a do Pai e Pai de todos, sem exceção? Enlouqueci?... Quem me dera, se se tratasse da loucura que tomou conta de Francisco ou de uma loucura chamada da Cruz!?... Noitadas? Por que não as promover na parte sobradada? (CAMARA, 2009A, p. 114-116).

A ideia de dar utilidade pública e pastoral ao palácio de Manguinhos, no Recife, tornando-o mais do que apenas residência oficial do arcebispado, e de ocupar com vida os espaços da Igreja¹³⁴, e mesmo de desfazer-se daquilo que lhe distinguia dos demais, nasce durante o período conciliar de 1964. É bem verdade que antes, sendo só auxiliar, no Rio de Janeiro, ele não tinha acesso a tantos luxos, sequer morava em um palácio, só para ele, mas em um simples apartamento, na ladeira que terminava em uma favela, em Botafogo. Agora que via as coisas desde a perspectiva do trono episcopal, ele parecia sentir-se incomodado. Acreditamos também que parte dessa insistência em deixar anotadas essas inquietações tivessem a ver com uma preparação para o que diria a “opinião pública” a respeito daquelas mudanças. Daí

¹³⁴ Eduardo Hoornaert, em sua "Introdução" às *Circulares Interconciliares*, ao responder à pergunta "Como o bispo se apresenta nos trabalhos pastorais de cada dia, após tantas vigílias?" e lembrar que, no imaginário religioso, não só em âmbito cristão, "costuma-se representar os místicos de olhar voltado ao céu, de rosto sereno, gestos ponderados e palavras que lembrem a vaidade das coisas deste mundo" afirma que "Dom Helder não tem nada disso. Ele sai da vigília de passo leve e gesto livre. Sabe rir, brincar e se divertir como uma criança. Gosta de ir ao cinema (adora o filme Zorba, o Grego) e ao teatro. Organiza noitadas de arte no palácio episcopal e preza a presença de artistas como Francisco Brennand (ceramista), Ariano Suassuna (escritor), Daniel Lima (poeta) e Jaime Diniz (músico) (HOORNAERT, *apud* CAMARA, 2008, p. XX).

decorre nossa interpretação de que existia um direcionamento de interpretação dos conteúdos das cartas, por parte de Dom Helder.

O fato é que as mudanças que empreendeu, na arquidiocese, a partir da experiência do Concílio, sobretudo aquelas relacionadas ao Pacto das Catacumbas, só puderam começaram a sair do plano das ideias após o seu retorno da última sessão do Concílio, em dezembro de 1965. É, também, importante ressaltar que, embora não tenha assinado o Pacto, porque não pode estar na Catacumba de Santa Domitila, naquele dia¹³⁵, ele o viveu de forma intensa, tendo sido apontado por Dom José Maria Pires, falecido arcebispo da Paraíba, como aquele que viveu mais intensamente os treze itens do documento.

Mas, para que a Igreja do mundo inteiro pudesse entender o esforço de transformar o modo de vida daqueles bispos – até então príncipes, na tradição da igreja – era necessário que um gesto viesse do alto.

Terminada a Santa Missa, a grande surpresa, que os jornais, certamente, já noticiaram. O Secretário Geral do Concílio, depois de lembrar que a Igreja sempre amou os Pobres, anunciou que o Santo Padre ia depositar, no Altar da Oferenda, sua própria tiara, a ser vendida para os Pobres... E a Basílica contemplou, emocionada, num silêncio impressionante, Paulo VI avançar com a tiara nas mãos, jogá-la no Altar e regressar feliz!... Foi um delírio! [f. 2] Não entra na minha cabeça que Ele dê uma e fique usando as outras, talvez mais ricas e solenes... Importante, no caso, não é o montante da tiara: é o gesto do Papa. Ele poderia dar dinheiro, ou mesmo uma cruz ou um anel. Quis a tiara... Que símbolo mais feliz poderia encontrar do despojamento e da pobreza!?... A tiara, a tríplice coroa, não se liga aos três poderes de profeta, sacerdote e rei (estes são comuns aos Bispos, aos padres e aos próprios fiéis). A tiara tem ligação direta com o poder temporal. E Paulo VI já advertira aos nobres que a Igreja não é e não deseja mais ser senhora temporal... Na *Ecclesiam suam*, Ele pedira aos Bispos que o ajudassem a levar a Igreja aos caminhos da simplicidade evangélica. De agora em diante bispo nenhum poderá alegar que não podemos dar lição ao Papa: dele nos veio a lição. De agora em diante, quem poderá falar em demagogia quando os Bispos se desfizerem de anéis e cruzes peitorais?... (CAMARA, 2009A, p. 320-321).

De fato, Paulo VI nunca criou a sonhada comissão conciliar para discutir a pobreza e o terceiro mundo, mas, ao menos, não deixou de perceber o “barulho” que aquele grupo da Pobreza estava produzindo, em parte pelo aumento no número de adeptos e em parte pelas críticas, sobretudo internas, daqueles que não deixaram de ver aquele barulho todo como autopromoção de uma parte pequena do clero católico.

¹³⁵ Ele estava na Bélgica, a convite dos reis, Balduino e Fabíola (Segundo informação do Prof. Dr. Pe. José O. Beozzo, por e-mail, para a doutoranda, em 6 de março de 2019, “Dom Helder não pode comparecer à celebração e assinar ali o documento, por causa de reunião da Comissão de redação da *Gaudium et Spes*, da qual era um dos titulares”.

Certamente Dom Helder estava entre os que faziam barulho, queriam ser notados e, mais do que isso, desejavam que o maior número de ouvintes entendesse a razão de ser daquela situação.

Com o anúncio do último período conciliar não havia mais tempo a perder com discursos vazios e gestos sem propósito. Nas cartas escritas nesse período por diversas vezes Dom Helder vai se imaginar sentado no trono de Pedro, como o cabeça da Igreja no mundo. s vezes, para indicar o que de alguma forma esperava que o Papa fizesse; outras, para mostrar como ele, Dom Helder, conduziria a Igreja. O fato é que muitos acabaram lendo essas passagens como “loucura sagrada¹³⁶”, uma espécie de rascunho de um papa reformador que pudesse conduzir, de forma mais prática e menos burocrática, as reformas necessárias à Igreja de Roma e do mundo inteiro.

A incômoda e atuante figura conciliar de Dom Helder vai desenvolver o que ele mesmo chamou de

Mania de Pobreza!... Para que a Igreja seja servidora como Cristo, para que não dê ao Mundo o escândalo de uma Igreja poderosa e forte, que se faz servir, parece-me fundamental este começo de começo, a ser feito logo no primeiro dia. Já pensaram na revolução que seria?!... Daí, para a reforma da Cúria Romana, seria um passo (CAMARA, 2009b, p. 93).

Essa ideia vai levá-lo a mudanças de atitudes extremas na quais a mudança do palácio dos Manguinhos e a venda do carro da Arquidiocese foram só começo. Para que as ideias de Dom Helder tivessem forma, nós acreditamos que ele percebia ser preciso superar a longa burocracia, disso decorre que quem analisa seu episcopado percebe um arcebispo profundamente atuante, sobretudo nas áreas mais necessitadas da Arquidiocese e na luta em defesa dos direitos humanos – talvez e mais acentuadamente por razões ligadas ao contexto histórico do Brasil e de parte da América Latina.

A mania de pobreza, qual ele mesmo fez referência, foi a sua marca mais forte como operador social do sagrado. Ela foi sendo consolidada, primeiro, pelo longo e eficiente trabalho de campo que Dom Helder fez ainda como Arcebispo Auxiliar do Cardeal Câmara, e depois, quando em Roma ele decidiu trazer a temática da pobreza para as discussões extraoficiais do concílio e, com isso, conseguiu trazer para junto

¹³⁶ Título de uma famosa meditação de Dom Helder escrita em Poema escrito na 236ª Circular - Abertura da AJP para o plano mundial 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas – à Família Mecejanense em (Recife) 4/5.5. 1974.

de si figuras de peso como cardeais e até o Papa. Esse é o elemento mais fundamental do alicerce da construção da sua identidade pública – um articulador de bastidores da Igreja e um amante dos pobres.

5.2 A construção de identidade para a posteridade

Quando iniciamos este estudo tínhamos em mente que as fontes colocadas à nossa disposição para análise eram constituídas de memórias construídas quase que imediatamente após os fatos que elas descreviam. Em nossa percepção, depois de anos de imersão no universo dos escritos do nosso personagem, era como se ele precisasse escrever aqueles relatos para, realmente, confessar-se, colocar para fora todo os sentimentos provenientes daquelas mudanças que ocorreram – a saída do serviço burocrático, o ingresso como professor no ensino superior, os trabalhos dentro e fora da estrutura eclesiástica. Não havíamos atentado, ainda, para o fato de que além de servirem como uma “válvula de escape”, essas memórias escritas foram se transformando numa espécie de “moldura”, dentro da qual ele procurou definir e construir a sua identidade pública.

Essa perspectiva só chegou até nosso campo de análise após o processo de qualificação pelo qual passou esta tese. Naquele instante, demos-nos conta de que era necessário alargarmos um pouco mais os horizontes da história, para podermos abarcar mais esse dado, inclusive porque ele é o local de fala desta doutoranda.

A identidade pública de Dom Helder, forjada em parte por ele mesmo, em parte por seus mais fiéis colaboradores e em parte por seus opositores, forma o tripé que sustenta viva a imagem da “batina bege” do franzino sacerdote cearense, passadas mais de duas décadas de sua morte. Isso porque, conforme procuramos demonstrar, partes significativas dessas memórias, ou desses fragmentos de “memória”, foram ora reaparecendo ora sendo escondidos para que, pouco a pouco, fossem dadas a conhecer as muitas faces desse mesmo homem.

O primeiro conjunto de cartas publicadas, as Circulares Conciliares, por sua natureza única e devido ao momento histórico ímpar de sua produção, tornaram-se o primeiro ponto de contato com esse Helder mais inimista. De como ele foi descrevendo o Concílio e se descrevendo como um “padre conciliar”, gerou-se um rico e detalhado conjunto de documentos sobre esse evento da história recente da Igreja Católica e, a

respeito do seu autor ajudou a reforçar aquela moldura na qual a sua identidade pública vinha sendo desenvolvida.

As estratégias discursivas e os recursos para guiar as possíveis interpretações desses textos nos ajudaram a entender como Dom Helder foi, ao longo de sua vida, desde que entendeu que poderia ser mal interpretado seja pela Igreja seja pela história, deixando rastro de memórias ou testamentos “espirituais”, ou o que chamamos mais comumente, nessa tese, de textos sobre a escrita de si. Os mais antigos desses textos recuperados ainda nos anos 90, pela pesquisa da qual fazemos parte desde 2006, são os manuscritos escritos em 1943, endereçados a Alba Frota. Neles, Dom Helder escreve as memórias, não só dos anos em que viveu no Ceará, mas, ocupa-se, longamente, em explicar fatos importantes, que lhe deram notoriedade eclesiástica e social, de sua passagem pelo integralismo e de sua vida como secretário de educação do Ceará, além de explicar a sua transferência para o Rio de Janeiro.

Não sem razão, esses manuscritos tornaram-se úteis, posteriormente, sobretudo quando, dentro e fora da Igreja, seus inimigos começaram a trazer à tona eventos da biografia de Dom Helder que eram narrados de uma maneira diferente daquela contada por ele mesmo. Aqueles que o conheciam, que haviam recebido dele mesmo a sua versão da história, contestavam essas “falsas interpretações” da sua figura pública. Estava, assim, instaurada uma guerra, que ainda hoje persiste, entre aqueles que admiram Dom Helder e aqueles que preferem que sua memória seja esquecida. Essa “guerra” tem como resultado, única e exclusivamente, a manutenção do nome do falecido arcebispo na memória das pessoas. Seja como candidato aos altares, seja como uma figura a ser esquecida.

Disso decorre que, entre os seus mais fervorosos admiradores, Dom Helder seja aclamado como “articulador”, “inspirador da Igreja Católica brasileira”, “alguém de clarividência e senso político”, “simples”, “contemplativo”, “cheio de imaginação e criatividade”, “representante eminentemente de uma maneira brasileira de ser cristão”. Já entre seus críticos, não menos fervorosos, tem sido lembrado como “terrorista”, alguém que “é todo doçura e compreensão para com os atiradores de bomba, assaltantes de bancos e sequestradores e assassinos de diplomatas” (ANDRADE, 1970, p. 10); um homem, escreveu Gustavo Corção, em 1970, de “palavras aladas” e promessas vazias. “Alegrar-me-ia se me convencesse de que Dom Helder descobriu

afinal seu compromisso principal, mas não me parece fácil tal convicção” (CORÇÃO, 1970, p. 2). O polemista conservador refere-se a ele, ainda, como ideólogo, “agente voluntário ou involuntário da [3ª] Guerra Mundial”, alguém inebriado pela fama e pelos aplausos. Sem contar os inúmeros artigos, no Brasil e no exterior, que o mencionam como progressista, admirador das coisas subversivas, demagogo, político. Um jornalista escreveu sobre ele, em parte discordando de Gustavo Corção:

Com licença do Dr. Corção, a minha convicção quanto a Dom Helder é de tratar-se de um caso a ser pesquisado por psiquiatras e geneticistas. Não se trata, a meu ver, de quaisquer tendências ou visadas políticas ou sociais e sim de um **IMPERATIVO INEXORÁVEL DE EXIBICIONISMO**. O vedetismo é seu clima, a ribalta sua atração irresistível (GONDIN, 1970, p. 3) [Grifos originais].

Se fôssemos perguntados sobre qual dos dois Helderes teria sido o verdadeiro, poderíamos dizer que os dois, ou que essas opiniões refletiam lados de uma mesma moeda. Não é do ofício do historiador, muito menos do cientista da religião apontar os “bons” e os “maus”, mas, sobretudo, por meio de análise crítica, apresentar os possíveis motivos dessas interpretações.

Conforme procuramos mostrar, ao longo da tese, Dom Helder disse que era preciso mudar muito, para conservar a sua unidade. Mas acreditamos que a melhor frase seria, é preciso escrever-se muito, para garantir a mesma interpretação de si. Assim, tivemos a oportunidade de reler todas as cartas que utilizamos como fontes primárias para a pesquisa e pudemos entender melhor algumas pistas que, à primeira vista, nos tinham passado despercebidas.

Como nossa análise indica que Dom Helder não deixou anotações desconstruídas ou desconexas, acreditamos que, segundo nossa perspectiva histórico-crítica, aquela que prioriza entender, primeiro, o que de sua formação se conservou e o que de sua atuação ele ressignificou e, segundo, como ele construiu, ao longo da vida, uma moldura em torno da sua imagem pública, para que ela primeiro sobrevivesse aos sucessivos ataques que sofreu e, depois, sobrevivesse à sua morte física. O que Dom Helder fez, em nossa análise, caracteriza a tentativa de formar pequenos grupos, ou bolsões de pessoas, que seriam as guardiãs dessas memórias. Para que elas pudessem entendê-lo, justificá-los e defendê-lo.

Esse tipo de leitura é o mais comumente feito pelos leitores das circulares, sobretudo seus admiradores, que o colocam no patamar de um homem simples e

humilde. Acredito, como historiadora, que Dom Helder era alguém que possuía a rara capacidade de se reconhecer com um ser histórico, ou seja, como aquele que vive num tempo histórico determinado e sabe que também é agente desse tempo. Talvez, por isso, sentisse uma necessidade de ir registrando suas mudanças de pensamento e justificando sua tomada de decisões.

Aqueles que ficaram com a missão de reescrever a sua história, resgatando momentos essenciais de sua vida, talvez não tenham entendido a mensagem. Acabaram, com isso, dando vida a um Helder que possivelmente não foi real, deixando de lado as suas imperfeições e as suas vacilações, mesmo as suas mudanças, tantas vezes por ele mesmo revistas e reescritas. Para que saltasse à luz um sacerdote que, na sua humanidade, pode ser, hoje, proposto até como exemplo de santidade canônica, não apenas como bandeira de discursos progressistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditado que “é preciso mudar muito, para ser sempre o mesmo”, Helder Pessoa Camara ressignificou sistematicamente, sobretudo entre os anos de 1955 e 1965, o seu exercício sacerdotal. Dono de uma fé sólida, ele viveu intensamente sua escolha pelo ministério ordenado, consciente de que sua plenitude existia em duas dimensões distintas e complementares. Uma fixa, como uma raiz, através da qual ele refazia a sua unidade com Deus – pelas vigílias e pela Santa Missa –, outra de natureza mais fluida, relacionada a sua forma de viver e agir no mundo.

Em relação à primeira, parece-nos que, ao longo de sua existência, não sofreu mudanças, mas foi se solidificando, se adensando. As vigílias, como ele costumava chamar, eram aquelas horas que passou acordado durante as madrugadas, na companhia do seu anjo da guarda, o Padre José, rezando, meditando, lendo o breviário, escrevendo as suas homilias, talvez rascunhando seus discursos ou respondendo cartas. Esse estar com Deus era completado, segundo Dom Helder, com a celebração diária da Santa Missa, cujo ofertório deveria estender-se pelo dia inteiro, assim doando-se de corpo e, sobretudo de alma, à noite, nos momentos em que caía no sono, descansava e recompunha a matéria, para, novamente, acordar-se e recompor o espírito.

A segunda dimensão desse exercício sacerdotal se manifestava na vida cotidiana, naquilo que o pai de Dom Helder disse a ele quando criança e que parece tê-lo marcado profundamente, “o padre não existe sozinho! Só existe padre para glória de Deus, servindo ao próximo!”. E foi na incessante busca desse serviço permanente que o seu exercício sacerdotal, parece-nos, transformou-se, não porque ele foi burocrata, professor, assistente da nunciatura, bispo auxiliar, arcebispo, não foi por isso. Tudo que rapidamente listamos são cargos e funções, e elas foram importantes, mas não devem ser interpretadas como as causadoras – isoladas ou todas conforme listamos, em conjunto – de transformações.

A premissa de nossa tese mostrou-se verdadeira. A partir do acesso a uma vasta documentação, em sua maioria ainda inédita, conseguimos reunir argumentos que não só sustentam nossas afirmações iniciais da pesquisa, como também nos permitem conhecer e apontar muitas lacunas históricas da vida de Dom Helder. Muito do que se conhece de sua vida pública, no geral, tem duas fontes – as incontáveis

biografias e os relatos orais daqueles que conviveram com ele. Nossa pesquisa buscou ancorar-se mais nas primeiras do que nas demais dessas fontes, isso porque, ao longo dos anos percebemos que existe um Helder que viveu apenas no imaginário daquelas pessoas que conviveram com ele. As fontes bibliográficas também carecem de atenção visto que muitas foram escritas, justamente, por essas pessoas que mencionamos, mas são passíveis de verificação à medida que fornecem datas, eventos e até a referência a outras pessoas envolvidas naquelas memórias.

Conforme apresentamos, o texto desta tese foi elaborado para dar sustentação a uma pesquisa que já dura mais de 10 anos. A convivência diária com cartas manuscritas e a leitura atenta das biografias de Dom Helder mostravam, de início, uma certa discrepância entre o vivido registrado pelo sacerdote cearense e aquilo que fora, anos depois, narrado por autores. Essas narrativas biográficas buscavam, segundo nossa análise, enaltecer a figura pública de Dom Helder criada, em parte por ele mesmo – por meio de seus textos públicos e suas ações midiáticas – e em parte pela opinião de seus opositores. Na guerra travada entre esses dois campos complementares a imagem pública de Dom Helder foi sendo forjada e sobreviveu até hoje, passados quase vinte anos de sua morte.

As cartas, por outro lado, assim como outros manuscritos que tivemos a oportunidade de conhecer, mostraram um Helder diferente, não menos surpreendente e nem menos admirável. Por isso recorremos ao método indiciário! Nós queríamos suscitar no leitor as mesmas perguntas que fazíamos: será essa a única interpretação possível? Porque não considerar também este ou aquele contexto?

Desse modo, ao estruturarmos nossa tese com uma introdução, quatro capítulos, essas considerações finais e vários anexos e apêndices, nunca foi ponto de nossa discussão apontar verdades e mentiras em textos já publicados, senão dar vez à voz do próprio Dom Helder. Para sair do lugar comum, para não dizer mais do mesmo, foi preciso inovar no método científico da pesquisa; assim, a escolha do paradigma indiciário permitiu primeiro, observar e apontar lacunas interpretativas que outros métodos foram deixando pelo caminho; segundo, tendo acesso às mesmas fontes do passado fazer novas e diferentes perguntas, afim de obter novas e diversificadas respostas ou, pelo menos, novos indícios que nos levavam a outras fontes e interpretações. Certos de que a vida não se desenrola sob o fio da história de forma linear e plana, mas seguros de que é no emaranhado de possibilidades e

relações que se pode tecer a teia da vida, começamos nos perguntando e fazendo o leitor refletir sobre o lugar de escrita das biografias, pois, conforme já dissemos, elas também foram uma fonte importante em nossas pesquisas.

Foi preciso também trazer ao leitor uma informação crucial a respeito das nossas fontes manuscritas: Dom Helder confessava-se a um pequeno grupo de mulheres, conforme dissemos no texto. Não para escandalizá-las, nem mesmo para apresentar o sentido negativo que se pode atribuir ao ato de confessar, de reconhecer faltas ou omissões, senão na tentativa de lhes mostrar o poder regenerador da confissão, o que, por sua natureza, mostra a grandeza libertadora de Deus. Ao partilhar suas angústias e alegrias, seus sonhos e frustrações Dom Helder se dá a conhecer na intimidade, sem deixar de ser o formador espiritual delas, sem deixar de ser o sacerdote que foi, mas mostrando-se como é, um semelhante a elas, busca sem cessar, através de suas memórias, mostrar a presença de Deus em sua vida.

Se a escolha do método abriu portas, o arcabouço de conceitos-chave que orientou nossa pesquisa foi, muitas vezes, o porto seguro de nossa análise. Entender os processos de formação, armazenamento e registros de memórias vividas foi fundamental para que pudéssemos ler os manuscritos e os livros com as “lupas” do método proposto por Carlo Ginzburg. Outro ponto fundamental de nossa análise, ainda na linha dos conceitos, foi a identificação do tipo de manuscrito que tínhamos acesso, manuscritos do grupo das “histórias de si” que têm muitas peculiaridades, conforme dissemos no primeiro capítulo e retomamos nos capítulos terceiro e quarto, a tarefa de contar uma história de si, que faça sentido aos demais e que torne o vivido interessante ao ponto de que ele sobreviva também na memória dos outros. Fechamos a introdução e o capítulo primeiro da tese certos de que entregamos ao leitor os conceitos e as ferramentas de análise necessárias para dar ao texto a fluidez necessária.

Para o segundo capítulo dois nossa ambição literária era fazer a historicização de uma década da vida de Dom Helder, os anos entre 1955 e 1965. Não foi fácil, pois esse período se mostrou rico de peculiaridades, o que nos conduziu a buscar fontes cada vez mais diversas. Não nos bastava listar os acontecimentos, por isso procuramos explorar coisas novas e revisar fatos já conhecidos com outros olhos; nesse sentido começamos explorando rapidamente o que significou o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, sua recepção e, sobretudo, as suas

consequências. Não podíamos passar indiferente às questões políticas envolvidas naqueles anos de 54 e 55, o suicídio de Getúlio, o governo de Café Filho e a posse de Juscelino, mesmo porque elas não passaram indiferentes à figura pública de Dom Helder. A preocupação com as questões da política pública – não partidária – aliás, são um capítulo à parte na vida do sacerdote. Procuramos recuperar o maior número possível de documentos que nos ajudassem a refazer laços e a reconstruir memórias.

À medida que líamos e fichávamos as cartas tínhamos uma impressão cada vez mais acentuada de que Dom Helder procurava explica-se e justificar-se ao passo que narrava, ele mesmo, a sua vida. Tanto os textos de natureza privada quanto os textos de natureza pública reforçam essa ideia. Foi um trabalho prazeroso identificar as diferentes fontes dos arquivos de Cecília Goulart Monteiro, perceber como havia em Dom Helder a rara consciência histórica de que seus manuscritos eram documentos históricos e, por parte de Cecília, a sensibilidade de guardá-los e, embora nossa maior preocupação nunca tenha sido suscitar ou trazer à tona as “focacas históricas”, reconhecemos que elas dão cor e sabor às histórias.

No esteio dessa história com sabor, resgatamos os esforços de Dom Helder para responder com ações concretas ao pedido do Cardeal Pierre-Marie Gerlier, para dedicar-se ao problema das favelas do Rio de Janeiro. Ela ressalta um aspecto muito importante da figura intelectual de Dom Helder, pois quem buscava nele um teólogo, um teórico, encontrava um prático, alguém que não se gastava e nem desperdiçava papel elaborando teses, mas encontrava tempo para relatar suas práticas sociais. A Cruzada de São Sebastião e o Banco da Providência, cada um a seu modo e a seu tempo, são prova disso. Humanizar as favelas, dar aos favelados moradia digna, dar oportunidade de empregabilidade, profissionalizar a mão de obra, essas eram, nos parece, os propósitos dessas obras. Sustentamos, ao longo do texto, mas, principalmente no quarto capítulo, que uma das razões pelas quais a figura pública de Dom Helder conseguiu arrastar parte do episcopado do mundo para ouvir as suas ideias durante o Concílio, porque elas são nascidas de uma prática social real que, em certa medida, deu certo.

Se as relações políticas poderiam ser um capítulo à parte, as relações com a Igreja dariam uma nova tese. Os conflitos entre os membros do clero, do qual apenas citamos o Cardeal Câmara, foram muitos e trouxeram consequências que, em geral, não transpareciam ao público, a exemplo da transferência de Dom Helder da

Arquidiocese de São Salvador do Rio de Janeiro, quando mostramos que, desde 1962, ela já estava sendo “tramada” nos bastidores do Sumaré e nos corredores da Nunciatura. Depois, lendo o discurso de posse de Dom Helder, a frase “a Providência Divina me trouxe pela mão”, pareceu uma referência velada àquele jogo de forças. Da mesma forma que procuramos apresentar ao leitor que a figura pública de Dom Helder não era unanimidade, isso desde os anos cinquenta, quando já era alvo dos conchavos e do ciúme.

Por outro lado, seu imenso amor à Igreja ficou sempre nítido: ainda no segundo capítulo conseguimos apresentar alguns textos escritos durante o pontificado do Papa João XXIII, o primeiro uma carta – que citamos integralmente – por ocasião da eleição do pontífice e, o outro, um auto para a abertura do Concílio – texto integralmente transcrito, acrescido de notas explicativas, nos anexos desta tese. Ambos nos ajudam a perceber como Dom Helder viu o novo Papa e como imaginou que devesse ser ao menos a abertura do Concílio, não apenas de forma teatralizada, mas de forma muito viva como aquela encenação carregada de sentido e significado, que deveria mostrar ao mundo a força unificadora da Igreja.

O Concílio que foi melhor explorado no quarto capítulo, foi mencionado no segundo capítulo, para ambientação histórica dentro do arco temporal pesquisado, assim como a posse e o primeiro ano à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife. A razão pela qual fizemos esta opção, se não ficou clara no texto, justifica-se pelo fato de que é na análise da figura pública de Dom Helder e no apontamento das ressignificações e permanências do seu exercício sacerdotal – objetivos centrais do quarto capítulo – que esses eventos se mostraram mais eficientes como ambiente histórico de análise.

Fechamos o segundo capítulo falando de três figuras ímpares na vida de Dom Helder, as do Dr. Alceu Amoroso Lima, da professora Virgínia Côrtes de Lacerda e a de seu “Frei Leão”, Cecília Goulart Monteiro. Diferentes nas suas origens e na forma como chegaram à vida de Dom Helder e nela atuaram, Dr. Alceu foi para Dom Helder, desde os tempos do seminário, a figura do intelectual de referência. As cartas trocas entre eles não tinham um caráter memorioso como as que ele trocou com as duas mulheres, especialmente. As missivas que conseguimos recuperar entre Dr Alceu – ou Tristão de Athayde, seu pseudônimo – têm um tom aconselhador ou consultivo, nelas Dom Helder nos pareceu que foi mais dirigido do que diretor. Desse

conjunto não sobreviveram muitas cartas, nas coleções de Dom Helder quase nenhuma, nas de Dr. Alceu, um conjunto não muito numeroso.

Quando comparamos a natureza das cartas trocas entre Dom Helder e Virgínia e Dom Helder e Cecília percebemos: primeiro, o conteúdo das cartas era substancialmente diferente daquelas trocadas seja com Dr. Alceu, seja com outras personalidades do mundo católico, político ou social, isso porque com essas mulheres Dom Helder assume um caráter confessional e memorioso. Podemos afirmar que ele as elegeu para serem as guardiãs de partes de suas memórias. Confiou a Virgínia, intelectual do universo das letras e da literatura, sua biblioteca anotada e suas meditações, foi com ela que ele adotou mais pseudônimos diferentes – Pe. Albertus/Caecilia e Frei Francisco/Frei Jacoba.

O arquivo recuperado de Cecília nos pareceu mais rico, primeiro, porque ofereceu uma variedade maior de fontes – correspondências ativas e passivas trocados entre ele e algumas autoridades eclesiais e civis, recortes de jornais, arquivos do tempo que Dom Helder foi professor. Segundo, porque Cecília conseguiu reunir documentos de diferentes épocas, trazendo à luz um conjunto variado não contínuo de um homem no tempo. Essa combinação de fatores nos ajudou a entender o processo de entesouramento pelo qual esses arquivos passaram, Cecília, enquanto secretária, foi selecionando os documentos que seriam guardados em seu arquivo pessoal, assim convertendo-se na guardiã dos registros produzidos por ele.

A resignificação do exercício sacerdotal de que falamos durante toda a tese, constituía em apontar as mudanças e permanências próprias da experiência de Dom Helder enquanto operador social do sagrado, elaboramos o terceiro capítulo com esse intuito. Começamos apresentando como havia sido a educação recebida por Dom Helder no Seminário da Prainha, sabíamos que ela não era a exceção, mas sim a regra vigente de formação naquele período, seu caráter excepcional talvez devesse ao fato de o Seminário Diocesano ter sido confiado aos padres da Congregação da Missão, mas, ainda assim, eles também estiveram à frente de outros seminários pelo Brasil.

Ainda no terceiro capítulo, começamos a analisar como àqueles pontos da formação que havíamos apresentado foram vividos por Dom Helder, especialmente, entre os anos de 1955 e 1965. Pretendíamos, com isso, dar clareza àquela premissa que norteou toda nossa tese, Dom Helder conseguiu conservar muitos aspectos de

sua formação e, negá-los, seria injusto com ele. Em outros aspectos conseguiu dar “giros” muito significativos, esses foram as resignificações. Segundo nossa análise esses giros ocorram de forma consciente, porém não podemos dizer que tenham sido por ele planejados. Acreditamos que muitas dessas mudanças foram produzidas mais com uma resposta imediata às sucessões de fatos que foram ocorrendo na vida de Dom Helder.

Fechamos a tese com o quarto capítulo, em que apresentamos dois pontos sumamente importantes de nossa análise: primeiro, o Concílio Vaticano II, embora nossa intenção nunca foi fazer uma análise pormenorizada da atuação de Dom Helder Camara naquele evento, procuramos, antes, fazer uma leitura analítica de todas as cartas e eleger, a partir disso um ponto, onde pudéssemos ancorar nossa tese, esse ponto, nos pareceu, foi a atuação de Dom Helder no grupo de trabalho extraoficial chamado “Grupo da Pobreza”, isso porque perseguimos a ideia de que Dom Helder chegou à Roma em condições de fazer ouvir entre bispos e cardeais do mundo inteiro, não porque ele tenha sido um grande teórico sobre o tema, mas porque sempre buscou amparar sua fala a partir daquela prática social que havia feito na Arquidiocese de São Salvador do Rio de Janeiro. O trabalho nesse grupo vai impulsioná-lo a escrever o Pacto das Catacumbas, documento não-oficial do Concílio e, talvez por isso um dos mais emblemáticos. Conforme dissemos e atestam outras publicações, Dom Helder sequer esteve presente quando de sua celebração, em 16 de novembro de 1965, nas catacumbas de Santa Domitila. Mas é provável que tenha sido, entre todos, aquele que viveu mais intensamente aqueles treze itens.

O último ponto que abordamos na tese diz respeito a nossa análise dos mecanismos que Dom Helder Camara usou para construir e lapidar uma imagem de si que pudesse sobreviver à sua vida. Ele construiu ao longo de sua vida três vias de acesso às suas memórias autobiográficas; criou, então, três possibilidades para que se pudesse analisá-lo. A primeira, de foro mais íntimo, aparece cercada de pequenas “xaradas”, como pseudônimos que não puderam ser decifrados de imediato, com anotações travestidas de notas de rodapé feitas nas margens das páginas dos livros de sua biblioteca pessoal, a esse Helder, ele se apresentou ora como Pe. José, ora como Pe. Albertus, ora como Frei Francisco. Esses textos produzidos dão conta de alguns aspectos mais enaltecidos da personalidade de Dom Helder que sobreviveu à

sua morte: um homem de inabalável fé e absoluta confiança em Deus, ressaltam à ideia de que ele foi um místico e um poeta.

Quando lançamos nossas lupas sobre os textos que acreditamos terem sido produzidos por Dom Helder para um grupo restrito de colaboradores no qual ele narrou sua atuação no Concílio e, depois quando esteve à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife, percebemos que a proposta do texto das Circulares não diz respeito apenas ao tempo presente da escrita, há nelas muitas referências ao passado de Dom Helder e, com isso, a tentativa de justificar determinados aspectos e circunstâncias de sua vida pública e privada. Esse conteúdo tornou-se, após a morte de Dom Helder, o seu maior legado, isso porque quase a totalidade das memórias de natureza privada permaneceram guardadas, as cartas circulares converteram-se, ainda quando Dom Helder estava vivo, em objeto de estudos científicos, e até um centro de pesquisa foi criado para abrigá-las, digitalizá-las e publicá-las. Hoje o centro abriga não só essas cartas senão muitas mais que alcançamos coletar, inúmeros recortes de jornais, revistas, arquivos de imagem e som. Esses materiais que listamos formam aquilo que chamamos de identidade pública, aquela forjada de fora para dentro e sobre a qual Dom Helder não teve o controle absoluto, em oposição as duas primeiras que listamos. Essa identidade foi composta por elementos não só fornecidos por Dom Helder, como nas cartas ou entrevistas, mas, em sua maioria, pela análise nem sempre favoráveis dos intelectuais e dos meios de comunicação.

Podemos afirmar, ao final de nossa pesquisa, que o fato de ter ressignificado seu exercício sacerdotal pode ter impulsionado Dom Helder a escrever sobre si, na intenção de tentar explicar-se ou na tentativa de oferecer contas de suas mudanças, visto que elas não acompanhavam nenhuma nova diretriz eclesial, mas, sim, se tratava-se de mudanças de natureza pessoal. Podemos afirmar, também, que embora Dom Helder não tenha obtido êxito na escolha de suas guardiãs, visto que todas faleceram antes dele, o trabalho de guardar essas memórias por um tempo e trazê-las à tona posteriormente foi realizado com sucesso. Esta tese é uma prova disso!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 426 p. (Vozes de Bolso).

Album historico do Seminario Episcopal do Ceará : em commemoração das bodas de ouro de sua fundação : 18 de outubro de 1864 - 18 de outubro de 1914. Fortaleza : [s.n.]; Lille [França] : Imp. Desclée, De Brouwer & Cie., 1914. 227 p.

ARGON, Maria de Fátima Moraes (org.). **Catálogo da Correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Dom Helder Camara (1929-1980)**. São Paulo: Editora Reflexão; Rio de Janeiro: EDUCAM; Petrópolis: CAALL, 2016.

ATHAYDE, Tristão de. "A violência de um pacífico". *In: Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1º maio 1970. p.1

ARAÚJO, Edvaldo Manoel de. **Dom Helder Camara: profeta-peregrino da justiça e da paz**. Aparecida: Ideias & Letras, 2012. 616 p.

ASSIS, Machado de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. 265 p.

_____. **Esau e Jacó**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. 287 p.

BARAÚNA, Luiz Guilherme. Fontes brasileiras do Concílio: Fundo Vaticano II. *In: BEOZZO, José Oscar (org.). A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1993a, p. 25-37.

_____. Análise dos "vota" do episcopado latino-americano e caribenho: 4. Brasil. *In: BEOZZO, José Oscar (org.). A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1993b, p. 146-177.

BERNARD, L. Mística. In: LACOSTE, Jean-Yves (Drt). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004, p. 1161 - 1169.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959 – 1965**. São Paulo: Paulinas, 2005. 611p.

_____. **Pacto das Catacumbas: por uma igreja pobre e servidora**. São Paulo: Paulinas, 2015. 70p.

BÍBLIA de Jerusalém. nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002. 2206 p.

BLOCH, Pedro. “D. Helder: homem de Deus”. In: **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, 27 jul. 1963. p.101-103.

BORGES, Jorge Luis. **Outras inquietações: (1952)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 223 p.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p.43-58, 1998. Semestral. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071>>. Acesso em: 10 maio 2017.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011.

CAMARA, Helder. [Carta Circular]. Destinatário: Todos os professores das Faculdades Católicas e do Instituto Santa Úrsula. Rio de Janeiro, setembro de 1943. 1f.

_____. “Resposta de D. Hélder Câmara a Carlos Lacerda”. In: **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 02 abril 1956. p.8.

_____. [Manuscrito]. **A festa do Papa**. Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro, 5 jul. 1959. 13f.

_____. [Carta pessoal]. Destinatário: Jaime de Barros Câmara Rio de Janeiro, 29 agos. 1959. 4f.

_____. [Carta pessoal]. Destinatário: Jaime de Barros Câmara. Rio de Janeiro, 25 agos. 1962. 3f.

_____. [Carta pessoal]. Destinatário: Jaime de Barros Câmara. Rio de Janeiro, 31 agos. 1962. 3f.

_____. [636ª Circular Após-Concílio] Destinatário: família Mecejanense.. Recife, 31/12.1969/1º.01.1970. 3f.

_____. [71ª Circular. Abertura da AJP para o plano mundial]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 06/07 jul. 1970. 3f.

_____. [155ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 14/15.dez. 1970. 3f

_____. [113ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 06 set. 1970. 3f.

_____. [344ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. 2ª fase: apelo às Minorias Abraâmicas]. Destinatário: Família Mecejanense. Nova Iorque, 16/17 jan. 1972. 11f.

_____. [63ª Circular Abertura da AJP para o Plano Mundial. 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 08/09 dez. 1972. 9f.

_____. [100ª Circular da 3ª Fase: Articulação das Minorias Abraâmicas]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 29/30.1.1973. 3f

_____. [219ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 4/5 mar. 1974. 5f.

_____. [201ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial. 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 2/3 jan. 1974. 9f.

_____. [255ª Circular de Abertura da AJP para o plano mundial. 3ª fase: Articulação das Minorias Abraâmicas]. Destinatário: Família Mecejanense. Roma, 3/4.10.1974. 3f.

_____. [29ª Circular de Abertura da AJP para o Plano Mundial. 4ª fase: Após a partida do querido Frei Leão]. Destinatário: Família Mecejanense. Recife, 13/14 ago.1978. 3f.

_____. **A missa que cobre o dia inteiro**. Mimeografado: s.l. s.d. 1f

_____. **Las conversiones de un obispo**: conversaciones con José de Broucker. Santander: Editorial Sal Tarrae, 1980. 214p. Coleção: Servidores y testigos, 8.

_____. **Dom Helder Camara**: Circulares Conciliares volume I – Tomo I: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964. Recife: CEPE, 2009a. 431p.

_____. **Dom Helder Camara**: Circulares Conciliares volume I – Tomo II: de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964. Recife: CEPE, 2009b. 301p.

_____. **Dom Helder Camara**: Circulares Conciliares volume III – Tomo II: de 31 de maio/ 1º de junho de 1966 a 26/27 de dezembro de 1966. Recife: CEPE, 2011. 342p.

_____. **Dom Helder Camara**: Circulares Conciliares volume IV – Tomo I: de 5/6 de agosto de 1967 a 13/14 de fevereiro de 1968. Recife: CEPE, 2013. 436p.

CÂMARA, Jaime de Barros. [Carta pessoal]. Destinatário: Helder Camara. Rio de Janeiro, 11 abr. 1961. 2f.

_____. [Carta pessoal]. Destinatário: Helder Camara. Rio de Janeiro, 29 ago. 1962. 1f.

CENTRO de Coordenação da Pressão Moral Libertadora. **Pressão Moral Libertadora**: o que é? Como surgiu? Como vai a tal programação para 1968? Concretamente o que fazer?. Recife: s.n., 1968. Caderno nº1. Mimeografado.

_____. **Direitos do homem**: origens da Declaração Universal. Visão geral dos 30 direitos. Os 3 direitos que destacamos. Recife: s.n., 1968. Caderno nº2. Mimeografado.

_____. **Gandhi e a Pressão Moral Libertadora**: razão de uma escolha. e essencial da mensagem de Gandhi. a figura de Gandhi. balanço de Satyagraha. Recife: s.d., 1968. Caderno nº3. Mimeografado.

_____. **Sugestões concretas**: ponto de partida, responsabilidade exata sobre os 15% engajamentos indispensáveis. Ecos das solenidades. Época e gradação das pressões. Organização de assessorias especializadas. Sugestões para debates em grupos. Planejamento para levantamento de dados, consulta sobre a gradação da pressão ligação com a Comissão Justiça e Paz que se entender por números de arte compromisso vital. Recife: s.n., 1968. Caderno nº4. Mimeografado.

CONDINI, Martinho. **Dom Hélder Câmara**: um modelo de esperança. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009. 220 p.

CONFERÊNCIA VICENTINA, disponível on-line-via:

<http://www.ssvpcmg.org.br/docs/Subsidio.pdf>, acessado em 07 mar. 2019

CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, disponível on-live via: <http://www.pbcm.com.br/o-que-e-congregacao-da-missao/>. Acessada em: 21 fev. 2019.

CORREIO DA MANHÃ. “Dom Jaime falou sobre os objetivos da ALEF”. Rio de Janeiro, 9 ago. 1962. 1º Caderno. p.7

CORRESPONDÊNCIA DE ALCEU AMOROSO LIMA: disponível on-line via: <<http://e-chat.netwatts.com.br/alceuamorosolima/OpenViewer.atx>>, acessado em 12 dez. 2018.

CASTRO, Marcos de. **Dom Helder Camara:** misticismo e santidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

COMBLIN, Pe. José. **A espiritualidade de Dom Helder**, disponível online <https://teologianordeste.net/index.php/publicacoes/artigos/114-a-espiritualidade-de-dom-helder>. Acessado em 21 fev. 2019.

DESTÉFANI, Frei Benvindo, O.F.M. **Penitência:** sucintamente explicado aos fiéis. 2.ed.rev. e amp. Petrópolis: Vozes, 1940. 96p.

DIREÇÃO ESPIRITUAL, disponível on-line via: <<http://comunidade Marianas gate.com/o-que-e-a-direcao-espiritual-e-qual-a-importancia-de-se-ter-um-diretor-espiritual/>>. Acessado em: 28 fev. 2019.

ECO, Umberto. **Obra aberta:** forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005. 284 p. (Coleção debates: Estética; 4).

_____. **Os limites da interpretação.** São Paulo: Perspectiva, 2015. 315 p. (Estudos; 135).

FACULDADES CATÓLICAS, disponível on-line via: <<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/instrumentos-de-pesquisa/cronologia-por-decadas>>. Acessado em: 28 fev. 2019.

FILHAS DA CARIDADE, disponível on-line via: <http://www.filhasdacaridade.com.br/institucional/historia/8>. Acessado em 07 mar. 2019.

FREI FRANCISCO. [Carta de Direção Espiritual]. Destinatário: Frei Leão. Belo Horizonte, 26 ago. 1946. 1f.

_____. [Carta de Direção Espiritual]. Destinatário: Frei Leão. Belo Horizonte, 26 ago. 1946. 1f

_____. [Carta de Direção Espiritual]. Destinatário: Frei Leão. Rio de Janeiro, 16 set. 1946. 1f

_____. [Manuscrito de Direção Espiritual]. Rio de Janeiro, Natal de 1946. 2f

_____. [Carta de Direção Espiritual]. Destinatário: Frei Leão. Rio de Janeiro, 16 ago.1947. 1f

_____. [Carta de Direção Espiritual]. Destinatário: Frei Leão. Rio de Janeiro, 22/23 nov. 1947 2f

_____. [Carta de Direção Espiritual]. Destinatário: Frei Leão. Rio de Janeiro, 28/29 abr. 1949

FREUD, Sigmund. **Psicopatologia da vida cotidiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996. 205 p.

_____. O Moisés de Michelangelo (1914). In: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. 1.ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FURTADO, Rosa Freire d'Aguiar. A batalha da Sudene. In: FURTADO, Celso. **O Nordeste e a saga da Sudene: 1958 – 1964**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2009. p.7-19. (Arquivos Celso Furtado; 3).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989. 323 p.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia da história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 281 p.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro de (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. Cap. 1. p. 7-24.

GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 173 p (Coleção a obra-prima de cada autor; 140)

GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía. **Suplemento Anthropos**, Barcelona, n. 29, p.1-17, 1991a. Anual.

_____. **Les écritures du moi: lignes de vie 1**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991b. 430 p.

_____. **AUTO-BIO-GRAPHIE: lignes de vie 2**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991c. 504 p.

IZQUIERDO, Iván; BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 58, n. 20, p. 289-296, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/22.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2011. 133 p.

JORNAL DO BRASIL. “Proposta para que os juros das contas bancárias vão para Banco da Providência”. Rio de Janeiro, 15 mar. 1960. 1º Caderno. p.10

_____. “Câmara dos Deputados: 1. Presidente cassou palavra de Adaime; 2. Projeto de adiamento da mudança; 3. Banco da Providência: dez milhões”. Rio de Janeiro, 30 mar. 1960. 1º Caderno. p.5.

KATHEN, Nelmo Roque Ten. **Uma vida para os pobres**: espiritualidade de Dom Hélder Câmara. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

KUBITSCHEK, Juscelino. [Carta Pessoal]. Destinatário: Helder Camara. Brasília, DF: 27 nov. 1960. 2f.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. As muitas facetas da “figura conciliar” de Dom Helder Camara. *In*: ROCHA, Zildo (Org.). **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 112-122.

LACERDA, Carlos. “Carta a Dom Hélder Câmara”. *In*: **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 26 mar. 1956. p.4.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi Di. **O leopardo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 279 p.

LEHMANN, Padre João Baptista (Org). **O Brasil Catholico 1938**: Synopse da hierarchia ecclesiastica brasileira, inclusive Ordens e Congregações religiosas. 3ª ed. Juiz de Fora: Typographia do Lar Catholico, 193[?]. p. 140-144

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Capinas: Editora Unicamp, 2013. 499 p.

LIÇA, disponível online via: <https://dicionario.priberam.org/li%C3%A7a>. Acessado em 04 abr.2019

LIMA, Alceu Amoroso. **Cartas ao pai**: de Alceu Amoroso Lima para sua filha madre Maria Teresa. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003. 671p.

_____. **João XXIII**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966. 238p.

O LIVRO DO SEMINARISTA: por um padre da congregação da missão. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1959. 487 p.

LÖWY, Michel. **A guerra dos deuses:** religião e política na América Latina. Petrópolis: Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne: Vozes, 2000.

MANOZZI, D. **A igreja Católica e a Secularização.** São Paulo: Paulinas, 1999.

MARQUES, Luiz Carlos Luz; BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil na preparação do Vaticano II. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião** (Online), v. 9, p. 986-1009, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2855>>, acesso em: 10 agosto de 2016.

MARQUES, Luiz Carlos Luz; PINA NETA, Lucy. Mons. Helder Camara, nella Svizzera del CMC: un sogno, un Papa e una riforma. **Colloquia Mediterranea:** Rivista della Fondazione Giovanni Paolo II - Dialogo, cooperazione, sviluppo. Florença: Arti Grafiche Cianferoni, 2018. v. 8, p. 89-110. ISSN - 2239-5598. Disponível em: <<https://www.fondazionegiovannipaolo2.org/wp-content/uploads/2018/11/Colloquia-Mediterranea-8-1.pdf>>. Acesso em 20 maio 2019.

_____. O “Irmão dos Pobres” esteve lá: O que o “Pequeno Concílio” de Medellín e Helder Câmara significaram, um para o outro?. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 65-83, ago. 2018. ISSN 1677-1222. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/38971>>. Acesso em: 20 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i2a5>.

MELLO, Thiago de. “Na favela até os cachorros já gostam de Dom Helder”. In: **Revista Manchete.** Rio de Janeiro, 14 abril 1956, p. 70-75.

NETO, Lira. **Padre Cícero:** poder, fé e guerra no sertão. 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO 1966-1970. Disponível on-line:
<http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf>. Acessado em: 07 jan. 2019

PADRE JOSÉ. Consagração. Rio, 30 jan.1946. *In: **Meditações do Padre José***: de 1 a 200. De 26 nov.1945 a 28 set.1948. Rio de Janeiro: s.n., 1948. Vol. 1. p. 22. Mimeografado.

_____. Vocaç o Eterna. Rio de Janeiro, 1945. *In: **Medita es do Padre Jos ***: de 1 a 200. (de 26 nov.1945 a 28 set.1948). Rio de Janeiro: s.n., 1948. Vol. 1 p. 31. Mimeografado.

_____.   preciso confessar. Recife, 13/14 fev. 1976. *In: **Medita es do Padre Jos ***: Cole es: de 7.403 a 7.547 (entre 1976 e 1990). V. 50. p. 7476. Mimeografado.

_____. [Medita o] Anjos de Deus, as vig lias nos irmanam... Rio de Janeiro, 8/9 fev. 1949. *In: **Medita es do Padre Jos ***: De 201 a 400 (de 28.9.48 a 26.10.49) v. 2. f. 305. Mimeografado.

_____. [Medita o] Ang stia (II). Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1946. Vol. 1. Mimeografado. **Medita es do Padre Jos **: De 1 a 200 (de 26.10.1945 a 28.09.1948). f. 38. Mimeografado.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**: o profeta da paz. 2.ed. S o Paulo: Contexto, 2008. 400 p.

PINA NETA, Lucy da Silva. **Helder Pessoa Camara**: elementos de seu perfil intelectual a partir de suas bibliotecas. 2013. Disserta o (Mestrado em Ci ncias da Religi o) – Universidade Cat lica de Pernambuco, Recife, 2013.

_____. **O Dom da leitura**: Helder Camara e suas bibliotecas. 1.ed. S o Paulo: Paulinas, 2018. (Sal e Luz).

PIERRE-MARIE GERLIER, disponível on-line: < <http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bgerlier.html>>, acessado em: 20 jun. 2018

PINHEIRO, Pe. José Ernanne. **Dom Helder Câmara e seu legado profético**, disponível online <<http://www.cefep.org.br/dom-helder-camara-e-seu-legado-profetico/>>, acessado em 21 fev. 2019.

PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. **Dom Hélder Câmara e a educação popular no Brasil**. 1997. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 105-120, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2064>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

RAMPON, Ivanir. **O caminho espiritual de Dom Helder Camara**. São Paulo: Paulinas, 2013. 558 p.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 06 ago. 1955. Nº 43. ANO: XXVII.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **Criada a Fundação Leão XIII, no Rio de Janeiro**.

Disponível on-line via:

<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1597>.

Acessado em: 07 jan. 2019

ROCHA, D. J. V., org. Declaração dos Bispos do Nordeste. In: **Sob os signos da Esperança e da responsabilidade social: anais do I e II Encontros dos Bispos do Nordeste (Campina Grande, 1956 | Natal, 1959)** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 85-119. ISBN: 978-85-7879-485-9. Available from: doi: 10.7476/9788578794859.0004. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/c6yqx/epub/rocha-9788578794859.epub>. Acessado em: 30 nov. 2018

ROCHA, Zildo Barbosa (Org). **Helder, o dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Joel. Dom Helder: vamos humanizar as favelas. *In*: **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, 12 nov.1955. p. 8-12.

SCHMITZ, Dom Quirino Adolfo, OFM. **Pastor inquieto**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 230p.

ANEXOS

[Capa]

“Roteiro de vida cristã”

1º caderno

[fl.1.] Roteiro de vida cristã

Rio, 3 a 7.2.1951

I) Começando do começo

- 1- O primeiro passo para que, desejar, realmente, progredir na perfeição é rebentar a carapaça do egoísmo, livrar-se de si, para ser capaz de viver o duplo e sagrado mandamento no qual se resumem todos os profetas e toda a lei (S. Mat. XXII, 36-40)

(S. Mat. XXII, 36-40¹³⁷): “Mestre, qual o maior mandamento da Lei?’ Ele respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.”

Antes de indicar o modo mais simples e mais eficiente de romper a carapaça, vale a pena mostrar como o egoísmo é fonte última de todos os pecados, de todas as estreitezas, de todos os choques, [fl.02] de todas as complicações:

- que é fonte de todos os pecados pode, facilmente, descobrir quem fôr [sic] à raiz dos setes pecados capitais de onde brotam todos os outros (de onde vem a preguiça? Por que a ira nos inflama? Que é a gula? Como nasce a inveja? Qual o sentido da avareza? De onde irrompe a luxúria? A que se reduz a soberba?)
- que é fonte de todas as estreitezas é fácil provar fazendo descobrir como o egoísmo nos leva a atravessar o mundo vendo-nos (quando parecemos ver), [fl.03] ouvindo-nos (quando parecemos ouvir), amando-nos (quando parecemos amar);

¹³⁷ Todas as passagens incluídas nesse manuscrito, segundo a indicação do próprio texto, são da 10ª reimpressão (2015) da 1ª edição (2002) da Bíblia de Jerusalém.

- que é fonte de todos os choques se pode prever, porque sendo comuníssimo o egoísmo, os eus se esbarram, se atritam, se agridem, sendo inútil pensar em paz nas famílias, nas sociedades, nos países e entre as nações enquanto cada um, consciente ou inconsciente, quiser ser centro do mundo e alvo de todas as finezas e adorações;

- que é fonte de toas as complicações basta cada um olhar em si: não fosse o amor pró-[fl.04]prio exacerbado veríamos as coisas do tamanho que elas têm, escutaríamos as coisas dando a cada palavra o alcance exato que merece sem joga-las todas na caixa de ressonância da cabeça exaltada, meio excelente para gastar em vão consigo mesmo um tempo precioso.

3- São tais os inconvenientes e aborrecimentos gerados pelo egoísmo que parecia simples questão de inteligência e de bom senso livrar-nos dele como de prisão escura, suja, humilhante e fria. O problema é mais grave que parece: nossa pobre na- [fl.05]tureza, ferida pelo pecado original, guarda, mesmo depois do batismo, a concupiscência que é a matriz do egoísmo.

4- Nossos melhores amigos (a quem temos como tais, embora a amigo verdadeiro seja aquele que nos ajuda a caminhar na perfeição) consciente ou inconscientemente costumam ser insufladores de nosso egoísmo, atizam, sobretudo, o amor próprio em face de humilhações que se aproximam, afastando-nos da humildade e afogando-nos na soberba. [fl.06]

5- O grave do egoísmo é que se o eu nos enche não deixa lugar para Deus, ou se Deus consegue entrar e Hóspede em nossa casa é Hóspede a quem largamos na sala, a quem esquecemos atarefados em cuidar dos nossos planos, dos nossos trabalhos, dos nossos problemas.

6- Forma sutilíssima de egoísmo é o excesso de preocupação com os próprios pecados: a tendência a comparar-se com os outros e consigo mesmo, a achar que não tem remédio, que não tem animo para arrancar definitivas, que [fl.07] não tem merecimento para rezar...

No momento oportuno, veremos como pensar nos próprios pecados na hora exata e na medida conveniente; entenderemos o alcance providencial da eterna mediocridade e da incurável fraqueza; aprenderemos o segredo de nada de tudo isso perturbar a oração, transformando- se ao contrário em fonte magnífica de amor ao próximo e de amor a Deus.

- 7- Já é mais do que tempo para ensinar o modo mais simples e mais eficiente de romper a [fl.08] carapaça de egoísmo: é exercitar-se em ver (ao invés de apenas ver-se), ouvir (ao invés de apenas se ouvir), amar (ao invés de apenas se amar).
- 8- Um cego que fosse curado da vista não teria mais descobertas a fazer do que o egoísta que começa a descobrir os outros e através de tudo e de todos descobrir o Criador e Pai, tão presente e tão pouco visto, tão próximo, tão nosso, apesar de parecer aos cegos tão frio e tão distante.
- 9- Um surdo que fosse curado do ouvido não teria mais [fl.09] descobertas a fazer do que o egoísta que começa a sair de si e a ouvir os irmãos se é tão raro encontrar quem ouça é porque não é comum achar quem tenha entendido e amado o silêncio, e se tomado de respeito pelo verbo imagem do Verbo).
- 10-Uma pedra que recebesse um sopro de vida e começasse a sentir o coração pulsar seria imagem aproximada do egoísmo que sai do amor-próprio para o amor do próximo e o amor de Deus.
- 11-Quem quiser começar pelo começo [fl.10] saiba que sem sair do egoísmo é absurdo pensam em arroubos de santidade e é ilusão acreditar-se amigo de Deus.

II) O mundo à luz da Criação

- 1- É importantíssimo firmar como convicção de todos os instantes, como verdade básica para entender a vida o princípio simplicíssimo: só Deus é Deus, só o Criador é Criador; tudo o mais é criatura.
- 2- Criatura é tudo o que foi tirado do nada, por pura bondade de Deus, quer seja pedra, planta, animal, homem ou anjo.
- 3- Nosso Senhor insistiu nessa verdade [fl.11] essencial ao ensinar: “Só existe um Senhor e Mestre; vocês todos são irmãos” (S. Mat.XXIII, 8)

(S. Mat. XXIII,8): “Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos”

- 4- Feliz de quem passa por esta terra sentindo-se criatura no meio de irmãos. Feliz de quem se torna interprete das criaturas e cantor de Deus.
- 5- Sem notar, tomamos o lugar do Criador, usando as criaturas como servas e delas esperando submissão e respeito devidos a Amo e Senhor.

- 6- Com respeito a gratidão é que nos devemos servir das criaturas nossas irmãs, tiradas do nada [fl.12] como nós, todas tendo ocupado o pensamento de Deus. É um positivo encanto a visão transfiguradora que o mundo nos oferece: a água que nos mata a sede, nos limpa e refresca o corpo, alegra-nos a vista e fecunda-nos o campo é imagem comovedora de bondade divina; o ar tão anônimo e discreto em seu serviço precioso, a luz como sua varinha mágica de fada poderosa e boa, o chão que nos sustem tão humilde aos nossos pés – são amostras de descobertas capazes de tornar-nos felizes [fl.13] como criaturas que viajam de trem pela primeira vez.
- 7- Mesmo os seres de aparência repugnante ou transformadas hoje em fontes de perigo ou de incômodos para o homem decaído, mesmo eles nos devem fazer parar de respeito ante o mistério da Criação e de espanto ante o mistério do pecado.
- 8- Criatura nenhuma – nem nós ninguém, nem nada fora de Deus – pode ser fim. Nem podemos para em nada que não seja o Criador e Pai, nem consentir que ninguém pare [fl.14] em nós.
- 9- O Criador para nós não é apenas um Grande Ser, Onipresente, Onisciente, cheio de grandeza e majestade: é Pai que nos conhece até os últimos pensamentos, nos ama de toda a eternidade, tem planos a respeito de cada um de nós e nos acompanha, segundo a segundo, a ponto de não cair, sem consentimento seu, um cabelo de nossa cabeça.
- 10-É mais entender agora – e é indispensável firmar para sempre: devemos passar pela vida como interpretes das [fl.15] criaturas e cantores de Deus.

11. Entre as irmãs criaturas, ocupam para nós um lugar à parte as criaturas humanas. Se a exemplo de Davi e S. Francisco de Assis podemos e devemos emprestar a voz as estrelas e às montanhas, às aves e às árvores, mais importa emprestar os lábios e o coração a irmãos homens que não sabem, não podem ou não querem rezar.
12. Quatro obrigações fundamentais tem, em face da Criação, a criatura humana: obrigação de pedir, de pedir perdão e adorar. [fl.16]
13. Tornamo-nos incapazes de rezar apenas no próprio nome e mesmo em relação a amigos e à família, alarguemos sempre mais o coração sobretudo na hora da

prece: amigos? Quem não é amigo, quem não é irmão? Parente? Além da pequena família distribuída em algumas casas de alguns cantos do país ou do mundo, temos a Grande Família dos que já estão no céu e dos que penam no purgatório, e dos que ainda se acham [fl.17] no exílio.

14. Pedir é necessidade de todas as criaturas humanas, pois ricos e pobres, milionários ou miseráveis, todos somos mendigos diante de Deus.
15. Com o pensamento voltado para as criaturas humanas de todos os lugares e de todos os tempos, estendamos, confiantes, a mão ao Pai Celeste, pedindo favores materiais e sobretudo espirituais.
16. Pensar nas grandes aflições da Terra é remédio providencial contra a visão egoística que nos apresenta os nossos [fl.18] sofrimentos físicos ou morais, como se só nós sofrêssemos ou como se sofrêssemos como ninguém.
17. Os encontros entre a missa de hoje e a de amanhã devem enriquecer a nossa lista do Momento: encontramos alguém ferido no corpo ou na alma? Vimos irmãos em necessidade, em perigo, em desespero? Não há acaso: a Providência com os encontros que nos proporciona cada dia, alargar-nos e enriquecer-nos o coração para a manhã seguinte.
18. Cuidado especial deverem mere- [fl.19] cer os desesperados do dia, isto é, aqueles cujo travo vai transbordar, cuja amargura vai explodir.
19. Imitar Jesus no Jardim das Oliveiras e sobretudo no Calvário, lugares sagrados onde de modo especialíssimo se apresentou ao Pai em nome dos pecadores – Repensar sem cançar-nos o brado admirável: “Meu pai perdoai, eles não sabem o que fazem”. Também aqui os pecados ou aparências de pecados (já que não nos cabe julgar ninguém) surgidas no correr do [fl.20] dia devem tomar inconfundíveis o Confiteor, o Kyrie eleison, o Agnus Dei de cada dia...
20. De tal modo agradecer e adorar em nome de todos que ao chegarem diante do Juiz as criaturas, nenhuma seja condenada por falta de ação de graça e de adoração.

III) O mundo à luz da Encarnação

1. Consumado o pecado humano, o Pai, ao invés de abandonar o homem, manda ao mundo seu Filho Unigênito que se fez homem para salvar os homens.
2. A Santa Igreja não se acostuma com mistério tão grande: [fl.21] três vezes por dia, nas horas mais sugestivas (ao amanhecer, ao meio dia, ao cair da noite)

manda bater seus sinos, na tentativa bastante vã de levar o homem a pensar na Incarnação, Cada vez que na Missa alude à humilhação do Verbo (S. Paulo diria: aniquilamento – Fil.II, 7) faz com que todas dobrem o joelho (é assim no Credo e no Evangelho de S. João, p.ex.)

(Fil.II, 7): “mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem.”

3. O estonteamento da Incarnação não é tanto a estribaria: mesmo que o Filho de Deus nascesse em palácio esplêndido, [fl.22] se teria esvaziado, tomado a forma de servo, fazendo-se homem em tudo, exceto o pecado.
4. Jesus prendeu-se ao tempo (aguardou, são só para nascer, mas para tudo em sua vida, que chegasse a sua hora: S. João II, 2 VIII, 20 e VII,30); limitou-se ao espaço (não saiu da Palestina, a não ser Criança fugindo para o Egito: S. Mat. II, 13-23); prendeu-se a uma raça e a língua; alimentou-se; cresceu; caminhou, sentiu cansaço, alegria, tristeza; deixou-se cobrir de ultrajes; morreu na cruz entre dois ladrões. [fl.23]

(S. João II, 2): “Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também”.

(S. João VIII, 20): “Essas palavras, ele as proferiu no Tesouro, ensinando no Templo. E ninguém o prendeu, porque sua hora ainda não havia chegado”.

(S. João VIII, 30): “Tendo ele assim falado, muitos creram nele”.

(S. Mat. II, 13-23): “Após sua partida, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se e, sonho a José e lhe disse: ‘Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para matar. Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, durante a noite, e partiu para o Egito. Ali ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: Do Egito chamei meu filho. Então Herodes, percebendo que fora enganado pelos magos, ficou enfurecido e mandou matar, em Belém e em todo o seu território, todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo de que havia se certificado com os magos. Então cumpriu-se o que fora dito pelo profeta Jeremias. Ouviu-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentação: Raquel chora seus filhos; e não quer consolação, porque eles já não existem. Quando Herodes morreu, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se em sonho a José, no Egito, e lhe disse: ‘Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel, pois os que buscavam tirar a vida ao menino já morreram. Ele se levantou, tomou o menino e a sua mãe e entrou na terra

de Israel. Mas, ouvindo que Arquelau era rei da Judeia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo recebido uma visão em sonho, partiu para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: Ela será chamado Nazoreu”.

5. O Divino Mestre quis dar o exemplo apostolado oculto e de apostolado externo: ao primeiro, dedicou 30 anos; ao último, três. E mesmo durante a vida pública, recolhia-se sempre que podia e encontrava delícias nas Vigílias, horas por excelência, de prece e de adoração (S. Luc. VI,12)

(S. Luc. VI,12): “Naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração”.

6. Sua pregação não podia ser mais simples. Suas parábolas revelam como Ele descia aos problemas trivialíssimos de seus irmãos homens – via tudo, observa tudo: o amigo que pede pão (S. Luc. XI, 5); a árvore boa e má (S. Luc. VI, 43); os dois devedores (S. Luc. VII, 40); [fl.24] o rico que abarrota os celeiros (S. Luc. XII, 16); o rico e Lazaro (S. Luc. XVI, 19); os dois Senhores (S. Mat. VI, 24); a casa edificada sobre a areia (S. Mat. VII, 26); a moeda perdida (S. Luc. XV, 8); o fermento (S. Mat. XIII, 33); o argueiro no olho (S. Mat. VII, 3); a fogueira estéril (S. Luc. XIII, 6); o filho obediente e o foragido (S. Mat. XXI, 28); o filho prodigo (S. Luc. XV, 11); o grão de trigo (S. João XII, 24); o homem ferido pelos ladrões (S. Luc. X, 30); os convidados para o banquete (S. Mat. XXII, 2); o juiz iniquo (S. Luc. XVIII, 2); a luz embaixo do alqueire (S. Mat. V,15); a pedra preciosa [fl.25] sa (S. Mat. XII, 45); o bom pastor e o mercenário (S. João X,1) a messe e os operários (S. João, IV, 35); os talentos distribuídos (S. Mat. XXV, 14); a mulher que dá à luz (S. João XV, 21); contrato de operários para a vinha (S. Mat. XX,1); a ovelha perdida (S. Mat. XVIII, 12); o fariseu e o publicano (S. Luc. XVIII, 10); a porta estreita (S. Mat. VII, 13); a rede jogada ao mar (S. Mat. XIII, 23); o mau administrador (S. Luc. XVI,1); joio e o trigo (S. Mat. XIII, 24). [fl. 26]

(S. Luc. XI, 5): “Disse-lhe ainda: ‘quem dentre vós, se tiver um amigo e for procura-lo no meio da noite, dizendo: ‘Meu amigo, empresta-me três pães...’”

(S. Luc. VI, 43): “Certa mulher, porém, que sofria de fluxo de sangue, fazia doze anos, e que ninguém pudera curar...”

(S. Luc. VII, 40): “Jesus, porém, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Simão, tenho uma coisa a dizer-te. – ‘Fala, Mestre’, respondeu ele. ”

(S. Luc. XII, 16): “E contou-lhes uma parábola: ‘A terra de um rico produziu muito”.

(S. Luc. XVI, 19): “Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteara com requinte”.

(S. Mat. VII, 26): “Então, que foste ver? Profeta? Eu vos afirmo que sim, e mais do que profeta”.

(S. Luc. XV, 8): “Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa cuidadosamente até encontrá-la?”

(S. Mat. XIII, 33): “Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém”.

(S. Mat. VII, 3): “Por que reparas um cisco no olho do teu irmão, quando não percebes uma trave que está no teu?”

(S. Luc. XIII, 6): “Outra parte caiu sobre a pedra e, tendo germinado, secou por falta de umidade”.

(S. Mat. XXI, 28): “Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse: ‘Filho, vai trabalhar hoje na vinha”.

(S. Luc. XV, 11): “Disse ainda: ‘Um homem tinha dois filhos”.

(S. João XII, 24): “Em verdade, em verdade, vos digo: ‘se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muitos frutos”.

(S. Luc. X, 30): “Jesus retomou: ‘Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram deixando-o semimorto”.

(S. Mat. XXII, 2): “O Reino dos Céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias de seu filho”.

(S. Luc. XVIII, 2): “Havia na cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens”.

(S. Mat. V, 15): “Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas na luminária, e assim ela brilha para todos os que estão na casa”.

(S. Mat. XII, 45): “Diante disso, vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele, e vêm habitar aí. E, com isso, a condição final daquele homem tornar-se pior do que antes. Eis o que acontecerá a esta geração má”.

(S. João X, 1): “Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante”.

(S. João, IV, 35):

(S. Mat. XXV, 14):

(S. João XV, 21):

(S. Mat. XX, 1):

(S. Mat. XVIII, 12):

(S. Luc. XVIII, 10): “Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano”.

(S. Mat. VII, 13):

(S. Mat. XIII, 23):

(S. Luc. XVI, 1): “Dizia ainda a seus discípulos um homem rico tinha um administrador que foi denunciado por dissipar os seus bens”.

(S. Mat. XIII, 24)

7. Seus milagres comprovam como tinha olhos para todas as necessidades e aflições do próximo. Entre outros, vale recordar: a ressurreição do filho da viúva de Naim (S. Luc. VIII, 11); a ressurreição de Lazaro (S. Luc. XI, 1), o paralítico da piscina probática (S. Luc. V, 2-9); a multiplicação dos pães (S. Mat. XV, 32).
8. É admirável a paciência do Filho de Deus, particularmente com os ignorantes e os pecadores. Comove encontrar o Verbo Eterno às voltas com os 12 pecadores ignorantes. Comove notar que quanto mais duro comigo mesmo (não tinha uma pedra em que descansar a cabeça), mais bondoso para com o próximo (que o digam a samaritana, Maria Madalena e a mulher adúltera).
9. Lição para o nosso apostolado: a nosso modo e de acordo com nossas possibilidades, cabe-nos incarnar-nos [*sic*], isto é, inserir-nos no tempo e no meio em que a Providência nos faz viver, fazendo-nos tudo a todos para todos levar a Jesus Cristo.
10. Até onde levar essa encarnação [*sic*] e problema que o exemplo [fl.28] do Verbo Incarnado iluminará e que, em grandes linhas será resolvido por nosso Bispo, e, em pormenores pelo nosso Diretor espiritual.

IV) O mundo à luz da Redenção

1. Que o pecado é tremendo podemos ver, não só pelo castigo infligido aos anjos maus e à humanidade inteira em Adão, mas pelas humilhações inenarráveis sofridas pelo Redentor.
2. Quando no Jardim das Oliveiras Jesus chegou a pedir “Se é possível, passe de mim este cálice”, pensava menos na morte, do [fl.29] que no horror de estar carregado com os pecados todos da terra.

3. Não foi por acaso (não existe acaso) que Ele se deixou despir diante da multidão; e que recebeu bofetadas e escarros em plena face; e que caiu três vezes, debaixo da cruz; que derramou as últimas gotas de sangue nas três horas de agonia.
4. Brado que nos devia abrir para sempre os olhos é o grito lancinante [?]: “Meu Pai, meu Pai, por que me abandonaste”? Ao próprio Filho Unigênito, em Quem pós todas as complacências [fl.30], o Pai dá a impressão de abandonar, uma vez que Ele se apresenta carregado com os pecados humanos.
5. É angustiante ver as multidões afogadas no trabalho ou no prazer, e esquecidas da Redenção. Pensássemos no Sangue derramado por nós e não seríamos capazes de pecar. Ora, o Santo Padre já denunciou a tristeza das tristezas: o nosso século está perdendo a noção de pecar.
6. Ser apóstolo é encher-se de sede de ajudar Jesus Cristo a salvar os homens, uma vez que os [fl.31] planos misteriosos da Providência aceitam e exigem essa colaboração de que é exemplo supremo a Corredentora, a Santa Mãe das Dores.
7. Sair pelo mundo revelando aos homens que a morte de Cristo, não foi só reparação infinita pelos pecados humanos, mas é e será até o fim dos tempos fonte de vida divina para nós – é um programa capaz de encher a vida.
8. Que os pagãos ignorem em que consiste a vida divina reconquistada no Calvario é triste, mas [fl.32] se compreende – inconcebivelmente é haver cristãos que desconheçam tamanha grandeza, e católicos praticantes que tirem tão pouco proveito das riquezas divinas que carregam consigo.

V) O reino de Deus está dentro de vós

1. Verdade sobrenatural que conhecemos, mas que precisa ter um lugar em nossa vida: no dia de nosso batismo começou para nós, além da vida humana que já possuíamos, a vida divina, pela graça santificante que nos foi comunicada. [fl.33]
2. O nome da graça que nos dá ou nos aumenta a vida divina não poderia ser mais expressivo: graça santificante, isto é, graça que torna santo. De fato, tal é a riqueza que nos traz, que se santificará quem dela tirar proveito.
3. A vida divina que a graça santificante nos consiste:

- na presença paternal em nós da S.S. Trindade (S. João XIV,23; I Cor. III,16 e VI, 19-20), e, como, consequência de estarmos cheios de Deus, consiste ainda

- na participação da natureza [fl.34] divina (II S. Pedro I,4)

4. Quem anda, dia e noite, com Deus na própria casa – no próprio corpo, na própria alma – será insensato se se sentir abandonado e só, e andar mendigando o consolo. Os elogios e a companhia dos homens; será grosseiro se esquecer o Companheiro de moradia, cuja presença constitui a essência do céu, cuja alegria inefável; será lastimável se para ser santo não aproveitar facilidades maiores de que a dos contemporâneos de Cristo, incentivos iguais aos concedidos [fl.35] a N. Sra. e a S. José.
5. Não adianta dizer: o que me falta é fé intensa para viver verdades sagradas como essa! Faltar não falta: pois a S.S. Trindade, ao chegar, traz não só a fé, mas a esperança, a caridade, e todas as demais virtudes e os dons do Espírito Santo. O problema é só lembrar-se de usar riquezas tão grandes energias tão puras, forças tão decisivas.
6. Quando um cristão, diante uma difícil reforma a empreender, se sente sem coragem, sem força, tem razão de sobra [fl.36] se pensa em força humana (por nós, por nossa natureza, todos somos pó e nossa miséria, além de contarmos com a concupiscência que é a inclinação para o mal, não tem razão nenhuma de desânimo, se se lembrar que o dom da força já está dentro de nós, trazido pelo Espírito Santo.
7. Há mios práticos de desenvolver, com auxílio divino, a lembrança de Deus [fl.37] excelência, o meio de aumentar a graça santificante, no sentido de a presença divina se torna ainda mais dominadora e paternal, havendo crescimento de todas as virtudes e dons do Espírito Santo;

- riscar do dicionário as palavras “só”, “sozinho”, “solidão”; não estamos sozinhos nunca (é mais sério do que se pensa a importância do falar cristão que corrige o falar pagão)

- ao sair da Igreja, firmar bem claramente a convicção de que jamais saímos da Igreja, [fl.38] pois somos Templos da S.S. Trindade;

- fazer da presença de Deus o grande móvel de todas as ações; por que ser puro? Para respeitar o Templo de Deus; por que ser humilde? Porque seria ridículo

querer brilhar quando dentro de nós se esconde o grande Deus; por que ser paciente e manso? Seria desrespeito encher de ira quando dentro de nós está o Deus da paz; porque viver alegre e afastar a tristeza como doença do diabo? Porque não tem cabimento andar triste quando [fl.39] se carrega o céu dentro da alma;

- ter como devoção máxima (acima muito acima da devoção dos santos, dos anjos da própria Santíssima Virgem) a devoção à Trindade Santíssima;

- fazer do Glória ao Pai, que enche de alegria nossa eternidade, oração predileta desde agora: começar a cantá-lo desde o exílio;

- cada vez mais ver no Pai um verdadeiro Pai, aprendendo no Evangelho a ser filho com N.S. Jesus Cristo; ver no Filho, nosso Irmão Jesus Cristo; ver [fl.40] no Espírito Santo o grande amigo e santificador de nossas almas;

- habituar-nos a rezar como a Santa Igreja: ao Pai, pelo Filho, em unidade com o Espírito Santo (o que não nos proíbe de dirigir-nos ao Filho e ao Espírito Santo, iguais ao Pai, consubstanciais com Ele).

8. Para nós a desgraça única é a perda da Graça Santificante, a perda da vida divina, isto é, o afastamento da S.S. Trindade de nossa alma pela desgraça do pecado mortal. [fl.41]

VI) Lugar à parte para Jesus Cristo

1. Quando se contempla o mundo o que se descobre é no alto o Pai Celeste e, na terra, a perder de vista, a fraqueza, fraqueza, fraqueza. Nota-se que não dizemos maldade e sim fraqueza, lembrados da lição de Cristo: Pai, perdoai, eles não sabem o que fazem.
2. Por um mistério divino, o Pai escolhe os fracos para representar os fracos. Ele os põe diante d'Ele como interpretes dos irmãos pecadores e, ponto curioso, não os transforma em fortes, deixa-os [fl.42] pequeninos, fracos, medíocres até o último suspiro.
3. Tem razões poderosas o Pai Celeste para manter na fraqueza os fracos escolhidos para representar os fracos: se se tornassem fortes talvez se enchessem de orgulho e provavelmente entenderiam menos a fraqueza em nome da qual lhes cabia falar.

4. De que adiantará, no entanto, aos pecadores um pecador como portavoz [*sic*] diante do Altíssimo? Quando o interprete dos fracos pedir, pedir perdão, agradecer e adorar estarão se [fl.43] movendo lábios manchados a serviço de uma coração ingrato e frio.
5. Nesta altura é que se pode entender todo o alcance infinito do papel de Jesus Cristo e do aviso importantíssimo que Ele deu a seus apóstolos, dizendo-lhes: “Até hoje vocês não pediram nada em meu nome: peçam e vocês receberão” (S. João XVI,24).
6. Não se trata apenas de rezar por intermédio de Cristo ou em companhia d’Ele: podemos ir mais longe – como um com Ele, fazemos parte de Seu Corpo Místico (I Cor. VI,15), [fl.44] podemos rezar em Nosso Senhor, unidos a ele, desaparecidos n’Ele.
7. Quando o Pai olha do alto e o nos vê rezando, já não descobre, mas o rosto divino do Filho em que vê todas as complacências (S. Mat. XVII,1); quando nos escuta, já não ouve a triste voz de pecadores, mas a voz santíssima do Filho a quem não sabe faltar (S. João XVI, 23). Nossa prece tendo, então, valor infinito: podemos rezar em nome de todos os homens de todos os lugares e de todos [fl.47] os tempos; podemos pedir perdão, agradecer e adorar, certos de estar prestando ao Pai um culto perfeito em nome de toda a humanidade.
8. Ponto importantíssimo: quando se reza em Jesus Cristo, cessa a perda de tempo de ficarmos apurando antes da prece se temos ou não merecimento para falar em nome de tantos – pouco importa o nosso valor ou desvalor [*sic*]: desaparecidos em Cristo, um com o Homem-deus, nosso Amigo e nosso Irmão, cantam os [fl.48] seus méritos insuperáveis e não a nossa incurável mediocridade;
9. Surge, então, a sociedade que na Santa Missa tem realização plena e perfeita culminância: nossa parte é a fraqueza, é o pecado ou a convicção absoluta de poder tombar em qualquer miséria (e isso nos dá credenciais amplas para falar em nomes de todos os pecadores); a parte de Cristo é a riqueza infinita de Sua prece e, sobretudo, de Seu sangue.
10. Quem entendeu essa aliança com o Filho de Deus e [fl.49] nosso Irmão, quem, com a graça divina, mergulhou na Santa Missa, tem com que encher a vida com que ajudar de fato a humanidade toda e com que prestou ao Pai um louvor à altura de Sua infinita majestade.

VII) A Santa Missa, como centro da vida

1. Grande, imensa como a decisão do Filho de Deus de aceitar a morte pela salvação dos homens, foi a resolução sacratíssima de perpetuar, até o fim [fl.50] do mundo, em cada missa que se celebra, o Sacrifício Redentor.
2. O verdadeiro Celebrante de toda e qualquer Missa é N. S. Jesus Cristo. Ele, a vítima Divina, que se oferece ao Pai com a mesma largueza e generosidade com que se ofereceu no Calvário. Não há, é certo, derramamento de sangue, nem nova morte do Filho de Deus, mas de tal modo o Sacrifício é o mesmíssimo do Gólgota que os anjos de Deus baixaram ao mais anônimo dos altares e o Pai é honrado de maneira perfeitíssima como na celebre sexta-feira santa. [Caderno 2. fl.51]
3. A Missa é, por excelência, a hora de representar a humanidade, para pedir, pedir perdão, agradecer e adorar (e vale a pena estudar o Missal, descobrindo como são belas as preces que a Santa Igreja põe em nossos lábios, como são comoventes os gritos de contrição que nos inspira, como comovem as ações de graça e os hinos de adoração que endereça ao Pai pelo Filho na unidade do Espírito Santo!)
4. Como a ingratidão humana quase não tem exceções (e como a ação [fl.52] de graças permanente humana é pobre e feia, sem profundidade e sem colorido), o Sacrifício Eucarístico nos ensina a ser eucarísticos (não em vão que Eucaristia quer dizer Ação de graças e que o Filho de Deus é Ação de Graças Substancial ao Pai). Nota-se, de modo particular, a beleza e a força dos Prefácios que, mesmo simplesmente rezados, devem valer como cânticos.
5. A Missa é incomparável pelo encontro visível, tangível do humano e do sobrehumano [*sic*], [fl.53] da terra e do céu. Começa o sacrifício e somos nós, criaturas humanas, que estamos rezando. De repente, oh! Mistérios dos mistérios, o Filho de Deus, na consagração, desce ao altar, toma-nos o lugar, reza conosco, ou antes e melhor, convida-nos a fundir-nos com Ele, a afogar-nos n'Ele, glorificando o Pai e levando todas as criaturas de todos os lugares e de todos os tempos ajuda substancial. É sem dúvida a grande meia-hora fecunda, capaz de alegrar ainda mais [fl.54] o próprio Céu, de fechar o Purgatório, de abalar a terra inteira.

6. Quem tem a Santa Missa, tem tudo. Nem precisa peregrinar. Sem dúvida, para quem pode é um consolo ir à Roma e ver o Vigário de Cristo: mas no mais apagado altar, temos, vivo ansiando por unir-se a nós na Comunhão, Aquele a quem o Papa representa. Sem dúvida para quem pode é um consolo ir à Terra Santa: mas ir à Missa é ir a Belém (e mais do que ir à Belém porque aqui não se vê apenas [fl.55] o lugar em que o Salvador nasceu, mas o lugar ai Ele Baixou, aclamado pelos anjos); é mais que ir ao Jardim das Oliveiras, ao Calvário, ao Tabor, pois no altar não temos o passado, a lembrança, mas realidades santíssimas, que atraem para a terra, irresistivelmente, a misericórdia infinita do Pai Celeste.
7. Quem não pode ir, em pessoa, cada dia, ao Santo Sacrifício, pode unir-se às Missas que, sem cessar, se celebram no mundo inteiro. Oh! Se os homens soubessem de [fl.56] onde vem o equilíbrio da Terra, e de onde parte a força que contrabalança os desastres causados pelos pecados!
8. À proporção que a divina graça nos abre os olhos para a grandeza e beleza do altar, cresce a responsabilidade de representar irmãos que estariam, talvez com mais proveito do que nós, se tivessem a felicidade de entender o que a luz divina nos ensinou a descobrir.
9. Em rigor, cada Missa é única pois levamos para cada uma [fl.57] as alegrias, as tristezas, as necessidades e as aflições da terra (e o que vimos na véspera, ao correr do dia, serve de lembrança e inspiração) e Cristo obtém do Pai bênçãos que não se repetem, são sempre novas, sempre adequadas aos recados de que fomos portadores.
10. O ideal é que não deixemos Jesus Cristo se oferecer sozinho. Sejamos a gota d'água no vinho da oferenda. E se amanhã entrar nos planos divinos transforma-nos em vítima, exultaremos em virar hóstia nas mãos do [fl.58] Divino Celebrante.

VIII) O cristão é Cristo

1. Verdade que precisamos aprofundar e cujas consequências serão revolução abençoada em nossa vida: pelo batismo fomos incorporados a Jesus Cristo, isto é, passamos a fazer parte de seu Corpo Místico. Nota-se que Corpo Místico não quer dizer corpo ideal – é corpo invisível, misterioso, mas real.

2. S. Paulo de tal modo está cheio dessa verdade que pergunta: “Não sabeis que vossos membros são membro de Jesus Cristo”? (I Cor. VI,15) [fl.59] e informa que o cristão que comete impureza torna os membros de Cristo e os muda em membros de meretriz.

O grande apóstolo chegou a exclamar “Não sou eu quem vive: é Cristo quem vive em mim (Gal. II, 20)

3. Lembremos as consequências práticas de nossa união com Jesus Cristo:

- uma das maiores é a atitude na oração: não só na Santa Missa, mas sempre rezamos em Jesus Cristo, o que é meio excelente de transfigurar nossa oração (Experimente-se, p.ex., [fl.60] rezar com nosso Irmão o Padre Nosso. Note-se, de passagem, a oração dominical só pode ser dirigida ao Pai e não a um Santo ou a N. Sra...),

- em toda parte e sempre, celebramos que nossa presença arrasta Jesus Cristo: nossas palavras, nossos gestos, nossas atitudes não devem ser indignas d’Aqueles que é nossa Cabeça;

- dentro da cristandade, lembremo-nos de que não somos apenas irmãos: somos membros de um mesmo Corpo, como um (e a união, a unidade foi o [fl.61] supremo anseio de Cristo em sua oração sacerdotal na última ceia (s. João XVII,21)

- a Cabeça do Corpo Místico ao qual pertencemos é Cabeça humilde e mortificadíssima: não tem sentido ser membro orgulhoso e gozador com tão santa Cabeça.

4. Entre os membros do Corpo Místico, mereçam-nos cuidados especiais os membros sofredores (os enfermos) e os membros mortos (os que se acham em pecado mortal).
5. É pouco para nós não comprometer o Mestre com palavras e atitudes; já que a bondade [fl.62] divina nos incorporou a Jesus Cristo embebamo-nos de seu espírito, lendo e relendo o Evangelho, saboreando as parábolas, os sermões e mesmos as simples palavras do Divino Mestre.
6. Dois grandes anseios devem encher de modo particularíssimo (em sintonização com o que se passa em Jesus Cristo): a sede de almas tão

profundamente sentida pelo Redentor e o zelo pela glória do Pai Celeste, tão da essência do Filho de Deus.

7. Ao empreender missões difíceis - ao lidar com os poderosos da [fl.63] terra, com os sábios deste mundo, com os inimigos de Deus – poderá ser fonte de tranquilidade absoluta sentirmos um com Jesus Cristo, e saber que a nossa chegada no meio deles é a chegada do Filho de Deus.
8. Um com Jesus Cristo, podemos contar com o coração maternal de N. Senhora, cujas preces muito poderão valer para que não participemos em vão de mistério tão sagrado e esmagador.
9. O demônio que investiu três vezes contra o Mestre, ousará tentar-nos apesar de encontrar-nos [fl.64] incorporados a Cristo. Os anjos bons nos acudirão velando por nós, não só por terem recebido do Pai a missão de guardar os homens, mas para honrar o Filho de Deus, a cujo Corpo Místico nos sabem pertencentes.
10. Quando um dia chegarmos diante do Juiz, será grande valia não só ser Irmão de quem vai decidir nosso destino eterno, mas poder exclamar: “Senhor, não te julgues: o cristão é Cristo. Nós somos um”.

Vigília de S. Romualdo

6/7.2.1951

“Festa do Papa”

Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro [,] 5 de julho de 1959

Em 3 Cenas e um Fecho, a intenção é honrar o Santo Padre o Papa João XXIII, a Quem Deus inspirou a ideia felicíssima de trabalhar para unir a Cristandade, através de um Concílio Ecumênico.

[fl.1]

1ª Parte Um só rebanho e um só Pastor.

Quando o pano se descerra, aparece no palco um pastor feliz, rocando uma flauta, cercado de carneirinhos (Carneirinhos de Petrópolis¹³⁸). Enquanto se se ouve o coro falado, vai ocorrendo, no palco, entre o Pastor e o rebanho, o que as palavras descrevem

Uma Voz: Quem só conhece/ pastores/ através de gravuras,/ quem nunca viu/ um pastor de verdade/ cercado de seu rebanho/ não entendeu/ plenamente/ a parábola do Bom Pastor¹³⁹

Todos: Bom Pastor, nós te conhecemos/ Como Tu nos conheces; / nós te amamos/ como Tu nos ama

¹³⁸ Coral dos Canarinhos de Petrópolis é o mais antigo coro de meninos do Brasil. Criado, em 1942, graças aos esforços do padre franciscano alemão, naturalizado brasileiro, Frei Leto Bienias. Hoje, o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis é uma escola da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus.

¹³⁹ O Bom Pastor – “Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante; o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre: e as ovelhas ouvem a sua voz e ele chama suas ovelhas uma por uma e as conduz para fora. Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz. Elas não seguiram um estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos”. Jesus lhes apresentou essa parábola. Eles, porém, não entenderam o sentido. Disse-lhes novamente Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes; mas as ovelhas não os ouviram. Eu a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatam e dispersa, porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não desse redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor. Por isso o Pai me ama, porque dou a vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai.” Houve novamente uma cisão entre os judeus, por causa dessas palavras. Muitos diziam: “Ele tem um demônio! Está delirando! Por que escutais?” Outros diziam: “Não são de endemoninhado essas palavras; porventura o demônio pode abrir os olhos de um cego?” (Jo 10:1-21)

Uma Voz: Parece absurdo,/ completamente errado/ mas o Bom Pastor/ larga de fato/
99 ovelhas/ e vai em busca/ da ovelhinha que se perdeu

[fl.2]

Todos: Deixa-nos aqui/ e vai em busca/ da ovelha perdida

Uma Voz: Enfrenta/ qualquer caminhada/ aceita qualquer cansaço/ e se encontra/ a
ovelhinha transviada/ é de ver/ a alegria/ com que carrega/ nos ombros/ o querido
fugitivo

Uma Voz: O Bom Pastor/ dá a vida/ por suas ovelhas/ O mercenário, / o que não é
pastor/vê o lobo vir/ abandona as ovelhas/ e foge./ O mercenário foge/ porque é
mercenário/ e não se importa/ com as ovelhas

Todos: Tu és o Bom Pastor/ e dás a vida por tuas ovelhas.

Uma Voz: A lição mais importante/ que o Bom Pastor nos deu,/ a lição, que não
podemos esquecer,/ a lição/ que deve alimentar/ orações constantes/ ainda está por
lembrar

[fl.3]

Todos: Recorda-nos/ esta lição/ que se deve transformar/ em oração perene

Uma Voz: Disse o Mestre:/ Tenho Muitas Ovelhas/ que não são deste aprisco./
Preciso/

Conduzi-las também./ Elas ouvirão minha voz/ e haverá/ um só rebanho/ e um só
Pastor

Todos: Bom Pastor,/ realiza o prodígio:/ um só rebanho/ e um só Pastor?/ Um só
rebanho/ e um só Pastor!

Os Canarinhos Catam, encerrando a 1ª Cena: “O senhor é meu Pastor¹⁴⁰”

IIª) Parte: A Túnica inconsútil¹⁴¹

Nossa Senhora (que aparece em primeiro plano) acaba de tecer o Túnica
inconsútil e antevê o que se passará com a túnica de seu Filho. O Coro falado
interpreta os sentimentos da Senhora → cfr. Anexo

Uma Voz: Mãe,/ com tuas próprias mãos/ teceste/ a túnica de teu Filho

[fl.4]

¹⁴⁰ O Salmo 23.

¹⁴¹ Referência ao poema de mesmo título publicado em 1938, pelo poeta modernista alagoano Jorge de Lima. Em sua biblioteca pessoal, constam duas obras relacionadas a esse autor: ANSELMO, Manuel. **A poesia de Jorge de Lima (Ensaio de interpretação crítica)**. São Paulo: Edição do Autor, 1939. Observação: "Pe. Helder Camara, 1942" e, LIMA, Jorge de. **Poesia**. Apresentação por Luís Santa cruz. Coleção Nossos Clássicos. Nº 26. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

Todos: nem os anjos/ a teceram/ com mais amor

Uma Voz: Vestido com ela/ Jesus andou/ com seus discípulos/ e contou parábolas/
como a do Filho Pródigo.

Todos: Guardavas no coração/ todas as palavras/ de teu Filho

Uma Voz: Vestido com a túnica/ tecida por tuas mãos/ Jesus passou/ fazendo o bem:/
sando vista aos cegos,/ ouvido aos surdos/ saúde aos paralíticos/ vida aos
mortos

Todos: De longe abençoavas/ teu Filho/ que era teu Deus!

Uma Voz: Vestido com a túnica/ tecida por tuas mãos/ Jesus presidiu/ a última Ceia;/
instituiu a Eucaristia;/ entrou em agonia/ no Jardim Das Oliveiras;/ foi coberto
de ignominias; e/ [fl.5] levado ao Calvário/ com a Cruz nos ombros.

Todos: De longe te unias/ aos sofrimentos/ de teu Filho

Uma Voz: Teu coração/ Mãe Santíssima/ estremeceu de susto/ quando os soldados
começaram a dividir/ o que era de teu Filho/ Iria rasgar/ a túnica sem costura/
tecida por tuas mãos?

Todos: Mãe/ o que os soldados não fizeram/ aconteceu depois

Uma Voz: A túnica foi rasgada/ partida/ e seus pedaços espalhados/ dilaceram teu
Filho

Todos: Mãe Santíssima:/ tua oração/ é importante/ Lembra ao Pai Celeste/ que
teceste/ com tuas mãos puríssimas/ a túnica de teu Filho

[fl.6]

Uma Voz: Obtém o milagre/ de reconstituir- se/ uma/ indivisa/ e íntegra/ a túnica
transfigurava ao contato/ com o corpo santíssimo/ do Homem Deus

Todos: Obtém o milagre/ obtém o milagre!

A cena se encerra com o canto do Salmo¹⁴² “ ” pelos Canarinhos de Petrópolis
IIIª Parte “Que todos sejam um, como Tu, Pai, em mim e eu em Ti” [Jo 17:21]

Ouve-se a voz de Cristo, que profere o Sermão da Última Ceia, enquanto voltam os 3
grupos que se separaram da Igreja: o primeiro trazendo, com maior respeito, o “Livros
das Orações” (Prayer’s Book)¹⁴³, dos Anglicanos; (Cfr. Anexo)

Voz de Cristo

¹⁴² Provavelmente o Salmo 22, especialmente os versículos 17 ao19: “Cercaram-me cães numerosos,
um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar as minhas mãos e meus pés. Posso cortar
meus ossos todos, as pessoas me olham e me veem; repartirem entre si as minhas vestes, e sobre
a minha túnica tiram sorte.”

¹⁴³ O Livro de Oração Comum (Book of Common Prayer) é o livro de preces da Igreja da Inglaterra.

“Pai, é chagada a hora (continua S. João XVII, até o fim do vers. 8)

[Assim falou Jesus, e erguendo os olhos ao céu, disse: Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique, e que, pelo poder que lhe deste sobre a carne, ele dê vida eterna a todos os que lhe deste! Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo. Eu te glorifiquei na terra, concluí tua obra que me encarregaste de realizar. E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse. Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e os deste a mim e eles guardaram tua palavra. Agora reconheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles as acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creram que me enviaste”]

Uma Voz: Estamos recordando/ a Oração de Jesus/ na Última Ceia./ Nela/ o Mestre acima de tudo/ pedirá/ por sua Igreja/ para que seja uma./ Preparando-nos/ para ainda mais entende-la/ assistamos/ com o maior respeito/ à entrada do livro/ que é símbolo/ da Igreja Anglicana:/ “O Livro de Orações”

(Entre, carregado com o maior respeito, e é colocado, em lugar de honra o “Prayer Book”)

[fl.9]

(Entram os Volumes do 7 primeiros Concílios Ecumênicos¹⁴⁴, carregados, religiosamente e postos em lugar de destaque)

Voz de Cristo

“Não rogo, porém (continua S. João, XVII, 20 até o vers. 23 inclusive)

[“Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para se sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim.”]

¹⁴⁴ Os concílios aos quais faz referência foram: Primeiro Concílio de Niceia (325), Primeiro Concílio de Constantinopla (381), Primeiro Concílio de Éfeso (431), Concílio de Calcedônia (451), Segundo Concílio de Constantinopla (553), Terceiro Concílio de Constantinopla (680) e, Segundo Concílio de Niceia (787).

Uma Voz: Agira/ estamos preparados/ para assistir/ à entrada da Santa Bíblia/
 Enganam-se/ os que pensam/ que os católicos/ não amamos/ as Sagradas
 Escrituras/ Para nós/ a Bíblia/ é a Palavra de Deus/ Apenas/ aprendemos na
 própria Bíblia/ que nem tudo está na Bíblia/ E completamos a Escritura/ com
 a Tradição/ e entendemos/ Tradição e Bíblia/ à luz do magistério infalível/
 [fl.10] da Santa Igreja/ A Bíblia/ sendo nossa/ nos lembra os protestantes/
 que a aceitam e veneram/ Rezemos/ por nossos irmãos separados/ ao ouvir
 o fecho/ da Oração Sacerdotal de Cristo

(Entra a Santa Bíblia)

Voz de Cristo

“Pai, quero que, (continuar com S. João XVII, até o fim)

“Pai, aqueles que me deste quero que onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te reconheci e estes reconheceram que tu me enviaste. Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes dei a conhece-lo, a fim de que o amor com me amaste esteja neles e eu neles.”]

Uma Voz: “Que todos sejam um/ como Tu, Pai/ em mim/ e eu/ em Ti”/ Anunciado por
 este dia/ por esta unidade/ contemos o Credo/ na esperança de um dia/ o
 poderemos cantar/ com toda a Cristandade/ e até com todos os homens.

CREDO

*[Creio em um só Deus,
 Pai todo-poderoso,
 Criador do céu e da terra,
 de todas as coisas visíveis e invisíveis.
 Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
 Filho Unigênito de Deus,
 gerado do Pai
 antes de todos os séculos:
 Deus de Deus,
 Luz da luz,
 verdadeiro Deus de verdadeiro Deus,
 gerado, não feito,
 da mesma substância do Pai.
 Por Ele todas as coisas foram feitas.
 E, por nós, homens,
 e para a nossa salvação,
 desceu dos céus:
 Se encarnou pelo Espírito Santo,
 no seio da Virgem Maria,
 e se fez homem.*

*Também por nós foi crucificado
 sob Pôncio Pilatos;
 padeceu e foi sepultado.
 Ressuscitou dos mortos ao terceiro dia,
 conforme as Escrituras;
 E subiu aos céus,
 onde está assentado à direita de Deus Pai.
 Donde há de vir, em glória,
 para julgar os vivos e os mortos;
 e o Seu reino não terá fim.
 Creio no Espírito Santo,
 Senhor e fonte de vida,
 que procede do Pai (e do Filho);
 e com o Pai e o Filho
 é adorado e glorificado:
 Ele falou pelos profetas.
 Creio na Igreja
 Una, Santa, Católica e Apostólica.
 Confesso um só batismo
 para remissão dos pecados.
 Espero a ressurreição dos mortos;
 E a vida do mundo vindouro. (Credo Niceno-Constantinopolitano)]
 [fl. 11]*

Uma Voz

Como são misteriosos; os caminhos de Deus!/ Quando o mundo; se sentiu/ órfão/ com
 a morte de Pio XII/ e se tomou de surpresa/ com a eleição/ do Papa João XXIII/ mal
 sabia/ que tínhamos/ no novo Papa/ o coroamento/ dos trabalhos e anseios/ de seu
 grande antecessor

Todos

Bendito seja/ o Papa João XXIII!

Uma Voz

Deus enviou/ ao mundo dividido/ o Anjo da Unidade,/ ao mundo em guerra/ o Papa da
 Paz/ ao Mundo dilacerado/ o Papa do Concílio Ecumênico

[fl. 12]

Todos

Bendito seja/ o Papa João XXIII

Uma Voz

Queremos ver e ouvir/ o Senhor Núncio Apostólico/ D. Armando Lombardi/ digno
 Representante/ do Papa que é na Terra/ o Vigário de Cristo.

Regra do Apostolado Oculto

Comentários, desdobramentos, adaptações.

I) Da finalidade do Apostolado Oculto (ver o verso).

1. São muitos, realmente, os caminhos de Deus. Ele é quem chama a quem quer (a cada um) e modifica o que deseja. É fundamental na vida cristã saber respeitar as vocações, os chamados de Deus. Não é o lugar para dizer como se reconhece o chamado divino com parte para indícios naturais, e sobretudo pela voz de quem para isso tem graça de estado: no plano interno, o confessor, no plano externo, a Autoridade Diocesana ou o Superior Religioso). No caso, o importante é a atitude de quem acata vocações diferentes da própria e se lembra de que “na casa do pai há muitas moradas”.

Nada de querer impor aos outros a própria vocação. Nada de só ver, entender e louvar o caminho que nos foi dado por Deus. A nós foi o nosso. A cada um foi o que cada um recebeu. [v, fl. 1] Uma das Incontestáveis tentativas de realização, na terra, do verdadeiro espírito evangélico consiste em procurar entender e amar o apostolado oculto.

[fl. 2] 2. Há princípios básicos sem os quais o apostolado oculto não pode ser entendido:

Fundamental para cada um é começar na terra, com a graça de Deus, o ofício cosolador que encherá a eternidade: dai glória a Deus (Cf. J, 12); o catecismo nos ensina desde crianças que Deus nos criou para conhecê-lo, ama-lo e servi-lo nessa vida e depois gozar d’Ele no céu. Vida cheia ou vazia, realizada ou irrealizada não se mede, em vigor. Por feitos na ordem econômica, ou intelectual, ou social: a medida é a da realização da finalidade para a qual fomos tirados do nada.

Como complemento do trabalho pela Glória de Deus, importa recorrer o próximo, ajudando Jesus Cristo a salvar as almas (Cf. J, 24). O 2º mandamento é igual ao 1º, é um com ele. Impossível amar o artista e não se interessar por suas criações, pedaços de uma carne e uma alma... Comove pessoas no amor pelos homens de que são provas decisivas e constantes o Pai, e o Filho e o Espírito Santo. E há ainda em levar em conta o mistério estonteante de o Redentor nos querer como colaboradores

da redenção. Claro que há uma distancia infinita de seus [fl. 3] méritos de homem – Deus. Mas ele não nos dispensa de levar a gota d'água ao cálice da oferenda.

Mais real do que o plano visível (pessoas e objetos que nos rodeiam) é o plano invisível (Deus em nós, os anjos bons e maus, o mistério da graça). (Hebr. XI, 27). É preciso ter a humildade de exercitar-nos na visão do invisível. E isso porque embora nós cantemos no credo que cremos no visível e no invisível, o invisível nos afoga. Quem lembra de que anda dia e noite, dentro de Deus e com Deus dentro de si? (Atos XVII, 2; I Cor. III, 16) Vale apenas iniciar-se na visão do invisível, ou começando por pensar nos anjos (ao entrar num bonde, num ônibus, na igreja, no cinema pensar nos anjos da guarda das pessoas que ali se encontram...) ou em Deus (ver na rua as pessoas se movendo dentro d'Ele). Temos tudo para esta contemplação do invisível: fé (aumentada todos os dias pelo aumento da graça santificante) e dom como o da inteligência e da sabedoria. É fácil imaginar que alargamento e enriquecimento recebe a vida quando suas dimensões sensíveis se completam dessa maneira. Esta é a verdadeira terceira dimensão.

[fl.4]. o apostolado cristão tem que atingir o plano invisível, mesmo quando se desdobrar no plano externo[.]. Seria um erro pensar que apostolado oculto é consolo para quem não pode agir no plano externo. Que nos é dado fazer no plano visível? Os que conseguem mais conseguem tão? Imaginemos que? Francisco Xavier tinha conseguido batizar um milhão de pagãos. Que é isto para a sua sede de apóstolo? Gota de água para quem anseia ver salvas todas as criaturas de todos os lugares e de todos os tempos. Deus vem em nosso socorro: cada um faz o que pode no plano externo (com toda alma, com toda dedicação, com todo o zelo) e completo desejo e pela unidade em Cristo (mais, muito mais que união) e que não é dado realizar no plano externo. Estou falando a esta mãe, a esta criança, a este operário, a este enfermo, Eles têm direito de uma atenção concreta e pessoal, a um interesse que nada tem de vago. Mas atrás de cada um vejo milhões de milhões (todas as mães, todas as crianças, todos os operários, todos os enfermos de todos os lugares e de todos os tempos).

O melhor meio para colaborar para a conversão dos outros é tratar seriamente da própria conversão (I. Cor. IV, 16). [fl. 5] o mal é que descobrimos facilmente os defeitos alheios e não temos olhos para descobrir os nossos (S. Mat. VIII, 3). Imitamo-nos porque os outros não se emendam, quando o lógico seria cada

um começar pela sua própria emenda e conversão. Mudaria a face da terra se ao menos os cristãos comessem de repente a dotar uma atitude nova perante o próximo. Dureza consigo, paciência e misericórdia com os outros.

Cada alma deve ser amada de maneira única (cada uma custou o sangue de Jesus Cristo e Ele o derramaria mesmo se só ele existisse), mas, dentre as almas, merecem mais desvelo as consagradas totalmente a Deus (sacerdotes, religiosos, almas sacerdotais), porque ajuda-las é, indiretamente, atingir milhares de criaturas humanas. Nenhuma alma nos pode ser indiferente. Ninguém nos é estranho e desconhecido, mas irmão, filho do mesmo Pai Celeste, remido pelo mesmo irmão salvador Jesus Cristo. Mas pelo amor de todos importa ajudar os que têm na vida missão especial de representar os irmãos. Qual a razão de ser do sacerdote, do religioso ou da alma sacerdotal (isto é, do leigo a quem a graça divida da sede de viver em plenitude o amor a Deus e o amor ao próximo)? Adorar, agradecer, pedir perdão e fazer suplica em nome de todas as criaturas. [fl. 6] ajudar os padres a serem padres, os religiosos a serem religiosos, as almas sacerdotais a serem almas sacerdotais é, indiretamente, ajudar a terra inteira.

3. Viver o apostolado oculto é ser hóstia de adoração, de ação de graças, de reparação e de súplica (Rom.XII, 1). [fl. 7 - rasurada].

[fl. 8] 4. Fiéis ao espírito da Santa Igreja, o apostolado oculto acompanharão, com especial carinho, a Ação Missionária (expansão do reino de Cristo entre os infiéis) e a Ação Católica (expansão do reino de Cristo entre os cristãos). É da maior importância sentir com a igreja. Se a igreja faz sua ação [fl.9] missionária e a ação Católica, elas não nos podem ser indiferentes, nem basta que mereçam uma atenção qualquer. De coração queiramos o que a igreja quer, preferamos o que Ela preferir.

5. No apostolado oculto se adota, como plano próprio de trabalho, o plano subterrâneo e anônimo das raízes e se faz da oração e do sacrifício essencial ao apostolado. Se a obediência nos confia uma tarefa do plano externo, é evidente que a ela nos entreguemos sem vacilar e com devotamento. Não esqueceremos, porém, em nenhum instante – nem antes, nem durante, nem depois – que ai de nós e de nosso trabalho se deixarmos de ser instrumentos nas mãos de Jesus Cristo. Ai de nós e de nossos trabalhos se esquecermos que, muitas vezes e quase sempre, os

caminhos de Deus são diferentes dos nossos caminhos e o que nos parece desastre, insucesso e morte ao olhar divino pode ser começo de vida e de glória.

II) Da perfeição Crista

Das virtudes.

Das virtudes em geral.

1. Reconhecendo ao Espírito Santo a liberdade [fl. 10] de conduzir as almas por onde lhe aprouver e sem esquecer que cada criatura tem mais propensão e facilidade para determinadas virtudes, no apostolado oculto, as vistas se voltam, antes de mais nada para a fé, a esperança e a caridade (I. Cor. XIII, 13). São as virtudes teologais, pois teem a Deus como começo, meio e fim. Delas nascem e delas se radicam todas as virtudes. Felizmente, fé, esperança e caridade nos vieram com a graça santificante desde o batismo e aumentam em nós cada vez que em nós aumenta essa graça divina que é a presença da Santíssima Trindade e participação da própria natureza divina. Erraria quem dissesse: “gostaria de ter fé” ou “esperança” ou “caridade”. Ter, nós temos. As virtudes teologais estão dentro de nós e crescem cada dia. O problema é aproveitar melhor suas riquezas divinas que a Santíssima Trindade deposita no intimo de nossas almas.

2. Logo a seguir, quem se dá ao apostolado oculto descobre a justiça, a prudência, a fortaleza, e a temperança são as virtudes cardiais, que em vigor, um pagão poderia ter, mas que em um cristão ganham seiva nova, maior amplitude, maior profundidade, pois não agem isoladas, mas unidas as virtudes teologais.

[fl. 11] 3. Das virtudes teologais e das virtudes cardiais nascem todas as virtudes, como é fácil demonstrar teoricamente e experimentar na prática. Sem dúvida não bastaria o estudo teórico. A consideração, no entanto, do objeto das diversas virtudes, á meditação sobre o alcance de cada uma delas são alimentos fecundos da vida interior.

4. Cuidado especial merecem a humildade e a caridade, pois onde existem, ao menos como desejo profundo e sincero, atraem o Divino Espírito Santo. Não se trata de esquecer que o Espírito Santo não está conosco. Atraem o Espírito Santo no

sentido de cativam o Espírito Santo e levam-no a fazer do humilde e caridoso um objeto de suas predileções.

5. Em Deus, todas as virtudes se fundam, a ponto de nem se distinguirem da essência infinita. O ideal seria se nos aproximássemos do exemplo divino e aprendêssemos a harmonizar caridade e justiça, alegria e compaixão, desejo e amor ao próximo, apagamento e bom exemplo, mansidão e firmeza, zelo e prudência, o que é menos difícil do que parece quando cada virtude é apreendida de modo exato, a luz dos exemplos de Cristo e dos Santos. O que também torna fácil o que parecia difícil e até impossível é a simplificação interior que a graça vai operando. Assim como as muitas divisões e praças se vão fundindo na visão unitária e bendita da ação da Trindade sobre o mundo, assim também a operante dispersão dos [fl 12] muitos trabalhos e atos de quem, a cada passo e sempre, é um com Jesus Cristo.

No apostolado oculto se sentirá especial encanto em estudar as virtudes, descobrindo cada um a que mais lhe custa, a que mais fácil lhe parece e a que menor sedução exerce sobre o seu espírito. De grande alcance é discutir a filiação das virtudes e os recursos naturais e sobrenaturais para obtê-las. Sugestão para um livro. É um engano pensar que só para prioridades haja leitores em todos os séculos, há na sombra almas sedentas de perfeição. Pensar o contrário seria praticamente negar a santidade da Igreja e esquecer o trabalho silencioso e constante do Espírito Santo e Santificador.

Das virtudes teologais

Do espírito de fé

1. Qualquer das verdades católicas, vivida plenamente, leva à santidade. Cada um tente descobrir, diante de Deus, que verdade mais lhe fala e parece destinada, no plano divino, a exercer papel decisivo no aprimoramento de sua alma. Caso nenhuma surja com força especial, seja escolhido como dogma para informar toda a vida a consoladora verdade do Corpo Místico de Cristo (Rom. XII, 5). Se dispendo de todo o credo, avançamos tão pouco [fl. 13] na perfeição é que não nos damos ao trabalho de escolher uma das verdades sagradas para aprofunda-la, vivê-la, leva-las às últimas consequências. Baste de adiantamentos! Que se faça hoje, se faça agora a escolha e adução que tanto podem influir em nossa vida!

2. A presença de N. S. Jesus Cristo seja honrada de modo especial na Divina Eucaristia, no Santo Evangelho e nas pessoas dos sacerdotes, dos pobres, dos doentes, dos presos e dos peregrinos (S. Mat. XXV, 35-36). Se o mundo descobrisse em nós fé viva no Santíssimo Sacramento, respeito sagrado pelo Santo Evangelho, visão sobrenatural do sacerdote, do pobre, do enfermo, do preso e do peregrino nosso simples exemplo valeria mais que muitos sermões.

3. É necessário velar, constantemente, para que lábios cristãos não profiram palavras pagãs e não se encham de pensamentos pagãos mentes cristãs. O perigo é grave, porque a atmosfera do mundo nos envolve e o espírito do século se infiltra em nós, sem que disso nos apercebamos (1. João XVII, 15-17; Cf. v, 8). É preciso sem respeito humano, riscar do vocabulário palavras pagãs: só, sozinho, acaso, desgraça... E tantas, e tantas outras. Ou se começa, ou jamais se chega a abrir os olhos para o esvaziamento de sobrenatural de que sofrem nossos pensamentos, palavras, obras.

[fl. 14] 4. Dia a dia, instante a instante, convençamo-nos mais de que não existe acaso, e sim Providência, a amável Providência do Pai que do céu nos acompanha. Acostumamo-nos a descobrir, honrar, amar e defender a vontade divina nos fatos mais simples como nas provações mais duras, diante do inexplicável como em face das alegrias supremas. Note-se que, por vezes, é mais fácil receber provações grandes e duras do que amolações mofinas. É particularmente penoso o que nos vem através das criaturas. O diabo logo sopra que não se trata de vontade divina, mas de maldade humana. No entanto, sem desconhecer a liberdade humana, o certo é que os homens se agitam a Deus os conduz.

5. Entreguemos o passado à misericórdia de Deus, o futuro à Providência Divina – Ocupemo-nos com o presente, sem preocupar-nos, vivendo o conselho evangélico: “basta a cada dia o seu cuidado” (s. Mat. VI, 34). Não nos contemos em admirar a beleza do Sermão da Montanha – confiemos, de fato, no Pai que alimenta as aves do céu e veste os lírios do campo, sem cuja permissão ao cai um só cabelo da nossa cabeça. É de fato um lema inspirado “{ilegpivel}”. Vale como um programa de vida. Em qualquer lugar, em qualquer instante, em quaisquer circunstâncias, “nas mãos de Deus”. Sem preocupações, sem sustos, sem preferências. Tranquilos como uma criança que dorme no [fl. 15] seio materno.

6. Se a vontade divina nos deixar em estado de aparente inutilidade - realizando tarefas que nos parecem ridículas ou trabalhos que ficam sem proveito; estendidos em um leito, sobrando na vida, dando começo aos outros – exultemos pela oportunidade magnífica de viver em plenitude o sentido profundo de nossa vocação de apostolado oculto. A experiência prova que aceitar a aparente inutilidade é atitude cristã difícilíssima de viver. O melhor, no caso, é preparar-nos enquanto é tempo. Pedir a graça de Deus que não nos deixe encher os lábios de apostolado oculto e de revoltar-nos contra a vontade divina na hora em que os planos misteriosos de Deus nos arrancam a possibilidade de atuar externamente. Ninguém se julgue preparado. É fácil doutrinar os outros. Quando chega a nossa vez, o diabo nos sopra o amor próprio, ficamos em carne viva, sem entender os caminhos de Deus.

7. Melhor do que pedir sofrimentos a Deus é nada pedir de concreto pra nós. Entreguemo-nos, de olhos fechados, à misericórdia infinita do Bom Deus, preferindo o que Ele preferir, certos de que Ele saberá escolher, muito mais do que nós, o que nos convém. Peçamos apenas que não nos falte a sua divina graça, pois sem ela nada podemos, nada temos e nada somos. Tudo ao contrário, podemos n'Aquele que nos comporta (Filip, IV, 13). Nada impede, no entanto que, a exemplo de que faz a Santa Igreja, de vez em [fl. 16] quando tenhamos a simplicidade e a esperança de pedir, mesmo para nós. Somos fracos, pequeninos, crianças e Deus é Pai boníssimo. Claro que, ao pedir, de ante-mão aceitamos o sim ou o não que Deus nos der, certos de que Ele Fará o que for realmente melhor para a nossa alma.

8. Não nos aflijamos se o trabalho externo ameaçar absolver-nos a atenção, prender-nos em excesso, com prejuízo do espírito de oração. O trabalho é prece para quem se lembra de que Deus é nosso sócio, trabalha conosco de meia, pois sem o auxílio divino nada lograríamos fazer. Há um cuidado indispensável para que o trabalho não nos devore: abrir para a oração espaço proporcionado à tarefa que temos em mão (aumentar o trabalho? Temos que encontrar meios e modos de aumentar a oração, pois só assim o trabalho não nos atravancará a cabeça, terá para nós o peso e o valor que tem para Deus, será feito em união com o Senhor). É de grande alcance ver a tarefa que nos cabe à luz dos grandes mistérios cristãos (procurar vê-la como a vêm os que já estão na eternidade). É o segredo da hierarquia de valores e, sobretudo, segredo para não cansarmos, pois nos livramos da tentação

muito humana de aguentar ao peso real dos trabalhos o peso criado por nossa imaginação.

[fl. 17]. 9. Quando suceder que um pregador, ou celebrante, ou confessor, brutaemente deixe a desejar, haja cuidado extremo em respeitar o ungido do Senhor e em descobrir, em qualquer sacerdote, o único sacerdote Jesus Cristo. Nas pregações, muitas vezes, Deus nos abre os olhos, permitindo que nos atinjam profundamente pregações destituídas de brilhos terrenos e permitindo, ao contrário, que palavras brilhantíssimas, transbordadas de altura, nos deixem como estávamos. Na Santa Missa, a partir da consagração, o representante não conta de uma vez que Cristo está vivo no altar. Na confissão, é comum a tentação de tal interesse pelos conselhos que se lastima o instante da absolvição, quando afinal é no momento de o perdão nos ser dado que se realiza o sacramento.

10. Quando as novidades chegam até nós – pela imprensa, pelo rádio, pelas palestras – ao invés de ouvi-las levemente, deixamos que nos dissipem, que nos tirem a paz ou firam a caridade, alimentemos com elas nosso espírito apostólico e encontremos em cada fato motivos de oração (Rom. VIII, 28). Há na maneira pagã de ler jornais, ouvir rádio, ver e ouvir TV, participar de conversas: é dar vazão à curiosidade, à bisbilhotice e à falta de caridade. Quando, porém, todas as notícias nos interessam do ângulo de Deus, como se Jesus Cristo por nós e em nós as escutasse, tudo muda de tom e vira oração. Com isso não [fl. 18] se perde a espontaneidade, não se fica esquisito: fica-se cristão, vira-se Jesus Cristo.

Do espírito de esperança

1. No meio das maiores misérias, procuraremos, com a graça de Deus, confiar plenamente na bondade divina, lembrados de que o coração de Jesus informava que nada lhe magoa tanto o Coração sagrado como desconfiarem de sua infinita misericórdia. Não há razão para que se tema abusar da bondade divina, quando além de arrependimento sincero, há desejo real e concreto de emenda. Se depois vence a mediocridade e temos necessidade de recomeçar nem para isso deixar de ser sincero o nosso prazer pela ofensa comedita ou o nosso desejo de nunca mais pecar.

2. Façamos tudo para não conhecer o desânimo: interpretemos os insucessos como holocaustos necessários, esperando, como Abraão, contra toda esperança. Insucesso só existe um que conte: a condenação eterna. Todo o mais tem importância relativa e pode ser ponte para chegar à vida eterna. Depois que demos a um trabalho quanto estava ao nosso alcance – sobretudo se temos convicção de ter dado mais do que podiam as nossas forças e de haver agido em união com Jesus Cristo - é fechar os olhos sem preocupar-nos com os resultados. Se houver tempo, seja de Cristo. Se houver naufrágio seja nosso e aceito na convicção [fl. 19] de que Deus o julgará de modo muito diverso.

3. Diante dos maiores pecados, procuremos bendizer a humilhação vestida de esperança, e repelir como falsa e filha do inferno a que parecer vestida de desespero. Feliz daquele a quem a Graça de Deus começou a revelar as riquezas sobrenaturais da humilhação. É sabido por que ninguém dá um passo na perfeição sem humildade. Nossa natureza decaída por si não é humilde, mas orgulhosa e rebelde. Deus se compadece de nós e inicia-nos na humildade através das humilhações, “bônus es tu quia humiliasti me”. Se eu cair um milhão de vezes e levantar-me um milhão e uma vez, estarei salvo. Ser santo, já disse o Pe. Giloteause é recomeçar humilde e alegremente depois de cada queda. O orgulhoso fica em carne viva: não pode admitir que tenha caído. O humilde se admira é quando não cai: sabe que se não caiu, foi Deus quem o sustentou; se caiu, sabe que o senhor assim o permitiu para mantê-lo BA humildade e na caridade.

4. O motivo supremo de confiança está na palavra do Mestre: “quem comer a minha carne e beber o meu sangue terá a vida eterna [fl. 20] e eu o ressuscitarei no último dia”. Nós nos alimentamos com a sagrada comunhão. Temos o direito de morrer reclamando: “Pai, em tuas mãos eu entrego a minh’alma”. Como não Pensar nos que não comem a carne e não bebem o sangue do Filho de Deus?... Cada vez mais, ao ter a felicidade de comungar, lembremo-nos de representar todos os irmãos, especialmente os que vão partir para a eternidade no correr do dia.

Do espírito da Caridade.

1. Ideal supremo é perder a noção de espaço e de tempo, saboreando palavras como de S. Francisco no Monte Alverne: “Meu Deus é meu tudo”. Caridade

é antes de tudo amor a Deus. Feliz de quem sobe os degraus da oração, e sem parar nos pedidos ou mesmo nos gritos de contrição, passa pela ação de graças e chega até a pura adoração. É vetura indizível poder dizer a Deus: “Senhor, nada tenho a pedir. Deixa que, por alguns instantes, me esqueça de tudo e de todos, para pesar em ti, somente em ti e exultar porque existes, és Deus, infinitamente grande, poderoso, cheio de majestade” Glória ao Pai e ao Filho, e ao Espírito Santo!

[fl. 21] 2. Quando o Bom Deus PE o supremo anseio de nossa vida, ao próximo não deve temer - o amor de Deus transborda em caridade perfeita e permite viver o incomparável capítulo XII da 1ª Epístola aos Coríntios. É preciso, de tempos em tempos, voltar a ler o celeberrimo elogio da caridade. Voltar a medita-lo, pois a experiência diz que a concupiscência vai abrindo brechas na caridade, tornando-a menos pura, despojando-as das qualidades que, segundo S. Paulo, a devem amar.

3. A caridade para com o próximo esta em função, sobretudo, do cuidado constante de evitar julgamentos, mesmo interiores e instintivos, o que só se consegue quando o subconsciente se embebe de misericórdia (S. Mat, VIII, 1; Rom. II, 1). Raras edificações maiores podemos dar ao próximo do que o espetáculo (verdadeiro espetáculo) de convencer, com vivacidade, com espírito, com alegria sem julgar. E afinal é menos difícil do que parece. Temos que nos conhecer (e a experiência pessoal pode ser decisiva) que não mergulhamos no intimo de ninguém. Não adianta dizer que “não estamos julgando”, “estamos vendo”. Vemos o lado de fora. O intimo, as intenções, os móveis últimos nos escapam. Não se diga que se fica sem assunto. Defender o próximo ou pelo [fl. 22] menos lembrar como é difícil e até impossível atingir as almas, dá assunto de sobra e causa edificação mesmo aos que reclamam e zombam de nós.

4. é difícil não ter caridade com os de fora e os de longe. N. Senhor fez bem insistir na caridade para com o próximo. Na vida de quase todos há tantas criaturas que causam repulsa mais ou menos instintiva. Suporta-las em espírito de caridade é transforma-las em amigos, modalidade abençoada de penitência como se verá no capítulo sobre mortificações. Verdade que se reflete na vida de todos nós. Continuamos nos domínios em que o maior exemplo escandaliza muito, e o bom exemplo é de grande edificação. Nós que temos vida sacramental, somos muito mais vistos e ouvidos do que imaginamos. E mais facilmente os sem fé fecham os olhos para falhas na caridade para com o próximo.

5. Não nos cansemos de perdoar 70 vezes 7. Perdoamos e esqueçamos para honrar a misericórdia inesgotável do Bom Deus. Perdoar e não esquecer, não é perdoar. Perdoar e viver alegando numa prova tangível de que há ainda travo na alma é _____ de perdão. Perdoamos como desejamos que o Pai nos perdoe.

[fl. 23] 6. Evitemos comparações nossas com o próximo, seja para exultar-nos, seja para humilhar-nos. Façamos nossa a bela oração: “Senhor, que eu seja bom e meus irmãos melhores do que eu”. Faltaria acrescentar: “e quando isso acontecer, e a virtude de meus irmãos for aplaudida pelo céu e pela terra, que eu exulte de verdade e ajude meus irmãos a entoar o magnificat.

Das virtudes cardiais.

Da prudência.

1. Meditemos, frequentemente, sobre a prudência. Não há de ser sem razão que a Santa igreja a considera rainha das virtudes morais, a todas indispensável. Há uma idade em que não se entende a prudência. Há uma idade em que ela irrita e tem o dom de despertar a imprudência e sugerir loucuras. Claro que pensamos na prudência cristã e não na prudência pagã, nome que tantas vezes encobre falta de generosidade, de zelo, de confiança em Deus. Prudência não deve ser sinônimo de rotina, mediocridade e tristeza.

2. Demo-nos AP trabalho de balancear de vez em quando, a quantas anda a nossa prudência de pensamentos, palavras e obras. Há sobretudo prudências no falar que [fl. 24] são muito dignas de notar.

3. É fácil notar que assim como a correspondência, a nossa pequena inspiração atrai graças abundantes, assim pequenas imprudências são brechas por onde escapa o fervor e por onde entram as tentações. De grande alcance é descobrir, quanto antes, essas brechas e procurar fechá-las, evitando as conseqüências desastradas das pequenas infidelidades. Ai de quem se descuida das brechas e só abre os olhos quando se abriam sombras que tornam o sufrágio praticamente inevitável.

Da justiça.

1. Não é fácil dar a cada um que lhe é devido: a Deus o que é de Deus, e às criaturas o que é das criaturas.

2. A justiça, vivida plenamente, se confunde com a santidade, como se conclui das Sagradas Escrituras e em particular do elogio feito a S. José, varão justo (S. Mat. I, 19). Fala-se muito em justiça e justiça social. O primeiro cuidado para não deformar a bela virtude é não esquecer que ela se aplica ao próximo, mas também a Deus e a Deus antes mesmo de estender-se ao próximo. A melhor maneira de as criaturas receberem o que lhes cabe, é a justiça começar por Deus.

Da fortaleza

Preocupando-nos, embora, com o robustecimento da [fl. 25] vontade, não nos firmemos em força humana e sim na virtude sobrenatural da fortaleza e no dom da força sem os quais só fraqueza encontramos em nós. Desnorteia ver como a vontade humana, ferida pelo pecado, ficam enfraquecida. É capaz de todas as surpresas, todas as agitações, todas as misérias.

Da temperança

1. Há ligações profundas entre a temperança e a pureza, entendida esta não apenas como respeita ao 6º e ao 9º mandamentos, mas como transparência à graça, ausência de mescla de amor próprio, de capacidade introduzida por motivos humanos e mesquinhos, de {ilegível} terrena que enfie os diamantes de Deus. A temperança não se estende apenas ao comer e a beber. Há uma temperança que atinge os cinco sentidos externos e ainda a imaginação.

2. Lembrados dos ensinamentos da Santa Igreja a respeito de concupiscência que em nós é herança do pecado original (Rom. VIII, 14 a 25) procuramos, com a graça de Deus e os avisos de um prudente diretor espiritual, iniciar-nos no mundo estranho e misterioso das mortificações. É indispensável a humildade de consultar, no caso, um prudente Diretor para evitar fantasias e exageros dos primeiros tempos de conversão. O diabo facilmente atinge as almas pela porta de mortificações exageradas e invulgares.

[fl. 26]. b) Das tentações.

1... Graças a Deus, tentação não é pecado: é ocasião de ficar alerta pois pode levar à queda ou conduzir à virtude (S. Tiago I, 12). O Padre Nosso nos ensina a posição exata em face das tentações: não nos manda dizer “livrai-nos, Senhor, das tentações”, mas “não nos deixeis cair em tentação”. Podemos glosar por própria conta: ajudai-nos Senhor, a de tal modo aproveitar as tentações que elas importem em decepção ao tentador. Ele nos quer perturbados e sem paz, revoltados e sem esperança. Que as tentações não nos perturbem e que, mesmo no chão triste de queda, recomeçemos humildes e confiantes, sem admirar-nos de haver caído (“a terra deu seu fruto” diria S. Luiz Gonzaga), sentindo mais a necessidade de agarrar-nos à graça divina e entendendo muito mais os companheiros e irmãos de tentação.

2. Além da concupiscência é preciso contar com a ação do demônio que anda (presente e não passado) pelo mundo procurando perder as almas (Ef. VI, 12). Quando S. Paulo afirma, nesta passagem aos Efésios, que não temos luta contra a carne e contra o sangue, mas contra os demônios, não está negando o papel da carne, nem o do [fl. 27] mundo, mas o Apostolo sabe que o tentador acende a carne e insufla o mundo.

3. As imagens populares do tentador representa-o como animal grotesco, não façam esquecer que, embora decaído, é anjo e como tal muito mais inteligente, poderoso e hábil do que nós. Não foi sem razão, que para proteger-nos, sobretudo dos anjos maus, o bom Deus nos fez acompanhar por um anjo bom. O diabo não tenta a todos no mesmo grau. Tenta tanto mais quanto maior é o alcance da atuação quer pela posição-chave ocupada, quer pela forma de virtude.

4. Feliz de quem tira partido das tentações, humilhando-se diante de Deus, sentindo-se pequenino em face do perigo, refugiando-se no abrigo seguro do coração sagrado, entendendo o próximo em suas tentações e fraquezas, tendo a humildade de recomeçar depois de cada queda. O diabo acaba desistindo, concluindo inteligentemente que não é negócio em troca de quedas mais ou menos inconscientes servir de ocasião para humildade, confiança em Deus e amor ao próximo.

5. Particularmente em face de tentações mais graves é oportuno recordar o aviso de Cristo sobre demônios que só são expulsos pela jejum e poder da oração

(S. Mat. XVII, 20). Um exemplo, entre outros, é a tentação de amor próprio ferido que nos leva a [fl.28] revoltar-nos contra os superiores eclesiásticos, rejeitando suas ordens e planejando abandonar encargos que nos tenham sido confiados.

6. Quando, com a graça divina, a tentação for vencida é indispensável contar com o regresso do tentador, acompanhado de sete espíritos piores de que ele (S. Mat. XII, 45). Valha-nos a certeza de que ninguém é tentado acima dos próprias forças e de que o demônio nada pode contra quem se enche de sincera humildade. Este final é uma garantia enorme. Como é grande a humildade e poderosa diante de Deus! Se ela desarma a onipotência do Altíssimo não admira que quebre a arrogância do maldito...

7. Dada a importância da humildade no combate as tentações, não é demais lembrar que ela se alimenta pela descoberta e aceitação das 4 ou 5 pequenas humilhações que, cada dia, a Providência coloca diante de nós, e das 4 ou 5 pesadas humilhações que surgem em nossa vida como provas cuja superação é decisiva para o avanço espiritual. Eis uma observação que os anos só fazem confirmar. É grande graça descobrir e aceitar as humilhações. Saber ver por destras da mão dos homens, a mão de Deus. Agradecer a providencia que nos alimenta a humildade, com seu alimento predileto. Falta acrescentar que se as pesadas humilhações [fl. 29] quando aceitas e vividas, dará margem a grande avenço espiritual, quando não-aceitas e repelidas podem ter as mais tristes consequências e até a perda da fé.

8. Antes da tentação, peçamos forças a Deus, lembrados de que não é por acaso que um dos sete pedidos do Padre nosso se refere à tentação. Durante a tentação recorramos ao nosso Anjo e a Maria Santíssima, terror do demônio. Depois da tentação, agradeçamos ao Senhor que nos libertou do laço que nos apanhara. Estejamos vigilantes contra o leão que nos rodeia, a nós e a nossos irmãos, buscando a quem devore. Pode parecer excessiva tanta insistência. É que um dos males mais grandes do nosso século é a perda da visão do invisível. Quando se crê no demônio, trata-se quase sempre da crença em um poder teórico, sem que se conte com um poder realissimo e que interfere realmente na vida quotidiana buscando, por ódio a Deus, arrancar almas do caminho do céu.

9. O demônio sendo o pai da mentira e da falsidade, boa arma contra ele é a simplicidade em pensamentos, palavras e obras. Lúcifer tendo gritado *non serviam!* (Não servirei!) façamos de *Serviam* (Servirei) o lema de nossa vida (S. Mat. XX, 28).

Simplicidade é ausência de dobras, de pregas, de complicações. Ver as coisas do tamanho que elas têm. Não usar fermento [fl. 30] e quanto a *Serviam* é não só um belo lema, mas um lema profundamente cristão.

10. Ao assistir batizados, acompanhem, tomados de respeito, a luta entre o Inimigo e o Ministro de Deus. Exultemos ao ver o espírito das trevas ceder lugar ao Espírito Santo. Quem ler com atenção, o Ritual do Batismo se torna propagandista deste grande sacramento e não mede sacrifícios para que pais, padrinhos e convidados acompanhem, conscientemente o drama impressionante cujo desfecho é a repulsão do diabo e a convicção da vida divina ao batizando.

11. A beira do leito dos moribundos, assistimos às últimas investidas do Tentador que sabe decisivo os derradeiros instantes. Ajudemos os que estão em agonia, rezando por eles as belas orações com tanto amor preparadas para a hora suprema pela Santa Madre Igreja. É santo e salutar exercício a preparação para a morte que ao menos uma vez por mês deveriam fazer. Nada, porém, como assistir a um moribundo. Importa, porém lembrar que Deus também sabe que na hora da morte, a alma é ganha ou perdida para sempre. E também ele joga a suprema cartada, desencadeia suas graças mais poderosas, acende seus grandes clarões. Raros espetáculos para quem tem fé do que a morte do mais [fl. 31] anônimo dos homens.

12. Não esqueçamos que o demônio tem ódio pessoal a quem começa a progredir na perfeição. Nada de julgar-nos bastantes firmes. Só a humildade nos salvará. A principio, ele vê nossa mudança e ri. Não crê em nossa conversão. Se a mudança persiste e a conversão caminha, começa a inquietar-se. Vendo-nos fagueiros à proa do barco empurra-nos n'água (ou na lama) e gargalha enquanto bebemos água. Daí por diante tudo dependerá da humildade confiante que nos leve a recomeçar sem perder tempo após certa queda.

C) Das mortificações

1. A mortificação máxima, sem a qual nenhuma vertra{?} importa, é aceitar a vontade divina, preferir o que a Providência prefere. Não sendo razoável esperar ordens diretas de Deus, vejamos na vontade das Superiores a vontade do próprio Deus. Quando a vontade divina coincide com a nossa; ou quando, sem coincidir, pelo menos a entendermos, ou, pelo menos, a voz divina se manifesta diretamente sem

intermediários humanos – ainda é fácil o *Fiat*. Difícil é quando Deus nos dá ordens que parecem absurdas e ridículas através [fl. 31] de superiores que nos parecem sem visão, incultos e apaixonados.

2. Não esqueçamos que o exemplo unanime dos santos atesta a necessidade da mortificação de acordo com a que Jesus ensina: “Se alguém quiser seguir-me, tome a sua cruz e venha” (S. Mat. XVI. 24. I. Cor. IX, 27). Não há exemplo de um só santo cuja vida não esteja muito protegida por mortificações. O que a alguns deu impressão foi chamado “pequeno método” de Santa Teresinha. Ela de fato trocou as grandes mortificações por mortificações que só parecem pequenas a quem não as experimentava fazer. Dão menos na vista. Mas não custam menos, nem são menos mortificação.

3. Entre o perigo do comodismo contemporâneo que não entende as mortificações e o risco para a humildade em abraçar mortificações pesadas e rigorosas, nada façamos, nesse domínio, sem o prudente aviso do Diretor espiritual. O diretor nos levará dos 2 excessos assinalados, ensinando-nos pequenas mortificações, agradáveis a Deus e desconhecidas dos homens. Ninguém perceberá as incertezas do nosso ascetismo ingênuo e sem pretensões.

9. Há mortificações que podem ser praticadas sem consulta, como calar maledicências e comentários levianos ou vencer a curiosidade de olhares indiscretos e perigosos.

[fl. 33] 5. O melhor cilício é o amigo-cilício. Ele nem deve perceber que nos irrita e nos causa Hipocrisia? O homem velho em nós estará irritado, mas o homem novo estará feliz (Efs. IV, 24; Rom. VI, 6). O ideal aliás, é acabar possuindo entranhas de misericórdia (Col. III, 12) e vivendo em plenitude a caridade evangélica (I CO. XIII). Quando se ouve falar em amigo-cilício, o amor próprio muitas vezes, antes de permitir que se descubra os amigos-cilícios como ponto de partida para um avanço na caridade, se preocupa em saber se se é ou não amigo-cilício para alguém. E ainda insinua que se trata de querer poupar o próximo de incômodos e enfado de que se fosse origem. Basta de preocupação com o próprio eu. Já gastamos tempo excessivo com isso: tratemos de pensar em Deus e no próximo.

6. No tocante a mortificações relativas a alimentos melhor do que não comer é comer o que vier, quando e como vier. A menos que se trate de indiscutível

contraindicação por parte da saúde. É fora de dúvida, porém, que para cada autentica alergia há várias manhas e caprichos perfeitamente superáveis.

7. Três qualidades, entre outras, são indispensáveis à modificação do corpo:

a) que só seja percebida pelo Pai Celeste (S. Mat. VI, 18);

b) que alegre, ao invés de acabrunhar (S. Mat. VI, 16-17);

c) que sendo feita por filhos e não por escravos (Sal. IV, 5) [FL. 34] seja suspensas confiantemente em circunstâncias especiais.

8. Motivo para suspender a mortificação corporal é, por exemplo, a certeza de poder fazer um bem sensível (contemplação da beleza, _____ de alimentos agradáveis, palestras amigas, uso do sono, audição de música...) dando glória ao Pai Celeste e irmanando-se às criaturas de Deus. É claro que se houvesse abandono constante da mortificação ficaria difícil e até impossível que o bem sensível fosse aproveitado como oração. Quando a alma está em forma tanto faz comer como não comer (se não se come, jejum é oferecido com simplicidade a Deus; se se come, é possível, sem que ninguém perceba, adorar, agradecer, pedir perdão e fazer suplica enquanto se come uma fruta ou se toma um sorvete). É assim para tudo o mais.

9. Atendidas as recomendações precedentes, a Vigília merece um lugar à parte entre as mortificações, dado o exemplo de Jesus Cristo (A. Luc. VI, 12), o costume da Igreja primitiva e a lição dos santos. A vigília não é igualmente fácil para todos. Supões que se dura a sós com Deus e o anjo e supõe que se tenha facilidade de voltar a dormir. Há pessoas a quem a privação do sono deixa não só com o rosto mais suado, mas com a cabeça imprestável ao longo do dia. Mas há também quem de tal modo descanse a alma na vigília que esse descanso se comunique ao próprio corpo. E é de fato um repouso espiritual – e honra, e alegria – unir-se a Cristo que, em Vigília, chama o Pai Celeste [fl. 35] e pede pelos homens.

10. Certas épocas merecem cuidado especial: a preparação para a Páscoa, a partir da setuagésima; a preparação para o Natal, a partir do Advento; as Vigílias dos grandes mistérios ou das festas dos santos prediletos; as tēmporas como tempo inicial de ordenações sacerdotais. Como é sugestivo e como ajuda a vida interior acompanhar o Ano Litúrgico! Que remédio eficaz contra a rotina pela variedade de terras, pela riqueza de assuntos, pela mudança de cenários!

11. Sugestão, mera sugestão é a Quaresma em honra de S. Miguel, como agradecimento aos anjos na pessoa de seu Chefe, por todo o incalculável bem que fazem aos homens e, o que é mais, por todo o louvor que prestam no Bom Deus. Trata-se de uma devoção de S. Francisco. A partir da Assunção de N. Senhora, ele já começava a preparar-se para a festa de 29 de setembro (e foi em uma dessas Quaresmas que lhe vieram, a 17 de setembro, as chagas de Cristo). Hoje, teríamos uma razão a mais para a Quaresma de S. Miguel: pensar nos anjos para iniciar-nos na visão do invisível, uma das mais urgentes necessidades do nosso tempo.

Das orações

1. Rezar sendo pensar em Deus, procuraremos estar sempre rezando, quase sempre sem que ninguém o perceba, aproveitando-nos do privilégio de, [fl. 36] em seguidos segundos, subir até o céu ou encontrar Deus em nosso íntimo, sem que o note o nosso interlocutor (Éfs. V, 19). Com os dons da ciência e da piedade, da inteligência e da sabedoria, o problema é apenas começar. Em pouco tempo, tudo, tudo, tudo é convite à oração. Até cenas que normalmente poderiam despertar julgamentos e escandalizar: não despertam julgamentos e despertam orações. Tudo isso é tanto mais fácil quanto tudo e todos estão mergulhados em Deus e há, ao lado de cada homem, um anjo do Senhor.

K 2. Em nossas preces, jamais esqueceremos de adorar, de agradecer, de pedir perdão e de fazer súplicas e isso não só em nosso nome e no dos nossos amigos, mas no de todas as criaturas humanas de todos os lugares, sem exceção de espécie alguma. Como levar o egoísmo até à oração? Como é bom ao contrário ter um coração católico, isto é universal! Quem reza em Cristo não pode deixar de abraçar toda a vastidão de intenções que fazem arder constantemente a “fornalha ardente da caridade”.

3. A oração das orações é a Santa Missa, prolongamento do Calvário. Exercitemo-nos em descobrir nela as passagens latrenticas, eucarísticas, propiciatórias e impetratórias. Unindo-nos a Jesus Cristo, o que dará valor infinito à nossa pobre prece, demos lugar a nossa alma sacerdotal, servindo de interpretes a todos os irmãos que não sabem, não podem ou não querem rezar. [fl. 37]. Será exagero insistir tanto na Missa, voltar sempre a Ela? De momo algum. Nela se resumem todos os mistérios cristãos. Nela atingem a culminância as relações entre

Deus e os homens. Nela se realiza em plenitude a razão de ser de nossa vinda à terra e nossa passagem pelo mundo.

4. Preparemos sempre que possível a Santa Missa, meditando o texto que vamos ler com o sacerdote, saboreando as partes móveis e imóveis, descobrindo o sentido de cada mistério ou a lição mais profunda de cada santo, unindo-nos sempre mais ao Pai, pelo Filho, com o Espírito Santo, de tal modo que o Santo Sacrifício impregne com o seu perfume não só a meia hora de sua celebração, mas todas as horas de todo o dia. Quando o padre {palavra ilegível}, há um momento feliz em que ele está entre duas celebrações. Este é o estado normal do cristão: estamos sempre entre a Missa de hoje e a de amanhã. E será assim até que estejamos entre a última missa da terra e o Face à Face do céu.

5. Pedir aos anjos que nos acompanhem durante a Santa Missa não é exagero: é entrar no espírito da Santa Igreja, que nos faz contar os pecados ao Chefe dos anjos (confiteor), cantar hinos angelicais (Glória e Sanctus), pedir para que um anjo leve nossa oferenda ao altar sublime, à presença da Divina Majestade. [FL. 38] Dados tantos apelos e sendo a Missa o que é, longe de causar espanto, a presença de anjos na Santa Missa é o que é de mais lógico, mais simples e natural.

6. Piedoso exagero também não é esperar que Nossa Senhora assista à Santa Missa, pois a Corredentora continua ao pé da Cruz. E que modelo para nós de participação no Santo Sacrifício!

7. A preparação do Ofício Divino merece quase tanto cuidado como a preparação do Santo Sacrifício. Sobretudo as almas rezam, dia a dia, mais entendidos e saboreados, e haja um cuidado sempre maior de unir o Breviário e a celebração dos santos mistérios. Missa e Breviário se completam mutuamente e juntos servem de lastro sobrenatural para a atuação do padre e para a sua vida interior diante de Deus.

8. As orações repetidas devem merecer grande cautela, pois a rotina facilmente nelas se infiltra. Aqui ficam exemplos de salvaguarda de orações muito expostas à mecanização: Credo (bom recurso é reza-lo, cada dia, em nome de um grupo diferente de incrédulos ou na intenção particular do país onde, em espírito, estejam missionando); Padre Nosso (em união com Jesus Cristo, pois o Pai a quem

a oração se dirige é tanto d'Ele como nosso), Ave Maria (em união com o anho da guarda, pois se trata da saudação angélica).

[fl. 39] 9. Há modelos sagrados de apostolado oculto a invocar:

- Jesus em Nazaré e na Eucaristia;
- Nossa Senhora Corredentora silenciosa ao pé da cruz, apazada e humílima na terra e ainda hoje em sua função sublime de medianeira Universal das graças;
- os anjos, tão eficientes, tão discretos, tão anônimos;
- S. João Batista e S. José, modelos acabados de vocação de segundos;
- Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira universal das missões sem sair de Lusieux;
- S. Paulo e S. Francisco das Chagas, exemplos invulgares de união ao Crucificado;
- Santa Cecília que ensina a cantar glórias de Deus no íntimo do coração;
- Os santos desconhecidos que – na terra, ao purgatório e no céu – aumentam o tesouro da Santa Igreja e alegam o Corpo Místico de Cristo.

A lista, já se vê, não é exaustiva. Muitos e muitos outros poderiam ser lembrados, a começar pelo próprio Divino Espírito Santo cuja ação nas almas se passa no silêncio e na sombra.

Dos mandamentos e conselhos

Dos mandamentos de Deus e da Igreja

A base de qualquer construção espiritual são os mandamentos de Deus e da Igreja, razão [fl. 40] pela qual constantemente é preciso meditar sobre eles, aprofundando-lhes o sentido e fazendo de sua observância objeto de exame particular. Por que de vez em quando ruem edifícios? É que não houve bastante cuidado com o alicerce. O aviso dado aqui deve ser tido na maior conta: é preciso, de vez em quando, voltar aos mandamentos, pois é perfeitamente possível andar às voltas com altas esponhações {?} espirituais e andar, pisar mandamentos de Deus ou da Igreja.

Dos conselhos evangélicos

K 1. A delicadeza deve levar-nos, com graça divina, a não parar nos mandamentos, nas ordens: devem interessar-nos, vivamente, os conselhos evangélicos, consubstanciados nas bem-aventuranças quintessência da moral de Cristo. Um conselho de Cristo deve ser sagrado para nós. Não dizemos tanto: “você não pede, manda”, “um desejo seu é ordem para mim”. Tenhamos na mais alta conta conselhos que foram dados por quem tanto nos ama e nos conhece mais do que nós mesmos nos conhecemos.

2. Para vivermos a pobreza de espírito – o desapego – pediremos o dom do temor que nos leve a fugir de tudo o que nos possa prender às criaturas, afastando-nos de Deus. Vale aqui a observação: não devemos temer as criaturas e ao contrário as podemos e devemos amar enquanto [fl. 41] foram transparentes, isto é, enquanto as pudermos atravessar, atingindo a Deus, ao contrário devemos temer-las e delas fugir quando se tornarem opacas, no sentido de estar pensando nelas nosso amor, sem chegar a Deus.

3. A mansidão não será difícil se existir desapego e, sobretudo, se o dom de piedade, fazendo-nos ver em Deus o pai comum, despertar em nós sentimentos de fraternidade para com todos os homens. Que jamais olhemos como estranha e desconhecida nenhuma criatura humana. Que as apresentações no íntimo nos façam sorrir: apresentam-nos quem já é mais que conhecido. Posso não saber o nome, mas sei que é irmão ou irmã.

4. O dom da ciência nos ensinará a fugir do mal, mesmo à custa de lágrimas e a buscar o bem, diante do qual, por vezes, a emoção nos fará chorar. Bem e mal: tenhamos a prudência e a humildade de reler de vez em quando as oportunas, corajosas e humílimas declarações de S. Paulo sobre as duas leis que descobre em seu íntimo (Rom. VII, 14 a 25).

5. Feliz de quem se enche de fome e sede de justiça, sinal de que o dom da força estará agindo, pois não é fácil dar a Deus o que é de Deus e ao próximo o que é do próximo. [fl. 42] A sagrada liturgia nos faz dizer a Deus: “tu és justo, por isso usarás comigo de misericórdia” certíssimo Deus sabe a que seríamos reduzidos se

Ele não usasse conosco de sua compaixão e sua bondade. Que grande lição para o nosso trato com as criaturas!

6. Quem avança na perfeição precisa não esquecer a misericórdia sob pena de tombar (I. Cor. X, 12). É dom do conselho que devemos pedir se quisermos ser misericordiosos. Está em nossas mãos escolher a maneira de ser tratados pelo Supremo Juiz (s. Mat. V, 7; VII, 1). Se formos intolerantes, intransigentes, duros, agressivos preparemo-nos para ser tratados assim no último dia.

7. Se avançarmos até aqui – ou melhor, se não opusermos resistência ao Divino Espírito Santo e Ele nos trazer a estas alturas – o com da inteligência nos fará descobrir os mistérios de Deus. A vida se transfigurará e o mundo lembrará um conto de fadas cada criatura surgindo cheia de Deus, os anjos bons e maus sendo tão reais como as árvores e as pedras, a Santa Missa aparecendo, tal qual é, como a riqueza máxima do céu e da terra. E pensar que não se trata de privilégios para meia dúzia de eleitos e sim o desfecho normal de toda vida cristã! Como pesa sobre nós a atmosfera pagã do mundo! Só ela impede a cristãos, em quem a graça santificante cresce cada dia, de ter do mundo a visão que afinal é a única adequada e real.

[fl. 43] 8. Mais um passo e o dom da sabedoria nos formará na paz. Quem nos separará do amor de Deus? (Rom. VIII, 35). O meio de agradecer tanta felicidade será uma sede, cada vez maior, de tornar Deus conhecido. Tudo o que levar a este fim será bendito - donde o mistério de as melhores humilhações se transformarem na perfeita alegria, e o aparente absurdo de lemas como: “quanto pior, melhor”. Final de que essa região foi atingida é entrar o servo de Deus na alegria de seu Senhor. Enquanto estamos sujeitos a altas e baixas, enquanto oscilamos entre momentos de euforia e momentos de desânimo, abatimento e tristeza – ainda estamos muito dependentes das alterações orgânicas, das circunstâncias externas e sobretudo do amor próximo. Daí sem sombra de dúvida, a alegria ser termômetro de vida interior e a alegria parece prêmio que Deus só aos santos entrega.

9. Mais longe ainda só a misericórdia excessiva de Deus nos poderá nos levar, permitindo-nos a honra de sofrer por amor da justiça. Quem merece o martírio vermelho ou branco? Como agradecer, devidamente, a graça que é coroamento de toda uma vida de perfeição ou o sinal indiscutível de invulgar preferência divina! Duas importantes observações ocorrem: [fl.44]

- Se não somos chamados ao martírio, pelo menos não tenhamos a leviandade de esquecer que somos contemporâneos de mártires (mais de 60 milhões de católicos se acham atrás da cortina de Ferro). Não temos o direito de esquecer esses irmãos, cuja perseverança bem pode em parte estar presa a nossos sacrifícios e nossas orações;

- Martírio branco é enfermidade que valha como holocausto. Nenhum de nós está preparado para holocaustos e todos temos obrigação de aproveitar o tempo que nos resta para estar às ordens de Deus se sua vontade divina quiser aproveitar-nos.

III) Tentativa de programa

Dos meios de santificações

1. Dos votos

Ingere-se que se façam, por períodos de um ano, os seguintes votos:

pobreza essencial usando as coisas como se dela não usasse, possuindo-as como se as não possuísse; praticando o desapego que é liberdade e a renúncia de si mesmo através da formula: ao invés de amar-se, amar. Na pobreza essencial pode-se conservar tudo o que se tem e usar tudo o que nos for dado usar, com a condição de em [fl. 45] essência estarmos de tal modo desapegados que, a cada instante e sem consulta, Deus nos possa privar do que bem quiser: na ordem dos bens terrenos, na ordem da saúde; na ordem dos afetos...

pureza: em pensamentos, palavras, e obras, provando incentivo no aviso evangélico: “se o teu olhar for puro, todo o teu corpo será luminoso” (S. Mat. VI, 22). Não se trata apenas de pureza relativa ao 6º e ao 9º mandamentos. Pureza é ausência de mistura, de ganga terrena. É amor a Deus e ao próximo sem mescla de amor próprio e de egoísmo.

obediência: entrega do único dom que de fato nos pertence: a liberdade. Pela adesão externa e interna à igreja, aos Superiores, à Regra, aos deveres de estado e ao Diretor espiritual. Oração a fazer com as próprias palavras: “Senhor, está mais do que provado que não sei usar minha liberdade. Não me dê confiança

excessiva. Não tenhas cerimonia comigo Usa de mim sem maiores considerações, como faço com minha caneta e com todos os instrumentos de que me sirvo”.

2. Dos pactos

Ingere-se que se façam, por período de um [fl. 46] ano os seguintes pactos:

alegria: pois tristeza é doença do diabo, amor próprio, ambição, apego;

Pelo menos 4 vezes no ano, convém recordar o pacto da alegria: na 3ª Dominga do Advento; na 3ª Dominga da Quaresma; na festa da Assunção de Nossa Senhora; na festa de S. Francisco.

silêncio: procurando honrar o Verbo Eterno, mando a palavra sem ferir a caridade, a humildade ou a descrição. É de grande conveniência combinar com cristão que convivam conosco e sejam capazes de entender as coisas de Deus para que nos avisem quando em palavras estivermos ferindo o próximo, falando de nós ou comentando o que pela própria natureza seja reservado (Aviso semelhante nos poderiam dar quando estivéssemos esquecendo a alegria).

catolicidade: respeitando a diversidade dos caminhos de Deus na condução das almas; a riqueza de modalidades dos santos do Senhor; a variedade das Ordens e Consagrações Religiosas; o sabor especial de cada escala de espiritualidade ; as diferenças individuais – tudo sem prejuízo de preferencias próprias e predileções inspiradas pela Providencia Divina. [fl. 47] Quando notamos que andamos discutindo muito e isso, em última análise, pela mania de querer impingir nos outros nossos pontos de vista, nossas preferencias (com questões abertas), lembremo-nos do nosso pacto de largueza de coração, de catolicidade.

aceitação de censuras e ironias: como institivamente o amor próprio salta em defesa própria, haja o cuidado de aceitar as censuras e ironias que surgem, evitando desculpas, a menos que a uma interpelação dos Superiores seja mister apresentar a verdade dos sentimentos ou dos fatos. As censuras imerecidas, sejam aceitas para honrar a injusta condenação do inocente Salvador e para reparar faltas desconhecidas pelos homens, mas conhecidas por Deus. O possível escândalo a temer em certos casos será suprimido e superado no plano invisível: o sacrifício redundará em benção sobre quem o fez e sobre quem, consciente ou inconscientemente, o provocou. Estender-se-à muito mais: a circunstâncias e

ausentes, pois tem ressonância infinita a mais leve humilhação aceita em união com os sofrimentos de Jesus Cristo. [fl. 48]

3) Das devoções

a) Santíssima Trindade: procuremos sempre mais mergulhar no mistério da S. Trindade contendo a cada passo, com o Pai do céu como se conta com um Pai boníssimo; com Jesus Cristo como irmão de verdade e não só de nome; com o Espírito Santo como o autentico Santificador das almas. Deus deixa de ser o Senhor temido e distante, para ser o íntimo, o Amigo de todos os momentos, Aquele cuja vida se interlaça a cada instante com a nossa.

b) Igreja triunfante: Não apenas Deus em todos os seus mistérios e perfeições, mas os amigos de Deus - N. Senhora, os anjos e os santos – serão festejados carinhosamente como protetores e modelos. Eles também não estão distantes. O espaço e o tempo não nos separam, pois todos têm lições atualíssimas para nós e se interessam por nossa sorte como quem já chegou à pátria para onde caminhamos.

c) Igreja padecente: As almas do Purgatório não serão esquecidas: todos os dias serão lembradas, ao menos na Santa Missa. E não só caridade para com elas mas fineza para com Deus: apressar o encontro pelo qual tanto anseia e que só retarda por amor à justiça. [fl. 49]

d) Igreja militante: Os companheiros de exílio acaba de integrar a grande família, espalhando pelo céu, pelo purgatório e pela terra. Velamos até pelos que ainda vão surgir, no correr dos séculos. Rezar pra todos os homens, até o último dos últimos que viver neste mundo. Rezar por todos os que foram remidos por Jesus Cristo. Milênios depois de termos morrido ainda podemos estar atuando nossa oração em Cristo.

e) Santa Missa, centro da vida: meio divino de dar glória perfeita ao Pai por Jesus Cristo e em união com o Espírito Santo; meio de alegrar o céu, socorrer o purgatório e ajudar a terra. O Ofício Divino: o ofício divino completa e prolonga o Santo Sacrifício. Recitá-lo será honra e alegria para os clérigos e ideal até para os leigos sedentos de perfeição.

g) Ano litúrgico: Acompanhar o ano Litúrgico, através do ofício e da Santa Missa, é ter, em matéria de devoção, roteiro firme, apresentado pela própria igreja.

Dentro dele, cada mistério ou cada [fl. 50] santo tem lugar assegurado. Viver as várias salinidades da Igreja é ter sempre o espírito ocupado com pensamentos capazes de levar à santidade.

H0 Nossa Senhora: Parecendo embora desnecessário destacar o nome da Mãe Querida, pois basta o Ano Litúrgico para dar à mão de Deus o lugar que lhe é devido, não temamos redundâncias ao tratar-se de lembrar Maria Santíssima e o papel decisivo de Nossa Senhora do Silêncio em favor de seus filhos do apostolado oculto.